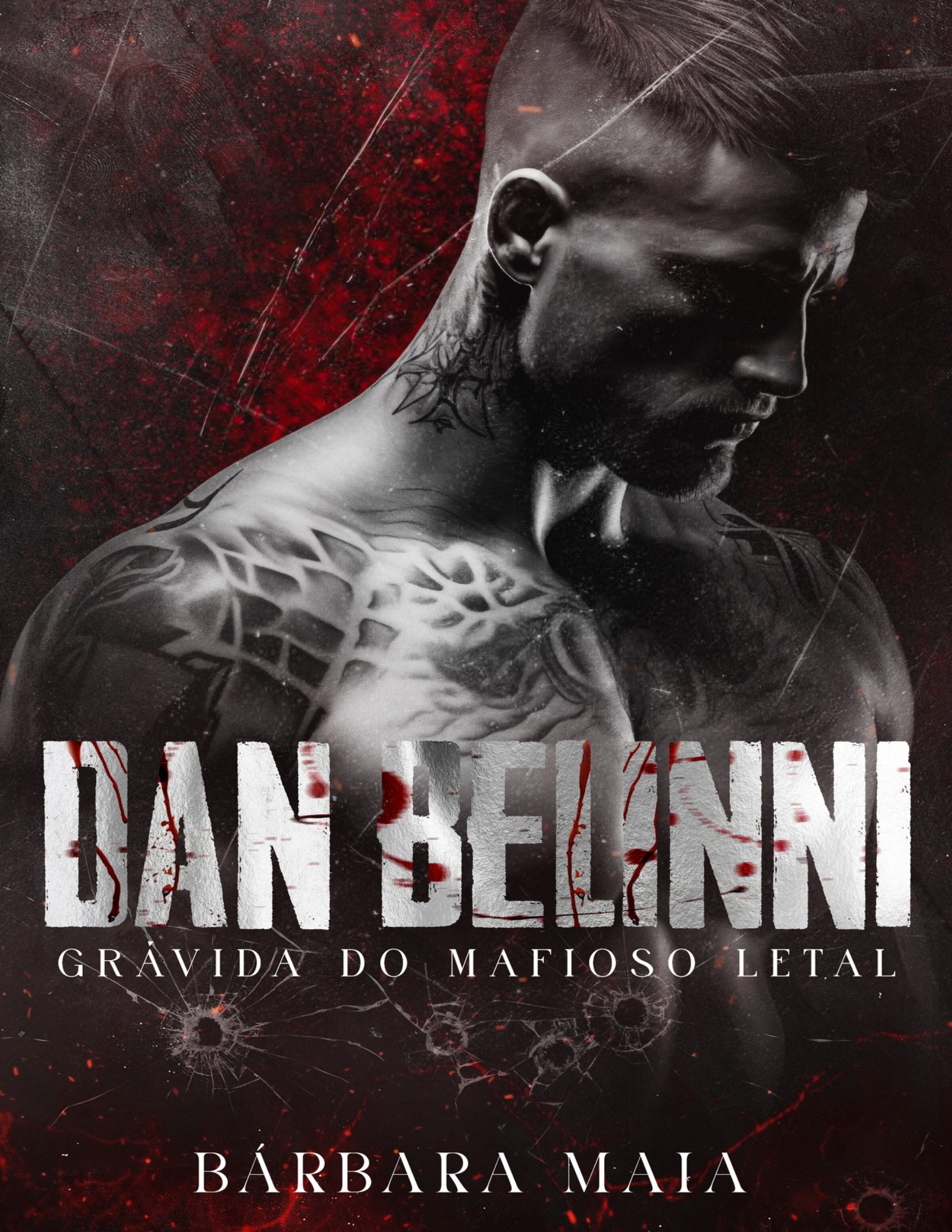
DAN BELLINI
GRÁVIDA DO MAFIOSO LETAL
BÁRBARA MAIA

DAN BELINNI

GRÁVIDA DO MAFIOSO LETAL

BÁRBARA MAIA

Copyright © 2025 BARBARA MAIA

DAN BELINNI: GRÁVIDA DO MAFIOSO LETAL

1ª Edição

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meios eletrônicos ou mecânico sem consentimento e autorização por escrito do autor/editor.

Capa: Giovana Martins

Revisão: Raquel Moreno

Leitura beta: Amanda Araújo, Ayla Rodrigues, Caroliny Carvalho, Janne Gabrielle e Karolynne Santos.

Diagramação: Giovana Martins e Ani Marques

Ilustrações: Úrsula Gomes Vaz, Tácyla Priscila e Carlos Miguel

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com fatos reais é mera coincidência. Nenhuma parte desse livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes – tangíveis ou intangíveis – sem prévia autorização da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do código penal.

TEXTO REVISADO SEGUNDO O ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA.

SUMÁRIO

Sinopse

Dedicatória

Epígrafe

Nota da autora

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33

Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Epílogo
Recado da autora
Agradecimentos
Outros trabalhos da autora

SINOPSE

Dan Belinni é um dos **mafiosos mais temidos** de Chicago.

Implacável, letal e obcecado por controle, ele nunca encontrou alguém que ousasse desafiá-lo… até se deparar com Milena Lima, uma **jovem dançarina** que o enfrenta com uma coragem que nenhum homem jamais demonstrou.

Aos 18 anos, Milena descobre que toda a sua vida foi uma mentira. A **brasileira de coração puro e origem humilde** pertence, na verdade, a uma das maiores máfias dos Estados Unidos.

Forçada a assumir o título de **princesa do submundo**, ela toma uma decisão impensável: fugir.

Em busca de liberdade, Milena adota uma nova identidade e encontra refúgio em Chicago, trabalhando como dançarina em uma boate exclusiva.

Mas o acaso, ou talvez um jogo cruel, a coloca frente a frente com Dan Belinni.

O ódio é instantâneo.

A atração, também.

Por ironia do destino, Milena é contratada para trabalhar na casa do homem de quem mais deseja manter distância. Agora, está presa a uma **convivência forçada e perigosa** com aquele que desperta seus piores medos…

E seus **desejos mais proibidos**.

Ela guarda um **segredo** capaz de destruir seu mundo.

Ele carrega o poder de possuí-la inteira.

A empregada e o patrão.

A virgem brasileira e o mafioso letal.

Uma **gravidez inesperada**.

Uma **fuga**.

Mas Dan Belinni não aceita perder. Ele está disposto a atravessar o inferno para encontrar Milena e **reivindicar o que é dele por direito: sua garota grávida e o filho que ela carrega no ventre.**

Poderá Milena escapar do seu destino na máfia?

Ou o **bebê inocente** a prenderá ao **mafioso mais violento** de Chicago para sempre?

DEDICATÓRIA

Para todas as mulheres que, em dias difíceis, já sonharam em ser outra pessoa, viver outra vida… até o caos passar.

Não há nada de errado em querer escapar da realidade de vez em quando… não há nenhum problema em admitir que, às vezes, gostaríamos que as coisas fossem diferentes.

Mas ainda bem que os livros de romance existem para nos salvar. Por meio deles, podemos viver outras vidas, suspirar com outras histórias e nos abastecer de sonhos antes de voltarmos para a realidade e curtirmos as pessoas que dependem de nós. E que amamos com todo o nosso coração.

Eu escrevo para mulheres comuns que gostam de sonhar. Eu sou uma mulher comum que gosta de sonhar.

E se seus sonhos preferidos são aqueles com mafiosos gostosos, possessivos e que explodiram o mundo por você… bem, este livro é para você.

EPÍGRAFE

“Você odeia me querer, odeio quando você chora
Você está com medo de ficar sozinha, especialmente durante a noite
Estou com medo de sentir sua falta, acontece toda vez
Eu não quero esse sentimento, eu não consigo lidar com o amor
Tento encontrar razões para nos separar
Mas não está funcionando porque você é perfeita
E sei que você vale a pena”

Die for You - The Weeknd

NOTA DA AUTORA

Antes que comece a leitura, gostaria de ressaltar que este livro se trata de um romance no contexto de máfia, nada tradicional, e que o relacionamento dos protagonistas não deve ser normalizado.

Essa é apenas uma obra de ficção e a autora não tolera e nem apoia esse tipo de comportamento na vida real.

Ao longo da história, haverá cenas de consentimento questionável, linguagem de baixo calão, agressão física, psicológica e verbal, menção a suicídio, além de conteúdo sexualmente explícito.

Não há traição em nenhum dos meus livros.

É um livro para maiores de 18 anos.

Caso não se sinta confortável com os gatilhos apresentados, sugiro que procure outra leitura.

Mas se decidir seguir com o livro, saiba que eu amei escrever este

romance e espero, do fundo do meu coração, que a história de amor caótica de Dan e Milena conquiste você também.

Boa leitura!

Com carinho,

Bárbara Maia.

PRÓLOGO

Isabella Silva - 3 meses antes

— Pare de chorar. Você é forte — sussurro para mim mesma no banheiro do aeroporto enquanto enxugo as minhas lágrimas.

Guardo a blusa manchada de café dentro da mochila e visto uma limpa, preta e básica. Quando cheguei aqui, meu nervosismo foi tanto que acabei derramando a bebida enquanto pensava no caos que se tornara a minha vida.

Saio da cabine e lavo o rosto, vendo meu colar de ouro com um pingente em formato de coração se destacando por cima do tecido preto. Minha mãe me deu a joia quando eu fiz quinze anos e foi meu presente de aniversário favorito de todos os tempos. Ele é lindo. E segue intacto.

Enquanto meu coração verdadeiro se encontra em pedaços.

Porque de todas as formas que pensei que passaria o meu aniversário de dezoito anos, jamais imaginei que seria dessa forma.

Sozinha, sendo obrigada a abandonar tudo e todos, indo embora para outro país.

Meu Deus… Ainda é difícil acreditar.

Se eu pudesse escolher um superpoder, sem dúvidas seria o de voltar no tempo, apenas para fugir de casa antes que minha mãe me dissesse as palavras que mudariam a minha vida para sempre.

“— Você é filha de um mafioso. Quando morei nos Estados Unidos, trabalhei como empregada na casa de Charles Ricciardi, seu pai. Ele era jovem e ambicioso, e eu... bom, eu era só uma garota brasileira tentando ganhar a vida. Acabei engravidando dele.

A revelação foi como um terremoto, derrubando tudo o que eu pensava saber sobre mim mesma.

— Mãe... o quê? — Minha voz saiu fraca, quase um sussurro.

Ela respirou fundo, as lágrimas já rolando livremente.

— O pai de Charles, seu avô, acabou descobrindo e decidiu que precisava proteger a reputação do filho. Ele não ia permitir que um escândalo como esse manchasse o legado deles e me fez jurar que eu não contaria a ninguém sobre “o bastardo”. — Fez o gesto com as mãos, as lágrimas em seus olhos denunciando que foi um período difícil para ela. — Nem mesmo ao seu pai. Seu avô me mandou de volta para o Brasil, com um dinheiro que usei para comprar nossa casa e pagar por seus estudos, mas só depois de ter certeza de que você não era um menino.

— Um menino? O que isso tem a ver com qualquer coisa?

— Na máfia, Bella, meninos são herdeiros, líderes em potencial. Você, sendo menina, não era vista como uma ameaça à linha de sucessão... Por isso ele nos deixou viver.

Fiquei em silêncio, tentando processar a história absurda que ela estava me contando. Durante toda a minha vida, pensei que meu pai fosse

apenas um homem qualquer que desapareceu antes de saber que eu existia. Mas agora...

— Por que você nunca me contou antes?

— Eu queria te proteger. — A dor na voz dela era quase palpável. — Seu avô era um homem cruel e me mataria se eu sequer pensasse em abrir minha boca. Além disso, se alguém descobrisse sua verdadeira origem, te usariam para atingir a família Ricciardi. Eles têm muitos inimigos.

— E agora? — perguntei, com um aperto no peito.

Ela hesitou antes de responder, como se cada palavra fosse uma faca perfurando sua alma.

— Seu avô morreu na semana passada e seu pai encontrou algumas anotações dele no escritório. Ele mexeu alguns pauzinhos e descobriu sobre você.

Não fui capaz de dizer nada. Eu mal conseguia respirar. Então ela continuou:

— Ele me procurou — suspirou com o semblante cansado. — Seu pai exigiu que você voltasse para os Estados Unidos, Bella. Ele quer a filha dele de volta.

Aquela frase caiu como uma bomba.

— Ele quer? — Bufei uma risada amarga. — E ele perguntou o que eu quero?

— Bella, por favor, me escute. Eu lutei para manter você aqui, longe desse mundo, mas ele é Charles Ricciardi. Ele não aceita ser contrariado. Ele te vê como parte do legado da família, como uma peça que ele precisa proteger e... usar. O máximo que eu consegui foi que ele esperasse pelo seu aniversário de dezoito anos… para que eu pudesse me despedir. Mas você é uma princesa da máfia e deve obediência a ele. — Sua voz quebrou e tive vontade de vomitar.

Princesa da máfia?

Meu Deus.

Não. De jeito nenhum.

Eu era só uma garota simples, que tinha bolsa de estudos em uma escola particular — o que acabo de me dar conta de que é mentira — e trabalhava aos fins de semana no salão de beleza da minha mãe.

Eu não era a filha de um mafioso.

Não podia ser.

Minha cabeça girava, tentando entender o que isso significava para mim, para minha vida.

— Então, o que vai acontecer agora?

— Você precisa embarcar hoje para os Estados Unidos. Seu pai vai te encontrar no aeroporto de Nova York.

— Hoje? — Minha voz falhou e uma risada amarga escapou dos meus lábios.

— Seu pai queria te buscar pessoalmente no jato particular da máfia, mas eu implorei para que ele pelo menos permitisse que você pegasse um voo comum, tendo espaço para tentar processar sozinha tudo o que está acontecendo. Ele concordou em deixar a viagem menos traumática para você, pois sei que ele quer conquistar sua confiança, mas haverá soldados disfarçados para garantir sua segurança.

— Isso é um pesadelo, só pode ser.

Minha mãe tentou se aproximar.

— Eu sei que é muito para digerir… — sussurrou, mas levantei a mão, mantendo-a distante.

— Não acredito que você deixou isso acontecer, mãe.

— Eu sinto muito, Bella. — Ela soluçava agora, parecendo tão perdida quanto eu. — Mas você precisa entender... eu não tive escolha.

— E eu também não, certo? — Cuspi as palavras, a mágoa transformando minha voz em algo que nem eu reconhecia.

— Charles quer te conhecer. Ele quer que você entenda que tem um

lugar ao lado dele.

Ela tentou amenizar a situação, mas era impossível.

Eu não entendia muito de máfia ou organizações criminosas, mas prezava demais pela minha liberdade para me sujeitar a isso. À vontade de um homem que nunca conheci.

— Como se eu quisesse! — gritei. — Eu não sou parte desse mundo. Não sou filha de um mafioso, sou só... só eu!

Minha mãe me olhou com uma tristeza infinita.

— Você é Isabella Ricciardi. Uma princesa da máfia. Querendo ou não, isso agora é quem você é.

Aquela frase ecoou na minha cabeça enquanto eu me afastava. Eu seria obrigada a abandonar minha vida para me tornar a filha de um mafioso em um país que eu nunca tinha colocado os pés. E eu só sabia o idioma fluentemente porque minha mãe insistiu para que eu fizesse aulas de inglês desde muito pequena.

Talvez ela soubesse que isso poderia acontecer...

— Isabella...

— Você deveria ter confiado em mim. Eu nunca teria contado a ninguém, se soubesse que isso colocaria sua vida em risco, mas você preferiu me esconder. Mesmo sendo sobre mim, sobre a minha vida.

— Filha... — Ela chorou, soluçando.

— Quanto tempo tenho? — perguntei, ignorando todas as lágrimas da minha mãe. Eu sabia que algum dia eu a perdoaria, mas esse dia não seria hoje.

Ela suspirou e encarou o relógio.

— Seu voo é às seis.

Menos de doze horas para colocar minha vida dentro de uma mala e dizer adeus a tudo o que construí até aqui. Eu nem tinha coragem de enviar mensagem às minhas amigas… o que eu diria a elas?

— Você só pode contar que foi embora para outras pessoas quando já estiver lá, filha — minha mãe disse, como se lesse meus pensamentos. — É pela sua própria segurança.

Sem querer mais discutir e sabendo que eu não tinha escolha, fui para o meu quarto e arrumei todas as malas, sentindo a mágoa preencher meu peito a cada peça que eu empacotava.

Com o pouco tempo que tinha, usei meu celular para pesquisar o máximo de informações possíveis sobre a vida de princesas da máfia. E apesar de absurdo e inacreditável, descobri que isso realmente existia e que as mulheres nascidas nesse meio não possuem controle sobre seus destinos.

O propósito de suas vidas é apenas gerar filhos e se submeter à vontade dos mafiosos.

Sem falar em casamentos arranjados. Eu não teria direito nem mesmo de escolher meu próprio marido.

O meu corpo não seria mais meu. Seria da máfia de Nova York.

A simples ideia fez meu estômago revirar.

Eu ainda era virgem e queria guardar essa parte de mim para alguém especial. Nunca fui a pessoa mais romântica ou sonhadora do mundo, mas com relação a este assunto, eu era.

Por causa da história da minha mãe ter engravidado muito jovem, sempre tive medo de que o mesmo acontecesse comigo. Os pais dela lhe deram as costas e ela teve que se virar para cuidar de mim sozinha, amadurecendo à força.

Uma parte de mim a admirava por ser tão batalhadora, mas outra não queria cometer os mesmos erros que ela. Eu queria me apaixonar por um cara legal e confiar nele antes de entregar meu corpo.

Sempre fui mais reservada por causa disso. Os garotos da minha idade tentavam se aproximar de inúmeras maneiras, mas nunca me permiti confiar. Eu via como eles tratavam as outras meninas e não queria ser apenas mais uma na lista deles.

Eu queria mais.

E eu não ia aceitar que alguém me usasse para fazer acordos de casamento e tirasse essa liberdade de mim.

Lutei contra as lágrimas e me esforcei para pensar em alguma saída, mas falhei miseravelmente. A notícia me pegou tão desprevenida que eu mal conseguia raciocinar.

Quando terminei de arrumar tudo, saí do quarto. Minha mãe já estava esperando no corredor, com as chaves do carro na mão, pronta para me levar ao aeroporto.

— Eu vou de táxi — afirmei.

Ela recuou, mas cruzou os braços e acenou, sabendo que eu precisava do meu espaço. Raquel Silva podia ter todos os defeitos, mas ela sempre respeitou minhas escolhas.

Exceto agora — meu subconsciente acusou e engoli em seco.

Antes que eu saísse de casa, ela pegou uma bolsa e me entregou junto com um endereço e um número de telefone.

— Aqui dentro tem dois mil dólares. Sei que não é muito, mas você sabe que o salão não é tão lucrativo e isso foi tudo o que consegui trocar desde que fiquei sabendo que você iria viajar. Talvez você não se sinta à vontade para pedir alguma coisa ao seu pai, então use esse dinheiro se precisar de algo. É pouco, mas serve para uma emergência — disse e minha garganta ardeu pelo choro que eu estava prendendo. — O endereço da mansão do seu pai e o número do celular dele estão aqui, mas em Nova York ele irá pessoalmente te buscar.

Por mais que eu odiasse a ideia de me envolver nessa história absurda, peguei o que ela me entregava. Saber um endereço nos Estados Unidos, mesmo que fosse da última pessoa que eu queria conhecer, era crucial. Respirei fundo e usei minha memória fotográfica para gravar o endereço e o telefone de Charles Ricciardi.

Abracei a bolsa que ela me deu, pois apesar de tudo, minha mãe me conhecia bem o suficiente para saber que eu não me sentiria à vontade de pedir a um mafioso que nunca vi para comprar coisas básicas para mim, como calcinhas ou absorventes. Sem contar que o dinheiro seria útil caso

surgisse alguma emergência.

Ou, quem sabe, uma oportunidade de fugir.

— E nem pense em fugir, Isabella. É sério. — A voz da minha mãe cortou meus pensamentos como se ela soubesse exatamente o que estava se passando na minha cabeça. — Seu pai está ansioso para te conhecer, mas ele já cedeu muito e não é um homem paciente. Se você não chegar a Nova York como o combinado, eu não sei do que ele será capaz.

Raquel tentou me abraçar uma última vez, mas fui embora sem me despedir. Meu coração sangrou por me afastar da pessoa que mais amei em toda a minha vida, mas a decepção ainda me feria como uma lâmina afiada.

Talvez esse seja o maior problema do amor: ele nos torna vulneráveis. Por causa dele, carregamos fardos que não deveríamos suportar.

Entrei no táxi e chorei durante todo o trajeto até o aeroporto. Cada quilômetro que me aproximava do meu destino inevitável fazia as últimas palavras da minha mãe ecoarem com mais força na minha mente:

"Não pense em fugir".

Mas era exatamente isso que eu planejava fazer."

Passo uma maquiagem leve para disfarçar a cara de choro e encaro a tela do celular, vendo que está quase na hora do meu voo. Nunca fui muito religiosa ou frequente na igreja, mas sempre tive minha fé, e é contando com isso que fecho os olhos e peço a qualquer força superior para me ajudar a encontrar uma saída.

Estou prestes a sair do banheiro quando uma voz feminina chama minha atenção.

— Eu não consegui comprar a passagem para Nova York, amiga. Vou ter que ir para Chicago e me virar por lá por alguns dias. — A garota sorri, falando com alguém no telefone. — Eu não sou louca. Ok, talvez eu seja um pouco. Mas o que eu tenho a perder? Meus pais me expulsaram de casa e nada me prende no Brasil. Consegui o visto por causa da matrícula na

faculdade, mas você sabe que eu quero largar. Talvez essa viagem seja a minha chance de mostrar meus talentos de atriz no exterior, sei lá. Quem sabe algum agente não me descobre e eu fico muito famosa?

A garota continua conversando com a amiga no telefone, mas assim que encaro seu rosto através do espelho, meu coração quase erra uma batida.

Ela é *muito* parecida comigo.

Sou mais alta alguns centímetros, mas ela tem olhos e cabelos castanhos como os meus, e nossos traços são quase idênticos. Ela também está de calça jeans e mochila preta, a única diferença é que a blusa dela é branca, da mesma cor da que eu estava antes de entrar aqui.

Abro minha boca, chocada, pois me lembro de ter estudado na escola que a probabilidade de duas pessoas terem um rosto com a mesma aparência básica é de uma em cem mil.

Não, isso é impossível.

Ou então…

É um milagre.

— Vou ter que desligar, meu voo é às seis e meia — continua. — Não se preocupe, eu vou ficar bem.

A garota desliga o telefone e finalmente me encara no espelho do banheiro. Seus olhos se arregalam, refletindo a mesma incredulidade que senti ao ver nosso reflexo lado a lado.

— Uau, gostei do colar! — ela comenta, sorrindo em tom de brincadeira. — Por acaso, você é minha irmã gêmea perdida?

Minha respiração está descompassada, e luto para manter a calma. Poderia puxar conversa, fingir simpatia, ganhar sua confiança antes de revelar o que preciso. Mas o instinto de sobrevivência grita mais alto. O tempo está contra mim, e cada segundo perdido é uma ameaça.

Viro-me rapidamente, focando em seu rosto. A semelhança entre nós é desconcertante, quase assustadora, mas não posso me deixar levar por isso agora.

— É de ouro. — Minha mão vai direto ao colar no meu pescoço, como se isso pudesse me dar a coragem que preciso. A ideia que passa pela minha cabeça é absurda, mas não tenho tempo pra ficar pensando demais. O que importa agora é a minha liberdade. — Você quer ele pra você? Em troca de uma aventura?

Ela parece aventureira. Eu *preciso* que ela tope. Tudo depende disso.

A garota hesita por alguns segundos, mas o sorriso que ela me dá me faz ter a certeza de que alguém lá do alto ouviu a minha prece.

— O que preciso fazer?



Eu vou vomitar.

Corro para o banheiro do aeroporto de Chicago, mal abrindo a porta da cabine antes de despejar todo o conteúdo do meu estômago no vaso.

Meu corpo convulsiona, mas, sempre que fecho os olhos, as notícias sobre o avião caído voltam a assombrar minha mente, sem cessar.

Do avião em que eu deveria estar.

Um problema no voo de São Paulo para Nova York fez a aeronave explodir e cair no mar. Ninguém sobreviveu.

Ninguém.

A garota com quem falei horas atrás, que aceitou trocar de passaporte e passagem comigo... está morta.

Era para ser eu.

Continuo vomitando, meu corpo tremendo, a sensação de quase abraçar a morte me tomando de forma violenta e avassaladora.

Algumas mulheres entram no banheiro e perguntam se quero ajuda, mas fecho a cabine e me recuso a falar com qualquer um agora.

Preciso ficar sozinha.

Não sei quanto tempo se passa até que finalmente consigo me reerguer. Ainda com o corpo anestesiado, dou descarga e vou até a pia para lavar a boca e o rosto, mas o reflexo no espelho me encara como um fantasma.

As notícias da queda do avião devem estar repercutindo por todo o globo agora.

E isso significa que minha família pensa que estou morta.

— Dia ruim?

Uma voz com sotaque carregado interrompe meus pensamentos. Viro o rosto e vejo uma garota que parece ter a minha idade me observando.

— Algo assim — murmuro, desviando o olhar enquanto abro a mochila para pegar meu *nécessaire* de maquiagem.

Encaro meu reflexo de novo, mas algo está errado. A sensação de estar vivendo a vida de outra pessoa é sufocante.

Ela está morta.

Por um colar, uma passagem para Nova York e a promessa de uma aventura, aquela garota aceitou trocar de lugar comigo. Ajudou a despistar os seguranças "disfarçados" do meu pai, que pareciam muralhas humanas plantadas no meio do aeroporto. Seus olhares intimidadores davam a impressão de que poderiam destruir qualquer um que os encarasse por mais de dez segundos.

Ela saiu do banheiro antes de mim, prendeu o cabelo do mesmo jeito que eu, e a blusa branca foi suficiente para completar o disfarce. O plano era simples: ela fingiria ser eu no voo para Nova York, enquanto eu ficaria

escondida no banheiro até embarcar no voo para Chicago, que partiria meia hora depois.

Eu sabia que meu pai não demoraria a descobrir a verdade, mas pelo menos eu teria algum tempo de liberdade antes que ele viesse arrancá-la de mim.

Era um plano absurdo, ridículo.

E tinha funcionado.

Só que eu nunca, nem nos meus piores pesadelos, imaginei que isso custaria a vida dela.

Começo a me maquiar, em uma tentativa desesperada de me recompor. Estou prestes a surtar, mas não posso sair pelas ruas de um país desconhecido com um rosto que grita vulnerabilidade.

Instintivamente, procuro por meu celular, mas então me lembro que o quebrei no banheiro de São Paulo e joguei os destroços no lixo para não ser rastreada.

— Você sabe que horas são? — pergunto para a garota ao meu lado.

Ela responde e fico aliviada por saber que ainda é cedo. Terei o dia todo para pensar em uma solução antes que anoiteça e eu fique sozinha durante a noite em um lugar que não conheço.

Agradeço com um aceno e volto minha atenção ao espelho.

Enquanto retoco a maquiagem, o celular dela toca. Ela atende e começa a conversar em espanhol com uma mulher que, pelo jeito, deve ser sua mãe. A menina sai do banheiro enquanto fala, e eu a sigo discretamente.

Graças às aulas de espanhol que tive, consigo entender a conversa. Ela está em Chicago procurando trabalho e vai para uma pousada barata, prometendo à mãe que vai economizar e não passará fome.

Uma pousada barata.

Exatamente o que eu preciso, já que tudo o que me resta são os dois mil dólares que minha mãe me deu. E, sinceramente, não faço ideia de como vou conseguir mais dinheiro para me manter.

Como se meu corpo tivesse ativado o instinto de sobrevivência, outra ideia insana me atinge e começo a correr, até chegar antes dela no táxi. Ainda do lado de fora, digo ao motorista o nome da pousada que a garota mencionou e torço para que ela me escute. Mas quando ele pergunta o endereço, meu coração dispara.

— Esqueci.

— Eu sei o endereço. — A voz da garota sai baixa ao meu lado e me viro, vendo a surpresa estampada em seu rosto. — Eu também vou ficar nessa pousada.

— Você quer dividir a corrida? — pergunto, com uma inocência que não tenho neste momento.

Ela hesita por alguns segundos, mas dá um suspiro e acena.

— Ok, dividir a corrida vai me poupar um pouco — comenta e balanço a cabeça em concordância, aliviada. Antes de entrar no táxi, ela estende a mão e sorri. — María Hernandez.

Seguro sua mão. O nome "Isabella" quase escapa dos meus lábios, mas eu me contenho.

Tudo mudou agora. Minha vida, meu nome, minha identidade.

— Milena Lima. Muito prazer.

Então eu entro no táxi, deixando Isabella e tudo o que fazia parte da minha antiga vida para trás.



Eu estou muito ferrada.

É o meu primeiro pensamento assim que abro a carteira e vejo apenas dez dólares dentro.

Não é a primeira vez que me falta dinheiro e sobra mês, mas, meu Deus, ainda é dia cinco. E ser demitida do meu único emprego fixo, definitivamente, não estava nos meus planos.

Preciso encontrar outro trabalho.

Só não faço ideia de como, já que conseguir aquele emprego de babá de três crianças, quase como escrava, já foi um milagre. O salário era ridículo, mas pagava o aluguel e as contas da casa. Era pouco, mas era certo no fim do mês. Agora, nem isso tenho.

Para piorar, o agente da imigração me deu apenas três meses para

permanecer no país quando entrei nos Estados Unidos e meu visto venceu ontem, o que me torna oficialmente uma imigrante ilegal.

E, como se isso já não fosse ruim o suficiente, meu antigo empregador usou minha situação contra mim. Ele me demitiu sem pagar o último salário e sem qualquer benefício, ameaçando me denunciar à polícia se eu reclamasse.

Que ótimo.

Respiro fundo e guardo a carteira na bolsa, pegando as chaves para entrar em casa.

Quando giro a maçaneta, um grito fica preso em minha garganta quando me deparo com María chupando seu namorado no sofá.

Sim, nós acabamos nos tornando amigas e decidimos alugar uma kitnet juntas. Arranjei o trabalho de babá e María não teve tanta sorte em conseguir algo mais formal, então acabou encontrando trabalho como dançarina em uma boate, onde conheceu seu atual namorado Robert, um *barman* do lugar.

Apesar dos nossos esforços, o dinheiro ainda era pouco e a única coisa que coube no nosso orçamento foi uma kitnet simples de apenas um quarto.

Isso não foi um problema para mim. Embora tenha descoberto recentemente que sou filha de um mafioso milionário, sempre tive uma vida simples e aprendi desde cedo a compartilhar.

Como o quarto da kitnet era pequeno e só cabia uma cama de solteiro, combinamos de nos revezar entre a cama e o sofá. Em um mês, eu ficaria com o quarto; no outro, seria a vez dela.

Mas, desde que minha amiga começou a namorar, tenho pensado seriamente em abrir mão do meu mês na cama. E não porque sou altruísta ou bondosa, mas para evitar flagrá-los se agarrando de novo. Uma vez já foi o bastante.

Fecho a porta imediatamente.

Fecho os olhos em seguida.

Queria poder fechar minha memória também, mas sei que vou me lembrar por algumas semanas dessa cena.

— Ei, Mi! Você voltou mais cedo! — María sai de casa e vem atrás de mim assim que começo a me afastar.

Paro no lugar e suspiro.

Eu deveria ter avisado antes.

Afinal, María e Robert trabalham à noite e têm folga durante o dia, o que significa que qualquer coisa que queiram fazer, farão enquanto estou no trabalho. Ele é americano e mora com alguns irmãos, mas minha amiga já deixou claro que o namorado morre de ciúmes de levá-la até lá.

— Eu fui demitida — falo e me viro para encarar a expressão de surpresa no rosto da minha amiga.

— Meu Deus, Mi! O que aconteceu?

— Eu não quis transar com o pai das crianças enquanto a esposa dele está se matando de trabalhar.

— Que filho da puta!

Aceno.

— Me desculpe por ter interrompido vocês — suspiro, sacudindo a cabeça. — Eu só… não consegui pensar em nada. Só queria voltar para casa.

María me dá um sorriso solidário, e isso aperta meu coração. Ela teria todos os motivos para estar preocupada agora, afinal, minha renda acabou e nossas contas dependem disso. Mas, em vez disso, ela escolhe me apoiar.

Sendo sincera comigo mesma, talvez seja hora de procurar outro lugar para ficar. O namoro dela com Robert está ficando cada vez mais sério, e eu sei que o único motivo para ela não ir morar com ele sou eu.

Ela não quer me deixar sozinha. E eu odeio ser um fardo para as pessoas.

— Eu vou dar um jeito — começo a falar, mas ela me interrompe com um abraço.

— *Nós* vamos dar um jeito — corrige, apertando-me mais forte. — Você não está sozinha, Mi.

Mi.

Levou um tempo para me habituar com meu novo nome e, ainda por cima, um apelido, mas depois de algumas semanas sendo chamada desse jeito, eu meio que me acostumei.

E gostei.

— Quer sair pra comer? — pergunta, legal como sempre. — Eu dispenso o Robert e a gente come alguma coisa gostosa. Não há nada que um hambúrguer e um milk-shake não resolvam.

Apesar da merda que está minha situação financeira e de todo o constrangimento que passei, María me arranca um sorriso sincero.

— Eu acabei de interromper o momento íntimo de vocês. Se você largar seu namorado pra sair comigo, ele vai me odiar — brinco e ela nega com a cabeça.

— Ele vai ter que aceitar. Eu te conheço há mais tempo, e amigas cuidam umas das outras — insiste.

— Eu não tenho dinheiro.

— Eu pago. Você teve um dia de merda e eu tenho uma reserva para essas situações.

Não, ela não tem.

María é tão quebrada quanto eu, mas tem um coração de ouro e gastaria tudo o que tem apenas para ver uma amiga sorrir.

— Obrigada, amiga, mas agora preciso mais de um emprego do que de um hambúrguer.

— E o milk-shake?

— María! — Rio e ela me acompanha, mas logo se afasta, encarando-me como se quisesse me dizer algo.

— Por que você não conversa lá na boate? Você é maravilhosa e

rebola muito bem — argumenta, levando em consideração as vezes em que me viu dançar enquanto eu faxinava a casa. — Você pode começar nos fins de semana e ir ganhando uma grana. Apenas os homens da alta sociedade frequentam as boates dos Belinni e tenho certeza de que você conseguiria arrancar muito dinheiro dos clientes. Além disso, os donos não ligam para o fato de sermos imigrantes ilegais. Nosso crime é uma bobagem perto do que eles fazem.

No instante em que ela menciona o sobrenome Belinni, meu corpo reage. Eles são mafiosos impiedosos e poderosos, e, embora nunca tenha cruzado com nenhum pessoalmente, a fama e o medo que o nome deles carrega me atingiram desde meus primeiros dias em Chicago.

Eles não pertencem à mesma máfia que o meu pai, mas isso não significa que eu queira entrar no caminho deles.

— Não sei se vão me querer — sou sincera, pois apesar do medo de me envolver com essas pessoas, não estou com muitas opções agora. — Eu não vou me prostituir.

— Você não será obrigada a nada. Quando acontece sexo, é tudo consensual e somente quando as dançarinas querem.

Apesar das suas palavras, sei que na prática as coisas acabam sendo diferentes. O pagamento é tentador demais e a “gorjeta” por dormir com um cliente chega a ser maior que o salário do mês.

María já confessou que foi para a cama com alguns clientes, mas parou de fazer isso quando conheceu Robert. É por isso que seu salário também não é dos maiores.

Respiro fundo e aceno, sabendo que trabalho é trabalho e que dançar em uma boate não vai me fazer menos digna do que ninguém. Não era a minha primeira opção, mas que escolha tenho agora?

— Tudo bem — digo, com um suspiro. Ela me dá um olhar carinhoso e segura minha mão, voltando comigo para a kitnet.

Robert vai embora e passo o resto da tarde me arrumando com María. Mesmo com as situações controversas, nós conseguimos nos divertir. Colocamos música latina, rebolamos e sorrimos enquanto nos transformamos

em mulheres sensuais. Ela me empresta um de seus vestidos justos e decotados e faço uma maquiagem poderosa, a mesma que fazia tanto sucesso no salão de beleza da minha mãe.

Pensar nela faz meu coração doer, mas engulo o sentimento e me esforço para deixar o passado para trás.

É melhor assim.

Se ela descobrir que estou viva e me acobertar, ela pode pagar com o próprio sangue, mas se ela me entregar de novo para o meu pai, a decepção vai quebrar o que sobrou do meu coração.

Termino de me arrumar e dou uma última olhada no espelho, percebendo o quanto me produzi.

Só preciso causar uma boa impressão e conseguir o emprego.

Nada mais.



— Você começa hoje. Se os clientes gostarem, você continua — diz David, o homem todo tatuado responsável pelas contratações na boate. Um suspiro de alívio quase escapa dos meus lábios, mas consigo me segurar.

Enquanto María me apresentava, senti o olhar dele me analisando da cabeça aos pés. Me esforcei para manter a postura ereta e o queixo levantado, sem mostrar insegurança.

— Obrigada. Eu só não vou dormir com ninguém — aviso e, assim que a frase sai da minha boca, o homem tomba a cabeça para o lado.

— Você não é obrigada. Se algum homem colocar as mãos em você sem o seu consentimento, os próprios Belinni vão se encarregar de cuidar dele — sentencia, deixando claro que na máfia as leis funcionam de forma diferente. — Mas talvez, quando algum cliente te fizer uma proposta, você mude de ideia.

— Não acredito que isso vá acontecer.

Seu lábio curva alguns milímetros. *Este é o sorriso dele?*

— Sua amiga é ousada — murmura para María. — Nem foi contratada e já está colocando as asinhas de fora.

— Ela vai manter a boca fechada — a mexicana responde em meu lugar e me esforço para engolir qualquer vontade de retrucar.

— Acho bom. Não toleramos petulâncias e não somos homens pacientes.

Babaca.

Mas um babaca que pode me dar um emprego agora.

Um leve aceno de cabeça é toda a minha resposta e, assim, ele entende que captei a mensagem.

Saio com María e ela me ajuda a trocar de roupa, pois há trajes específicos para as dançarinas e eles são infinitamente mais sensuais do que o vestido ultraprovocante que estou usando.

Enquanto caminho em direção ao palco, luto para afastar o nervosismo, mas a cada passo, sinto meu coração disparar, ignorando meus esforços.

— Ei! Vai dar tudo certo — María sussurra, tentando me tranquilizar. — Não precisa fazer nada mirabolante. Confie no seu corpo, sinta a música e, se for preciso, imagine que está faxinando a nossa casa — brinca, me arrancando um sorriso. — Quando você dançar, qualquer homem vai cair aos seus pés.

Agradeço à minha amiga e vou até o centro do palco, consciente de que preciso exatamente disso para conseguir o emprego: provar que posso seduzir os clientes.

As luzes se apagam, a boate fica em silêncio por alguns segundos, até que “The machine - Reed Wonder & Aurora Olivas” começa a tocar.

Então eu fecho os olhos e danço.

Passo a mão pelo meu corpo, tocando minha barriga, seios e chegando até o pescoço. Enquanto faço isso, rebolo o quadril e a bunda, deixando a música possuir meu corpo. Por um instante, me esqueço de tudo ao meu redor, como se as batidas sensuais fossem capazes de levar embora todos os meus problemas.

Seguro o mastro de pole dance no meio do palco e me movimento ao redor dele, colando e rebolando meu corpo… subindo, descendo… mexendo os quadris de forma lenta e sensual.

Nunca, em toda a minha vida, dancei em um pole dance e não é como se eu soubesse fazer isso, mas uso o mastro como apoio e rebolo como as brasileiras são famosas por fazerem.

Há algo em nosso sangue que faz os movimentos parecerem naturais.

Dou tudo de mim, ciente de que cada olhar está fixo em meu corpo e que minha sobrevivência depende da minha performance agora.

Quando a música termina e os aplausos preenchem o ambiente, abro os olhos e encontro David. Ele balança a cabeça em aprovação, mas ao encarar a plateia ao redor, vejo diversos clientes de pé com o copo levantado em minha direção.

Uma sensação estranha toma conta de mim, mas me preocupo em ser racional agora. Se eu quiser sobreviver em um ambiente governado por homens, precisarei usar meu corpo em vez das palavras para manipulá-los, pois a verdade é que nenhum deles está disposto a escutar o que uma mulher tem a dizer.

Não vou ultrapassar os meus limites, mas minha mãe sempre disse que homens têm uma fraqueza universal e que ela fica pendurada no meio das suas pernas. Então, se eu precisar usar isso a meu favor para conseguir me sustentar, farei isso sem hesitar.

— Estou contratada? — formulo silenciosamente para David, apenas movendo os lábios, meu coração ainda acelerado.

— Bem-vinda — ele responde da mesma forma, e é como se eu finalmente pudesse respirar.

Porque pelo menos agora eu tenho um trabalho.

Eu vou ficar bem.



DAN BELINNI

— Ele vai matá-lo! — Alguém murmura a alguns metros, mas mal consigo ouvir.

Não tenho planos de acabar com isso tão cedo.

Avanço um pouco mais e meu adversário cai de joelhos, mas eu não paro de socá-lo. Acerto costelas, rosto, peito… todas as partes do seu corpo de merda que meu punho consegue encontrar.

E ninguém ousa se aproximar.

A adrenalina bombeia através de mim e os gemidos de dor do meu oponente ecoam por todo o salão. Isso não me para; eu o soco com mais força, seus grunhidos agindo como combustível para o meu cérebro fodido.

Ele continua ajoelhado, tentando a todo custo proteger seu rosto, que se tornou uma bagunça insana de sangue, hematomas e pele mutilada.

— Dan, temos dez minutos. Acabe logo com isso. Você vai precisar de um banho para tirar o sangue desse porco antes de irmos para o escritório — Liam abre a boca pela primeira vez, seu tom divertido deixando claro o quanto ele está adorando esta merda.

No entanto, suas palavras finalmente conseguem me trazer de volta à realidade.

Eu tenho um compromisso. Meu pai nos convocou para uma reunião de última hora e não posso me atrasar.

Me afasto do meu oponente e suspiro, frustrado por não conseguir finalizar nossa disputa. O filho da puta apareceu em nossa academia de luta disposto a me desafiar e deixou bem claro que a morte era uma possibilidade.

Ele estava confiante de que seria o responsável pelo meu fim e isso apenas aumentou minha diversão, porque embora ele também tivesse quase dois metros e aparentasse ter o dobro do meu peso, essa merda não importava para mim.

Eu fui treinado como um animal.

Iniciado na máfia na fodida Amazônia, onde a preocupação com a sobrevivência era elevada ao limite enquanto todos os rituais eram realizados em mim.

Tenho apenas dezenove anos, mas cresci convivendo com morte, sangue e perigo. Nunca tive uma vida comum. Nunca fui um garoto qualquer.

Eu e meus irmãos fomos treinados para governar a Organização de Chicago e exterminar qualquer obstáculo que se colocasse em nosso caminho.

O filho da puta que jorra sangue à minha frente não seria uma exceção.

Desço do ringue e alguns amigos dele vão socorrê-lo. Liam me entrega uma toalha e enxugo o rosto, vendo o tecido sair vermelho com o sangue do meu adversário.

— Você o matou? — Um dos lutadores me pergunta, mas nego com a cabeça.

— Ele vai sobreviver — afirmo, sabendo que o desgraçado terá sequelas severas, mas não o suficiente para matá-lo.

Não costumo ser desleal em minhas lutas e nem usar de covardia, mas o idiota me desafiou dentro do meu território e recuar não era uma opção.

Ninguém me ameaça e sai ileso.

— Que merda ele engoliu pra querer lutar com você? — Liam grunhe e dou de ombros, pois não tenho ideia da resposta.

— Dan comeu a irmã dele — Otto responde em meu lugar e viro meu rosto, encontrando meu irmão mais velho encostado na parede, com os braços cruzados.

Ele acabou de chegar de uma missão, mas já está arrumado para cumprir seu dever na máfia. Ele é o mais sério e calado de nós três, sua postura combinando com o posto de Don que assumirá em alguns anos.

Nosso pai é o comandante supremo da Outfit, máfia de Chicago, e nós, seus três filhos, sucederemos seu legado.

Liam é louco, mas tem um cérebro surreal e entende de armas como ninguém. E eu? Bem, sou a peça que meu pai joga quando quer sangue e adrenalina. Corridas ilegais e lutas clandestinas são minha responsabilidade, mas usamos algumas atividades como fachada para não chamar tanta atenção, embora todo o estado de Illinois conheça nosso sobrenome.

Apesar de nos Estados Unidos existirem diversas máfias em uma espécie de quebra-cabeça sangrento, cada peça tem seus territórios, suas regras e seus segredos. Mantemos uma relação diplomática com elas, embora isso esteja longe de ser considerado uma amizade.

Dentro da Outfit, controlamos cassinos, apostas, tráfico de drogas e armas.

Nosso alcance vai longe e temos operações até em território brasileiro. Isso possibilita que os homens feitos da Outfit sejam enviados à Amazônia, onde passam por treinamentos pesados na mata fechada.

Nem todos voltam vivos, mas isso é seleção natural. Apenas os mais fortes sobrevivem.

— Não tenho ideia de quem seja — falo com sinceridade e um suspiro impaciente sai dos meus lábios.

Não costumo me lembrar de nomes ou da fisionomia das mulheres com quem trepo. Para mim, elas são foda e nada mais. Posso ser chamado de galinha ou de qualquer merda relacionada a isso, mas não me importo, porque sempre deixei minhas intenções bem claras e todas as minhas transas foram consensuais. Nunca abusei de nenhuma garota.

Elas sempre souberam onde estavam se metendo ao ir para a cama comigo: algumas horas com meu pau era tudo o que elas teriam de mim.

— Ainda bem que você luta como um animal, senão ia morrer por causa do seu pau — Liam zomba mais uma vez, deixando-me irritado.

Minha vida sexual não é da conta de ninguém, mas não estou com tempo para isso agora.

Deixo meus irmãos para trás e saio em direção ao chuveiro, mas minha mente está presa à tal reunião surpresa que nosso Don convocou. Reuniões assim nunca trazem boas notícias. Se ele precisou de sigilo, é porque há algo grande envolvido.

A água escorre pelo meu corpo e o líquido vermelho mancha o chão. Satisfação preenche meu peito, pois lutar e quebrar meus adversários sempre me fez sentir vivo.

Minha lealdade é absoluta com a família. Protejo os meus com meu sangue e não hesito em ser cruel para garantir nossa segurança.

Mas com o resto do mundo? Não me importo de ser um monstro.

É o preço que se paga por respeito e poder.



— Os russos entraram em contato — nosso pai fala assim que nos acomodamos em um dos escritórios da Outfit. — Um dos sobrinhos do Pakhan fez merda com um político de Illinois e o russo nos pediu para lidar com isso. Eles sabem que políticos adoram a atenção da mídia e querem evitar que o foco seja a sujeira deles.

— O que um membro da Bratva fazia em nosso território? — pergunto, impaciente.

— Uma garota americana — responde, com um suspiro. — Ele a conheceu na Rússia e veio atrás dela.

Liam bufa ao meu lado.

— Sempre uma garota — zomba, olhando para mim de soslaio. — Alguns homens ainda vão morrer porque não sabem controlar o pau.

— Cale a porra da boca, Liam — rosno e meu pai xinga um palavrão, chamando a atenção para o foco da reunião.

— Eu estou ocupado, porra! Tenho um monte de merda para resolver, então preciso saber se vocês podem cuidar desse assunto.

Graças à nossa longa história de suborno e corrupção, a Outfit sempre soube como abrir portas onde elas deveriam estar trancadas. Juízes, policiais, políticos… todos têm um preço, e nós sabemos exatamente como pagá-lo.

Apagar as merdas do mafioso da Bratva em nosso território não seria difícil. Um telefonema, um envelope recheado, uma ameaça bem calculada, e qualquer investigação inconveniente desapareceria como fumaça.

— E o que eles têm a oferecer em troca? — Otto abre a boca pela

primeira vez, fitando o Don com seriedade.

— Armas, para começar — responde. — Não qualquer arma, mas peças que você não encontra em território americano, direto de antigos estoques soviéticos. Além disso, os russos podem abrir portas no Leste Europeu, áreas que estão fora do nosso alcance.

Nós três acenamos em silêncio, conscientes do peso dessas palavras. A aliança com os russos é uma jogada ousada, mas estratégica. Muitas máfias nos procuram devido à nossa influência e poder, como aconteceu com Dante Morello, Don da Cosa Nostra.

Eles precisavam de ajuda para encontrar a esposa sequestrada de Dante e, em troca, selaram uma aliança conosco. O acordo foi reforçado pelo casamento de Anna, nossa prima, com Vittorio Morello, irmão de Dante e Conselheiro da Cosa Nostra.

No nosso mundo, alianças e acordos são mais valiosos que dinheiro. E uma parceria com a Bratva, uma das máfias mais poderosas do planeta, é algo que ninguém em sã consciência recusaria.

— Vou lidar com isso — Otto avisa.

Meu pai apenas balança a cabeça em aprovação e acende um charuto.

— Eles mencionaram algo sobre estreitar os laços — nosso Don continua, jogando a informação como se não fosse nada.

— Casamento? — questiono.

— Sim. Eles querem uma princesa da Outfit.

— Amber? — Liam provoca, com um sorriso malicioso.

Otto pega um charuto e ignora a provocação. Otto é frio, calculista e sabe camuflar muito bem suas emoções.

— Amber será a esposa de Otto — Don William afirma, quebrando o silêncio.

Amber é a filha caçula do irmão do meu pai, o diamante da Outfit. Ela é linda, pura e submissa. Além disso, é brilhante e toca piano como ninguém, o que, no nosso meio, é mais uma peça para ser exibida. Esposas de mafiosos

são troféus, símbolos de poder e status.

Mas Amber carrega cicatrizes. Seus pais e sua irmã sempre a trataram como lixo. Assumi o papel de protegê-la desde cedo, porque ninguém tão inocente deveria suportar o que ela passou. Com o tempo, a presença constante da minha proteção fez sua família recuar, mas o instinto protetor que desenvolvi por ela permaneceu.

Apesar dos comentários maldosos sobre nossa proximidade, nunca a enxerguei de outra forma que não como uma irmã.

Agora, é Otto quem deseja se casar com ela. Não por amor ou paixão, pois essas ilusões não têm espaço no nosso mundo, mas por dever. Ele sabe que, como futuro Don, precisa construir uma família e gerar herdeiros.

— Ainda não estou noivo — Otto comenta, deixando implícito que seu casamento com Amber ainda é algo negociável.

— Você não gosta dela — meu pai deduz, sustentando o olhar do meu irmão.

Otto permanece em silêncio. Não é segredo que ele sente atração pela nossa prima, mas meu pai tem razão. Se Otto realmente sentisse algo além de tesão por Amber, lutaria por ela, e isso não está acontecendo.

— Isso é perigoso — ele continua, soltando lentamente a fumaça do charuto. — Você vai conviver com sua esposa todos os dias. Precisa, no mínimo, gostar dela.

— Casamento é sobre negócios, não amor — Liam intervém, tirando as palavras da minha boca.

Don William apenas balança a cabeça, um sorriso seco no rosto.

— A princípio, sim. Mas com o tempo, se você se casar com alguém que não desperta absolutamente nada em você, sua casa vira uma pedra de gelo. E, acredite, ela será o último lugar para onde você vai querer voltar.

— A Outfit vem antes — Otto diz.

Meu pai solta uma risada baixa, como se já tivesse ouvido aquilo antes.

— Até você encontrar a mulher que vai virar seu mundo de cabeça para baixo — rebate. — Como Don, você terá que ser leal à máfia e sempre colocar a Outfit acima de tudo. Mas quando essa mulher aparecer...

Ele hesita, fitando diretamente os olhos do meu irmão.

— Ela vai foder tanto a sua cabeça que você preferirá morrer a entregá-la de bandeja para outro homem.

— Eu farei o que tiver que ser feito — Otto responde e meu pai encerra a reunião, liberando-nos para tocar nosso trabalho.

Saímos do prédio e caminhamos até o estacionamento, mas antes de cada um entrar em seu carro, meu irmão mais velho me encara.

— Você vem hoje? — pergunta, se referindo à reinauguração de uma das nossas boates.

A reforma levou mais tempo do que o esperado, mas o resultado superou nossas expectativas: um clube exclusivo para cavaleiros, onde luxo e sigilo se encontram, criando o ambiente perfeito para nossos clientes gastarem fortunas sem medo de serem expostos.

— Transferimos as melhores dançarinas das outras boates pra lá — comenta Liam, com um sorriso malicioso. Ele já levou metade delas pra cama. — Os ingressos masculinos estão esgotados.

— Hoje tem corrida — aviso. — Passo lá mais tarde.

Me despeço dos meus irmãos, decidido a ir até a oficina da Outfit para garantir que meu carro de corrida esteja pronto. As corridas ilegais e as lutas me dão a dose de adrenalina que preciso, são a válvula de escape quando as merdas na minha cabeça estão insuportáveis.

Mas, assim que ligo o carro, a música clássica começa a tocar nos alto-falantes, e um suspiro escapa dos meus lábios, me lembrando de Amber.

Eu odeio música clássica, mas ela gosta e sempre pede para que eu coloque quando está comigo. Não sou de ceder facilmente, mas ela é uma boa garota e tem meu sangue. Se ouvir música clássica pode amenizar as bostas que ela aguenta, eu coloco.

E é pensando nela que desvio da rota e decido ir até sua casa.

Otto terminou sua missão e voltou a Chicago, o que significa que o casamento com ela pode acontecer a qualquer momento. A não ser que mudem os planos e ela seja entregue a um russo…

Porra!

Meu irmão não a ama, mas seria leal a ela. Casamentos na máfia são sagrados, mas a Bratva tem suas próprias regras. E eu não faço a menor ideia de como ela seria tratada por um marido russo.

Jogo esse pensamento para o inferno. Preciso que Otto se case com ela e a proteja. Mas, até lá, enquanto Amber estiver sob minha proteção, ninguém vai encostar nela.

Jurei protegê-la como um irmão mais velho faria. Fiz essa promessa à minha mãe.

E eu não quebro promessas.



MILENA LIMA

Ouço uma batida na porta e me viro, vendo María segurando um pequeno aquário com as duas mãos.

— Posso entrar?

Faço um gesto com a cabeça, tentando conter o riso ao notar o esforço que ela faz para carregá-lo.

— O que é isso? — pergunto, apressando-me para ajudá-la.

— Seu presente.

Minha testa se franze enquanto seguro o aquário e o coloco sobre a cama. Ele está cheio de água, pesado, e…

— Tem um peixe! — exclamo, surpresa.

— Claro, né? Se eu te desse um aquário vazio, seria um presente

péssimo — María retruca, juntando-se a mim para observar o pequeno peixe azul nadando no espaço apertado.

— Mas por que está me dando um presente? Hoje não é meu aniversário.

Pelo menos, não de acordo com a identidade de Milena.

— Pela sua promoção!

Solto uma risada curta, achando graça de como María interpreta a situação.

— O que foi? — ela pergunta, arqueando uma sobrancelha.

Faz duas semanas que comecei a trabalhar em uma boate dos Bellini. Hoje, porém, é a reinauguração de um clube exclusivo para cavaleiros, um lugar ainda mais luxuoso e caro. David anunciou que as melhores dançarinas seriam transferidas para lá, com salário dobrado, e todas ficaram ansiosas pela oportunidade.

Fui chamada ontem, mas María não.

Honestamente, acredito que isso tenha mais a ver com Robert do que com o talento dela. María é uma das melhores.

— Eu só estou indo por causa do dinheiro. Se eu conseguir juntar um pouco mais, talvez eu consiga pagar minhas contas sozinha e você possa ir morar com Robert. Eu sei que vocês querem ficar juntos e eu não gosto de atrapalhar.

— Robert está bem morando com os irmãos dele. — Abana a mão, mentindo descaradamente. Ele está louco para morar com María. — Mas voltando ao que interessa — fala, apontando para o peixe. — O nome dele é Edward Cullen.

— Você deu um nome para o meu peixe?

— Você nem queria um peixe e agora está reclamando que eu o batizei? — bufa, incrédula, mas logo sorri. — Eu o chamei dessa forma porque sei que você é viciada em Crepúsculo, o filme adolescente mais bobo de todos os tempos.

María revira os olhos e levanto o dedo na mesma hora.

— Não. Fale. De. Crepúsculo.

— Ok, ok, não precisa ficar nervosa. — Ela estende as mãos em rendição. — Há filmes piores.

Encaro o animal azul nadando no aquário e sinto minha garganta fechar ao pensar no nome dele.

Li e assisti tudo o que envolvia Crepúsculo graças ao vício da minha mãe, que fez questão de me batizar com o nome da protagonista da história.

Minha mãe e eu éramos melhores amigas e, sempre que o dia ficava nublado e ela estava de folga, sentávamos na sala e maratonávamos os filmes.

Edward Cullen.

Com certeza minha mãe colocaria este nome em um peixe.

Eu ainda estou magoada com ela. *Muito*. Mas sinto tanto sua falta que às vezes eu me permito esquecer de algumas coisas e pensar apenas no que vivemos de bom.

— Que roupa você vai vestir? — María muda o assunto e fico grata por isso.

Mostro o vestido vermelho e sensual que recebi de David quando me avisou que eu seria transferida e María acena, aprovando a roupa. É extremamente provocante, mas é lindo.

— Fiquei sabendo que todos os Belinni estarão lá. Talvez você chame a atenção de algum deles. Eles são altos, tatuados, lindos e gostosos. O sonho de consumo de qualquer uma — fala, mas logo seu semblante fica fechado. — Exceto o meu, é claro. Meu sonho de consumo é o Robert.

Uhum, *claro*.

Não que o namorado da minha amiga seja feio, mas já vi Otto Belinni uma vez de longe e o homem tem uma beleza surreal. Entretanto, o que ele tem de bonito, tem de galinha, pois descobri que ele já dormiu com todas as dançarinas da minha antiga boate.

Exceto comigo.

E com María, *é claro*, mas ela está bem resolvida com isso. Afinal de contas, ela tem Robert, certo?

— Só não vá para a cama com Liam, por favor — María continua com seus conselhos, e eu continuo me divertindo com eles.

— Por quê? Ele vai deixar minha primeira vez traumática? — pergunto em tom de brincadeira.

— Muito pelo contrário. Ele vai te comer tão gostoso que você vai ficar viciada no corpo tatuado dele e, quando você estiver bem apaixonada, ele vai quebrar seu coração — fala com seriedade. — Liam te coloca em mil posições e te faz gozar duas mil vezes, mas é um babaca e não gosta de ninguém. Amar um homem desse é implorar para sofrer.

— Para uma mulher comprometida, até que você sabe muita coisa sobre os comandantes da Outfit — brinco, fazendo-a corar.

— Eu sou comprometida, não surda. Fofocas correm e eu gosto de escutar. Conhecimento é importante.

Gargalho e María busca algo na sala, voltando segundos depois com um potinho de ração para alimentar Edward Cullen. Mas algo está me deixando curiosa…

— E o outro irmão?

— Dan? — questiona e aceno, sentindo uma coisa esquisita só de ouvir o nome dele. — Ele é perigoso.

— Mais do que os outros?

— É diferente.

— Diferente como? — pergunto, surpreendendo-me com minha própria curiosidade.

— Ele é muito violento.

— E os outros não são?

— São, mas Otto e Liam costumam matar com armas. Dan mata com as mãos — justifica. — Ele é assassino, controlador e letal… dizem que ele tem muita raiva dentro de si, então se tornou lutador e piloto de corridas

clandestinas para liberar essa raiva. E Dan Belinni sempre ganha tudo. As fofocas dizem que ele não tinha nem quinze anos quando o pai dele o tornou chefe dessas atividades dentro da Outfit. Ele é o mais novo, mas parece ter muito mais do que dezenove anos.

— Ele é invicto? — falo em voz alta, a pergunta mais soando como uma surpresa.

— Sim.

— E como ele é na cama?

Ok, parece que minha língua está mais rápida do que meu cérebro.

— Para quem não estava interessada no assunto, parece que o caçula dos Belinni despertou mesmo sua curiosidade.

— Deixa pra lá — resmungo, irritada comigo mesma.

Isso não é da minha conta.

Ela cruza os braços e suspira, fitando-me com atenção.

— Lembra que te falei que parece que o Dan tem uma raiva dentro dele? A fama é que ele também fode com raiva.

— BDSM? — questiono.

— Você não é virgem, menina? — brinca e reviro os olhos.

— Sou virgem, não uma neandertal isolada do mundo e das informações. Conhecimento é importante — devolvo na mesma moeda e ela ri.

— Não sei se é tão pesado como BDSM, mas quem já foi pra cama com ele diz que o sexo é bem intenso… que quando ele acaba, você fica tão cansada que seu corpo implora para dormir por uma semana seguida. Mas ele não é gentil e nem carinhoso. Ele transa para liberar o estresse, assim como faz nas lutas e nas corridas, então a mulher que vai pra cama com ele tem o mesmo propósito que um carro de corrida ou um oponente no ringue: alívio.

— Certo — respondo e desvio minha atenção para o vestido em cima da cama. Já perdi muito tempo tomando conta daquilo que não me diz respeito, agora preciso focar na minha vida.

— Apesar de tudo… — María faz uma pausa e eu a encaro mais uma vez. — Eu acho que o Dan vai ser um bom marido, acredita?

— Por quê?

— Porque ele é todo protetor e cuidadoso com a sobrinha do Don, a que é considerada o diamante da Outfit.

— Eles estão comprometidos?

— Acho que eles são como irmãos… mas ele sempre está perto dela. Então acredito que, quando ele se casar, será ainda mais protetor com a esposa. Já imaginou ser amada por um mafioso?

— Deve ser perigoso — respondo, tentando acalmar meu coração.

Se eu tivesse aceitado meu destino e se o avião para Nova York não tivesse caído, provavelmente eu estaria casada com um mafioso agora.

— Deve. E maravilhoso também — brinca, sentando-se na cama e suspirando. — Esses homens que odeiam o mundo inteiro, mas se apaixonam por você… isso tem seu valor.

Prendo os lábios para não rir da minha amiga e ela joga o travesseiro em minha direção.

— Ei! Pare de zombar da minha imaginação! Sonhar é de graça e ilimitado — rebate, rindo também. — Além disso, eu sei que homens como eles jamais olhariam para mulheres como nós.

— E por que não?

— Porque eles se casam com princesas, não com dançarinas pobres que trabalham seminuas em boates. Eles nos querem para foder, mas são os *diamantes da máfia* que carregam seus filhos e o seu coração.

— Você só esqueceu de uma coisa — falo e María me encara com curiosidade. — Somos dançarinas pobres e trabalhamos seminuas em boates, mas há algo que temos que as princesas da máfia nunca vão ter.

— O quê?

— Liberdade.

María concorda com minha resposta e mudamos o assunto, voltando nossa atenção para a minha produção da noite.

Apesar da curiosidade excessiva que me tomou a cada vez que ela falou do filho caçula do Don da Outfit, sacudo a cabeça para espantar esses pensamentos.

Pois Dan Belinni representa ira e violência, e foi exatamente desse mundo que eu me esforcei para fugir.



MILENA LIMA

— Prontinho — digo à Dora, fechando a última gaveta da penteadeira assim que termino sua maquiagem.

Ela e outras dançarinas sempre me pedem ajuda para se arrumar, e eu faço isso com prazer. Trabalhar no salão da minha mãe me ensinou a fazer muitas coisas, e, modéstia à parte, me tornei realmente boa nisso.

Minhas habilidades, somadas à boa vontade de ajudar, acabaram me aproximando das outras mulheres da boate. Mesmo em pouco tempo, fiz amizade com a maioria delas. O ambiente aqui é hostil para nós, e parece feito para semear rivalidade entre mulheres. Mas minha mãe, apesar de seus erros ao esconder a verdade sobre minha vida, sempre me ensinou algo valioso: mulheres devem proteger umas às outras.

Ela dizia que lutamos muito para conquistar espaços dominados por homens, e que é nosso dever continuar incentivando essa luta, não nos

sabotarmos por motivos pequenos.

Infelizmente, sou uma das poucas que pensa assim por aqui. As outras vivem discutindo por causa de clientes, dinheiro, ou atenção. Besteiras, na minha opinião.

Há espaço para todas.

Dora me agradece com um abraço antes de sair do camarim, mas se detém na porta:

— Tome cuidado, Mi. Eu já trabalhei em clubes de cavalheiros e os homens são... mais *intensos*. Quando eles querem algo, eles querem, e não respeitam as regras como nas boates tradicionais. Se algum babaca tentar ultrapassar os limites com você, diga que vai chamar os Belinni. Eles são a nossa "palavra de segurança". Todo mundo tem medo deles, porque sabem que eles vão nos defender, não importa o saldo bancário do abusador. Os Belinni são perigosos, mas não com a gente. Eles têm honra.

Agradeço à minha amiga e encaro meu reflexo no espelho, vendo a roupa vermelha modelando estrategicamente cada parte do meu corpo. É ousada e sensual, mas apesar de tudo, ainda consigo enxergar nos meus olhos a menina inocente que era cheia de sonhos no Brasil.

Só que aquela menina morreu.

Agora sou apenas uma dançarina.

Então retoco o batom vermelho, forço um sorriso no rosto e deixo o camarim.

Do lado de fora, o palco me espera para a primeira apresentação da noite.



Assim que termino a apresentação, sorrio para a plateia e encontro o olhar de cobiça de vários homens de terno. Ignoro cada um deles e desço do palco enquanto a música sensual continua preenchendo o ambiente.

Por toda a boate, mulheres deslizam por tecidos que pendem do teto ao chão, criando uma performance hipnotizante, quase como em um show de circo. Seus movimentos são fluídos e sensuais, e a iluminação baixa do espaço amplo e luxuoso adiciona um ar de mistério e poder.

— Milena, preciso falar com você — David me chama, capturando minha atenção. — Alguns clientes querem te conhecer.

Conhecer.

Eu sei o significado disso.

Nego com a cabeça imediatamente.

— Não, obrigada.

— Pense bem, garota. É muita grana envolvida. Isso pode mudar a sua vida — insiste, mas eu não estou à venda.

Preciso trabalhar para pagar as contas e sobreviver, porém, este emprego é temporário e meu corpo não está em negociação.

— Não importa. Há coisas que valem mais do que dinheiro — respondo e David faz uma careta em desaprovação.

— Se você não dançasse tão bem, eu juro que te mandaria embora por causa da sua língua.

Eu deveria recuar com sua ameaça, mas nunca me submeti a

valentões e essa não vai ser a primeira vez.

— Pensei que tivesse me dito que eu não seria obrigada a nada. Quando você me contratou, eu deixei bem claro que não dormiria com ninguém.

— A grana que estão oferecendo por uma noite com você é absurda. Eu nunca vi nada igual — continua, como se isso fosse me fazer mudar de ideia. — Acho que pensam que você é virgem. Só pode.

— E se eu for? — rebato e David paralisa.

O sorriso sombrio que surge em seu rosto me faz recuar um passo.

— Milena…

Seu tom me dá medo. Eu não deveria ter aberto a minha boca. *Droga.*

— Se continuar insistindo neste assunto, vou falar com os Belinni — eu o interrompo, me lembrando das palavras de Dora, e quando seu sorriso desaparece, percebo que funcionou.

— Você ainda tem apresentações hoje?

— Uma. Mais tarde — respondo.

— Certo. Depois me procure. Quero falar com você.

Sem a menor vontade de falar com ele, mas sabendo que meu sustento depende deste homem, dou apenas um aceno antes de voltar para a área das dançarinas, respirando fundo.

Começo a me perguntar sobre o que seria pior: estar de casamento marcado com um mafioso escolhido por meu pai ou ser tratada como um pedaço de carne por dançar em uma boate para homens ricos.

— Isso é temporário — reforço para mim mesma, respirando fundo mais uma vez, tentando manter a calma. — Vou conseguir outro trabalho.

Agora só preciso arranjar uma desculpa para não me encontrar com David mais tarde.

Dor de barriga, talvez?

Ele não tentaria me jogar na cama de algum cliente se eu estivesse

com diarreia, tentaria?

Enquanto minha mente trabalha para encontrar alguma saída, uma garota chama minha atenção na pista de dança. Ela é linda e jovem, e está dançando de olhos fechados, com um copo na mão. Meus olhos acompanham o instante em que um homem se aproxima e a puxa pela cintura. O desconforto no rosto dela é tão óbvio que meu instinto grita para intervir.

Mulheres protegem umas às outras.

Caminho em direção a eles com passos firmes e um sorriso forçado. Não sei com quem estou lidando e preciso vestir minha máscara. Seguro a mão da garota com delicadeza, mas minha voz é firme quando me dirijo ao homem:

— Com licença, senhor, Julia está atrasada para se apresentar. — Ele não a solta. Meu sorriso permanece no rosto, mas meu tom endurece. *Ok, terei que apelar mais uma vez.* — Se o senhor não soltá-la, terei que chamar um dos Belinni.

Ao ouvir o nome que faz qualquer um pensar duas vezes, ele recua. Aproveito o momento para puxá-la comigo sem olhar para trás e, quando chegamos ao acesso das dançarinas atrás do bar, ela tenta me parar.

— Acho que você me confundiu. Meu nome não é Julia — diz, com a voz afobada. Ela está ansiosa; talvez seja a adrenalina do momento.

— Eu sei que não é. Mas eu jamais confundiria o olhar de pedido de socorro de uma mulher.

Ela engole em seco e vejo gratidão em seus olhos.

— Obrigada.

— Você é nova, bonita e, pelo jeito — aponto para suas roupas —, rica também. Mas não pode ser ingênua se vai dançar em um lugar lotado de homens. Ainda mais de homens cheios da grana. Eles pensam que podem ter e comprar tudo, inclusive mulheres.

Ela suspira, e por um momento parece mais vulnerável do que antes.

— Tem razão. Eu só… — faz uma pausa, como se estivesse tentando encontrar as palavras. — Queria me divertir. Estou cansada de seguir regras e

de ficar presa em casa, como um cachorrinho esperando sua vez de passear. Hoje decidi pegar minha coleira e passear sozinha.

Minha sobrancelha arqueia, e eu começo a rir. Não esperava ouvir algo assim dela.

— Você é engraçada.

— E você não é americana — ela comenta, notando meu sotaque.

Meu sangue gela, o medo de ser pega fazendo meu coração acelerar, mas tento manter minha expressão neutra.

— Não sou.

— É de onde?

Por mais que ela pareça inocente, aprendi da maneira mais difícil que nunca devo confiar em ninguém. Respiro fundo, analisando o ambiente ao redor antes de responder:

— Sou brasileira, mas meu visto venceu há duas semanas e não posso ir embora agora. Há pessoas que dependem do meu dinheiro, e por isso estou trabalhando aqui. O pessoal da boate não exige que eu esteja regular no país para manter meu emprego — falo baixinho, tomando o cuidado de não deixar outras pessoas ouvirem minha resposta.

Sustento a história de Milena, mas acrescento um toque de drama para despertar pena na garota. Isso sempre funciona.

As pessoas tendem a ser menos rígidas ou maldosas com aqueles que estão em situação vulnerável, certo?

— Nossa! Sua vida é tão interessante — fala, dando um gole na sua bebida roxa.

Bebida roxa?

Para protegê-la de si mesma, acabo tirando o copo da sua mão.

— O que é isso? — pergunto.

— O barman sugeriu. Gostei, é doce.

Jogo a bebida no lixo no mesmo instante. É pior do que pensei.

— Meu Deus, garota! Ele pode ter botado droga nisso. Nunca confie no que é doce ou bom demais.

— Certo.

Seguro seus ombros e olho nos olhos dela. Preciso garantir que ela não tenha sido drogada.

— Fique quieta.

— O que está fazendo?

— Vendo se drogaram você.

— Você é muito desconfiada.

— E você é muito inocente. Não acredito que veio parar nessa boate sozinha hoje.

Quando me dou conta de que não está drogada, eu me afasto, amarrando o meu cabelo.

— Você vai dançar agora? — pergunta.

— Mais tarde.

— E você pode me ensinar a dançar antes?

Franzo a testa, surpresa.

— Como?

— Queria aprender a dançar como vocês. Assim, sensual — ela aponta para a pista de dança, e não consigo evitar sorrir.

— Você é tão transparente que não consigo não gostar de você.

— Então goste de mim e me ensine a dançar.

Eu rio, balançando a cabeça. Ela é impossível. Olho para o relógio na parede e suspiro.

É melhor ficar com ela do que correr o risco de encontrar David ou algum cliente interessado em me *conhecer*.

— Ainda tenho algum tempo de descanso — falo.

— E então?

— Pode considerar hoje como seu dia de sorte. Vou te ensinar a dançar e ainda serei sua amiga.

Eu e minha mãe costumávamos fazer esse tipo de brincadeira uma com a outra, mas agora, falando isso para outra pessoa que não entende a piada, soa arrogante demais.

No entanto, a loira não parece se importar. Ela dá um pulinho de felicidade, e eu reviro os olhos, mas logo seguro sua mão e a conduzo até um quarto vazio. O lugar é todo vermelho, com espelhos por toda parte.

Me aproximo dela e estendo a mão para pegar o celular. Ela me entrega o aparelho e eu escolho uma música no aplicativo. "I see Red - Everybody Loves an Outlaw" começa a tocar e não posso deixar de sorrir.

A música combina perfeitamente com o clima do ambiente.

— Qual o seu nome? — pergunto, observando-a com curiosidade.

— Amber. E o seu?

— Milena.

Me afasto e começo a dançar aos poucos, sorrindo com sensualidade para ela. Vejo o brilho nos olhos de Amber, admirada com os meus movimentos.

Ela não diz nada, mas eu sei o que está pensando.

Ela quer aprender.

Porque, mesmo que nenhuma garota queira ser tratada como um objeto, todas querem ser desejadas pela pessoa certa.

E ter poder sobre ela.

— Se prepare, Amber, porque depois que você aprender a dançar, colocará o homem que quiser aos seus pés.



DAN BELINNI

Eu preciso trepar.

Tive um dia cheio, e nem mesmo vencer todas as corridas em que participei foi suficiente para aliviar as merdas na minha cabeça. Saí da pista e só passei em casa para tomar um banho e trocar de roupa, seguindo direto para a boate na esperança de encontrar algo que ajudasse a me aliviar.

Sexo sempre funciona.

Assim que entro, fico surpreso ao ver o ambiente ainda mais luxuoso do que o habitual, repleto de dançarinas seminuas e músicas carregadas de sensualidade.

Meus olhos logo encontram meus irmãos, que conversam e bebem whisky com alguns dos homens mais poderosos dos Estados Unidos. Apesar de parecer um momento simples, eu os conheço o suficiente para saber que

estão em estado de alerta.

Nós nunca descansamos totalmente. Esse é o preço de estar dentro da máfia.

Sinto uma mão pousar em meu peito e viro o rosto. É Blake, sorrindo para mim. Loira, gostosa, e com aquele olhar de quem sabe exatamente o que quer. Estudamos juntos quando eu era mais novo.

Já comi essa garota tantas vezes que perdi a conta. Atrás dos armários da escola, no banco de trás do meu carro… onde fosse possível. Oliver Clark, o pai dela, um empresário que deve mais favores à Outfit do que tem coragem de admitir, acabou descobrindo e, ao invés de me enfrentar, incentivou a filha a continuar abrindo as pernas para mim.

Tudo por negócios.

Porco do caralho.

Esses são os piores tipos de homens para mim: os que preferem proteger os negócios a defender a honra da família. Se fosse eu no lugar dele, teria me caçado até o inferno, quebrado minha cara, me torturado por dias e, no fim, me enterrado vivo.

Apesar de tudo, não deixei de foder a boceta dela. Não era o meu dever defender sua honra e, para ser sincero, não era eu quem corria atrás de Blake.

Era ela. Sempre ao meu redor, se oferecendo, sonhando com algo que eu nunca quis dar. Nunca senti nada por ela além de tesão. Quando não estávamos transando, eu não suportava estar perto.

Mas não era só com ela. Era com todas.

Nenhuma mulher me interessa o suficiente para me fazer querer conversar. Nenhuma desperta minha curiosidade sobre qualquer merda da vida delas.

Eu só quero sexo. E o sorriso de Blake deixa bem claro que é exatamente isso que ela veio me oferecer.

— Blake, você vem?

Uma voz feminina surge atrás dela, e meus olhos imediatamente buscam a dona.

Bonita, gostosa. Outra que poderia muito bem servir para o que quero esta noite.

— Chame sua amiga — sussurro no ouvido de Blake. — Quero comer vocês duas.

O rosto dela muda, mas não me dou ao trabalho de tentar entender o que significa. Não tenho paciência para isso.

— Eu pensei que… — tenta argumentar, mas sua voz morre.

Um suspiro impaciente sai dos meus lábios e tiro a mão da garota do meu peito.

— Eu quero foder duas bocetas agora, Blake. Se não quiser ser uma delas, saia da minha frente que buscarei alguma interessada.

Vejo a relutância em seu olhar e isso me torra a paciência. Quero aliviar o estresse. Não arranjar mais um motivo para ficar irritado.

— Quer saber? Foda-se — aviso e começo a caminhar até o bar, já sondando outras mulheres que podem me acompanhar esta noite.

Diversas olham para mim, sorrisos e olhares servindo como um convite explícito para me aproximar. Prendo a atenção em duas na pista de dança e meu pau pulsa assim que elas começam a se esfregar, me encarando sem disfarçar o interesse.

Dou um passo em direção a elas, como um predador faminto, desesperado para comer, mas antes que eu me mova mais, Blake se coloca na minha frente e puxa sua amiga para perto.

— O que foi agora? — pergunto, impaciente.

— Nós vamos com você.

— Sem chance. Não vou comer ninguém à força.

— Eu quero você, Dan. Você sabe. Sempre soube — Blake argumenta em desespero.

— Eu também quero — a amiga interrompe, e meu olhar se volta para ela. Há tesão em seus olhos, e eu sei que ela está falando sério.

Ainda assim, não quero saber de complicações.

— E eu quero elas — aponto com o queixo para as duas na pista, que continuam se esfregando e me encarando com sorrisos provocantes.

— O quê?! Não! Você não pode…

— Não posso? — corto Blake, a encarando friamente. Ela engole em seco, sem resposta. — Acho melhor você se colocar no seu lugar, garota. Nunca tive e nunca vou ter nada sério com você. Entendeu?

— Um dia você vai ter que se casar. Meu pai disse que…

— Seu pai? — dou uma risada seca. — Seu pai é um covarde do caralho que treme só de ouvir meu nome. Estou me fodendo para o que ele disse.

Sem perder mais tempo, desvio das duas e sigo em direção à pista, onde as mulheres que me interessam continuam me esperando.

— Vocês vêm comigo. — Minha voz não soa como um pedido, mas também não é uma ordem. O tom deixa claro que elas têm escolha.

Mas elas não negam.

Sem perguntar meu nome ou perder tempo com conversa fiada, seguram minhas mãos, e eu as guio para a área reservada do clube, onde os quartos estão prontos para receber clientes que buscam algo além da música e do bar.

Estou a poucos passos de entrar em um dos quartos quando noto uma figura familiar saindo de outro.

Loira.

Não pode ser.

— Que porra, Amber?! — rosno, desviando das mulheres e avançando em sua direção.

Antes que eu consiga me aproximar, uma mulher se coloca entre nós.

— Fale com ela direito.

Piscar é automático.

Essa garota teve a ousadia de me enfrentar? Nem homens feitos têm coragem para isso.

Eu a analiso. Cabelos castanhos e compridos, olhos doces da mesma cor, traços delicados... Linda, apesar da língua afiada e da atitude suicida.

Meu olhar desce, encontrando o vestido vermelho que grita "pecado", marcando suas curvas de um jeito que deixaria qualquer homem louco.

— Quem é você?

— Amiga dela.

— Ela não tem amigas — falo com convicção. Conheço cada detalhe da vida de Amber. Ela só tem a mim e à minha mãe. — Saia da minha frente.

— Não. Não vou deixar que a machuque.

Uma risada amarga escapa antes que eu consiga contê-la. *É sério essa porra?*

— Eu jamais iria machucá-la. Mas se ela continuar aqui, vai ter a vida fodida.

Amber está prometida a Otto, futuro Don da Outfit. Se meu pai descobrir que ela está desobedecendo as regras, pode muito bem jogá-la para os russos.

— Milena, está tudo bem — Amber tenta intervir, mas a tal Milena não cede.

Milena.

Não conheço essa garota, mas ela sustenta meu olhar como ninguém ousaria sem esperar punição.

Só existem duas explicações: ou ela é louca e não teme a morte, ou...

— Você não tem ideia de quem eu sou, certo? — Minha voz sai baixa, carregada.

— Sei que será um homem morto se ameaçá-la de novo.

Adrenalina.

A onda me percorre, rápida e potente, quando percebo que essa desconhecida está me desafiando sem medo algum.

— Milena, obrigada. Você me ajudou muito, mas não precisa se preocupar. Dan é meu primo e sempre cuidou de mim.

Sem desviar o olhar, ela rebate com ironia:

— Ah, é? E onde ele estava quando o cliente da boate te agarrou?

Travo o maxilar.

— Que caralho ela está falando, Amber?

— Depois eu te explico. Vou pedir um táxi para ir embora.

— Nem fodendo.

Milena torce os lábios, me lançando um olhar que faz minha paciência se esgotar enquanto, estranhamente, aumenta minha adrenalina.

— Você deixa ele te dar ordens? — a petulante pergunta, ainda me encarando.

Sua sobrancelha arqueada em desafio quase me faz querer mandá-la para o inferno.

Quase.

Porque o pensamento de calar sua boca com meu pau faz meu corpo reagir de forma irritante.

Porra.

— Você trabalha aqui? — pergunto e ela acena de queixo erguido. *Perfeito.* — Então eu também te dou ordens, garota. Sou seu chefe.

— Só porque você paga o meu salário não quer dizer que vou aceitar que você controle a minha vida!

— Você não entende como essa porra funciona, certo?

— Entender o quê? Que se eu não me submeter ao seu comando, vou ferir seu ego frágil e perder meu emprego?

— Que você está em meu território e vai ter que seguir minhas ordens, gostando ou não.

Ela engole em seco, mas não recua.

— Estou cansada de receber ordens de homens como você.

— Que merda está dizendo?

Amber sai, nos deixando ali discutindo. Um momento depois, seguimos atrás dela.

— Você precisa trabalhar — ela diz para Milena, antes de se voltar para mim. — E você pode se divertir com as duas mulheres. Não vou atrapalhar ninguém.

Duas mulheres?

Porra. Nem me lembrava mais delas.

Mas isso já não importa, porque Amber começa a se afastar, e qualquer um poderia reconhecê-la.

— Se Otto te vir ali fora, será pior — aviso.

— Otto? — Milena questiona, surpresa. — Otto Belinni? Ele é seu irmão?

— Não, meu futuro noivo.

Se não estivesse preso ao corpo dela, o queixo de Milena teria caído.

— Já ficou com ele? — As palavras saem antes que eu possa evitar, e não sei por que no inferno isso me incomoda tanto.

Já dividi mulheres com Liam e nunca senti ciúmes. Mas imaginar Otto tocando essa garota me deixa... *irritado*.

Quando ela nega com a cabeça, sinto alívio imediato.

— Eu, não. Mas todas as dançarinas, sim. Ele é muito safado e galinha.

— Ele é solteiro — rebato, porque é a verdade.

Apesar de tudo, não digo isso para defender meu irmão, mas porque sei que se Amber desistir de se casar com ele, ela será entregue a um mafioso da Bratva.

— E continuará sendo, porque não vou me casar com um homem galinha — Amber retruca.

— Você não sabe do que está falando, caralho! Otto não...

— Se quiser, pode me levar embora — Amber corta, olhando para mim. — Não vou discutir, mas também não quero conversar.

— Tem certeza? — Milena insiste, irritando-me com sua intromissão.

— Tenho. Só quero ir pra casa.

Seguro a mão de Amber, puxando-a com firmeza. Antes de sairmos da boate, coloco meu paletó sobre ela.

— Abaixe a cabeça e fique na tua.

Ninguém pode reconhecê-la. Isso é para o bem dela.

No carro, minha raiva ainda queima, mas, apesar da preocupação com Amber, meu pensamento insiste em voltar para a dançarina que ousou me enfrentar.

Milena.

O nome dela está cravado na minha mente.



Os seguranças abrem espaço para mim quando volto para a boate.

Demorei mais tempo do que eu esperava na casa de Amber, já que tive que lidar com seus pais de merda, mas nada disso está tirando tanto a minha paz como a mulher que me desafiou.

Onde ela está?

Meus olhos varrem o salão luxuoso em busca de qualquer sinal dela, mas sou interrompido quando duas mulheres se aproximam de mim.

As mesmas que foram comigo até o quarto, mas que me esqueci completamente e abandonei na boate quando Amber e a dançarina apareceram.

— Nós estávamos indo embora, mas como você voltou… — Uma delas começa, lambendo os lábios com sensualidade.

— Podemos continuar de onde paramos — a outra continua e sorri para mim.

Encaro as duas garotas e elas são maravilhosas. Tenho certeza de que elas trepariam gostoso enquanto eu revezasse meus dedos e pau na boceta delas.

Mas eu não estou a fim.

Não mais.

— Tenho trabalho a fazer — respondo e já saio andando, sem dar espaço para choro ou argumentações.

Estou sem saco pra essa merda. Além disso, estou ocupado.

Onde ela está, caralho?!

— Dan! — Ouço a voz de Liam e me viro, vendo meu irmão caminhando em minha direção. — Que demora, porra!

— Estive ocupado. — É tudo o que digo antes de voltar a procurar a dançarina na multidão, mas a boate está escura e isso só dificulta tudo.

— Precisamos de você lá em cima — fala, parando ao meu lado.

— Já vou.

— Que caralho está procurando?

Liam tenta seguir o meu olhar e dá uma risada baixa quando vê que estou procurando algo no meio de mulheres.

— Uma garota? Sério? — A diversão em sua voz me irrita, porque não estou com tempo para isso agora.

Milena estava no quarto com Amber antes de eu encontrá-las… será que ela voltou para lá com algum cliente?

Meu sangue ferve só de imaginar. Não tenho ideia do motivo para sentir isso, só sei que não quero saber de outro homem com as mãos nela.

Liam para de zombar e me avisa que realmente preciso subir para me encontrar com Otto. Relutante, solto um palavrão e sigo atrás dele.

Assim que entro na área VIP, vejo Otto com um copo de *whisky* na mão enquanto um homem de terno fala com ele.

Quando notam minha presença, as dançarinas ao redor se aproximam, me oferecendo bebidas, uma dança ou seus corpos. Não forçamos nenhuma mulher a nada, mas elas têm permissão para treparem se quiserem.

E se tratando de mim e dos meus irmãos… porra, elas sempre querem.

Enquanto o homem de terno fala praticamente sozinho, Otto parece entediado, mas eu o conheço o suficiente para saber que está irritado. Sua mão pousa em cima de uma de suas armas em uma ameaça silenciosa, um sinal claro de que o cara está tirando a porra da paciência dele.

— Dan! Quanto tempo faz que não nos encontramos! — O homem diz assim que me vê, com uma intimidade que desconheço. — Estava falando com seu irmão sobre você.

Ao ver o pai de Blake, minha paciência, que já estava escassa, evapora. Ele tenta bancar o importante, mas o medo de estar diante de nós é evidente.

— O que quer? — minha voz sai áspera, direto ao ponto.

— Você está diferente — solta e seus olhos percorrem as tatuagens nas minhas mãos e pescoço. Tatuagens de máfia. — Pensei que encontraria um garoto de dezenove anos.

O que ele estava esperando? Um moleque?

Eu e meus irmãos sempre fomos precoces para a nossa idade. Somos altos, temos muitos músculos e nosso corpo é coberto de tatuagens.

Otto tem trinta anos, Liam tem vinte e eu, dezenove, mas nos igualamos na aparência. Há quem pense que temos a mesma idade.

O pai de Blake fixa a atenção no copo da bebida alcoólica em minha mão e estou esperando o momento em que ele vai dizer que não tenho idade para beber.

— Você está desperdiçando o nosso tempo — Otto diz e o cara acena, apressado.

— C-claro. Me perdoem. É que eu… minha filha — corrige, olhando para mim. — Blake gosta muito de você. E como sou amigo do seu pai, pensei que…

Arqueio uma sobrancelha assim que ele diz que é amigo do meu pai, mas ele não corrige sua frase. O homem parece desconfortável ao sentir o peso dos nossos olhares sobre ele.

— Pensei que você e ela poderiam… tentar algo mais *sólido* — continua, quase fazendo Liam engasgar com o *whisky* ao meu lado. Mas ele não para. — Sei que vocês têm um namorinho há muitos anos e talvez as coisas pudessem ficar mais sérias. Quem sabe firmar um compromisso?

Namorinho de anos?

Tudo o que fiz com a filha dele foi trepar com ela como se eu fosse um animal. Nunca troquei mais do que algumas frases com ela.

— Aonde você quer chegar? — Meu tom é duro.

— Blake me ligou agora há pouco e me pediu para vir falar com você. Isso seria importante para ela. E talvez fosse uma forma de unirmos nossos... poderes.

Poderes?

Solto uma risada seca, incapaz de conter o deboche. Ao meu lado, Liam se diverte descaradamente, como o filho da mãe que é.

— Não há nada que você tenha que eu já não tenha.

A tensão que se instala entre nós é palpável, mas eu já perdi o interesse na conversa.

— Você ainda não tem filhos, então não consegue entender, mas quando chegar a hora…

— Devo criá-los como mimados de merda? — Eu o interrompo, fazendo seus olhos se arregalarem.

Minhas palavras o assustam, mas logo vejo o brilho da irritação em seu olhar. Ele pressiona os lábios em uma linha fina, mas não tem tempo de me dar resposta, pois Otto encerra o assunto e ordena que ele se retire.

Ele sai pisando duro e me jogo em um dos sofás, inclinando a cabeça para trás e fechando os olhos.

Que dia de merda.

— Estou cada vez mais preocupado com as garotas que você come. Elas têm problemas sérios — Liam se senta ao meu lado e não esconde o divertimento em sua voz. — Primeiro uma manda o irmão ir te matar no ringue... agora outra manda o pai vir aqui pra te obrigar a assumir um compromisso com ela? Porra!

Abro os olhos e inalo o ar audivelmente, vendo Otto se sentar no sofá ao lado e colocar sua arma na perna. Uma dançarina se ajoelha diante dele, olhos brilhando de submissão, como se implorasse por um comando. Ele só acaricia os cabelos dela, como se estivesse lidando com um cachorrinho bem treinado, enquanto ela espera pacientemente pela ordem do dono.

— Você poderia ter lidado com isso — rosno para Otto, me referindo ao pai de Blake, e meu irmão me devolve um sorriso em provocação.

— E perder a diversão?

— Você não parecia estar se divertindo quando cheguei.

— E você demorou demais a chegar.

— Estava cuidando de um assunto — falo, sem querer me explicar. Não quero que ele saiba que…

— Amber? — pronuncia em voz alta o que eu estava pensando e não sei por que ainda me surpreendo com isso. — Eu sei do que se passa em nossas boates, Dan. Sei que ela esteve aqui.

— Acabei de mandar pro inferno um babaca que tentou passar dos limites com ela na pista de dança — comenta Liam, casualmente, como quem fala sobre o clima. — Queria estrear meu brinquedinho novo, e a cabeça dele foi um alvo perfeito.

Ele ergue a arma, exibindo-a como um troféu, com um sorriso que só um assassino perverso poderia ter. Liam nunca desperdiça uma oportunidade de derramar sangue.

— E você, o que vai fazer? — pergunto a Otto, mudando o foco.

Ele faz um gesto preguiçoso para a dançarina, ordenando que chame algumas amigas e espere por ele na última suíte da boate. Ela se levanta apressada, quase saltitante, ansiosa para obedecer ao futuro Don. Otto, porém, não tem pressa. Ele toma outro gole de seu *whisky* antes de finalmente me responder.

— Nós não vamos nos casar. Ela gosta de outro cara.

— Que merda você está dizendo? — Franzo o cenho, tentando processar o que ele acabou de soltar.

— Que nosso Don vai ter que lidar com ela, porque essa responsabilidade eu não quero para mim.

Decido não me aprofundar no assunto, pois apesar de saber que Amber é uma boa garota, ela já deu provas o suficiente de que sabe se meter em merda e, no momento, não estou com saco para descobrir do que se trata.

— E vai falar com ela para cancelar o noivado?

— Não será necessário. Amber fará isso por nós.

— Você não está irritado?

— Por que eu estaria? Não é como se eu gostasse dela ou algo do tipo. Nossa prima é gostosa, mas há muitas opções por aí — solta, fitando outra dançarina seminua que se oferece para ele.

Seus olhos percorrem o corpo dela com a fome de um predador, e em segundos ela está caminhando em direção ao quarto para esperá-lo... *junto com as outras*.

Foda-se. Ele não está errado.

Casamento, no nosso mundo, é apenas um mal necessário. Nosso pai está pressionando meu irmão para arranjar uma noiva, e nossa prima parecia a escolha mais conveniente.

Até agora.

— Essa merda só me dará mais tempo de liberdade — Otto conclui, se levantando e guardando a arma no coldre. Ele se prepara para sair e encontrar as mulheres no quarto quando uma música diferente ecoa pela

boate, cortando o ambiente.

As batidas sensuais de uma música latina fazem o ar vibrar, e, como que atraídos por um ímã, os homens de terno na área VIP se movem em direção ao guarda-corpo, curiosos para ver o que está acontecendo.

— É ela. — Um dos homens diz em voz alta e chama minha atenção. — Ofereci trinta mil dólares e nem assim ela quis ir pra cama comigo.

— Eu ofereci cinquenta — rebate o cara ao lado. — Ela também disse não.

Otto se vira em direção ao palco, intrigado, enquanto Liam se levanta para acompanhar o movimento.

— É a novata. A brasileira — Liam explica, como se fosse óbvio. — Ela está deixando nossos clientes loucos, mas não quis ir pra cama com ninguém.

O sorriso sombrio que surge no rosto de Otto é inconfundível, e ele volta a me encarar com aquele olhar de quem sabe de algo que eu não sei.

— Você deveria dar uma olhada nisso.

Sua frase me faz franzir o cenho e levantar do sofá. Assim que me aproximo do guarda-corpo e encaro o palco, cerro os punhos ao notar que é *ela* quem está em cima dele.

Milena.

Ela está movendo os quadris devagar, rebolando gostoso enquanto suas mãos acariciam seu corpo. Meu pau pulsa em resposta e minha boca fica seca. Mal consigo respirar.

Milena dança com uma sensualidade que nunca vi na vida. Seu olhar, o jeito que ela rebola… caralho! A perfeição dos seus movimentos faz parecer que não é ela quem está dançando a música, mas a música que está dançando para ela.

Graças aos negócios com máfias de outros países, aprender outros idiomas é uma obrigação no nosso mundo. Por isso, entendo a letra em espanhol. E o significado das palavras só torna tudo ainda mais intenso.

Mas não vá se envolver

Sei que vamos nos pegar e você vai voltar

Rebolando gostoso para seduzir

Eu sei que você não vai me esquecer

Se eu fizer amor contigo, se eu fizer amor contigo

— Ela é linda — Otto comenta ao meu lado, os olhos fixos no palco. Meu pescoço gira imediatamente em sua direção. — Só espero que saiba o que está fazendo.

— Não estou fazendo porra nenhuma. Você dormiu com ela? — jogo a pergunta de uma vez, uma ansiedade do caralho me tomando para saber a resposta.

— Ela é virgem. — Liam interrompe antes que Otto possa responder, roubando minha atenção. — David espalhou essa merda, e os clientes estão loucos. Ouvi dizer que há homens dispostos a pagar um milhão de dólares pela virgindade dela.

— Que merda está dizendo?

— Que nenhum homem tocou a única mulher que já te enfrentou — Otto responde, a expressão fria, como se estivesse me estudando. Ele sabe de tudo o que acontece aqui dentro, é óbvio. — E que isso vai ser só mais uma coisa para te deixar obcecado.

— Nunca fiquei obcecado por ninguém — rosno, desviando o olhar para Milena no palco.

Então, ela faz algo que quase me desmonta. Coloca as mãos no chão e vai descendo devagar, rebolando até encostar o quadril no palco.

O jeito como ela se move… é pura provocação. Parece que está transando com o próprio chão, cada movimento exalando uma sensualidade que não deveria existir.

Porque Milena não dança como uma dançarina qualquer.

Ela seduz.

Hipnotiza.

Como uma maldita feiticeira.

— Só tome cuidado — Otto diz antes de se afastar, indo atrás das garotas que o esperam. — Não deixe essa mulher se tornar seu ponto fraco. Usarão isso contra você.

Otto sai sem se despedir, mas Liam permanece ao meu lado, os olhos brilhando com aquela curiosidade sádica de sempre.

— Trepe com ela — sugere, apontando com o queixo para Milena. — Vai perder a graça e logo você estará atrás de outras bocetas.

Ou talvez eu me torne um fodido viciado na dela.

— Vocês deveriam tomar conta da vida de vocês — respondo seco, mas meus olhos não saem do palco.

Milena continua dançando quando uma nova música começa. Seus olhos estão fechados e o sorriso provocante em seu rosto me faz imaginar se essa seria sua cara quando eu gozasse em seus peitos.

Mas eu não sou o único a pensar essas merdas. Meu sangue ferve ao ouvir os comentários e risadinhas dos homens ao redor.

Minha mão vai instintivamente à arma. Estou a um segundo de apagar o sorriso de cada filho da puta que ousa cobiçá-la.

— Pense bem — Liam me interrompe, com a voz ainda mais grave. — Por que você faria essa merda?

Encaro meu irmão e ele está sério dessa vez.

Liam é completamente insano em muitas coisas, mas quando quer, sabe ter um autocontrole fodido que supera o de Otto.

Porra, ele tem razão.

Não tenho motivo algum para matar os filhos da puta que estão olhando para ela.

Essa garota é só uma dançarina petulante que me enfrentou e, se for

para ser sincero, merece ser punida por isso.

— Senhores, a mercadoria chegou. — Um dos nossos soldados aparece, avisando sobre a amostra de drogas recém-enviadas do Brasil.

Aceno para ele, então olho para Milena no palco uma última vez. Ela ainda está dançando, os movimentos tão hipnotizantes que parecem uma armadilha.

Engulo em seco e sigo o soldado. Jogo qualquer obsessão por ela para o inferno e foco no que realmente importa: o dever.

Eu não quero essa garota.

Estou apenas cansado. E é isso que a exaustão faz. Ela fode com a cabeça.

Porque eu pertenço à máfia e não há espaço para nada mais dentro de mim.



MILENA LIMA

— Ele ainda não apareceu? — María pergunta assim que nos sentamos para comer.

Já faz algumas semanas que conheci Dan Belinni na boate e minha amiga ficou desesperada quando contei que o enfrentei.

"*Santa Madre de Dios*! Você fez o quê, sua maluca?" — foi o que ela disse antes de começar a xingar uma série de palavrões e fazer orações em espanhol em seguida.

Eu não estava tão preocupada, mas ver sua reação exagerada me fez perceber que cometi um grande erro ao brigar com um dos mafiosos mais violentos dos Estados Unidos.

— Não. Nunca mais o vi — respondo, e confesso que, no fundo, fico um pouco decepcionada por isso.

Eu só posso estar *mesmo* ficando maluca.

Ela dá um suspiro aliviado e começa a comer.

— Se dermos sorte, ele não vai te procurar. Dan é ocupado e, como não apareceu até hoje, há grandes chances de ele ter esquecido do que aconteceu. Dos Belinni, ele é o que menos aparece nas boates. O trabalho dele é mais… externo.

Aceno, receosa de saber que tipo de trabalho é esse.

— É. Talvez ele tenha se esquecido — falo, engolindo a pontada de decepção na voz.

Porque eu gostei de desafiá-lo. Gostei de ver a raiva nos seus olhos e foi a primeira vez que ansiei pelo olhar de um homem sobre mim.

Dan Belinni é… lindo. Insanamente lindo, daquele jeito que você perderia a cabeça se ficasse olhando muito tempo para ele.

— Vou acender uma vela em favor disso — María comenta e dou a ela um sorriso em agradecimento. — Mas me conta, como está o trabalho na boate das dançarinas chiques?

Reviro os olhos com sua fala e ela ri.

— Amiga, você sabe que só não foi chamada por causa do seu namorado, né?

— Sim. Sei que ele falou com David e os dois entraram em um acordo. Fiquei com raiva quando descobri, mas depois entendi o lado dele. Eu também não ia ficar confortável se ele fosse para outra boate, onde mulheres se ofereceriam para ele.

Concordo com a cabeça, pois cada casal sabe o que funciona para si. Desde que não haja violência, eles sabem o melhor para a relação deles.

— Por falar em David, não aguento mais arranjar desculpas para fugir dos clientes dele.

— Você deveria falar com os Belinni. David está te forçando a fazer algo que você deixou bem claro que não queria fazer. Eles não vão perdoá-lo.

Suspiro, esfregando o rosto.

— É, talvez eu faça isso.

Terminamos de comer juntas e falamos sobre coisas mais leves, mas sinto como se minha amiga estivesse me escondendo algo. No entanto, espero o tempo dela, porque se é algo que ela queira me contar, ela mesma irá fazê-lo quando estiver pronta.

Estou acabando de guardar os pratos quando María me chama.

— Mi, tenho algo pra te falar… — diz com receio e me viro, encontrando seus olhos apreensivos. — Robert me pediu em casamento ontem.

— O quê? — pergunto, chocada. Eles têm pouquíssimo tempo juntos. — E o que você disse?

— Que sim.

Nos encaramos em silêncio por alguns segundos. Eu, processando a informação, e ela, tentando entender minha reação.

Mas quando agarro minha amiga em um abraço e começamos a pular juntas, tudo vira festa.

— Meu Deus, você vai se casar!

— Eu vou!

Nós rimos, gritamos, dançamos e reagimos como duas adolescentes loucas que acabaram de receber o primeiro beijo da vida, mas isso não está em julgamento agora. Estamos felizes, comemorando a notícia que vai mudar a vida da minha amiga para sempre.

— E você está feliz? — pergunto, com a respiração ofegante após minutos pulando sem parar.

— Uhum. Eu gosto muito dele — diz, tão ofegante quanto eu. — Além disso, ele é americano e vou conseguir o visto. Não vou ficar mais em situação ilegal e ele disse que logo vai me ajudar a trazer minha família também.

Sorrio para a minha amiga e a abraço mais uma vez, pois ela merece muito ser feliz. Ela é pura e tem um coração de ouro.

Nós vamos para o quarto — que, atualmente, está com as coisas dela — e passamos o resto da tarde conversando e fazendo planos para o seu casamento. Falamos de bolo, vestido, decoração e todas as coisas que ela sonhou.

— Eu quero que você seja minha madrinha — fala, os olhos brilhando de empolgação.

— Como se tivesse a opção de não me chamar, querida. Você me ama — rebato com um sorriso e ela ri, já acostumada com minhas piadas.

— E eu amo mesmo. Você é uma amiga maravilhosa, Mi.

Neste momento, uma onda de culpa me atinge. María sempre foi incrível comigo e merece saber a verdade sobre quem eu realmente sou. No entanto, eu sei que não posso me abrir com ninguém. O risco é grande demais.

Meus segredos precisam ficar guardados. Eles têm o poder de me destruir.

Estou separando minha roupa e maquiagens para me arrumar para o trabalho quando ela me chama.

— Ei, Mi! Posso te pedir um favor?

— Depende. Eu não vou fazer um *ménage* com você e com o Robert — falo com a voz séria e María arregala os olhos. — Meu Deus, amiga! Eu estou brincando.

Ela fica vermelha e dá uma risada, mas morde os lábios antes de me fazer um pedido:

— Será que hoje… hum… você poderia ficar um pouquinho mais na boate? É que eu queria comemorar meu pedido de casamento e fazer uma surpresa pro meu noivo. — O sorriso que ela dá quando diz a última palavra é impagável. — E se você estiver aqui em casa, bem…

— Não se preocupe. Vou dormir fora.

— Mi, não precisa. Não estou te expulsando de casa, só te pedindo algumas horas.

Coloco as mãos nos ombros dela e sorrio.

— Amiga, você está vivendo uma das fases mais especiais da sua vida e tem todo o direito de ter privacidade para comemorar com seu *noivo* — ressalto a última palavra e María volta a sorrir. Faço o mesmo, pois ela é minha amiga e sua felicidade me deixa feliz também. — Voltarei amanhã.

— Mas onde você vai dormir?

— Em um hotel. Agora sou dançarina de boate chique, você se esqueceu?

Pisco para ela e ela ri. Não tenho muito dinheiro, já que não aceitei dormir com nenhum cliente, mas o pouco que tenho vou usar para dar privacidade a ela.

— Mi, não precisa gastar por causa disso. Eu sei que você ainda não recebeu esse mês.

— Está tudo bem, é sério. David disse que vai me pagar hoje. Considere isso como meu primeiro presente de casamento para vocês.

Nós nos abraçamos uma última vez antes de começarmos a nos arrumar. Eu, para trabalhar na boate e ela, para uma noite especial com seu noivo.

Colocamos uma música animada e fofocamos sobre a vida, e a felicidade da minha amiga é contagiante.

Por um momento, me permito sonhar com este dia também. O dia em que alguém especial vai me pedir para ser dele para sempre.

— Tampe o aquário do Edward Cullen se forem transar na sala — recomendo, incorporando meu papel de mãe. — Eu não permito que ele veja pornografia.

Ela ri e me dá um tapinha no braço.

— E você… fale com os Belinni, está bem? Não deixe David intimidar você.

Aceno e agradeço, finalmente saindo de casa. Enquanto sigo para o trabalho e penso que a vida de María está prestes a mudar para sempre, a

preocupação me atinge porque sei que a minha vai mudar também.

Preciso encontrar outra casa.

O mais rápido possível.



Estou viciada em dançar as músicas da Anitta.

Como trabalho à noite e preciso distrair minha cabeça para não pensar na vida que perdi e no futuro que me reserva caso eu dê alguma brecha, minha maior distração tem sido criar passos sensuais e treinar meu rebolado.

E é no palco que coloco tudo em prática.

Quando “Veneno” começa a tocar, fecho os olhos, deixando as batidas tomarem conta do meu corpo. Essa música se tornou a minha favorita, porque danço parte da coreografia no pole dance e o resto no chão.

Ainda de costas para o público, rebolo e me movimento para cima e para baixo, mexendo os quadris com sensualidade. Quando me viro, preparada para descer ao chão e continuar com meu rebolado lento, sinto o peso de um olhar fixo em mim.

Levanto o rosto e, então, encontro os olhos negros mais intensos que já vi, mergulhados em meu corpo.

É ele.

Dan Belinni.

O mafioso que me fez odiá-lo à primeira vista, mas que, sem querer, invadiu cada um dos meus pensamentos mais secretos. Ele está na área VIP... apenas me observando.

Por um instante, meu corpo congela. A beleza dele é quase perturbadora, mas eu não consigo desviar o olhar. No entanto, isso dura pouco. Olho ao redor dele e vejo quatro mulheres se esfregando em seu corpo.

Então eu continuo dançando.

Em uma necessidade insana de provocá-lo, vou para o chão, rebolando bem gostoso, sem desviar os olhos dele.

Vejo quando ele engole em seco. Eu não deveria, mas sorrio em resposta.

Fico de quatro e levanto a bunda para o alto, rebolando no ritmo da música, ainda mantendo nossos olhos conectados. Ele parece irritado, mas não desvia o olhar.

Há várias mulheres tocando seu corpo, mas sua atenção está toda em mim.

Meus lábios se entreabrem, minha respiração se acelera enquanto minhas mãos percorrem cada curva do meu corpo, sem interromper o movimento.

Ele me olha de um jeito que faz o meio das minhas pernas pulsar. A luxúria que exala dele é quase capaz de tirar a minha roupa, sem nem mesmo me encostar.

A música segue, e é como se ele respirasse no mesmo ritmo que eu, seu olhar incitando-me a continuar. E é o que faço.

Para ele.

Estamos cercados pela multidão, mas neste momento, tudo parece se resumir a nós dois.

A nossos olhares carregados de ódio. De provocação.

De desejo.

Admitir isso para mim mesma é quase assinar meu atestado de idiota, mas neste instante, eu não ligo.

Ele é o único que já me fez sentir assim.

A música termina. Eu me levanto do chão, ouvindo os aplausos e assobios dos clientes da boate. Dan Belinni não se move e nem para de me olhar, mas assim que a nova música começa, as mulheres ao redor dele voltam a rebolar.

Então sou eu quem quebro o nosso contato visual.

Desço do palco e vou até o camarim para trocar de roupa, disposta a pegar o meu pagamento e ir embora.

No entanto, Lily, uma dançarina que sempre me pede ajuda com a maquiagem, entra com o decote cheio de notas e não consigo disfarçar minha surpresa ao ver a quantidade de dinheiro.

— Eu sei. É mais do que ganhamos em um mês — ela diz, com um sorriso enorme. — Você deveria tentar.

— Eu não durmo com clientes — respondo, sem julgamento, mas ela balança a cabeça.

— Eu também não dormi com ninguém. Ainda. — Isso captura minha atenção. — A área VIP está lotada de CEOs dispostos a esvaziar a carteira só para nos ver dançar.

— Você ganhou tudo isso só dançando? — pergunto, ainda incrédula.

— Sim. Rebole na frente deles e eles enlouquecem. Se montar no colo de algum, você ganha três meses de salário em uma noite. Mas se despertar o interesse de um dos Belinni... seu ano está feito.

Ela ri, mas meu estômago dá um nó.

— E os Belinni… hum... costumam pagar muitas mulheres para dormirem com eles? — Tento soar indiferente. — É que nunca fui à área VIP. Só faço meu show e vou embora.

Ou me escondo no camarim para evitar qualquer contato.

— Eles são tão gostosos que, sinceramente, qualquer uma transaria com todos de graça — zomba, e sinto uma pontada idiota de ciúmes. — Mas são disputados. Outras meninas já chegaram antes de mim. — Suspira. — Enfim, foque nos empresários e garanta sua grana. Só chegue perto de um Belinni se ele chamar por você. Eles gostam de caçar.

Aceno, encarando meu reflexo no espelho.

— Já danço no palco para dezenas de homens, que mal faria dançar mais perto de um? — falo, mas a pergunta é mais para mim mesma. — Além disso, tem seguranças na boate. Ninguém vai me tocar sem meu consentimento…

Lily concorda, mas minha consciência estúpida me acerta de novo.

A quem estou querendo enganar?

É claro que o dinheiro fácil é atrativo e resolveria muitos dos meus problemas, mas o real motivo que me deixa tão interessada na proposta é porque *ele* está lá.

— Certo. Vou arriscar — digo e minha colega sorri, se aproximando para arrumar meu decote. Ela deixa meus seios ainda mais volumosos e provocantes.

Neste momento? Gosto disso.

— Só não se assuste, ok? O clube tem quartos reservados para quem quer privacidade, mas muita gente faz sexo na área VIP.

— Na frente de todo mundo?

Ela acena, indiferente, e dá de ombros.

— Ninguém liga. Mas, se quiser um escudo, use uma máscara — fala, pegando uma na gaveta do camarim e me entregando com um sorriso. — É a vantagem de ser dançarina. Desde que seu corpo esteja exposto, eles não ligam se seus olhos estiverem cobertos. E se não quiser ser reconhecida, troque de roupa. Vestidos sensuais são o que não falta aqui.

Lily sai e me deixa sozinha de novo, em uma luta interna se devo ou não ceder à curiosidade e descobrir o que os homens fazem na área VIP.

— É pelo dinheiro. Apenas por isso — minto para mim mesma, ainda me lembrando de tudo o que senti quando os olhos negros de Dan Belinni percorreram meu corpo. — Não tem nada a ver com ele.

Continuo mentindo enquanto troco meu vestido por outro sensual e saio do camarim com a máscara, torcendo para que, em algum momento, eu mesma passe a acreditar nisso.



DAN BELINNI

— Ajoelhe — ordeno, vendo a mulher se posicionar entre as minhas pernas.

Abro meu zíper e tiro meu pau para fora, que sai duro e apontando para cima. A dançarina sorri com safadeza e logo me abocanha, chupando a glande inchada antes de me engolir inteiro.

— Mais fundo, vadia — mando, agarrando seu cabelo e obrigando-a a me levar.

A música alta abafa os seus gemidos e quando ela quase engasga com meu comprimento, um rosnado de frustração ecoa do meu peito.

Porque esse é o som que eu adorava escutar.

Mas agora, enquanto essa mulher gostosa mama meu pau com vontade, tudo o que penso é na dançarina atrevida que rebolou com os olhos

presos em mim.

Milena.

Maldita feiticeira.

Irritante, metida, abusada do caralho.

Gostosa…

Porra, gostosa demais. Meu pau latejou na cueca a cada vez que ela rebolou e fez cara de safada para mim.

Qual era a merda do meu problema?

Eu preciso distrair minha mente. Não sou nenhum adolescente fodido para desejar uma mulher desse jeito.

Muito menos quando outra bem gostosa está chupando meu pau.

— Empine a bunda que vou foder sua boceta, vadia — Liam ordena, encarando a dançarina de joelhos.

Sorrindo, ela se levanta e fica de quatro no sofá, voltando a me chupar enquanto empina a bunda para o meu irmão. Liam ri e coloca uma camisinha, se posicionando atrás da garota.

— Não vai poder gritar. Vai aguentar tudo calada enquanto engasga com o pau do meu irmão — diz com diversão.

Foda-se. Nunca liguei pra essa merda.

Sexo é apenas sexo e não ligo de foder um buraco e deixar meu irmão se enfiar nos outros.

Não tenho ciúmes de ninguém.

Mentira do caralho. A voz do meu subconsciente surge e mando o pensamento para o inferno.

A mulher sorri com a boca no meu pau quando Liam empurra sua calcinha para o lado e enfia um dedo nas suas dobras. Ela geme e ele bufa uma risada.

— Olha como essa putinha está molhada. Safada do caralho.

Liam provoca, ordenando que ela abra mais as pernas. Ela obedece, satisfeita, e continua mamando meu pau. Mas nada parece suficiente.

— Mais forte ou vou mandar outra vir me chupar — comando, vendo a preocupação estampar os olhos dela.

A garota se empenha e Liam enfia o pau na boceta dela, fodendo-a até o talo. Ela tenta resmungar, mas seguro sua boca no meu pau, mantendo-a quieta.

— Sem reclamar — aviso e ela empina mais a bunda para o meu irmão, recebendo-o caladinha dessa vez.

Otto foi com duas dançarinas para uma das suítes da boate, mas não estou com saco para conversar com alguma garota e elas sempre querem papo depois que as fodo dentro do quarto.

Elas querem carinho, romance, atenção. E essas merdas eu não sou capaz de oferecer.

Uma outra mulher surge ao meu lado e me obedece assim que ordeno que ela deixe os peitos de fora. Os seios caem pesados e, em dias normais, minha boca salivaria.

Mas não hoje.

Porque me pego questionando como são os peitos *dela*. Se os bicos são rosados ou marrons clarinhos. Se a boceta dela é depilada ou se ela deixa um pouquinho de pelo.

Porra.

Eu poderia deitá-la numa cama e descobrir.

O inferno sabe como eu *gostaria* de fazer isso.

A sós. Porque com Milena eu iria sozinho para o quarto, onde levaria meu tempo chupando e lambendo cada pedaço do corpo dela.

Até que ela engolisse sua arrogância e suas provocações. Até que meu nome fosse tudo o que restasse nos lábios dela.

Eu a comeria tão duro…

Caralho! O menor pensamento faz meu pau vazar.

A mulher com meu pau na garganta passa a unha por cima da minha calça, satisfeita, mas minha reação não foi por causa dela.

Longe disso.

— O senhor quer chupar meus peitos? — A dançarina com os seios de fora me pergunta, a voz carregada de esperança.

Sei que elas gostam quando são escolhidas para treparem com um Belinni, mas definitivamente não estou no clima para fazer isso agora.

Mesmo que a garota do boquete esteja muito empenhada.

— Esfregue o grelo da sua amiga. — Aponto com o queixo para a mulher que está sendo fodida por Liam e a garota ao meu lado dá um sorriso sem graça, seus olhos esbanjando decepção.

Foda-se. Ela lidará com isso.

Ela faz o que mando e logo está com os dedos no clitóris da amiga, esfregando enquanto ela me chupa e abre a boceta pro meu irmão.

— Cuspa nos seus dedos e esfregue mais duro. Quero que ela goze — comando e a mulher acena, obediente.

Liam empurra mais duro e eu agarro a nuca da garota, incentivando-a a me mamar.

Mesmo que eu saiba que essa porra não vai funcionar hoje pra mim. Não vou gozar.

Não na boca dela.

Em poucos segundos, ela está tremendo e gozando, lágrimas escorrendo dos seus olhos enquanto ela leva meu pau.

Eu empurro meu quadril, fodendo a boca dela. Ela está inebriada de prazer e parece adorar o que faço.

Liam goza e sai da boceta dela, descartando a camisinha em seguida. Tiro meu pau da sua boca e ordeno que se sente com as pernas bem arreganhadas, de frente para a amiga ajoelhada no chão.

— Chupe a boceta melada dela — falo para a que está com os peitos de fora e ela acena, lambendo o gozo da amiga, que choraminga com os olhos presos em mim.

— Está sensível — murmura.

— Não pare — ordeno à outra, ignorando os protestos da que está sendo chupada. — Ela vai gozar de novo na sua boca. E você vai lamber tudo.

E ela goza.

A língua da que está de joelhos estala e os ofegos de prazer se misturam à música alta do ambiente. Ambas se unindo para me dar prazer.

Cuspo na minha mão e começo a me masturbar, apertando a cabeça inchada do meu pau e deslizando por todo o comprimento.

Inclino a cabeça para trás e fecho os olhos, irritado. Ouço Liam mudá-las de posição para trepar com elas e outro suspiro de frustração me preenche.

Porque essa porra não está funcionando. A imagem da maldita feiticeira é tudo o que eu quero na minha mente, e é a boca gostosa dela que eu imagino ao redor do meu pau.

Uma movimentação na área VIP chama minha atenção e eu abro meus olhos, vendo uma mulher mascarada desfilando pelo local. Cada maldito homem aqui para o que está fazendo apenas para olhar para ela, que rebola em cima dos saltos enquanto seu cabelo longo e castanho se movimenta.

O vestido dela é fodidamente sensual e seus peitos estão quase pulando para fora, tão apetitosos que fazem minha boca salivar.

Algo nessa garota me atrai de um jeito diferente e um fio de esperança percorre meu corpo quando penso que ela será capaz de me satisfazer.

Mas minha expectativa quebra e cerro meus punhos quando ela para diante de um empresário e começa a rebolar.

Porque ela pode até trocar de roupa, mas quando seu corpo se mexe, é como se eu a conhecesse de um jeito que nem eu sei explicar.

É *ela*.

Meu desejo mais insano está a poucos metros de mim, dançando e rebolando para outro cara enquanto seus olhos encontram os meus.



MILENA LIMA

Pensei que seria mais fácil entrar em um lugar abarrotado de homens ricos e dançar como faço nos palcos, mas Lily não estava mentindo quando disse que muita gente faz sexo aqui na área VIP.

A atmosfera é sensual, os gemidos preenchem o ambiente e é inevitável sondar o local em busca de algum sinal *dele*.

Do real motivo que me trouxe até aqui.

Mas quando meus olhos o encontram, algo dentro de mim se parte e tenho vontade de explodir.

Dan Belinni está sendo chupado por uma garota enquanto seu irmão a come por trás e outra dançarina toca o meio das suas pernas, sem parar.

O mafioso encara as duas com o olhar preguiçoso, acariciando a cabeça da garota que o chupa e dizendo coisas à dançarina de joelhos, que

cospe nos dedos e volta a estimular a que está de quatro.

Eu ajudei as duas a se maquiarem. E a maquiagem de uma fica toda borrada por causa das lágrimas de prazer que surgem quando ela goza.

Ele não parece gozar, no entanto. A dançarina ajoelhada é colocada para chupar a outra e engulo em seco quando Dan começa a acariciar seu pau.

Meu ar fica preso nos pulmões, mas forço meus olhos a saírem do membro gigante e grosso e tento focar no motivo que *deveria* ter me trazido até aqui: o dinheiro.

Rebolo com sensualidade enquanto caminho pelo lugar, percebendo que há homens me olhando e pessoas parando de fazer sexo apenas para me ver passar.

Me posiciono diante de um cara de terno, que parece tímido o suficiente para não me tocar. Com um sorriso forçado no rosto, começo a dançar para ele, mas meus olhos idiotas insistem em voltar para aquele que representa tudo o que eu deveria odiar.

Mas que é o que cada célula do meu corpo deseja.

Dessa vez, nossos olhos se encontram.

A máscara cobre metade do meu rosto, mas sei que ele me reconhece. Continuo rebolando, me esforçando para parecer que todo o meu show é para o homem sentado à minha frente, mas a forma como meu olhar busca o do mafioso denuncia que isso é a mais pura mentira.

Dan trava o maxilar quando seus olhos alternam entre mim e o meu "cliente". A cada movimento sensual que faço, ele parece mais irritado, a ponto de explodir.

Isso é o mesmo que jogar gasolina no meu fogo de continuar provocando o mafioso.

Eu me aproximo mais do homem à minha frente e me viro, rebolando de costas e segurando meu cabelo para que ele veja a minha bunda.

— Case-se comigo — murmura atrás de mim e sua fala me faz sorrir.

— Me diga onde e quando — respondo, entrando na brincadeira.

— Hoje. Vamos para Las Vegas.

Dou uma risada sincera. Ele não parece estar brincando.

Bêbados…

Volto a olhar para o mafioso e me assusto quando o vejo caminhando até mim. Ele agarra meu pulso e me leva para um canto, prendendo-me contra a parede e jogando minha máscara no chão.

— O que pensa que está fazendo, caralho?! — grunhe, segurando meu pescoço entre os dedos, me mantendo perto do seu rosto carregado de fúria.

Ele sente minha pulsação e acaricia a pele, apertando um pouquinho. Não sei como ele faz isso, mas o gesto é carregado de sexualidade.

Mas ele não manda em mim.

— Trabalhando — respondo, de nariz em pé.

Os olhos de Dan estão escuros e ele usa a outra mão para prender meu quadril contra a parede, tocando a pele exposta graças à abertura do meu vestido.

Seu toque é quente. Seu cheiro é bom. Sua pegada é tão forte que minha calcinha fica úmida quando ele aperta meu pescoço um pouco mais.

Me odeio por gostar tanto.

— Que bosta aquele filho da puta falou que te fez rir?

O quê?!

— Você está com ciúmes, senhor Belinni? — pergunto, em tom de provocação.

Dan estava com o pau na boca de uma mulher minutos atrás e o errado é um cara me fazer rir? Pelo amor de Deus!

— O caralho que estou — mente, me fazendo arquear uma sobrancelha e dar um sorriso cínico.

— Seu sexo coletivo devia estar uma merda mesmo para sua atenção estar na minha conversa e não nas dançarinas peladas quase em cima de você.

— Você não respondeu à minha pergunta.

— Eu não tenho que te responder nada.

— Eu sou seu chefe.

— Mas não é meu dono — rebato, vendo seu olhar ficar escuro. — E nem meu homem.

Dan me solta e coloca as mãos contra a parede, uma de cada lado da minha cabeça, me prendendo entre seu corpo quente e o concreto frio. Ele é tão mais alto e forte que seu porte me intimida, mas mesmo tendo que inclinar o pescoço para trás para fitar seus olhos, eu não vou demonstrar vulnerabilidade.

Muito menos demonstrar que sinto falta das suas mãos quentes em meu corpo.

— Milena, não me provoque.

O jeito como meu nome sai dos seus lábios me faz olhar para a sua boca. Ele faz o mesmo com a minha.

Seu hálito é fresco e ele está tão perto…

— Não estou provocando. Mas talvez aquele cliente se torne meu homem, já que ele me convidou para ir a Las Vegas me casar com ele.

— Que porra está dizendo? — rosna, agarrando meu pescoço mais uma vez.

Isso.

Continue.

— Que talvez eu saia daqui com um homem.

— Ele estará morto antes de vocês saírem de Chicago — ameaça, apertando um pouco mais.

Um gemido escapa dos meus lábios quando ele pressiona o corpo contra o meu, sem soltar meu pescoço. Ele acaricia minha veia e aperta devagar, de um jeito tão erótico que me faz esfregar uma coxa na outra.

— Não seja um cretino — falo, tentando manter o restante do meu

autocontrole. — Você não mataria um cliente.

Mataria?

— Oh, querida, você não sabe do que eu sou capaz. Quando eu quero algo, eu extermino qualquer coisa que estiver em meu caminho, inclusive o saco de merda que quer te levar para Vegas.

Querida.

Minha pele se arrepia quando ele me chama desse jeito.

Ele nota e, segundos depois, seu pau duro cutuca a minha barriga.

— Abra as pernas, Milena — ordena e meu corpo idiota responde ao seu comando. — Boa garota.

Dan coloca o joelho no meio das minhas pernas e eu monto nele, odiando a mim mesma por gostar tanto disso. Ele sorri.

— Entenda uma coisa, Feiticeira. Depois que eu te tocar, você nunca mais será a mesma. Você pode até tentar trepar com outros homens, mas vai ser a lembrança do meu pau te fodendo gostoso que vai te fazer gozar.

— Eu não vou pra cama com você — falo, mas Dan leva os lábios até minha orelha e chupa o lóbulo, fazendo-me gemer. — Eu *não quero* ir pra cama com você.

— Mentirosa — fala baixinho, descendo a língua para o meu pescoço e beijando a pele exposta. *Isso é tão bom…* — Eu sinto o cheiro da sua excitação, querida. Você está melada.

— Acho que o cheiro das outras dançarinas ainda está impregnado no seu nariz. Eu não estou excitada — digo, como a mentirosa convicta que sou, mas minha voz falha quando ele agarra minha coxa, esfregando a perna na minha boceta.

Pelo gemido que ele solta, sei que Dan Belinni sente a umidade da minha calcinha no tecido da sua calça.

— Você está pingando, porra!

Ele tenta parecer firme, mas sua voz está tão afetada quanto a minha.

— Por que você está fazendo isso? — sussurro. — Você não gosta de mim.

— Eu detesto você — grunhe, voltando a beijar meu pescoço. Inclino a cabeça para trás, dando-lhe mais espaço. — E detesto como você está se impregnando na minha mente fodida e atrapalhando tudo.

— Eu não estou fazendo nada — murmuro baixinho, engolindo um gemido a cada vez que sua língua quente e macia me lambe e me provoca.

— Imagine, Feiticeira — fala no meu ouvido, lambendo meu lóbulo bem devagar. — Imagine como seria me sentir lá embaixo.

— Não… — minto como uma miserável, fechando os olhos. Já estou imaginando Dan com a cabeça no meio das minhas pernas.

— Eu vou chupar seu clitóris tão gostoso.

— Não, você não vai.

— Eu vou, amor. Você sabe disso — fala bem baixinho, a voz grave e rouca fazendo minha boceta pulsar.

Amor.

Isso consegue ser ainda melhor do que querida.

— Me deixe ir — murmuro, com o restante das minhas forças.

— Você sabe que pode se soltar se quiser — sussurra e eu sei que ele está certo.

Estou pressionada contra a parede, mas Dan não está me segurando com força e, se eu realmente quisesse me soltar, eu o faria sem dificuldades.

Estou aqui porque quero. Nós dois sabemos disso.

— Eu preciso… — Engulo em seco, sentindo sua língua quente descer para o meu pescoço, para o meu colo… meus mamilos enrijecem dentro do vestido, ansiando pelo calor da boca dele.

— Do que você precisa, querida?

De tudo. Cada parte do meu corpo está latejando, implorando por alívio.

Mas quando abro meus olhos e vejo as duas dançarinas no colo de Liam a alguns metros de nós, me recordo que era Dan naquele lugar, minutos atrás.

— Buscar meu dinheiro — digo com firmeza, empurrando-o.

Minha força não é capaz de movê-lo, mas ele dá um passo para trás assim que nota que não o quero perto.

— Que dinheiro? — Seu cenho se franze imediatamente.

— O que meu futuro marido vai me pagar por ter dançado para ele — provoco, vendo uma veia pulsar em seu pescoço.

Dan está irritado. Gosto disso.

— Quanto você quer, Milena? — grunhe. — Me dê um número e eu vou bancar.

— Você já paga o meu salário, certo? Já deixou bem claro que é meu chefe.

— Pare de enrolar e me diga, caralho. Quanto você quer? Peça. Eu vou pagar.

Ele volta a me encurralar contra a parede e ofego, sentindo o calor do seu corpo. Minhas mãos formigam pela vontade de tocá-lo, mas eu não cedo.

— Eu quero você, porra! Me diga quanto quer e eu vou pagar.

Dan está prestes a perder o controle.

No entanto, sua voz rouca me deixa à beira do colapso também.

Ódio e desejo andando juntos.

Meus olhos descem para a sua calça e vejo uma leve mancha de umidade ali. Minha primeira reação é corar, mas fito seus olhos e decido entrar no seu jogo.

Coloco as mãos em seu peito, meu nariz roça de leve em seu pescoço enquanto aspiro seu cheiro.

— Você me quer, senhor Belinni? — murmuro, minha voz saindo baixa e provocante.

Abro meus lábios e lambo seu pescoço bem devagarinho, intercalando com chupadas e beijos úmidos e quentes.

— Milena. — Sua voz sai como um alerta.

Um alerta que decido ignorar.

Enfio minha mão por baixo da sua roupa, sentindo seu abdômen definido e duro. Arranho a pele devagar, subindo ao seu peitoral e descendo até onde sinto seus músculos formarem um V perfeito até o cós da calça.

Também encontro suas armas. Há duas em um coldre embaixo da sua roupa e eu deveria tremer por causa disso, mas sou doente o suficiente para ficar excitada com o perigo.

Deixo minha unha comprida brincar ali, enfiando um pouquinho dentro da calça, e ele xinga um palavrão quando subo os dedos de novo.

— Não comece o que não vai aguentar levar até o fim.

— Você gosta disso, não é? — sussurro, voltando a provocá-lo. Arranhando sua pele, chupando seu pescoço.

Ele geme, mas mantém os braços esticados contra a parede, como se estivesse tentando se controlar.

— Milena, vamos para o quarto — pede baixinho no meu ouvido.

— Por que eu deveria?

— Porque eu vou foder gostoso. Vou ser cuidadoso até você se acostumar. Você vai gostar, pequena. Eu juro — fala, usando uma das mãos para agarrar a base da minha nuca e me fazer encará-lo. — Abre a boceta pra mim. Se doer muito, eu paro. Mas se me deixar continuar, você vai pedir por mais.

Há algo em sua voz que me hipnotiza mais do que eu gostaria. Há uma chama maldita dentro de mim que me faz querer mandar qualquer gota de bom senso para o quinto dos infernos e me entregar a ele, porque, no fundo, eu sei que ele está dizendo a verdade.

Ele vai fazer gostoso.

Mas há algo ainda mais forte dentro de mim, algo que me impede de

ceder. Estar com homens como ele é como pular de um precipício. No começo, você sente a adrenalina, a intensidade, o desejo. Mas, no final, você cai. E se quebra.

Sozinha.

Como aconteceu com minha mãe.

Não, eu não vou ceder à tentação. Eu mereço mais.

E é por isso que me desvencilho do seu agarre e dou um passo para me afastar dele.

— Eu nunca vou transar com você, Dan. Muito menos vou te entregar minha virgindade — falo, encarando as dançarinas com Liam mais uma vez. Amanhã, elas não vão significar nada para ele, mas sei que o toque dele vai marcar essas mulheres para sempre. — Meu corpo não está à venda.

Sem mais disposição para continuar falando com ele, eu me viro de costas e saio da área VIP, deixando o mafioso e seus olhos perturbadores para trás.

Dan Belinni provavelmente vai encontrar outras mulheres e passar a noite no meio das pernas delas. Enquanto isso, vou pegar meu pagamento e ir para um hotel tentar descansar.

E lutar para afastar essa maldita obsessão de mim.

Nós pertencemos a mundos diferentes.

“Não tão diferentes”, a voz da minha consciência acusa e decido ignorá-la, pois tudo o que sei é que não vou acabar nos braços de um mafioso.

Quando chego à pista, um funcionário me diz que David está na área dos quartos fazendo os pagamentos. Vou até o local indicado e não demoro para encontrá-lo.

— Entre e feche a porta — avisa assim que me vê, voltando a olhar para as notas em sua mão.

Faço o que ele pede, pois estamos lidando com dinheiro e não é seguro fazer isso com a porta aberta. Eu só não sei por que não estamos no

escritório…

— Sente-se — manda, mas fico em pé. Se é só pegar meu dinheiro, não preciso demorar. — Eu mandei sentar, porra!

— Eu não quero.

David para o que está fazendo e xinga um palavrão, irritado. Em segundos, estou contra a parede, sua mão apertando meu pescoço, roubando meu ar. Minhas mãos tentam agarrar seu pulso, mas ele é muito mais forte.

— Você é uma vadia metida e arrogante, sabia? — grunhe, a pressão sobre minha garganta aumentando. Seu toque é totalmente diferente do de Dan; eu sinto nojo dele. — Toda essa frescura é porque você é virgem? Porque se um pau for seu problema, eu vou resolver essa merda agora.

David tenta me imobilizar, mas quando percebo sua intenção de abaixar o zíper da sua calça, eu reajo. Levanto meu joelho para chutar seu pau, mas ele prevê meu movimento e me agarra.

— Filha da puta! — grita e me dá um tapa na cara, tão forte que meu rosto queima.

Ele rasga meu vestido de uma vez, expondo meus seios, e seus olhos se enchem de desejo.

Sinto náusea. Quero vomitar. Mas vou lutar.

Nem que eu morra tentando me defender.

Mas antes que eu consiga fazer qualquer coisa, a porta do quarto se abre em um rompante e *aqueles* olhos negros perturbadores encontram os meus.

Dan Belinni está aqui.



DAN BELINNI

Poucas vezes na vida me senti tão protetor com relação a algo que não me pertencia. Amber foi uma promessa que fiz à minha mãe, proteger minha família era questão de honra, mas *ela*…

Não havia nada que me ligasse a ela.

Entretanto, quando vi Milena dançar no palco com os olhos presos em mim, a dançarina brasileira despertou meu lado mais primitivo e territorialista.

O lado que sabia que eu precisava tomá-la, tê-la em meus braços, dançando e rebolando daquele jeito no meu colo… antes que ela fodesse minha cabeça.

E a merda ficou ainda pior quando a vi na área VIP e ela teve a audácia de me dizer "não".

Eu nunca recebi um “não”. E ela, além de me desafiar com aquele olhar safado, ainda me deixou com o pau duro.

Porra.

Me esforço para mandar essa maldita obsessão para o inferno, convencendo a mim mesmo de que ela é só mais uma boceta, mas quando vejo Milena indo em direção aos quartos reservados para os clientes, meu sangue ferve e enxergo vermelho.

Ela vai dar pra outro cara?

Nem fodendo.

O filho da puta vai morrer antes do sol nascer.

Algumas dançarinas tentam se aproximar de mim, mas eu as dispenso e desço da área VIP rapidamente, caçando-a como um predador.

Não levo muito tempo para encontrá-la, mas quando abro a porta e vejo Milena presa contra a parede, sendo sufocada por David, a raiva me cega.

— Não! — A voz ecoa tão forte no meu peito que nem eu sou capaz de reconhecê-la.

Então eu me transformo.

Minha mente é tomada pelo homem que luta nos ringues e arrebenta os adversários sem temer a morte.

Eu arranco David de cima dela. Puxo seu rosto para baixo e chuto seu queixo com tanta força que ouço ossos se partindo. Ele berra e cai, mas eu estou apenas começando.

Soco sua cara tantas vezes que sua pele se abre. Otto e Liam entram no quarto, mas não me impedem de continuar meu ataque.

Chuto cada parte do homem que meus pés conseguem alcançar. Meus punhos marcam sua pele e sei que, se sobreviver, ele levará meses para se recuperar.

Quero arrancar seus olhos por ter olhado para o que não lhe pertence. Arrancar cada um dos seus dedos por ousar tocar em uma mulher que,

claramente, não desejou isso.

Mas antes de colocar em prática cada método de tortura que invade minha mente agora, eu levanto o meu olhar.

E então eu a vejo.

Não a garota petulante que me enfrentou. E nem a mulher sensual que me seduziu.

Eu vejo uma mulher vulnerável, indefesa e com medo.

Isso me incomoda de um jeito tão fodido que não sou capaz de raciocinar. Saco minha arma, destravo e aponto para a cabeça do desgraçado no chão.

— Ele tocou em você? — pergunto baixinho, a voz ainda mais grave e rouca que o normal.

Se ele tocou nela, o destino desse desgraçado está selado. Eu o arrastarei para um dos nossos porões e o farei sofrer até que não reste mais nada dele. Mas se não teve tempo — e é isso que eu espero, com cada fibra da minha alma fria —, ele morrerá aqui mesmo. Sua morte não será tão lenta quanto ele merece, mas ao menos sua vida miserável acabará agora.

Milena pisca algumas vezes, sua boca se abrindo em um movimento de choque, como se tentasse processar o que está acontecendo.

— O q-quê?

— Ele. Tocou. Em. Você? — repito pausadamente, adrenalina bombeando em minhas veias.

Ela hesita, seu corpo se encolhendo enquanto ela se abraça, cobrindo os seios que estavam expostos. O desgraçado provavelmente rasgou seu vestido à força.

— Virem de costas! — ordeno, e Otto e Liam, ainda em silêncio, fazem o que mando, desviando o olhar de Milena.

A garota parece um pouco mais tranquila agora, mas suas palavras, quando finalmente quebram o silêncio, são um sussurro:

— Ele… tentou.

O medo em sua voz faz algo estalar dentro de mim.

Com o olhar fixo nela, aperto o gatilho e o som do estouro preenche a sala.

Morto.

David está, finalmente, morto.

— Ninguém vai tocar em você — aviso com a voz perigosa e autoritária.

Ninguém além de mim.

É uma sentença.

Apesar do assassinato, em nenhum momento os olhos de Milena descem para o desgraçado. Ela os mantém sobre mim, como se precisasse disso para não se perder.

— Mandem limpar essa merda — peço aos meus irmãos e eles saem, me dando privacidade com Milena.

Eles não são subordinados a mim para se submeterem às minhas ordens, mas eles sabem quando estou falando sério e, independentemente de qualquer coisa, nós sempre nos protegemos.

Antes de caminhar até ela, vou rapidamente até o banheiro e lavo as mãos, pois não vou encostar nela com o sangue desse rato grudado em minha pele.

Volto segundos depois, arrancando minha camiseta e passando-a por sua cabeça, cobrindo seu corpo. Fico apenas de jeans e logo os olhos dela descem para o meu coldre, que abriga duas armas de fogo.

— Você está segura comigo. Eu não vou te machucar — falo, segurando seu queixo para que olhe em meus olhos. — *Ninguém* vai te machucar.

Reparo em uma mancha vermelha em seu rosto e isso faz meu peito arder.

— Aquele fodido bateu em você? — Minha voz nunca soou tão perigosa.

Ela tenta se desvencilhar do meu toque, mas não deixo. Analiso a marca em sua pele e xingo um palavrão na mesma hora.

— Eu vou explodir o corpo daquele fodido!

— Você já o matou.

— Se eu pudesse, eu o buscaria no inferno só para ter o prazer de matá-lo de novo e de novo.

— Dan…

— Ninguém mais, caralho. Ninguém mais vai machucar você. Nunca mais.

Meus dedos fazem carinho na sua pele e ela fecha os olhos, respirando fundo. Milena tenta segurar o choro, porque é durona e não gosta de dar o braço a torcer, mas a tensão do momento vence a batalha e ela acaba cedendo.

Lágrimas escorrem por suas bochechas.

Eu as enxugo. Cada uma delas.

Em um movimento inesperado, ela vem para o meu peito, aninhando-se a mim. Meu primeiro pensamento é querer me afastar, pois não estou acostumado a esse tipo de intimidade com ninguém.

Mas vê-la desse jeito está fodendo minha cabeça.

Então eu a abraço. Envolvo meus braços em seu corpo pequeno e acaricio seu cabelo. Sem dizer uma palavra, mas sem me afastar dela.

Seu cheiro me invade e seu perfume é o melhor que já senti. É doce e fresco. Eu poderia cheirar seu cabelo a noite inteira.

A equipe de limpeza aparece na porta e Milena dá um passo para trás, enxugando as lágrimas. É uma merda admitir, mas meu corpo reclama pela falta do contato assim que ela se afasta.

— Vamos — digo, estendendo minha mão para ela.

Milena a segura, sem hesitar. Não dizemos mais nada um ao outro e eu agarro a dançarina com possessividade antes de sairmos do quarto. Não

estou pensando direito, mas sei que preciso tirá-la daqui.

Enquanto cruzamos a boate de mãos dadas, diversos olhares caem sobre nós. Eu sou príncipe da Outfit, o que naturalmente já chama a atenção em Chicago, mas o fato de que estou sem camisa e ela está vestida com a minha roupa atiça a curiosidade ainda mais.

Foda-se. Nada disso importa agora.

Eu a coloco em meu SUV preto e passo o cinto de segurança por seu corpo. Fecho a porta e os soldados se posicionam para acompanhar meu carro.

Ocupo o banco do motorista e vejo Milena encolhida, perto da janela.

— Você quer ir pra casa? — falo com meu tom mais calmo. — Me passe o endereço. Eu levo você.

Ela nega com a cabeça imediatamente.

— Eu… não posso. Não hoje — corrige e aceno, sem a intenção de pressioná-la.

— Ok, então eu vou te tirar daqui.

Piso no acelerador e ela tomba a cabeça no banco, encarando a janela em silêncio.

Não tenho ideia de para onde estou indo, só sei que fico sufocado ao vê-la desse jeito. E que não vou descansar enquanto ela não ficar bem.



Eu a trouxe para um dos nossos hotéis.

Passamos pela entrada privativa da suíte presidencial e logo chegamos no quarto mais luxuoso da cobertura, com vista completa para a cidade.

Aqui dentro, Milena não parece tão frágil. Ela anda pelo lugar com a cabeça erguida e o queixo em pé. Eu a admiro por isso, porque sei o que é passar por um monte de merda e ter que ser forte, sem poder quebrar.

Ela ainda está com minha camisa e tenho vontade de socar a mim mesmo por gostar tanto de vê-la com a minha roupa.

— Está com fome? — pergunto, enquanto ela anda ao redor da suíte, analisando cada detalhe.

Tudo o que Milena faz é negar com a cabeça.

Pego meu celular mesmo assim, enviando uma mensagem à recepção para prepararem alguns pratos para ela. Peço variedade, pois não sei do que ela gosta, mas alguma opção irá atraí-la, certo?

A recepcionista me responde imediatamente, dizendo que em breve subirão com a comida. Sei que a cozinha já está fechada, mas isso não é um problema. Eles darão um jeito.

Cruzo meus braços e fico parado no lugar, esperando que a brasileira leve seu tempo observando tudo. Milena para diante de uma parede de vidro, analisando a cidade em silêncio, e por mais que meus pés formiguem para ir até onde ela está, eu os prendo no chão.

Eu darei espaço a ela.

— Você sumiu — sussurra, encarando a vista.

— Não entendi.

— Antes de hoje… você sumiu da boate — diz, com um tom completamente diferente de quem me provocou na área VIP. É como se ela estivesse baixando algumas barreiras diante de mim.

— Eu estive ocupado — respondo, tentando decifrar o que ela quer dizer.

Ela estava esperando por mim?

Milena não responde. O silêncio volta a nos envolver, mais pesado do que antes.

Sem aguentar mais esperar, caminho em sua direção, parando a centímetros do seu corpo.

Porra, eu sou tão grande perto dela. Ela parece tão pura e indefesa… como pode ser a mesma garota que me enfrentou?

— Milena, me diga o que quer. Sei que vai ser difícil esquecer o que aquele filho da puta tentou fazer com você, mas preciso que me fale o que posso fazer para te ajudar a ficar um pouco melhor — sou sincero, odiando ver sua tristeza. — Me fale e eu vou fazer. Qualquer coisa.

— Eu estou bem — diz em tom firme, novamente se esforçando para parecer forte. Porra. — Você não precisa fazer nada. Ele não conseguiu me tocar e o fato de ele ter tentado não foi culpa sua.

— A boate pertence à Outfit. Qualquer erro que acontece lá dentro é nossa responsabilidade. E vou bancar as consequências disso.

Ela mexe em seu cabelo e o puxa todo para cima de um ombro, o movimento fazendo seu cheiro me invadir mais uma vez. No entanto, mal tenho tempo de apreciar seu perfume, pois a marca roxa em seu pescoço me faz cerrar os punhos.

Uma marca que não fui eu quem fiz.

— Você está machucada. — Não é uma pergunta.

O maldito marcou sua pele mais de uma vez.

— Não — mente, mexendo no cabelo mais uma vez para esconder o hematoma.

Eu queria poder ressuscitar o filho da puta que a atacou, apenas para torturá-lo lentamente antes de acabar com sua vida.

— Milena…

— Eu só preciso de um banho — fala, virando-se finalmente para olhar para mim.

Apesar da postura de durona que se esforça para manter, é a doçura e

a vulnerabilidade em seus olhos castanhos que me desestabilizam.

— Você consegue arranjar alguma roupa limpa para mim? — pergunta. — Pode ser uniforme de algum funcionário, eu não me importo. Só preciso… me limpar.

— Vou providenciar — aviso, pegando meu celular mais uma vez.

A recepcionista bate à porta alguns minutos depois, trazendo uma sacola de roupas. Novas, claro. Sempre mantemos peças femininas de reserva aqui no hotel, uma precaução prática.

Eu e meus irmãos ainda moramos na mansão dos nossos pais, graças à insistência da nossa mãe, mas este lugar serve como um refúgio de privacidade para quando a mansão está cheia ou quando precisamos de um espaço nosso. As roupas extras têm uma utilidade peculiar: são para os casos em que as roupas das mulheres que trazemos para cá acabem... *danificadas*.

Embora eu tenha trazido várias mulheres aqui para o hotel, nunca me preocupei realmente com nenhuma delas. Não me importava com seu bem-estar ou sua opinião sobre qualquer coisa.

Era só sexo. Sem complicações. Sem significado.

— Obrigada — ela diz, pegando a sacola e caminhando de queixo erguido até a porta do banheiro.

Então eu tenho uma ideia.

— Amanhã tenho algo para te mostrar.

— O quê?

— Tudo a seu tempo. Amanhã conversaremos.

— Você vai sair agora? — A preocupação é nítida em sua voz.

— Vou tomar banho na suíte ao lado, mas voltarei para ver como você está.

Ela hesita, os olhos analisando cada palavra que sai da minha boca.

— Você pode dormir aqui?

Cruzo os braços, estreitando os olhos para observá-la.

— É isso o que quer?

— No sofá — responde rapidamente. — Eu só… não quero ficar sozinha. Não hoje.

Aceno, porque apesar de nunca ter passado a noite com uma mulher sem ser por sexo, não vou discutir com essa garota depois da merda que ela passou.

— Então eu não vou a lugar algum.

Com um suspiro aliviado, ela murmura um “obrigada” e entra no banheiro, fechando a porta atrás de si.



Abro meus olhos e fico confusa ao notar que ainda está escuro. Os lençóis macios e a cama espaçosa embaixo de mim indicam que não estou em casa. Levo alguns segundos até me lembrar de tudo o que aconteceu na noite passada.

De David tentando abusar de mim… do pânico que senti e do medo de perder o que eu tinha de mais valioso, sem poder fazer nada para impedir.

Mas tudo isso passou quando ele chegou.

Dan Belinni apareceu e, de uma forma estranha, um peso foi arrancado do meu peito.

Ele espancou David na minha frente. E eu não senti nada.

Ele o matou. E eu não me comovi.

Era como se eu estivesse em transe, enfeitiçada pelo olhar daquele que é conhecido por ser um monstro da máfia, mas que estava agindo como meu herói.

Todo o meu corpo doía pela tensão e tentei me abraçar quando notei que David havia rasgado meu vestido, mas Dan ordenou que seus irmãos se virassem para me dar privacidade e depois me cobriu com sua própria camiseta.

Eu deveria sentir medo quando vi todas as marcas em seu corpo. Tatuagens, cicatrizes e hematomas de quem é um príncipe da máfia. Ele estava armado e qualquer pessoa comum ficaria aterrorizada por estar a centímetros de um homem que é conhecido por matar a sangue frio.

Mas não foi isso que eu senti.

Eu me senti protegida.

Então, finalmente, eu chorei. E o abracei. Ele ficou imóvel por alguns segundos… até me abraçar de volta. De um jeito improvável e errado, seu cheiro me acalmou. Seu toque também.

Dan Belinni me colocou em seu carro, me trouxe para um lugar seguro e quis me ajudar. Ele não precisava, pois a culpa não foi dele, porém, ele cuidou de mim mesmo assim.

Ele me deu privacidade para tomar banho e arranjou roupas limpas para mim, que, naquele momento, me esforcei para não ficar com ciúmes da dona dela.

Eu não tinha motivos para ter ciúmes dele. Não somos nada um do outro.

Mas meu coração idiota parecia não entender isso.

Depois do banho, um banquete me esperava na mesa e meu estômago roncou assim que senti o cheiro da comida. Eu não estava com fome, mas mudei de ideia e comi um sanduíche enquanto Dan me observava em silêncio.

Eu não disse nada. Minha cabeça estava confusa e, apesar do ataque de David, não era isso o que rodeava a minha mente.

Era Dan. Era nosso embate na área VIP. Era suas mãos ao redor do meu pescoço, que marcaram minha mente muito mais do que o toque violento de David.

De algum jeito, Dan apagou todos os momentos ruins daquela noite. Mesmo me sentindo vulnerável depois do ataque, forcei meus pensamentos a se prenderem a ele.

Eu já estava acostumada a esconder minha dor. Fingir que tudo estava bem, engolir o choro, levantar a cabeça e seguir em frente. Essa era minha máscara desde que descobri a verdade e saí do Brasil.

Eu só chorava em silêncio, com as barreiras erguidas, sem mostrar meu lado frágil… Até me dar conta de que engoli tanto o choro que ninguém mais me escutava chorar.

Dan não tocou na comida, mas também não saiu do meu lado enquanto eu terminava. Depois, escovei os dentes e fui em direção à cama, mas parei ao vê-lo tirar a camiseta. Ele se jogou no sofá, vestindo só uma calça de moletom.

— Se quiser, posso vestir de novo — perguntou, a preocupação em seu olhar me dizendo que ele estava receoso pelo que aconteceu com David.

— Eu não me importo — respondi, desviando o olhar enquanto tentava distrair meus pensamentos do seu corpo, porque agora isso era tudo o que eu conseguia pensar.

Seu corpo. Seu cheiro. Suas marcas. Seu toque…

Ele.

Deitei na cama macia e em poucos segundos adormeci.

— Você está bem? — Uma voz grossa me tira do transe e levanto a cabeça, vendo Dan escorado no batente da porta, vestido em um terno impecável.

Eu me levanto de uma vez, assustada, e não vejo que a alça da minha camisola cai dos ombros, expondo meu seio. Ele engole em seco, mas desvia o olhar para o chão.

Meu coração idiota erra uma batida ao ver o quanto ele é honrado.

— Que horas são? — pergunto, ajeitando a roupa e enrolando o cobertor ao redor de mim. Só então ele volta a me olhar.

— Sete.

— Da manhã? — questiono, olhando para as cortinas fechadas, sem conseguir ver o céu para tirar a dúvida.

— Da noite.

— Meu Deus! María deve estar preocupada comigo e…

Começo a andar pelo quarto feito uma barata-tonta, mas quando passo ao lado dele, ele segura meu braço.

— Você está bem, Milena? — pergunta, a voz grave e rouca, fazendo com que ondas elétricas percorram meu corpo nos lugares errados.

Eu não deveria sentir isso. Nunca aconteceu antes.

— Sim — sussurro. — Obrigada por tudo.

Dan acena, e seu olhar desliza até minha boca. O toque possessivo de suas mãos faz minha pele se arrepiar de um jeito que eu não deveria gostar, mas gosto.

E o cheiro dele... meu Deus, o cheiro dele...

— Tenho algo para você. Está pronta?

A curiosidade me invade, e aceno sem hesitar.

— Eu só preciso avisar a María, mas minhas coisas…

— Já estão na mesa — ele me interrompe, direto. — Mandei buscar. Seu pagamento também está lá. Fui informado de que você estava indo pegar o dinheiro ontem quando toda aquela merda aconteceu. Há um bônus pelos transtornos.

— Bônus?

— O triplo do seu salário.

— Não é necessário.

— Milena. — Seu tom é firme. — Eu te disse que a Outfit se

responsabiliza pelos erros que acontecem dentro dos nossos negócios.

Pressiono os lábios e aceno, tentando disfarçar o alívio. Eu realmente preciso do dinheiro e nem tive tempo de perceber que ainda não tinha sido paga.

— Vou trocar de roupa e te encontro.

Ele me solta, e eu corro para o banheiro, o coração disparado como se estivesse fugindo e não me preparando para segui-lo. Tiro as roupas, apressada, e logo estou sob o chuveiro, sentindo a água quente deslizar sobre minha pele, tentando acalmar meus nervos.

Tenho plena consciência de que é loucura seguir um homem que gabarita o código penal. Mas, apesar de toda a lógica gritando para eu correr na direção oposta, algo dentro de mim insiste em acreditar que Dan Belinni não me faria mal.



— O que estamos fazendo aqui? — pergunto, encarando o galpão abandonado à minha frente.

Dan dirigiu em silêncio durante todo o trajeto, mas me entregou seu celular para que eu escolhesse uma música. O mafioso tem uma forma diferente de tentar me fazer sentir confortável.

Sem contar na quantidade de doces em seu carro. Não aguentei segurar a curiosidade e perguntei, e ele disse que eram para sua prima, o que

fazia mais sentido, considerando seu corpo impecável sem uma gordura fora do lugar.

— Vou te ensinar a se defender. — Sua voz é firme, sem espaço para discussão.

— Não preciso...

— Precisa, sim. — me interrompe, passando por mim e entrando no galpão. — Você quase foi machucada e precisa ser letal se algum filho da puta tentar isso de novo.

Já está tarde e estamos sozinhos, e embora eu esteja com um mafioso violento, não estou com medo dele.

Então tudo o que faço é engolir em seco e segui-lo.

Dan acende as luzes do galpão e o lugar está praticamente vazio. Ele se vira em minha direção e saca uma arma.

— Sabe como usar isso?

— Não.

— Vai aprender.

Dan estende a arma para mim. Por um momento, eu não me movo. Então, com os dedos hesitantes, pego o objeto.

— É pesada...

— Porque é real — diz e se aproxima por trás, posicionando-se perto o suficiente para que eu sinta seu hálito quente contra a minha nuca. Ele segura minhas mãos, ajustando a pegada na pistola. — Aqui. Segure assim.

Me esforço para aprender o que ele me ensina. Apesar de mandão, ele não está brincando. Isso não é um jogo e eu realmente posso precisar colocar em prática um dia.

— Agora, apoie o dedo no gatilho — continua, seu corpo quase colado ao meu. Sua respiração é calma e silenciosa… — Não aperte ainda. Quero que você sinta o peso da arma, entenda como ela funciona.

Sigo as instruções e ele coloca a mão na minha cintura, ajustando a

minha postura. Sua pele é quente.

— Mantenha os pés firmes. As pernas ligeiramente afastadas — diz, escorregando a mão pela lateral do meu corpo, até deixá-la a centímetros da minha coxa, sem me tocar. No entanto, estou totalmente ciente do seu toque, sentindo o calor que exala da sua pele.

Faço o que ele pede.

É claro que faço.

Mas prefiro comer minha língua do que admitir em voz alta que eu faria qualquer coisa que ele me pedisse agora.

— Não deixe ninguém tirar seu equilíbrio — sussurra em meu ouvido e preciso engolir um gemido para não parecer tão idiota.

Dan sorri.

Tenho vontade de socar minha cara por isso. E a dele também.

Mas ele me partiria ao meio antes que eu pudesse tocar nele. O mafioso é uma muralha de músculos.

— E depois? — pergunto, tentando focar na aula, mas minhas mãos ainda tremem.

Ele volta a segurar meus braços, me ajudando a ficar parada. O movimento faz minhas costas colarem em seu peito e a sensação de estar envolvida por ele faz meu coração acelerar.

Sei que Dan Belinni é um assassino, torturador e faz todos os tipos de atrocidades que um mafioso é capaz de cometer. Mas o poder e a autoridade que exalam dele me excitam de um jeito assustador.

— Depois você atira. O alvo está à sua frente — fala, apontando para uma lixeira a alguns metros. — Mire e puxe o gatilho.

— Mas… a lixeira…

— Atire — ordena, ríspido.

Engulo em seco, mas sei que estamos em um lugar abandonado no meio do mato e que ninguém vai me ouvir.

Faço o que ele pede. O som abafado do disparo preenche o espaço e o impulso faz meu corpo recuar para trás. Dan me segura e nossos corpos ficam colados de novo.

Dessa vez é ele quem enrijece, ciente do nosso contato, mas a decepção me preenche quando vejo que errei o alvo.

— De novo — ordena.

E eu atiro. De novo. E de novo.

Até acertar a lixeira. Mas quando isso acontece, não paro de atirar.

Continuo apertando o revólver, como se a cada vez que eu fizesse isso, um pouco da tensão em meus ombros desaparecesse.

Dan permanece atrás de mim, me segurando, sem me mandar parar. Seu apoio é silencioso e sinto como se ele estivesse pronto para me segurar a qualquer momento se eu caísse. Ele não diz nada, mas está cuidando de mim.

Seu gesto inesperado me faz repensar todo o preconceito que tenho com mafiosos. Afinal, o que é a vida sem uma boa dose de adrenalina?

Quando finalmente paro, estou ofegante e com um sorriso no rosto. Me sinto poderosa.

— Está vendo isso? — diz, finalmente se afastando de mim para apontar para a lixeira destruída. Quase murmuro pela ausência do seu toque. — Foi você. Estoure a cabeça de qualquer desgraçado que ousar tocar em você.

Dan pega a pistola da minha mão e a guarda de novo, mas antes que eu abra minha boca, uma faca aparece e ele a coloca diante de mim.

— Isso é para quando não houver tempo para sacar a arma — avisa e me entrega a lâmina, que agarro sem hesitar.

— Onde devo atacar?

Minha pergunta faz um sorriso sombrio e satisfeito surgir em seu rosto. Dan segura minha mão e posiciona a faca.

— Entre as costelas — responde, deslizando o dedo ao longo do lado esquerdo do seu peito, mostrando o ponto. — Aqui. É um ponto fraco. A

lâmina vai direto para os órgãos vitais.

Assinto, com os olhos fixos nele.

— E se eu errar?

O mafioso segura meu queixo, obrigando-me a encará-lo.

Sinto o mundo parar ao meu redor e a respiração dele toca a minha boca. Seu olhar é tão escuro… como isso é possível?

— Não erre.

O silêncio entre nós é denso, pesado. Ele solta meu rosto, mas não quebramos o contato visual.

Com os olhos travados em mim, ele tira o paletó, a gravata e a camisa, ficando apenas de calça. Engulo em seco ao ver de novo o seu corpo tatuado… ele é assustadoramente lindo.

— O q-que está fazendo? — gaguejo, forçando meus olhos a ficarem no rosto dele.

E não no abdômen trincado ou no V formado pelos seus músculos, que aponta diretamente para…

— Vou te ensinar a lutar.

Sua fala me tira do transe e começo a rir.

— Lutar? Você está brincando?

— Eu não brinco, Milena.

A seriedade no tom dele me faz engolir qualquer piada. Ele está mesmo falando sério.

— Você não acha que isso é um pouco... demais?

— Demais é confiar que o mundo não vai te quebrar se você não souber reagir. Agora venha cá.

Relutante, me aproximo. Ele coloca as mãos na minha cintura para me posicionar, e um arrepio percorre minha espinha.

De novo.

— Primeira lição, mantenha a postura firme. — Ele corrige a posição das minhas pernas, sua mão escorregando pela minha coxa para ajustá-la. Dessa vez, ele me toca. Meu rosto esquenta, mas eu gosto. Quero que ele continue me tocando… — E agora, soque minha cara.

Eu pisco, confusa.

— O que disse?

— Soque a minha cara.

— Eu não vou fazer isso. Não quero te machucar.

— Você não vai, Milena. Vai ser seu primeiro soco e…

Como se criasse vida própria, minha mão se move sozinha e meu punho acerta em cheio a bochecha dele.

Dan xinga um palavrão e dá um passo para trás, a surpresa estampada no seu rosto. Sinto dor na mão, mas me sinto culpada demais para me preocupar comigo mesma enquanto machuquei um homem que está me ajudando.

— Soquei — falo, sem graça, sacudindo a mão para tentar amenizar a dor. — Desculpe… Eu deveria ter avisado.

— Não, porra. Você aprende rápido.

Dan balança a cabeça e sorri, mas logo seu cenho se franze quando encara minha mão. Ele se aproxima.

— Está doendo porque você socou errado — diz, segurando minha mão com firmeza.

Seus dedos deslizam sobre os meus e ele me obriga a fechá-los do jeito certo. Seu toque é dominante e possessivo. Meu coração idiota acelera.

— O punho fica fechado, com força. O polegar deve estar por fora, nunca por dentro, ou você quebra a própria mão. — A voz dele é grave, mas suave, e logo ele desliza a mão pelo meu pulso, alinhando-o com o antebraço. — O punho deve estar reto e alinhado com o antebraço. Se estiver dobrado, você vai se machucar.

— Eu pensei que fosse só socar — sussurro, meu olhar preso em seu

rosto. O canto do seu lábio se arqueia em um sorriso sexy e seus olhos negros encontram os meus.

— Você precisa treinar. Vai ficar mais fácil depois da primeira vez — fala bem baixinho e quase fecho os olhos, pensando em outros contextos em que sua resposta se encaixaria bem. A ponta dos seus dedos roça minha pele, mas então… ele se afasta. — Só não deixe ninguém tocar em você.

— Certo — falo, tentando me recompor e ele sorri com sua postura arrogante.

— Agora que já entendeu o básico, tente de novo — diz e se aproxima, mas antes que eu consiga atacar, ele segura meu braço e me puxa para perto, corrigindo minha postura de um jeito que me faz prender a respiração.

Estamos colados de novo.

— Concentre-se — murmura, os olhos fixos nos meus.

— Estou tentando. — Minha voz sai mais baixa do que eu gostaria, porque tudo em mim está prestando atenção nele, e não na luta.

Ele precisava mesmo ficar sem camisa para me ensinar a lutar? Isso realmente não está ajudando.

— Está difícil manter a concentração, Feiticeira? — Ele dá um sorriso malicioso, a presunção preenchendo a sua voz.

— Cala a boca — murmuro, tentando socá-lo mais uma vez, apenas para arrancar o sorrisinho convencido do seu rosto.

Ele ri, mas ao invés de me deixar acertá-lo, Dan gira meu braço e me imobiliza com uma facilidade irritante.

— Viu? — sussurra perto do meu ouvido, sua respiração quente contra minha pele. — Precisa prestar atenção.

A raiva começa a borbulhar em mim. Antes de agir como um convencido arrogante, Dan até que estava tolerável.

Eu me viro bruscamente, mais para afastá-lo do que para escapar, mas acabo tropeçando. Ele me segura antes que eu caia, e, por um momento,

ficamos parados, muito perto um do outro.

A tensão cresce e prendo a respiração, até que ele finalmente solta uma risada baixa e me ajuda a ficar de pé.

— Nunca viu um homem sem camisa, Feiticeira?

Não desse jeito.

— Eu estou te ensinando a lutar agora, mas se me quer tanto assim, eu posso olhar na minha agenda um horário para comer você.

— O quê?! — Bufo, ofendida. — Você ficou louco?

Meu Deus! A personalidade desse homem é insuportável!

Ele gargalha alto dessa vez, mas calo sua boca acertando outro soco na sua cara. Agora, com o punho fechado do jeito certo.

— Não está tão ruim pra uma iniciante — diz, estalando o pescoço. — Mas você precisa se concentrar, caralho. Senão basta um filho da puta ficar sem camisa que vai conseguir tirar sua atenção. Ou sua obsessão é só com meu corpo?

Ele está mesmo me dizendo isso?

— Vou socar sua cara de novo! — rosno, furiosa, e ele desvia dessa vez.

— Porra, gosto de te irritar! — gargalha e avanço de novo. Ele desvia. Eu tento mais uma vez. E erro.

Isso só aumenta sua diversão.

— Não brinque comigo — ameaço e ele agarra meu pescoço como fez ontem, pressionando minha pulsação.

— Ou o quê?

Fico em silêncio, fuzilando-o com o olhar, então ele me solta e dá um passo para trás.

— Espero que não esteja com pressa. Quero te ensinar pelo menos alguns golpes básicos para se defender.

— E ninguém vai sentir sua falta? — provoco, arqueando uma sobrancelha.

Para um mafioso ultraocupado, ele está com tempo livre demais para perder aqui comigo.

— Essa é a vantagem de ser podre de rico. Tenho pessoas para lidar com minhas merdas de vez em quando e eu posso gastar meu tempo ensinando uma garota obcecada pelo meu corpo a lutar.

— Meu Deus! O seu ego é enorme!

— Tudo em mim é grande, Feiticeira. Em breve você vai descobrir.

— Nem morta!

Dan dá outra risada baixa e volta a me ensinar golpes e técnicas para me defender. Ele me explica como geralmente os homens atacam e onde e como devo acertar para pelo menos conseguir fugir e buscar ajuda.

Passo horas com ele no galpão abandonado, treinando os golpes e, eventualmente, nos esbarrando de propósito, em um jogo de morde e assopra, ódio e provocação.

— Preciso de um tempo — digo, ofegante de cansaço. Eu me sento no chão, apoiando as costas na parede, e ouço sua risada baixa.

— Não aguenta me acompanhar, Feiticeira?

— Ei, não é justo! Essa é minha primeira vez!

— Eu sei. Vou ser paciente com você — responde e meu rosto queima. O duplo sentido das suas palavras me fazendo ofegar.

Ele se senta ao meu lado e apoia os cotovelos nos joelhos, seus músculos trabalhados sem o menor sinal de cansaço. Dan nem sequer está suado.

— Quem te ensinou a lutar? — pergunto, tentando tirar o foco do meu desejo.

O mafioso fica em silêncio por alguns segundos, como se ponderasse se deve ou não me responder.

— Meu pai.

— Quantos anos você tinha?

— Onze.

— Meu Deus… uma criança.

— Não há inocência em meu mundo, Milena. Há certas coisas que é preciso aprender para sobreviver. Tem sempre um alvo apontado para a testa de quem está no topo da máfia e meu pai sabia disso. Ele queria que soubéssemos nos defender.

Aceno, tentando processar suas palavras.

— E ele te ensinou aqui? — pergunto, apontando para o galpão abandonado. — Do mesmo jeito que você estava me mostrando?

— Eu peguei muito leve com você, acredite — fala com um sorriso, mas logo seu rosto fica sombrio. — Meu pai me atacou como um inimigo faria e ordenou que eu me defendesse. Eu estava empolgado e fui com tudo pra cima dele, mas não tinha técnica e levei a maior surra da minha vida.

— O q-quê?!

— Mas depois eu fui melhorando — continua, ignorando meu choque. — Eu sempre tive *algo*… — hesita, tentando encontrar a palavra certa — uma raiva dentro de mim… isso me cega e me faz querer explodir. Mas logo entendi que a luta é a melhor forma de canalizar isso.

Dan volta a encarar o meu rosto, mas ainda estou horrorizada com o método do seu pai.

— Eu me tornei o melhor, Milena. Otto, Liam e meu pai têm habilidades que eu não tenho, mas eu consigo vencer todos eles no ringue. Posso matar qualquer homem com as minhas mãos.

Sua fala deveria me assustar. Eu sei disso. Saber que há um assassino ao meu lado deveria me fazer querer correr para longe, mas a verdade é que só consigo pensar no garoto de onze anos que foi forçado a lutar.

E que, se não aprendesse, seria morto pela crueldade do próprio mundo.

Desvio o olhar do seu rosto e volto a focar em seu braço tatuado.

— E suas tatuagens? São por causa do seu *trabalho*? — pergunto e ele dá uma risada rouca.

— A maioria, sim. Mas o meu *trabalho* não me deixa te contar o significado delas — zomba e se aproxima, tirando uma mecha de cabelo do meu rosto. Sua boca está tão perto agora. — Se eu fizesse isso, eu teria que te matar depois… e eu prefiro fazer outras coisas com você.

Sua voz sai ainda mais baixa e rouca. Dan segura meu queixo e me dá alguns segundos, como se quisesse me dar tempo para recuar. Ele vai me beijar se eu continuar aqui e por mais insano que isso seja, eu quero que ele me beije.

Ele passa o polegar pelo meu lábio. Sua mão escorrega para a minha nuca em um toque firme e possessivo. Minha pele formiga de ansiedade.

— Me diga para parar — sussurra baixinho.

Mas eu não quero que ele pare.

Estou prestes a lhe dizer isso quando o celular dele toca, fazendo-o xingar um palavrão. Mas quando vê um nome na tela, se levanta e se afasta para atender.

— Estou indo — responde depois de um tempo e o constrangimento me consome.

Dan mantém o olhar preso em mim e me levanto, encarando o chão.

Ele encerra a chamada e se aproxima, mas me afasto antes que ele tenha a chance de me tocar.

— Preciso ir, Feiticeira.

— Suas pessoas não conseguiram lidar com suas merdas dessa vez? — brinco, tentando disfarçar minha vergonha.

Coração idiota.

— Acho que sou bom demais para ser substituído. Ninguém faz tão bem quanto eu.

Seu ego inflado me faz rir e volto a olhar para ele. Dan morde o lábio inferior, prendendo sua própria risada. Ignoro a sensação de conforto que sinto quando estou perto dele e deixo que ele me guie até o carro.

Dan Belinni abre a porta para mim e prende meu cinto de segurança, como se eu fosse uma garotinha de três anos que precisasse de ajuda para a tarefa.

— Eu sei colocar meu próprio cinto, sabia?

— Ninguém faz tão bem quanto eu — repete a frase convencida, fazendo-me revirar os olhos. Mas antes de fechar a porta, ele se inclina para mim e diz: — E talvez eu só quisesse uma desculpa para sentir seu cheiro.

O calor no meu rosto é imediato, mas ele já está dando a volta no carro para ocupar o banco do motorista. Antes de ligar o motor, ele me estende um canivete.

— Isso é seu agora. É pequeno e você pode deixar na bolsa para se defender.

Eu o encaro, mas não recuso o presente. Sei que posso precisar dele.

— Obrigada.

Dan acelera e me entrega seu celular para que eu coloque uma música. Sorrio feito uma boba enquanto escolho alguma da Anitta que gosto de dançar, mas minha garganta seca assim que vejo a notificação de uma mensagem na tela.

Sasha: Já estou pelada, como você gosta.

Como se o celular dele fosse a encarnação da praga, eu o solto de uma vez, vendo o mafioso franzir o cenho.

— O que rolou? — pergunta, pegando o celular.

— Nada... apareceu sem querer. — Tento soar despreocupada, mas meu coração parece prestes a sair pela boca.

Ele destrava a tela, e sua expressão endurece ao ler a mensagem.

— Milena...

— Foi sem querer — corto rapidamente. — Eu não cliquei em nada.

Meus olhos ardem e minha garganta queima. Eu me sinto a pessoa mais idiota do mundo por ter quase beijado um homem que está me deixando para ir transar com outra.

— Não estou indo trepar, Milena. Estou indo encontrar meu irmão. É trabalho. Não sei como essa garota conseguiu meu número. Nem sei quem ela é.

— Você não me deve explicações, Dan. Pode encontrar quem quiser, onde quiser. Sua vida não é da minha conta e não estou nem aí pra quem dorme com você.

Visto minha máscara de durona e engulo minha decepção, pois a verdade é que há um abismo de distância entre o mundo de Dan Belinni e o meu.

Ele é um mafioso galinha, com um futuro próspero e poderoso pela frente. Eu sou só uma dançarina virgem, tentando fugir do próprio destino.

Dan xinga um palavrão, irritado, mas se recusa a continuar no assunto. Ele aperta uma música qualquer em seu celular e o som do *heavy metal* preenche o carro, combinando exatamente com o dono dele.

Aproveito o silêncio para verificar meu próprio celular e vejo uma mensagem de María. Antes de sair para me encontrar com Dan, enviei um texto para tranquilizá-la sobre o que aconteceu.

A noite de ontem me fez refletir e acabei decidindo que o melhor seria voltar para a boate onde a María trabalha. Pelo menos lá eu vou ter a companhia segura da minha amiga.

Por causa dessa mudança, meu salário vai ser reduzido pela metade e, considerando que minha colega de apartamento logo vai se mudar, preciso encontrar mais uma fonte de renda para conseguir me manter.

E é exatamente desse assunto que sua mensagem trata:

María: Robert arranjou um trabalho extra para você. Pode confiar nele. Ele sempre foi uma pessoa de palavra.

Eu encaro sua mensagem, tocada pela fé da minha amiga nas pessoas. Ela ainda acredita que pode confiar nelas. Eu, por outro lado, aprendi da pior forma que confiar nos outros pode ser um erro.

Mesmo assim, não vejo muitas opções.

Então, com um suspiro, digito uma mensagem dizendo que aceito o trabalho. Essa ajuda pode ser minha única chance.

Eu só espero não me arrepender.



DAN BELINNI

Semanas depois

Acelero pelas ruas de Chicago, a raiva corroendo meu peito. Hoje eu deveria estar na pista, controlando as apostas e as corridas clandestinas, mas meu plano mudou.

Uma gangue de amadores teve a brilhante ideia de invadir nosso território e adulterar nossas drogas pra revender. Esses filhos da puta testaram nossa paciência, e passamos os últimos dias torturando cada um deles. Eu e meus irmãos arrancamos os rostos dos desgraçados e pregamos nos pontos onde estavam revendendo as merdas. Uma lição clara e sangrenta.

Só que isso não parece o bastante. Não para mim.

Desde que Milena viu aquela maldita mensagem de Sasha no meu celular e decidiu me ignorar, estou a ponto de explodir. Não que eu precise da

atenção dela ou algo assim, mas, porra, deu pra ver que ela ficou chateada.

E a parte mais fodida disso tudo? Eu me importei. A ponto de quase querer socar minha própria cara quando percebi.

Inferno.

O mais frustrante é que eu só me afastei dela porque Liam me ligou avisando que os membros da gangue tinham sido capturados. E Sasha? Não tenho ideia de quem seja essa mulher.

— Merda! — rosno, socando o volante. Mas a imagem de Milena continua invadindo minha mente, teimosa como uma praga.

Foi a primeira vez que senti vontade de estar perto de alguém. De verdade. E agora entendo porque esse caralho é perigoso no nosso mundo.

Mulheres fodem a cabeça. Tiram o foco.

E eu não posso me dar ao luxo de ter distrações.

Foda-se. A raiva vai passar quando eu quebrar mais alguns ossos. E hoje, alguém vai pagar caro.

Chego perto do Covil, o local onde nossas lutas clandestinas acontecem, e noto que o estacionamento está abarrotado. O som alto vaza do galpão, e o movimento me pega de surpresa. Está mais lotado que o normal.

Se esse fosse um mundo sem corrupção, nossas lutas já teriam sido fechadas há anos. Discrição nunca foi o forte dos nossos eventos. Mas, com a quantidade de policiais e representantes do Estado embolsando nossa propina, ninguém ousa interferir nos negócios da Outfit.

Desço do meu SUV e alguns homens me cumprimentam assim que me reconhecem. Estou de bermuda de luta e o moletom preto esconde meu rosto, mas meu carro e a porrada de soldados que me acompanham deixam claro quem eu sou.

— Não esperava te ver aqui hoje — Elijah, um dos meus homens de confiança, fala assim que entro no galpão.

— Alguma coisa rolando? Tá lotado pra caralho — respondo, olhando ao redor.

Ele solta uma risada curta e balança a cabeça.

— É assim todo dia que ela aparece.

— Ela quem? — Minha testa franze.

— A garota nova que contratamos para desfilar no ringue — ele explica, e eu aceno, lembrando vagamente de ter sido informado sobre isso.

Elijah cuida dessa parte. Não tenho paciência nem tempo pra fazer entrevista com ninguém.

— Eu a conheço?

— Acho que não. Ela só vem nos dias em que você está na pista.

— Bem, então talvez hoje seja meu dia de conhecê-la — digo, me dirigindo à área exclusiva na arquibancada, com a melhor vista do lugar.

Apesar de ilegais, nossas lutas têm estrutura profissional. Há um ringue elevado no meio e arquibancadas ao redor. O Covil parece uma arena chique de MMA, só que em um lugar afastado e seguro, onde só entra quem a gente autoriza.

Observo dois caras se enfrentando e a luta é patética, puro amadorismo. A plateia, no entanto, vibra como se fosse um show de campeonato. O dinheiro corre solto nas apostas, e, quando um dos lutadores finalmente vence, ele recolhe sua grana e sai, deixando o perdedor ensanguentado e caído no chão.

Ele vai precisar de uma ambulância.

— É a minha vez — aviso à Elijah assim que o homem é retirado do ringue.

Não preciso pedir permissão. Sou o dono desse caralho de lugar e sou eu quem decido quando vou lutar.

Arranco meu moletom, exibindo o peitoral coberto por tatuagens e cicatrizes, e vou até meu adversário, sentindo a adrenalina percorrer cada maldita célula do meu corpo.

Ele me olha como se quisesse me matar. Sorrio, porque ele não é o único. Estar no topo da máfia é viver com um alvo pregado na testa e lutas

clandestinas são apenas mais um jogo com a morte.

A multidão grita meu nome quando me vê entrar, pois filas são feitas para me desafiar e isso sempre vira fonte de entretenimento. Mas sou invicto e até hoje nenhum fodido conseguiu me derrubar.

O sinal soa e minha primeira luta é rápida, parece um borrão. A raiva acumulada me faz nocautear meu adversário no primeiro minuto, mas quando o vejo ensanguentado no chão, ainda não estou satisfeito.

— Próximo — chamo e a plateia vai à loucura, gritando meu nome e pedindo por mais.

Outro homem entra no ringue para me enfrentar e, apesar da postura perigosa, eu vejo medo nos olhos dele.

Bom.

Hoje não é o melhor dia para me desafiar.

Estalo o pescoço, sentindo cada músculo pronto para explodir, quando o alvoroço ao meu redor cresce de forma insana.

Algo mais chamou atenção da plateia, e eu vejo o motivo.

Ela.

— Mas que porra?! — murmuro, minha mandíbula travando de imediato. O mundo parece parar por um segundo.

Milena.

A garota nova contratada para desfilar é ela.

Vestida em um conjunto vermelho minúsculo, sob as luzes que destacam cada uma das curvas do seu corpo, minha Feiticeira caminha como se fosse dona do lugar. Os gritos dos homens ecoam ao redor, chamando por ela, e minha paciência já era.

Que merda ela está fazendo aqui?

Milena sobe no ringue, e o som ensurdecedor da plateia só aumenta. Caminho a passos firmes até ela, pronto para jogá-la nos ombros e arrancá-la da vista de cada maldito que a cobiça, mas antes que eu a alcance, meu

oponente faz uma piadinha e acerta um tapa na bunda dela.

É nessa hora que vejo vermelho.

— Filho da puta! — rosno.

Meu corpo se move antes que minha mente acompanhe. Cada fibra do meu ser pulsa de raiva.

Entretanto, surpreendendo a mim e a toda a maldita plateia, Milena se vira rápido, surpresa e indignada, e acerta o desgraçado com um golpe certeiro no nariz.

— Não me toque! — grita como uma leoa e a multidão vai ao delírio.

Por um instante, fico parado, absorvendo a cena, um orgulho desgraçado subindo no meu peito. Ela o atacou com um dos golpes que eu lhe ensinei e isso me dá uma satisfação do caralho.

O cara ri, como se fosse uma piada, mas vejo o constrangimento nos olhos dele. Ele apanhou de uma garota e todos estão zombando dele.

Irritado, o saco de merda dá um passo para frente, e, antes que ele sequer pense em encostar nela de novo, meu punho alcança sua cara.

Eu não lhe dou tempo para reagir.

Subo meu joelho diretamente no seu queixo e depois acerto seu nariz. Ouço o som do osso se partindo, ele grita de dor e o sangue jorra, mas não importa. Nada mais importa.

Eu vou matá-lo.

Minha palma se fecha ao redor de seu pescoço e, com facilidade, o ergo do chão. Seus olhos ficam arregalados de terror, mas dou uma cabeçada brutal em seu rosto. Ele grunhe de dor e se esforça para afastar meu braço, em uma tentativa falha de sobreviver.

Vejo borrões ao redor, mas nada vai me parar. Nada vai tirar essa necessidade de vingança.

Porque ninguém vai tocá-la.

Ninguém vai abusar dela.

Ninguém vai deixá-la vulnerável, como fizeram com ela antes.

Ninguém.

Agarro o pescoço do filho da puta com mais força, fixando meus olhos nos dele, até ver a vida se esvaindo do seu rosto.

Pode ser sujo, pode ser errado, mas enquanto estou prestes a arrancar a última respiração desse desgraçado, me sinto eu. A escuridão, a maldade, o que está no meu sangue. Não há como fugir do que sou.

— Dan! Meu Deus! Pare! — A voz feminina me arranca do transe e, instintivamente, solto o homem, vendo-o cair no chão, quase sem vida.

Meu peito ainda sobe e desce com força. Estou furioso, a sede de sangue ainda queimando em mim, mas algo mais importante me chama.

A multidão se silencia quando me viro e encontro o olhar de Milena. Não consigo decifrar o que vejo em seu rosto, mas tudo o que penso é que preciso tirá-la daqui.

— Vamos — aviso, estendendo a mão para ela.

— Eu ainda estou trabalhando — rebate e minha paciência acaba.

Em um movimento bruto, eu a coloco em meus ombros e saio com Milena do ringue, ouvindo a multidão gritar. Uso minha mão para tapar sua bunda e só paro de andar quando chego ao estacionamento, onde finalmente a coloco no chão.

Estamos sozinhos, já que ordenei aos meus soldados que não me seguissem agora.

— Qual é a droga do seu problema? — rosna, dando um tapa em meu peito.

O movimento não é capaz de me mover um centímetro do lugar.

— Você está bem? — pergunto, irritado, mas preocupado.

— Eu estava até você explodir do nada e quase matar um cara na frente de todo mundo!

— Ele te tocou. — Minha voz sai ainda mais rouca.

— Eu me defendi!

— Com um golpe?! — Fecho os olhos por um instante, lutando para manter a calma. — Porra, Milena, você é tão ingênua assim? Ele ia revidar! O que eu te ensinei não é pra você bancar a heroína. É pra você bater e cair fora, porque caras como ele geralmente são maiores e mais fortes do que você!

Ela engole em seco, mas mantém o olhar firme. Eu olho para a roupa dela de novo e a raiva volta.

— Que porra é essa que você está vestindo? — pergunto, sem paciência.

— Minha roupa de trabalho — responde, de nariz em pé.

— Isso tá marcando tudo em você, Milena. Tudo! — rosno, tentando controlar a raiva.

Falho miseravelmente.

— Ah, agora você vai me dizer como me vestir também? — Ela dá um passo em minha direção, apontando o dedo na minha cara. — Porque você não parecia se importar com as roupas da Sasha, certo? Não era ela que estava te esperando sem roupa?

— Você não vai mais usar isso — ignoro sua provocação, me aproximando até ficarmos quase colados.

Ela recua um pouco, mas fica perto.

— Vou sim! Você não manda em mim! Todo mundo usa isso!

— Mas em você é diferente, caralho!

Estamos a centímetros de distância, respirando forte. Ela olha para minha boca, e eu faço o mesmo.

— Por quê? — ela sussurra, o tom de voz agora mais baixo, mas provocante.

— Porque você é muito mais gostosa — confesso, cansado de lutar contra essa merda.

Meu autocontrole estala e já não sei quem começou tudo, mas em um piscar de olhos, minha boca está cobrindo a dela, tomando-a com fome.

Lambo, chupo, provoco e roço a língua na dela. Puxo seu lábio inferior entre meus dentes e chupo depois, mamando e lambendo como quero fazer com sua boceta.

Ela geme contra meus lábios e o som faz meu pau pulsar dolorosamente na bermuda. Agarro sua bunda e suas pernas enroscam ao meu redor enquanto eu a levo para o capô do meu carro.

Estou tão duro. Ela geme quando me sente.

Minha língua desce para seu pescoço e chupo a pele casta, e quando volto os lábios para seu queixo, vejo seus lábios rosados e inchados implorando por mais.

— Dan… — murmura com a respiração descompassada. O fogo nos seus olhos é meu passe livre para continuar.

— Sua boca é a coisa mais doce que já provei, porra. — É tudo o que falo antes de mergulhar de novo na sua boca, tomando-a na mais pura necessidade.

Milena coloca as mãos na minha nuca, puxando-me para mais perto. Agarro sua cintura com força, trazendo-a para meu corpo.

Como se soubesse exatamente o que fazer, ela começa a rebolar contra mim, sua boceta pequena provocando o meu pau através das nossas roupas.

Estamos explodindo de tesão. Peles se esfregando, buscando contato, alívio, prazer.

Começo a bombear a seco contra ela, sentindo sua boceta encaixar no meu pau através do tecido fino.

Com nossos sexos alinhados, pressiono meu pau com mais força na sua entrada e ela geme, pedindo por algo que nem mesmo ela sabe que precisa.

— Dan — choraminga e, inferno, o jeito como meu nome sai da boca dela me deixa insano.

Nosso beijo fica mais profundo.

Milena começa a gemer baixinho e preciso contar até dez para não empurrar seu short para o lado e abaixar minha bermuda para deixar nosso contato mais gostoso.

A maciez da sua pele vai me levar à loucura. Tenho certeza disso. Porque enquanto ela se esfrega gostoso contra o meu pau, já sinto o cheiro da sua lubrificação.

E uma possessividade do caralho me toma ao me dar conta de que não quero que outro a toque como eu estou fazendo.

— Você não vai mais dançar e nem desfilar — afirmo com a voz autoritária e, neste momento, Milena para de me beijar.

— O que disse? — pergunta, colocando as mãos no meu peito para me afastar.

Mas eu não me movo. Estou falando sério com ela.

— Que você não vai mais exibir seu corpo pra nenhum filho da puta.

— Isso não é você quem decide — retruca, me empurrando para sair do meu domínio.

Sua força não seria suficiente para me afastar, mas eu cedo, dando um passo para trás. Ela salta do capô do carro e ajeita a roupa, enquanto isso, cruzo os braços e tombo a cabeça para o lado, estreitando os olhos para observá-la.

— Tem certeza disso? — pergunto, o desafio deslizando em minha voz.

— Eu preciso do emprego.

— Há outras formas de ganhar dinheiro.

— Não para mim.

— É por causa do seu visto? — pergunto, deixando claro que investiguei um pouco sobre sua vida.

Não tive tempo de me aprofundar, mas sondei o básico e descobri que

ela é imigrante ilegal nos Estados Unidos. Foda-se. Isso não é nenhum problema para mim.

Assim que cito o visto, ela engole em seco e desvia o olhar.

— Eu posso cuidar disso — digo, tentando me aproximar dela mais uma vez. Mas quando ela recua, prendo meus pés no lugar. — Eu posso bancar você, Milena. Você não precisaria trabalhar.

— Não, você não pode. Eu não quero dever favores.

— Você não me deveria nada. Seria uma troca.

— O que eu te daria?

Enfio as mãos no bolso para conter a vontade de tocá-la. É sério que ela está me perguntando isso?

— Eu quero você.

— Você não gosta de mim. — Ela tenta me lembrar.

— E, mesmo assim, você não sai da minha cabeça, porra.

— Dan…

— Eu vou te dar um apartamento. Terei uma cópia da chave, mas a casa será sua. Vou bancar tudo o que quiser, mas você vai parar de trabalhar. Não quero saber de você dançando ou desfilando para outros homens. Não vou permitir que ninguém cobice o que é meu.

Milena cruza os braços e empina o queixo, claramente irritada. O movimento deixa seus peitos ainda maiores, mas mantenho meus olhos presos em seu rosto.

— E eu vou ter que ficar te esperando nesse apartamento todos os dias, certo? — pergunta.

— Você será livre.

Dentro dos meus limites.

— Desde que minha liberdade siga as suas regras — conclui por nós dois e não digo nada. Ela está certa. — Ou eu poderei receber algum homem em casa? — provoca e meu maxilar trava no mesmo segundo.

— Ninguém além de mim vai subir na sua cama, Milena — aviso com a voz perigosa. — Eu vou beber o sangue de qualquer filho da puta que tentar fazer isso.

— Então o que eu poderei fazer?

— Ter uma vida de luxo e conforto. Viajar comigo…

Foder gostoso.

Comigo. Só comigo.

— E o que eu vou ser sua? Amante? — insiste, torrando a minha paciência.

— Eu vou te proteger com o meu sangue, Milena. Você será minha, e eu vou cuidar de você — desvio o assunto, focando no que é importante.

— Até o dia em que você se cansar e decidir me descartar, não é? Afinal, é isso o que sua fama deixa claro por aí.

— Nunca fiz essa proposta a ninguém, caralho! Pergunte *por aí* — ressalto a última parte, irritado pela insinuação.

Jamais estive tão obcecado e tenho vontade de socar minha cara por isso. Mas a necessidade de tê-la é muito maior.

— Se eu não me vendi aos clientes da boate por dinheiro, por que eu faria isso por você? — provoca. — Só por que você é um dos chefes? Por que é mafioso e está acostumado a ter tudo o que quer?

— Porque você me quer — rebato e seu olhar vacila, porque ela sabe que estou certo.

Mas Milena é teimosa e não dá o braço a torcer. Ela bufa uma risada e nega com a cabeça.

— Não, obrigada.

— Milena…

— O dia em que um homem me tocar será porque eu quero, não porque eu preciso — declara, erguendo o queixo para me encarar. — Só porque danço ou desfilo para sobreviver não significa que eu tenho menos

direito de sonhar com uma história de amor como qualquer outra garota, senhor Belinni. Quero alguém que me ame de verdade, que me escolha primeiro, e não como amante ou segunda opção. Então, não, eu ainda não cheguei ao ponto de me vender.

Solto o ar, incrédulo.

Não consigo evitar a irritação que me invade.

Qual é a obsessão que essas garotas têm com esses malditos contos de fadas? Essa ideia ridícula de amor perfeito. Esse tipo de coisa não existe no mundo real.

— Essa é sua resposta final?

— Sim.

Respiro fundo e aceno, fazendo um movimento com a cabeça para que um dos meus soldados se aproxime. Ele traz meu moletom e eu cubro o corpo de Milena, sem pedir permissão.

Entretanto, ela não retruca dessa vez. Sua roupa é ridícula de tão minúscula e talvez ela tenha se dado conta dessa merda.

Encaro seu rosto uma última vez, sentindo uma sensação estranha ao ver os olhos castanhos cheios de pureza e inocência. Isso contrasta fodidamente com seu corpo sensual, mas, foda-se, isso não é da minha conta agora.

— Um soldado vai te levar para casa — aviso e me afasto, voltando para o ringue e deixando essa garota para trás.

Porque minha paciência tem limite e eu não imploro nada para ninguém.

Sinto uma atração fodida por Milena e, sim, eu a quero pelada na minha cama. Mas, se ela não deseja o mesmo, eu não vou perder meu tempo tentando mudar isso.





DAN BELINNI

Meses depois

Os últimos meses foram um maldito inferno.

E ver todos os comandantes da Outfit reunidos no escritório apenas reforça que esse caralho está longe de acabar.

— Que porra eles querem? — rosno, sem paciência. A Cosa Nostra pediu uma reunião de emergência e sinto que a bomba está prestes a explodir. — O comando foi claro. Amber está de casamento arranjado com o filho do Pakhan da Rússia e precisa voltar para Chicago.

— Ela não vai voltar — Liam diz com um sorriso maldito no rosto. — Vamos entrar em guerra com a Cosa Nostra. Tenho certeza dessa merda.

— Eu avisei que essa porra não ia funcionar! — falo, encarando meu

pai. Ele está sério, o vinco em sua testa apenas uma constatação de que ele não deveria ter escutado a esposa.

Sentimentos e máfia não podem andar juntos. Mulheres se tornam pontos fracos e meu pai acaba de provar isso.

— Abaixe o tom, caralho! Eu sou o seu Don! — Meu pai explode, batendo na mesa com força. O som ecoa e corta o ar como uma lâmina. Tudo ao meu redor vira silêncio.

Meus irmãos, Otto e Liam, estão tensos ao meu lado, e o subchefe e o Conselheiro do meu pai também estão aqui, todos para tentar apagar o incêndio que virou nossas últimas semanas.

Anna, irmã de Amber, casada com aquele viúvo italiano desgraçado, Vittorio Morello, estava grávida. Uma gravidez complicada. A mulher não se alimentava direito por causa de uma mania de dieta estúpida que herdou da mãe. Só que isso não era só um problema dela; prejudicava o bebê também.

Amber, tentando ser a boa irmã que sempre foi, pediu permissão ao meu pai para viajar até a Itália e cuidar de Anna. Meu pai, impressionado com a coragem da garota, concordou. Desde que Otto, o noivo dela, não se opusesse.

E foi aí que a merda começou.

Otto, que sempre foi um homem frio, rompeu o noivado.

Anna morreu.

O bebê nasceu frágil, e Amber, no velório, decidiu que não voltaria para Chicago. Insistiu em cuidar do sobrinho na Itália e minha mãe, que sempre a protegeu como se fosse uma joia, convenceu meu pai a permitir isso.

Um erro.

Entretanto, a estadia de Amber tinha prazo de validade. Assim que seu casamento fosse arranjado, ela deveria voltar e o problema estaria resolvido. Simples, limpo, estratégico.

Só que agora, com a Cosa Nostra pedindo uma reunião de emergência, ficou claro que o desfecho não seria tão simples assim.

Estamos encarando a tela do notebook quando os Morello aparecem ao fundo. Meu pai, Otto e Liam estão comigo, todos atentos enquanto os filhos da puta da Cosa Nostra destilam sua arrogância habitual.

Meu pai mantém a postura de Don, mas deixa claro: Amber está prometida à máfia russa e não há como voltar atrás. O casamento é um acordo de poder, algo que vai muito além dos caprichos de uma princesa mimada. Ela sabia disso.

Só que parece que a nossa querida Amber esqueceu onde é o lugar dela.

Assim que meu pai diz sobre o casamento arranjado da minha prima, Vittorio, aquele viúvo de merda, tem a audácia de dizer:

— *Desfaça o acordo. Amber não voltará para Chicago. Ela é minha.*

Minha paciência se esgota. Quem esse desgraçado pensa que é?

— Você comeu merda, filho da puta?! — cuspo as palavras, indo em direção à maldita câmera. — Trepou com uma irmã e agora quer foder a outra?

— *Cuidado com o seu tom* — Dante Morello grunhe, me encarando, mas estou me fodendo para esse Don de merda.

Uma risada sarcástica ecoa do meu peito, mas não consigo disfarçar minha ira. Encaro meu pai, sentindo meu sangue ferver.

— Eu sabia que esse caralho ia acontecer. Eu avisei todo mundo dessa merda.

— Você a tocou? — Otto fala pela primeira vez, encarando Vittorio. — Tirou a virgindade de Amber?

Ele não é mais noivo da nossa prima, mas sabe que, no nosso mundo, uma mulher que já foi tocada por outro homem não será aceita no acordo com os russos.

— *Isso não é da sua conta. Amber é mais do que uma virgindade do caralho.*

— Sim, ela é. — Meu pai fala com autoridade e ele se levanta, fitando

a câmera. — Ela é o diamante da Outfit e também é noiva de outro homem.

— *Já disse que ela é minha* — Vittorio repete e tenho vontade de quebrar seus dentes.

— Vittorio Morello, eu me compadeci da sua situação e, apesar de não ficar satisfeito com o fato de minha sobrinha morar com um mafioso viúvo, concordei com esse caralho porque minha esposa insistiu. Ela confiava em Amber, dizia que ela era uma boa garota e que não me decepcionaria. Cedi e agora vejo que não deveria ter permitido essa merda. — O tom do nosso Don é firme e todos ficamos em silêncio para ouvi-lo falar. — Agora me responda. Você preservou a pureza de uma princesa da nossa máfia ou foi um traidor que a desonrou?

— *Traidor?!* — Matteo Morello, irmão de Vittorio, rosna. — *Ele não te deve a lealdade do caralho. Você não é nosso Don.*

— Estamos em aliança — Otto interfere, mas sei que também está prestes a explodir.

— *Ainda assim, a lealdade de Vittorio é somente à Cosa Nostra* — Dante avisa e os ânimos de todos se exaltam.

Estamos todos de pé, Outfit e Cosa Nostra, nos encarando como se fôssemos capazes de entrar na tela do computador e explodir o outro lado.

— *Amber ainda é pura, se é isso o que quer saber* — Vittorio confessa, irritado, o que traz alívio a todos na sala.

Mas Liam não perde a oportunidade de provocar o viúvo Morello.

— Ela é mesmo a princesa perfeita. Linda, recatada, honrada… e gostosa pra caralho. — Meu irmão diz, e Vittorio dá um soco na mesa.

Isso só aumenta a diversão de Liam.

— *Fale da minha mulher mais uma vez e pagará caro por isso.*

— Será divertido ver você tentar me machucar. — Ele sorri, desafiando o italiano.

— *Não entre na porra do jogo dele* — Dante resmunga para Vittorio e o Conselheiro tenta manter a calma.

Meu pai, aliviado pela informação sobre Amber, decide retomar o assunto.

— De qualquer forma, a resposta é não. Já dei minha palavra à máfia russa e Amber pertence a outro homem. Hoje mesmo um avião da Outfit chegará para buscá-la.

— *Você terá um avião a menos, então* — Vittorio responde, sorrindo como um fodido de merda.

— Estão seguros de que querem uma guerra contra nós? — Nosso Don pergunta, como um aviso final.

Então Vittorio diz a frase que joga gasolina no fogo:

— *Ninguém vai tocar na minha mulher.*

Meu pai somente acena. Meus irmãos se exaltam, mas nosso Don ainda tem o controle da situação.

— Espero que saibam o que estão fazendo… e Vittorio — diz ao homem que está com Amber —, avise sua mulher que a partir de hoje, ela está morta para nós.

Quando a chamada termina, olho para a tela escura e sinto o gosto amargo da traição. Amber, o diamante da Outfit, jogou nossa máfia na lama por causa de um viúvo decadente.

Não importa se ela ainda é virgem ou não; o que importa é que ela manchou nossa reputação. E isso respinga em todos nós.

Desde o velório de Anna, apaguei o número dela. Não respondi suas mensagens. Não há nada a dizer.

Amber escolheu o lado dela. Agora vai pagar por isso. Traiu a máfia que a fez quem é, e não é mais problema nosso.

— Estamos em guerra — Otto diz, curto e direto. Meu pai concorda com um aceno lento, a decisão já tomada.

— Os russos vão vir pra cima por causa disso — Liam solta, cerrando o maxilar.

— O filho do Pakhan viu a foto dela e ficou obcecado. Ele a quer —

falo enquanto esfrego o rosto, tentando afastar o cansaço.

— Cancelem todos os compromissos — meu pai ordena, seco. — Vamos planejar o ataque. Precisamos estar prontos para lidar com os italianos e com a fúria da máfia russa.

— Não vamos recuar. — Otto afirma, o tom de voz ainda mais áspero, denunciando sua raiva.

Ninguém discorda.

— É uma questão de honra.

A guerra está declarada. Vittorio Morello quer lutar por ela? Que tente.

Quando ele perder tudo — e vai perder —, vai se arrepender amargamente por ter mexido com a Outfit.



Meu celular volta a tocar e eu o empurro para dentro do bolso da calça jeans. Minha mãe não parou de ligar desde que saí do prédio da Outfit, mas não estou disposto a falar com ela agora. Toda essa merda com Amber só aconteceu porque ela, com aquele coração mole, convenceu meu pai a deixar minha prima ficar na casa de um viúvo para cuidar de um bebê.

O resultado? Uma bomba que explodiu na nossa cara.

Sem paciência para mais drama, sigo direto para o hotel, tendo a certeza de que passou da hora de arrumar meu canto.

Otto e Liam também estão saturados, e sei que estão prestes a sair da casa dos nossos pais também.

Minha mãe é incrível, mas insiste em agir como se ainda fôssemos crianças que precisam de supervisão. Essa fase já ficou para trás faz tempo.

Quero viver minha vida sem ninguém para me encher o saco.

Com a irritação borbulhando, ignoro mais uma chamada de Rebecca Belinni e, sem hesitar, pego o telefone para ligar para o corretor de imóveis da nossa confiança. Ele está em nossa folha de pagamento e sabe exatamente como fazer o que precisa ser feito. Ele atende ao primeiro toque.

— Tenho um trabalho pra você — digo e ele parece mais do que disposto a me ouvir.

Depois de tudo acertado, envio uma mensagem a um dos meus homens de confiança e peço que encontre alguém para trabalhar em minha casa.

Quero me mudar logo e gosto do meu espaço limpo. Mas entrevistas e contratações não são coisas que tenho tempo para lidar.

“Encontrarei a melhor”.

É a resposta dele.

Mas desde que a mulher seja discreta e não se meta na minha vida, não me importo com os detalhes. Eu só preciso de paz.



Eu só posso ter batido a cabeça.

Não tem outra explicação para o fato de Dan Belinni não sair dos meus pensamentos.

Ele é o cara mais mandão e babaca que já conheci. Age como se fosse dono de Chicago e acha que pode decidir o que eu faço, penso ou visto.

Ok, ele me salvou uma vez e deu uma surra em um cara que me assediou. Mas isso não faz dele menos tóxico ou controlador.

Então por que, mesmo sem vê-lo há meses, meu cérebro estúpido insiste em voltar para ele?

Estou enlouquecendo. Só pode ser isso. Meses vivendo sob pressão ferraram minha capacidade de pensar direito. Eu não posso querer Dan Belinni.

Não posso.

— Está pronta? — María interrompe meus pensamentos, e eu balanço a cabeça, afastando o mafioso da mente.

— Estou — respondo, com um sorriso. Mas minha voz quase falha quando vejo María com seu vestido de noiva.

É volumoso, com mangas bufantes e cheio de detalhes chamativos. Parece algo saído de um conto de fadas. E nela... está perfeito.

— Meu Deus… — Levo as mãos na boca, sentindo meu coração acelerado.

María sorri, emocionada. Ela me chamou para acompanhar a última prova do vestido, e desta vez a atendente finalizou o visual com um coque e o véu. Parece o dia real do casamento.

Toda a sua família está no México e apenas sua mãe conseguirá vir para a cerimônia, então estou fazendo o papel não só de sua madrinha de casamento, mas também da sua família aqui nos Estados Unidos.

E ela também representa isso para mim.

— Você não pode chorar, senão eu choro também! — ela brinca, fungando, mas é tarde demais. Estamos abraçadas, chorando e rindo ao mesmo tempo.

— Você está tão linda! — digo, enxugando as lágrimas.

— Não estou? — Ela gira, fazendo a saia rodar, enquanto solta uma gargalhada. — Me sinto uma princesa!

— Robert é um cara de sorte.

— E você ainda vai encontrar o seu Robert! — diz com empolgação, mas nego com a cabeça.

Espero que não.

Robert não faz o meu tipo.

Porque meu tipo é mais mafioso, tatuado, violento e mandão. Minha consciência acusa e repreendo a mim mesma, voltando o foco para María:

— Não sou tão boazinha quanto você.

— Você só é mais desconfiada — justifica. — Mas quando você ama algo, você ama com todo o seu coração. E o homem para quem você se entregar de verdade, vai ter a coisa mais preciosa do mundo nas mãos.

E então ela me faz sorrir.

María tem essa luz. Sempre enxerga o lado bom de tudo e de todos.

Ela volta a encarar seu reflexo, ajeitando o vestido com carinho.

— Sempre sonhei com isso. Casar, ter uma família... Quero dar aos meus filhos oportunidades que não tive, mas o mais importante de tudo é o amor.

— E você ama o Robert.

— Amo — diz, o sorriso iluminando o rosto.

— Então isso é tudo o que importa.

Saímos da loja com o vestido da minha amiga nas mãos e passamos na sorveteria para pegar algo e comemorar o grande dia dela em casa.

Começamos a comer e a conversar sobre coisas supérfluas, mas logo María fita meus olhos, tocando no assunto que estou fugindo.

— Mi, você sabe que não precisa se mudar agora, certo? Você pode continuar na sala, até conseguir pagar sozinha o seu aluguel.

Após algumas conversas, decidi que o melhor seria me mudar e deixar a kitnet para María viver com o marido. Planejava encontrar algo ainda mais simples e barato, que eu conseguisse bancar sozinha.

Mas depois de, *surpreendentemente*, ter sido demitida do desfile nas lutas clandestinas comandadas por Dan e de pedir transferência para a boate que paga menos, minha situação financeira ficou ainda mais complicada.

E isso significa terminar o mês sem nada além do essencial.

Entretanto, María vai se casar em poucas semanas e eu não quero ser um peso na vida de um casal recém-casado. Eles merecem aproveitar a lua de mel sem preocupações.

Eu sei reconhecer meu lugar. E tenho bom senso.

— Está tudo sob controle — minto, forçando um sorriso. — Vou me mudar até a próxima semana. Prometo.

Ela tenta insistir, mas desvio o assunto, voltando a falar do casamento. María merece esse momento, e eu não vou estragá-lo com os meus problemas.

Mesmo que o aperto em meu peito não me deixe esquecer totalmente da minha situação.

Preciso de uma saída. E rápido.

Mas eu vou dar um jeito.

Eu sempre dou.



Milagre.

Mais uma vez, alguém lá de cima parece ter olhado para mim enquanto todo o meu mundo desmoronava aqui embaixo.

— Você tem certeza disso? — pergunto à Evelyn, a nova funcionária responsável pelas contratações nas boates. Ela é uma mulher madura, mas tão linda como qualquer outra jovem, e gostou de mim logo de cara.

Há boatos de que Evelyn é prima de um dos homens que trabalha com

os Belinni, mas isso não é da minha conta e não fiz a menor questão de investigar. Só sei que ela ficou no lugar de David e isso me deixou muito mais à vontade. Ela me entende e me respeita, ao contrário do homem escroto que Dan fez questão de matar.

Lembrar daquela noite faz meu corpo se arrepiar, mas quando Evelyn sorri e diz que “sim”, é o alívio que toma conta de mim.

— Me pediram ajuda para encontrar uma moça boa e discreta para trabalhar na casa de uma pessoa muito rica. O salário é alto, mas a condição é que a empregada more no local para atender qualquer necessidade ou emergência. Você vai ter folga nos finais de semana, não se preocupe, e duvido que vão te dar tanto trabalho. Mas preciso de alguém de confiança e sei que a vaga te ajudaria, por causa da situação de María e Robert, que…

Sua fala é o mesmo que jogar um balde de água fria em cima de mim.

— Uma pessoa muito rica? Tipo, um homem? — pergunto, com receio.

— Sim, mas ele quase não fica em casa e eu juro pelos meus dedos que ele jamais vai tentar te tocar sem seu consentimento. Ele é um homem respeitado e leva sua honra muito a sério.

— Evelyn, agradeço seu cuidado, mas acho que…

— Garota, eu estou tentando te ajudar, ok?! O salário é alto e você vai ter um lugar para ficar. Você mal vai ver o seu patrão e, quando isso acontecer, ele não vai passar dos limites com você. Pra ser sincera, duvido até que ele vá se lembrar do seu nome.

— Não sei…

— Você tem outra solução? — rebate, impaciente. Nego com a cabeça. — Então só aceite esse trabalho e saia da sua situação de merda. Se você não gostar, você pede demissão e volta a viver com a corda no pescoço.

A sinceridade de Evelyn me faz rir. E por mais que eu não esteja confiante em ir morar na casa de um homem, se ela está dizendo que ele não vai me tocar, preciso dar um voto de confiança a ela. Afinal, ela tem sido boa para mim e está me dando a chance de sair do sufoco.

Além disso, eu tenho um canivete.

— Ok — suspiro. — Acho que posso testar.

— É uma oportunidade em um milhão. Ainda mais para uma imigrante ilegal.

— Ele não se importa com isso? — pergunto, me lembrando desse *detalhe*.

— Não. Deixe que eu cuido de todo o resto. Se preocupe em empacotar suas coisas.

A resposta que ela me dá faz minha ficha cair e percebo, mais uma vez, que sua proposta só pode ser um milagre. Essa era a oportunidade que eu precisava e não posso me dar ao luxo de recusar.

Nunca tive medo do trabalho e não me importo de lavar banheiros, cozinhar e limpar. O dinheiro é honesto e isso é tudo o que importa.

— Então eu tenho mesmo um emprego? — questiono, deixando a empolgação prevalecer dessa vez.

— Sim. Só limpe direito, pelo amor de Deus!

Antes mesmo de esperá-la terminar a frase, eu a abraço de uma vez, agradecendo-a mil vezes.

— Se controle, garota! — adverte, mas acaba sorrindo. — Você começa na semana que vem.

— Obrigada, obrigada, obrigada! — reforço, saltando de felicidade.

Ela ri mais uma vez e revira os olhos, me entregando um papel com o endereço e algumas informações para o trabalho.

— Chegue cedo e deixe tudo limpo. Estou confiando em você. Não me decepcione.

— Eu não vou! — afirmo e ela dá um passo para trás antes que eu a abrace de novo.

Americanos e suas manias de frieza…

— Ei, Milena! — Ela me chama antes que eu vá me arrumar para a

noite. — Eu tenho um filho solteiro. Se você quiser, eu posso passar seu número para ele.

Absolutamente não. Seria minha primeira resposta, em situações normais. Mas Evelyn está salvando a minha vida e sair um dia com o filho dela não vai me arrancar um pedaço.

— Tudo bem. Pode passar — respondo e a mulher sorri com empolgação, e sorrio ainda mais por saber que não estou tão fodida mais.

Eu consegui.

Um emprego. Um lugar para morar.

Meu Deus, como o básico faz falta quando não se tem!

Mando um beijo de longe para Evelyn e me viro, seguindo direto para o camarim para trocar de roupa e ir me apresentar no palco.

Uma música da Anitta toca e os clientes já se posicionam diante do palco, me esperando. A cantora brasileira se tornou minha marca e a cada dia consigo aperfeiçoar melhor os passos.

Uso o mastro de pole dance para fazer as performances, enrolando o corpo, girando e escorregando até embaixo, rebolando no chão e iniciando uma coreografia no solo. Os olhares pesados em meu corpo são carregados de luxúria, mas dessa vez, eu não ligo.

Porque estou feliz e nada mais importa agora.



Respiro fundo, apoiando as mãos no quadril, enquanto faço mais uma vistoria pelo apartamento.

O lugar é imenso, mas surpreendentemente minimalista. As linhas retas e os tons neutros dominam o espaço, sem excesso de objetos ou enfeites. Tudo é imponente e muito sofisticado.

Passei o dia inteiro limpando cada canto, mas a primeira impressão é a que fica e sei que meu emprego vai depender dela.

Ainda não deixei meu trabalho como dançarina na boate, já que o salário lá é garantido e ainda não sei como serão as coisas aqui. Como trabalho apenas algumas noites na semana, espero conseguir conciliar tudo. Mas planejo sair assim que possível. Só preciso me estabilizar primeiro.

— Será que eu esqueci alguma coisa? — murmuro para mim mesma,

sentindo a ansiedade me dominar.

Antes que eu surte, meu celular vibra e vejo uma mensagem de Evelyn.

Evelyn: Seu patrão não vai voltar para casa hoje. Aproveite sua noite sozinha na mansão. Só não faça nada besta, porque senão eu mesma vou aí e demito você.

Sua mensagem me faz rir e uma onda de alívio toma conta de mim, pois estou tão cansada que tudo o que eu queria fazer hoje era tomar um banho quente e descansar.

Corro para o quarto de empregada e mal dá para acreditar que a suíte com móveis caros será mesmo o lugar em que vou dormir.

Uma suíte.

Eu nunca, em toda a minha vida, tive uma suíte só para mim.

Ela fica no fundo do apartamento e o cômodo é tão espaçoso que tenho certeza de que é maior do que toda a kitnet que dividi com María.

Seguindo o conselho de Evelyn, coloco uma música alta no celular e começo a dançar. Sem clientes, sem homens me cobiçando, sem a necessidade de agradar.

Tiro a roupa rebolando, canto alto no chuveiro e demoro muito mais do que estou acostumada embaixo dos jatos quentes. Depois do banho, visto um roupão e saio do banheiro com uma toalha enrolada no cabelo, ainda dançando.

“Rude boy - Rihanna” toca e canto tão alto que é como se eu nunca mais fosse precisar dos meus pulmões.

Mas eu não estou nem aí.

Foram tantos dias de luta que os pequenos momentos de glória devem ser celebrados como se não houvesse amanhã.

Encaro Edward Cullen no seu aquário simples, que parece ainda menor neste quarto gigante, e canto para ele como se ele fosse um cara e eu, uma garota a fim dele.

Vem cá, garoto malvado

Vem cá, garoto malvado, garoto

Hoje à noite vou deixar você ser o capitão

Hoje à noite vou deixar você fazer o que quiser, é

Hoje à noite vou deixar você ser o piloto

Acelera, acelera, acelera, babe

Hoje à noite vou deixar pegar fogo

Meu pobre peixe fica me encarando, abrindo e fechando a boca, e até isso me faz rir. Mudo a voz e rebolo mais, mas quando dou uma rodadinha e encaro a porta, quase tenho um ataque cardíaco quando vejo que há uma mulher aqui.

Uma mulher tão linda e elegante que tenho vontade de cavar um buraco no chão e me enfiar lá com minha toalha, minha dança e meu peixe.

— Com licença, eu não queria interromper, mas a porta estava aberta e eu estava procurando por você — diz, com uma voz tão doce que só aumenta minha vontade de evaporar.

Como eu não tive a decência de trancar a porta antes do meu... espetáculo?

— S-sem problemas — gaguejo, sentindo meu rosto queimar de vergonha. — Você não atrapalhou nada. Eu só estava…

Dançando como uma lunática e chamando um peixe de "garoto malvado" enquanto cantava que ele poderia comandar a noite? Meu Deus, eu nunca vou superar isso.

Se há uma maneira pior de causar uma primeira impressão, eu sinceramente não conheço.

— Relaxando depois de ter limpado tudo de forma impecável — ela responde em meu lugar e me dá um sorriso tão acolhedor que me deixa sem graça.

Ela tem idade para ser minha mãe e, provavelmente, uma conta bancária cem vezes maior do que a minha, mas não carrega nenhum ar de arrogância. Pelo contrário, sua gentileza é desconcertante.

— Vamos fazer assim: você termina de se arrumar e nos encontramos na sala, tudo bem? — propõe, com a mesma doçura.

Eu só consigo acenar rapidamente, incapaz de formar qualquer resposta. Minha garganta parece ter se fechado junto com a dignidade que tentei segurar e não consegui.

Quando ela sai, eu continuo paralisada, sentindo o constrangimento tomar conta de cada célula do meu corpo.

Respiro fundo e tento me recompor. Não adianta ficar aqui remoendo o desastre que acabou de acontecer.

Jogo a toalha e o roupão de lado e me visto em tempo recorde, escolhendo um vestido simples e um par de sapatilhas. Penteio o cabelo rapidamente e encaro meu reflexo no espelho, tentando ignorar o rubor ainda evidente nas minhas bochechas.

Chego na sala e a mulher está em pé, analisando tudo com curiosidade.

— Desculpe a demora — digo, com um sorriso sem graça, enquanto me aproximo.

— Você não demorou — responde, com o mesmo tom tranquilo de antes. — Venha, sente-se. Quero conversar um pouco com você.

Nós nos sentamos e ela me fita por alguns segundos antes de começar a falar. Sua aparência chique destoa tanto da minha que não posso deixar de pensar o quanto pertencemos a mundos diferentes.

— Milena, certo? — pergunta, e eu aceno. — Meu nome é Rebecca.

Este é o apartamento do meu filho caçula. Ele trabalha demais e, bom... o emprego dele não é exatamente comum. Meu conselho é não perguntar muito.

Ela dá um pequeno sorriso, mas parece estar falando sério.

— Ele é impaciente e, às vezes, rude. Precisei insistir muito para que ele me deixasse vir aqui e "me metesse nas coisas dele", mas eu queria muito te conhecer pessoalmente. — Faz aspas com o dedo e ri. — Então, se ele não for gentil com você, não leve para o lado pessoal.

Eu só consigo assentir, enquanto fico pensando no que me espera com um patrão descrito desse jeito.

Ok, talvez minha dança da felicidade tenha sido feita cedo demais.

— Você não precisa cozinhar todos os dias — continua ela. — Ele não exige muito, só gosta das coisas organizadas. Depois que terminar suas tarefas, pode descansar ou sair para resolver o que precisar. Seu horário termina às cinco.

Ela faz uma pausa e acrescenta:

— Mas, se ele precisar de algo fora do horário, espero que não se importe de ajudar. Ele chega tarde, mas não vai incomodar sempre. E claro, você será paga por qualquer hora extra.

— Está tudo bem. Estou aqui para trabalhar — tento manter a voz firme e um sorriso inseguro aparece em meus lábios.

Rebecca me estuda por um instante e depois continua:

— Você terá folga nos fins de semana, mas considere esta casa como sua também. Pode ir e vir quando quiser. Meu filho costuma se reunir com os amigos de vez em quando, mas ninguém vai te incomodar.

— Ok — falo, engolindo em seco.

— Não se preocupe, querida. Meu filho jamais permitirá que alguém passe dos limites com você — fala, como se lesse meus pensamentos. — Meus meninos têm regras claras sobre honra e sei que meu caçula vai te proteger. Você está segura aqui.

Seu tom é tão firme que me sinto um pouco mais tranquila. Aceno em agradecimento, e ela continua explicando os horários, as preferências e como a casa funciona.

Escuto tudo com atenção, sabendo que preciso desse emprego e não posso errar, mas não consigo evitar a ansiedade sobre o que me espera aqui.

Quando Rebecca termina de me passar as informações, eu a acompanho até a porta, mas antes que ela saia da casa, ela me encara uma última vez:

— Milena?

— Hum?

— Você é linda. Não deixe que nada e nem ninguém tire o seu brilho ou a sua alegria de viver.

Suas palavras me pegam de surpresa, mas aquecem algo dentro de mim. Tudo o que consigo fazer é sorrir, um sorriso pequeno, mas sincero. Sei que ela está se referindo à minha dança embaraçosa, mas é bom perceber que ela viu além disso. Que não me julgou com maldade.

Antes de partir, ela me entrega um cartão com seu número de celular e me diz que posso ligar a qualquer momento. Ela reforça que o filho é honrado e que não vai ultrapassar nenhum limite comigo, mas confesso que ter seu contato me deixa um pouco mais segura.

Depois que ela vai embora, fecho a porta e respiro fundo, tentando organizar tudo o que acabei de ouvir sobre o homem que vive nesta casa luxuosa.

Impaciente, rude, mas justo.

Fiquei tão ocupada processando as informações que nem me lembrei de perguntar o nome dele.

Mas vou descobrir em breve.

Exausta do dia e do turbilhão de emoções, sigo para o meu quarto, fecho a porta e tranco. Finalmente, me permito deitar e dormir.



Minha garganta está seca.

Meu corpo, quente.

Me levanto da cama de uma vez, desistindo de voltar a dormir.

O sonho erótico que acabo de ter com Dan Belinni foi a coisa mais real que já vivenciei com um homem. E o meio das minhas pernas lateja ao me lembrar disso.

Preciso de água.

Saio do quarto com meu pijama curto e não me dou ao trabalho de me cobrir. Meu chefe não vai voltar para casa hoje. Está tudo escuro e o silêncio preenche o lugar.

Caminho pelo corredor escuro e o som da minha respiração é a única coisa que preenche o ambiente. Quando chego à cozinha, estendo a mão para acender a luz, mas algo me faz parar.

Sinto... um arrepio. Minha pele queima feito brasa, como se eu estivesse sendo observada.

E é aí que me dou conta de que não estou sozinha.

Eu vejo um vulto.

Meu coração dispara, e antes que eu possa reagir, algo me empurra contra a parede com força. Um braço firme prende meus pulsos, imobilizando-me, enquanto sinto o toque frio e metálico de um cano de arma encostando em minha cabeça.

Jesus.

O medo me sufoca e eu reprimo um grito, mordendo o lábio para não soltar nenhum som. Meu corpo inteiro treme, mas é quando o vulto se inclina que a realidade fica ainda mais aterrorizante.

Eu o sinto.

Ele aspira meu cheiro devagar, quase como um animal selvagem cheirando sua presa antes de matá-la.

Então, de repente, ele recua, liberando-me com um movimento rápido, mas firme.

— O que você está fazendo aqui? — a voz grave e rouca me faz arrepiar.

Essa voz… Meu Deus…

Eu ainda estou sonhando?

Engulo em seco, minhas palavras saindo em um fio de voz.

— E-eu trabalho aqui.

Um silêncio pesado se estende, antes dele repetir, com incredulidade:

— O que disse?

— Sou a empregada — respondo, ainda presa entre o medo e a confusão.

Antes que eu conclua que estou alucinando, a luz da cozinha é acesa e um grito de surpresa sai da minha garganta.

Porque me dou conta de que não estou sonhando.

Dan Belinni está sem camisa, segurando uma arma, parado diante de mim.

Ele é o meu patrão.



DAN BELINNI

A vida tem jeitos surpreendentes de foder as pessoas.

É a primeira coisa que penso quando encaro a brasileira à minha frente, pressionada contra a parede com a boca entreaberta e os olhos arregalados de medo.

Porra.

Nas últimas semanas, me custou o inferno tirá-la da cabeça, mas depois de mergulhar no trabalho e de me enfiar em mais bocetas do que posso me lembrar, a porra da minha obsessão tinha diminuído.

Era o que eu pensava, pelo menos.

Porque agora, ouvindo-a dizer que é a empregada da minha nova casa enquanto veste esse pijama minúsculo, meu sangue ferve e a maldita obsessão está de volta.

Ela está linda.

Caralho! Ainda mais linda.

Recém-acordada, suas bochechas estão vermelhas e sua pele exala calor. Seu cabelo está levemente bagunçado e meu pau lateja dentro da calça por causa da garota que emana tesão.

Eu não sabia que era ela quando escutei alguém entrar na cozinha do meu apartamento, pois passei o dia conferindo um carregamento de drogas e mal olhei as mensagens da minha mãe no celular. Mas agi por instinto e saquei minha arma, apontando diretamente para a cabeça de qualquer um que ousou invadir a minha casa.

Então, eu senti o seu cheiro.

O perfume cuja lembrança me torturou a cada vez que eu pensava em foder alguém… sem falar no gosto doce da sua boca que ficou na minha língua e quase me fez ir atrás dela para tentar convencê-la a reconsiderar minha proposta.

Porque não era outra que eu queria montada no meu pau ou arreganhando as pernas para mim.

Era ela.

— Você é a empregada? — pergunto, irritação deslizando pela minha voz.

Uma coisa é querer algo absurdamente e essa coisa se manter longe, mas outra bem diferente é ver a tentação todos os dias desfilando de pijaminha pela sua casa.

Milena se afasta da parede e respira fundo, tirando a expressão de medo do rosto e vestindo seu orgulho.

— Sinto muito, senhor Belinni. Eu não sabia que era o seu apartamento que eu iria limpar. Ninguém me disse o seu nome e eu fiquei tão empolgada com o emprego que não me lembrei de perguntar. Mas eu realmente sinto muito — reforça, desviando o olhar do meu. — Se me der licença, vou pegar minhas coisas e ir embora.

Sua fala faz um aperto esquisito tomar meu peito.

Apesar de ter me recusado a agir como um *stalker* e investigar o passado da brasileira, não pude evitar acompanhá-la de longe. Descobri que ela voltou para a boate onde está sua amiga e continuou firme na decisão de não dormir com ninguém.

Sua reputação na boate é intacta. Ela é tão digna que todos gostam dela.

Mas está mais do que claro que Milena precisa trabalhar e não sou filho da puta de mandá-la embora simplesmente porque meu pau não sabe me deixar em paz quando estou perto dela.

Suspiro, cruzando os braços e negando com a cabeça.

— Não, Milena. Você não vai.

— O que disse?

— O emprego é seu — respondo com firmeza, vendo a surpresa preencher seu rosto. — Só não vacile. Faça seu trabalho e se mantenha longe da minha vida pessoal.

— Tem certeza de que me quer aqui?

Não.

— Desde que limpe direito, eu não me importo com quem está fazendo o trabalho. — Sou ríspido de propósito e ela engole em seco, desviando o olhar de mim.

Melhor assim.

— Obrigada, senhor Belinni. O senhor nem vai se lembrar de que eu existo! — responde com convicção e sai correndo da cozinha.

— Duvido — murmuro, pegando uma garrafa de água em seguida.

Enquanto caminho para meu próprio quarto, a imagem de Milena com seu pijama minúsculo na cozinha insiste em voltar para a minha cabeça.

Da próxima vez, pedirei a ela para não andar com esses… *trajes* quando eu estiver em casa.

Pelo bem da minha sanidade.



— Você está me ouvindo? — A voz grossa de Otto ecoa pelo escritório e pisco, tentando espantar os pensamentos.

— Sim — minto.

Estou exausto. Passei a noite em claro, pensando na brasileira que não quis trepar comigo e que agora dorme a algumas portas de distância do meu quarto.

Com aquele pijama ridículo de tão curto.

Que eu poderia só empurrar para o lado e já teria acesso livre à sua boceta doce.

A maldita obsessão me fez levantar da cama e me enfiar no chuveiro gelado. Desistindo de lutar contra o meu corpo e com o pau latejando de tanto tesão, fechei os olhos e me masturbei.

Me imaginei entrando em seu quarto, onde ela me esperaria só com a blusa de pijama; sem short e sem calcinha. De bruços na cama, Milena me deixaria montá-la e usaria os dedos delicados para abrir a boceta para me receber.

Me vi fodendo-a de quatro e agarrando seu cabelo longo, enquanto ela chorava meu nome e implorava por mais.

E eu daria.

Caralho, eu a foderia a noite toda.

Imaginá-la pelada fez meu pau vazar e meu abdômen ficar rígido, mas foi pensar em minhas mãos ao redor do seu pescoço bonito enquanto eu bombeasse duro na sua boceta que me fez gozar.

Minha ruína foi perceber que um orgasmo não era suficiente. Só de me imaginar lambendo sua boceta melada de gozo me deixou duro de novo.

Então eu continuei. Gozei quatro vezes e nem assim meu tesão passou.

Eu não queria a pressão da minha mão, queria o calor da sua boceta virgem e apertada. Queria fazê-la minha e marcá-la com minha porra.

Entretanto, reuni o restante de orgulho que existia em mim e me recusei a tocar punheta para ela uma quinta vez. Eu não era um adolescente de merda cheio de hormônios.

— Dan, porra! — Meu irmão mais velho grunhe e me levanto para encher meu copo com *whisky*.

Mantenha o foco, caralho.

— Estou ouvindo — falo calmamente, sentindo o álcool queimar a garganta. Ainda são nove da manhã, mas, foda-se, não é como se eu tivesse acabado de acordar.

— O que acha da rota?

Encaro o mapa em cima da mesa e suspiro, me aproximando dele. São rotas alternativas para distribuição de drogas nos Estados Unidos.

Graças à guerra com a Cosa Nostra, precisamos reestruturar nossos negócios o mais rápido possível para que ninguém rastreie nossas mercadorias ou tente nos sacanear.

Estamos ferrando a Cosa Nostra de forma descarada. Fizemos o Brasil cortar as importações das armas deles, um dos negócios mais lucrativos que eles firmaram recentemente na América. Agora, estamos jogando mercadoria mais barata no mercado, fazendo com que os filhos da puta que comercializavam com eles venham correndo para nós.

Os italianos vão revidar, isso é fato. Mas até lá, seguimos com o plano de boicotá-los.

— Vamos esbarrar com a Cosa Nostra americana — aviso, apontando para a linha vermelha em cima do mapa. — Ohio é território perigoso. Há filhos da puta traidores lá.

É um estado dividido, onde várias máfias disputam espaço, principalmente os descendentes de italianos ligados a Nova York. Não somos rivais declarados, mas estamos longe de sermos aliados.

— Eu sei — meu irmão responde, firme. — Mas eles não estão esperando nossa mudança e os negócios que temos lá valem o risco.

— Talvez a gente tenha sorte. Talvez os Ricciardi ainda estejam de luto e não vejam nossos negócios — Liam diz, servindo-se de *whisky* e se jogando no sofá.

— Duvido. Ouvi dizer que Charles Ricciardi nem conhecia a filha — comento. — Ele não vai se lamentar por uma garota que só tinha o sangue dele.

— Mas o sangue é precioso na máfia. Ele constrói e derruba impérios — Otto afirma e ficamos em silêncio, sabendo que ele está certo.

Nunca fui de me envolver com o que não era da minha conta, mas alguns eventos são importantes dentro da máfia e a morte da filha de um dos principais mafiosos de Nova York há alguns meses foi uma notícia que percorreu o país.

Entretanto, ele não deixou nada vazar sobre a garota. Tudo o que sabemos é que ela seria apresentada à máfia e, provavelmente, seria dada em casamento em benefício de algum acordo do seu pai. Mas ela teve um fim precoce e morreu em um acidente de avião.

— Aumentem a segurança da carga, então. Precisamos estar preparados caso algum filho da puta decida nos atacar — sugiro e Otto acena.

— Ordenarei que mais soldados participem da operação.

— E os russos? Nenhuma novidade? — Liam pergunta a Otto, que nega com a cabeça.

Nosso pai está em negociação com eles há alguns dias, mas eles não parecem dispostos a ceder. A rebeldia de Amber fodeu tudo e estamos prestes a virar alvo dos soviéticos.

Grande merda.

— Nosso Don ainda não saiu da reunião com os mexicanos.

Ele está conseguindo apoio. E, se tratando dos russos, toda ajuda é pouca.

— O pior é que os covardes de merda não querem se posicionar contra a Bratva — Liam resmunga e viro o restante da minha bebida, enchendo meu copo com mais *whisky*.

— Eles não são idiotas. Eu não os culpo — respondo e os dois bufam. Nós faríamos o mesmo.

Esfrego o rosto, cansado, sabendo que estamos prestes a enfrentar duas das maiores máfias do planeta.

Tudo por causa de Amber.

Porra. O ódio que sinto por ela neste momento é surreal, pois sua atitude pode custar muito caro para nós. Pode custar vidas.

Desde criança, eu cuidei de Amber como um irmão faria. Eu a protegi, a defendi e banquei cada coisa que ela queria. Escutei ela tocar piano, mesmo detestando música clássica, levei doces para deixá-la feliz e me esforcei para que nada lhe faltasse.

A mágoa me corrói ao me dar conta disso. Porque, na primeira oportunidade, ela escolheu dar as costas para nós. *Sua família*.

Apesar do ressentimento, decido enviar o pensamento para o inferno e foco no que é importante.

— Nossos inimigos tentarão se infiltrar — Otto comenta e aceno, sabendo que ele está certo.

Apesar de honra e lealdade serem lemas dentro da máfia, há muitos traidores que só precisam de uma oportunidade para se rebelarem contra a liderança.

Nós não somos imunes a isso.

— Estaremos prontos.

— Nosso Don também colocou infiltrados no território deles — Liam fala. — Temos apoio na Itália.

Otto concorda, satisfeito. Em breve ele assumirá o posto de Don e

meu pai o deixou encarregado da parte estratégica do plano.

— Pelo menos temos uma vantagem. A atenção dos italianos também está dividida agora. Os japoneses estão atacando a Cosa Nostra — comento.

— E nós já descobrimos o motivo? — Liam indaga.

— Não. Mas vamos descobrir — Otto responde e encerra o assunto, afrouxando a gravata instantes depois.

Me sento no sofá e fecho os olhos, exausto.

— Enquanto isso… o que está achando do apartamento, Dan? Já fodeu muitas bocetas na cama nova? — Liam pergunta e solto o ar, incrédulo.

Me mudei há apenas dois dias e estive ocupado demais trabalhando, mas Liam acabou aproveitando a deixa e também se mudou para um apartamento no mesmo prédio. Ao contrário de mim, meu irmão já fez duas festas no seu espaço e comeu várias mulheres em cima dos seus lençóis caros.

— Não vou levar mulheres para o meu canto. Eu as fodo em outros lugares, mas quero paz na minha casa — aviso.

— Hoje farei outra festa. Caso mude de ideia, posso levar o pessoal pra sua casa.

Ele pisca e eu mostro o dedo do meio para ele.

Otto cruza os braços e me encara.

— E a empregada? Está fazendo o serviço direito?

Seu tom denuncia que ele sabe demais e travo o maxilar, deixando claro que o assunto é proibido. Liam é meu irmão, mas, porra, não confio nele perto da minha garota.

Que merda estou dizendo?!

— Ela chegou ontem. Está tudo limpo. — Sou direto.

— E ela é gostosa? Nós podemos compartilhar, irmãozinho. Nossos pais nos ensinaram a dividir com os mais necessitados.

— Necessitado? — falo, com mais irritação do que eu gostaria. —

Você fode todo dia, porra.

— Você também. Na boate, nos rachas, depois das lutas. E ainda aguenta dor de cabeça de familiares voltando para lidar com você — provoca.

— Só deixe Milena em paz — rosno e, imediatamente, a postura dele se endireita.

— Milena? A brasileira virgem e gostosa que nossos clientes venderiam a alma para foder?

— Liam. — A voz de Otto sai como alerta. Ele sabe que nosso irmão está prestes a cruzar a linha do limite.

— Você não vai ser egoísta e foder a boceta dela sozinho, vai? — continua, e sinto meu sangue ferver. — Na verdade, você pode comer a boceta. Eu gosto de enfiar atrás. O cu é mais apertado.

Minha paciência estala e me levanto de uma vez, agarrando Liam pelo colarinho e dando um soco na sua cara. Ele cospe sangue e sorri, antes de me acertar de volta.

— Não a traga para essa conversa, caralho! — rosno.

A adrenalina me deixa cego, mas meu irmão não cede e o som dos nossos socos preenche o local. A briga só para quando ouço armas destravadas e vejo Otto com duas pistolas apontadas em nossa direção.

— Eu não ligaria se vocês dois se quebrassem em outro lugar, pois não vou me meter nas merdas de vocês. Mas vocês estão em meu escritório e preciso que deem o fora antes que eu perca a paciência e suje o chão de sangue.

— Você não vai atirar em nós, seu idiota — Liam zomba e Otto aponta o revólver diretamente para o pau dele.

— Para matar? Não. Mas eu posso te castrar. — A seriedade no tom do meu irmão denuncia que ele não está brincando. O olhar dele não vacila. — Isso seria uma pena, já que eu realmente queria muitos sobrinhos.

Cientes de que Otto é realmente capaz de atirar, Liam e eu nos afastamos, mas antes de sair do escritório, aponto o dedo para o rosto dele.

— Fique longe dela. É um aviso.

— E se ela quiser me procurar? — O sorriso que ele dá me faz querer quebrar seus dentes.

— Você comeu merda?

— Não. Mas estou louco para comer a boceta virgem da sua empregada.

Minha mão vai para o coldre e ele faz o mesmo, nossos olhares travados em desafio. No entanto, embora Liam seja um babaca fodido na maior parte do tempo, ele já me salvou mais vezes do que posso me lembrar e não vou entrar na onda dele.

Ele é leal. Louco, insano, um psicopata do caralho, mas que morreria por mim sem nem pensar duas vezes.

E eu faria o mesmo por ele. Mesmo que agora eu queira quebrar a cara dele.

— Cuidado — alerto e ele sorri.

Viro as costas para os dois e saio do prédio, sentindo a raiva borbulhar em cada gota do meu sangue.

Estou estressado, quero explodir um exército ou socar algum filho da puta até ouvir o som dos ossos se partindo.

Mas ao invés de sair para correr ou lutar, como faço todas as vezes em que merdas acontecem comigo, pela primeira vez, eu só penso em ir para casa.

E me encontrar com ela.



— Ei, você! Pare de me ignorar, eu preciso de ajuda! — digo ao homem de terno dentro do elevador, mas ele não se move.

Continua com a expressão dura, agindo como se eu não estivesse aqui.

— Eu preciso que você segure a escada para mim. Ontem fui tentar fazer isso sozinha e quase caí — argumento.

Mas ele continua imóvel. Sem se importar.

Solto um suspiro pesado e fecho os olhos, tentando encontrar alguma alternativa. Esperei Dan sair para poder começar a trabalhar, mas quero que tudo esteja limpo antes que ele volte para casa.

Sei que ele chega tarde e não quero correr o risco de me encontrar com ele de novo. Aquele homem me deixa… confusa.

E seu segurança está me deixando irritada. O que custa me ajudar?

— Olha, se eu cair da escada e quebrar o pé, vou fazer questão de dizer ao seu chefe que foi culpa sua. Isso se eu não fraturar mais ossos e ficar de cama. Minha aposentadoria vai sair do seu bolso e vou pedir pra você ficar no meu quarto me vigiando como punição. Vou falar tanto na sua cabeça que você vai enlouquecer. Ou então você vai aprender o português fluente, porque…

— Fique quieta! — grunhe, irritado.

Ora, ora, tagarelar deu certo. O soldado perdeu a máscara de indiferença.

— Então me ajude.

— Eu tenho ordens diretas para não me aproximar de você — avisa e confesso que isso me surpreende.

— Por quê?

— Porque o senhor Belinni não quer.

— O senhor Belinni não está aqui.

— Eu cumpro as ordens, independentemente se estou sendo fiscalizado.

— Por favor — suplico. — Quanto antes você me ajudar, mais rápido eu faço o meu trabalho e mais rápido eu libero você. Eu não vou demorar. Eu só quero limpar o lustre.

— Não.

A pedra de gelo em formato de homem volta a me ignorar e isso me deixa com raiva. Fingindo que não tenho trabalho a fazer, entro no elevador e cruzo os braços, fitando diretamente seu rosto.

— O que está fazendo? — Soa ainda mais irritado.

— Olhando você.

— Pare com isso.

— Eu posso ficar aqui o dia todo.

O olhar do homem me fuzila imediatamente.

— Porra, você não tem trabalho a fazer?

— Tenho. Se eu não tivesse, não estaria aqui te pedindo ajuda.

O homem xinga uma série de palavrões e sai do elevador. Dou um pulo de alegria quando o acompanho, sabendo que venci.

— O que você fez?

— Dei o pulo da vitória.

— Pare com isso — fala, desviando o olhar do meu corpo, como se eu estivesse pelada.

Não vejo nada de mais no meu short e top de ginástica. É curto e um pouco justo, mas Dan não vai voltar tão cedo e eu estou faxinando. Preciso estar confortável para isso. Além disso, o apartamento de luxo tem aquecedor e não faz frio algum aqui dentro, então não sei por que o estranhamento.

O homem segura a escada para mim e começo a limpar o lustre com cuidado. A peça deve valer mais do que meus órgãos.

— Vai demorar?

— Estou acabando — respondo. — Enquanto isso, me conta: o que você faz da vida além de vigiar um elevador?

— Mato pessoas — solta de uma vez, fazendo-me engolir em seco.

— Ok… mas eu quis dizer como *hobby*. Você gosta, sei lá, de dançar?

— Garota, eu não vou conversar com você.

— Mal-educado — resmungo baixinho em português e foco em terminar meu trabalho. Eu estava tentando ser educada, mas também não estou adorando conversar com ele. — Pronto. Acabei.

Ele respira aliviado e começo a descer da escada, mas meu pé desliza no degrau e eu perco o equilíbrio. E só não caio no chão porque o segurança me pega no colo e impede minha queda.

— Você está bem? — pergunta e aceno, com a respiração ofegante.

Antes que ele tenha a chance de brigar comigo, uma voz grave ecoa pelo apartamento.

— Que porra está acontecendo?!

O segurança me solta no mesmo segundo, como se eu tivesse alguma doença contagiosa.

— Senhor Belinni — diz, endireitando a postura.

Tento me recompor antes de encarar o dono da voz. Dan avança em nossa direção e leva apenas um segundo para que tire uma arma do coldre e aponte para o rosto do segurança que me ajudou.

— Que porra está acontecendo na minha casa, caralho?!

O soldado engole em seco, mas não se move. Se Dan quiser matá-lo, ele não vai se opor.

— Você desobedeceu minha ordem direta.

Ele destrava a arma, sem paciência ou piedade.

Uma onda de culpa me atinge e, em um piscar de olhos, estou entre o mafioso e o segurança.

— Eu pedi ajuda. Implorei, na verdade — falo de queixo erguido. Se alguém tiver que levar a culpa, serei eu. — Ontem fui limpar o lustre e quase caí, então pedi ajuda com a escada hoje.

Dan bufa, irritado.

— Não sabia que para limpar lustres era preciso ficar seminua no colo dos meus soldados.

— Eu *caí* — resmungo. — E não estou seminua. Estou com minha roupa de faxina.

— *Isso* é sua roupa de faxina? — pergunta, seu olhar varrendo as partes expostas do meu corpo.

Há fúria nos olhos dele. Há desejo também.

— Sim. É o mais confortável que tenho. Sua casa é grande, não dá pra limpar de burca — debocho e me arrependo imediatamente.

Preciso manter minha boca fechada ou minha língua vai me matar.

Dan ainda está com a arma levantada e apontada para a cabeça do soldado, a tensão toma conta de mim.

— Deixe-o ir. A culpa é minha. Se tiver que atirar em alguém, atire em mim que o irritei até que ele cedesse e viesse me ajudar.

Nunca pensei que imploraria para morrer no lugar de um desconhecido, mas meu senso de justiça não permitiria que eu fizesse diferente.

— Está implorando por ele, porra?

Seu maxilar está cerrado, seus olhos destilam ódio e posso ver a pulsação na veia do seu pescoço. Em uma atitude de coragem, avanço devagar em direção ao mafioso e seguro sua mão.

— Estou dizendo que ele não fez nada. Que a culpa foi minha. Então se alguém tiver que pagar por isso, estou aqui.

Ele me encara com relutância e fico em silêncio, esperando sua decisão. Apesar de tudo, sinto como se ele não fosse capaz de me machucar, mas sou louca o suficiente para pagar pra ver.

— Dê o fora — ordena para o soldado. — Mais tarde, quero você no meu escritório.

O homem pede licença e o obedece imediatamente. Respiro aliviada por saber que não haverá sangue nas minhas mãos.

Não deste homem.

Mas não posso dizer o mesmo sobre a menina no avião…

— Você só causa problemas — Dan interrompe meus pensamentos e guarda a arma, suspirando com irritação.

— E você está sempre me dizendo como fazer o meu trabalho — rebato e ele arqueia uma sobrancelha, surpreso pela minha ousadia. — Pensei que não se importasse com quem está limpando a sua casa, desde que seja limpa. Mas agora, além de implicar com uma ajuda, ainda está reclamando das minhas roupas. De novo.

— Cuidado com o seu tom — Dan dá um passo em minha direção, e preciso inclinar a cabeça para olhar em seu rosto.

— Não dá pra entender. Você não acha que está mandando demais na minha vida? Você pensa que pode dar pitaco em tudo o que faço, mas isso é abuso de poder.

Louca. Maluca. Suicida.

É isso o que sou. Não tem outra explicação.

Talvez o feminismo que minha mãe insistiu em me ensinar a minha vida toda tenha servido para me dar uma morte trágica agora.

No entanto, não consigo parar.

Aponto o dedo para o peito do mafioso e continuo:

— Se está insatisfeito comigo, me demita. Eu pego minhas coisas e você nunca mais vai precisar olhar pra minha cara, já que eu só causo problemas. Mas se toda essa raiva é apenas porque eu não quis abrir as pernas para você… sinto muito, senhor Belinni, mas não estou disposta a ser uma das suas putas ou amantes. Por mim, você pode explodir com sua fúria que nossa situação nunca vai mudar.

— Nunca? — fala baixinho com a voz sexy e segura meu pulso, abaixando minha mão.

Com a mão livre, agarra meu pescoço, fazendo carinho na minha pulsação.

Detesto gostar tanto.

Engulo em seco e me esforço para me manter firme.

— Nunca — murmuro, sem firmeza alguma.

Seu lábio se arqueia em um sorriso sombrio e sua boca se aproxima do meu ouvido.

— Oh, querida, você não sabe que garotas mentirosas merecem ser punidas? — sussurra. — Eu posso te levar para o quarto e te dar umas palmadas até você aprender a não mentir mais para mim.

Ele pressiona mais meu pescoço.

Um gemido baixo escapa dos meus lábios e fecho os olhos, lutando contra mim mesma.

— Vou deixar sua bunda vermelha e depois te foder de quatro. Vou dar tapas na sua boceta até você implorar para gozar, mas só vou deixar depois que me pedir desculpas.

Dan começa a beijar o lóbulo da minha orelha com carinho. O movimento maldito da sua língua faz o meio das minhas pernas latejar.

— Pare com isso — falo, o fio de voz denunciando a minha fraqueza.

— Depois de te disciplinar, se você for uma boa garota, vou te procurar todo dia depois do trabalho e te comer gostoso. Vai gozar no meu pau e na minha língua, vou aumentar seu salário… tudo pra te compensar por ser uma boa empregada — fala, o vai e vem da sua língua tirando o resto da minha racionalidade. — Eu posso ser um ótimo patrão, Milena. Você só precisa parar de lutar contra o seu desejo por mim.

Não consigo conter outro gemido.

Quando me dou conta, já estou deitada no sofá, com as pernas abertas e o mafioso ajoelhado diante de mim. Estou apenas com meu short e top de academia, mas Dan está totalmente vestido com seu terno chique e caro, o que deixa tudo ainda mais obsceno.

— O q-que você vai fazer? — pergunto, curiosa demais pra tentar lutar contra. Meu clitóris está latejando, carente de atenção.

— Vou te mostrar a vantagem de ser uma boa empregada para mim — fala com a voz mais rouca que o normal e se inclina, alinhando o rosto com minha boceta.

Dan aspira o cheiro pelo tecido e coro de vergonha, pois eu sei que ele consegue sentir o quanto estou molhada.

— Você sabia que cheirei a mancha que você deixou na minha calça pra bater uma punheta pensando em você?

Ele acaricia minha boceta com o polegar, por cima do short, em um movimento lento e torturante. Dan para o dedo em cima do clitóris e

pressiona de levinho, mas meu desejo é tanto que meu quadril arqueia em resposta.

O mafioso sorri.

— Seu clitóris está inchado, Feiticeira. Está com tesão, não é? Que delícia.

Oh, Deus…

Eu não deveria gostar tanto de ouvir suas palavras sujas.

— Eu quero colocar ele na boca e chupar até descobrir se seu gosto é tão bom quanto seu cheiro.

Dan começa a aumentar a pressão no meu clitóris, massageando-o com os olhos travados em meu rosto. Tento me manter firme, mas ele está esfregando tão gostoso. O tecido do short apenas aumenta o atrito e me deixa com mais vontade.

— Dan… — murmuro, levantando o quadril para buscar mais contato.

— Abaixe o top para mim — ordena com um tom tão baixo que mais parece um pedido. — Quero ver seus peitos.

— Não…

Minhas mãos estão formigando de vontade de obedecê-lo. É como se meu corpo implorasse para ceder ao comando do mafioso.

— Abaixe, Milena. Deixa seu homem ver seus peitos. Vou lamber o bico deles.

Jesus.

Como saímos de uma briga para… isso?

Dan massageia meu clitóris em círculos, seu olhar travado no meu.

— Vamos, querida. É feio deixar seu homem com fome. Tire os peitos que eu vou mamar.

Assinando meu atestado de idiota, lentamente faço o que ele pede, abaixando o top e deixando meus peitos saírem pesados. Os mamilos ficam

durinhos por causa do frio que sentem e do tesão.

Tudo o que eu queria… era que ele esquentasse meus bicos com sua língua quente.

O olhar dele escurece e posso sentir meu rosto queimando, mas ao invés de me abocanhar como necessito, Dan Belinni se abaixa para cheirar minha boceta.

— Que vadia safada. Ficou mais molhada depois que tirou o peito pra mim — fala, seu hálito quente atingindo o tecido fino da minha roupa e acertando minha pele.

Estou com tanto tesão que tenho vontade de gritar. A ponta do seu nariz cutuca a minha entrada e ele faz força ali, a pressão deliciosa me fazendo revirar os olhos.

— Porra, seu cheiro vai acabar comigo!

— Por favor — imploro, sem saber se é para que ele pare ou continue.

— O que quer, Feiticeira? — pergunta, usando o dedo para circular meu clitóris inchado e me provocando com a ponta do nariz. — Quer que eu te faça gozar gostoso?

Não consigo responder. Um gemido baixinho é tudo o que escapa da minha boca enquanto ele estimula meu ponto carente de um jeito lento e torturante.

— Você vai gozar gostoso na minha língua, Feiticeira? — Seu tom é autoritário agora. Ele exige uma resposta.

Esse homem vai me matar.

Por que não consigo me controlar perto dele?

— S-sim — respondo, levantando o quadril em uma tentativa de buscar mais contato. — Por favor, eu preciso de você.

Meu pedido faz um grunhido ecoar da sua garganta e tenho certeza de que agora ele vai arrancar minha roupa e entrar em mim.

À luz do dia, no meio do sofá da sala de um mafioso, com o top enrolado para deixar os peitos de fora e as pernas arreganhadas… não era

assim que eu pensava em perder a minha virgindade.

Mas com Dan Belinni eu não consigo pensar.

Mesmo que eu fuja, mesmo que eu saiba que estou cometendo o maior erro de todos, não consigo parar de querer cada coisa suja que ele me promete.

Ele levanta a cabeça para me observar e posiciona a mão em cima da minha boceta, esfregando meu clitóris com a palma aberta. Ele continua fazendo lento, apenas para me torturar, mas estou tão carente que sei que meu orgasmo não vai demorar a me alcançar.

Eu sou virgem, mas já me toquei algumas vezes e sei como meu corpo reage ao prazer.

— Dan — soluço, sentindo meu ventre aquecer e o meio das minhas pernas formigar. — Eu vou…

Abro a boca para gemer, mas antes que a onda de prazer me atinja, o mafioso se afasta e sorri para mim.

— Não, querida. Você não vai — fala em tom de vitória, mas estou quase gozando gostoso e não vou permitir que esse idiota arranque meu orgasmo de mim.

Enfio minha própria mão embaixo do short para me esfregar, e solto um gemido alto quando toco a pele macia e bem melada.

Rodo dois dedos em cima do meu botão carente, sentindo-o latejar, mas em um movimento firme, o mafioso agarra meu pulso e prende minhas duas mãos acima da minha cabeça.

Choro de frustração.

— Não! Eu quero…

— Mentirosas não merecem gozar — avisa com o tom duro, mas a chama de desejo que vejo ali me incita a continuar.

Mandando qualquer gota de orgulho para o lixo, agarro sua cintura com minhas pernas e o puxo para mim, colando nossos corpos.

Céus. Ele está tão duro…

Dan xinga um palavrão, mas não me impede de movimentar. Alinho minha boceta no seu pau grosso e começo a me esfregar, mas quando minha entrada toca a glande inchada, ele solta um gemido rouco.

E neste momento entendo que não há nada mais sexy do que ouvir um homem gostoso gemendo.

— Milena, vou avisar apenas uma vez. Se eu começar algo com você, não vou parar. Eu vou te foder até te encher de porra.

Suas palavras apenas me incentivam a continuar. Meus olhos estão entreabertos e o olhar de desejo dele é minha ruína.

O tecido do terno dele é macio. Meu short é mais fino ainda. Eu consigo sentir o mafioso pulsando.

— Feiticeira — grunhe, usando uma mão para agarrar meu quadril enquanto a outra ainda prende meus pulsos.

Ele me movimenta no seu ritmo, duro, e começa a bombear gostoso quando nossos sexos estão encaixados.

— Eu vou morrer se não me enterrar na sua boceta — promete e tenho vontade de sorrir, mas qualquer sentimento é substituído quando finalmente o orgasmo me atinge.

Meu corpo convulsiona, um gemido alto sai da minha garganta e rebolo mais, buscando contato com o pau dele em todo o tempo em que a onda de prazer me percorre.

Encaro o rosto de Dan e seu maxilar está travado. Uma veia pulsa em seu pescoço e sei que ele está prestes a explodir.

— Eu vou abaixar seu short, chupar sua boceta e depois vou te levar pra minha cama. Vou foder você como e quantas vezes quiser.

Ele está usando o resto do seu autocontrole, mas agora que tive um pouco de alívio, minha consciência voltou também.

Consigo me soltar do agarre dele e ajeito meu top, escondendo meus peitos antes de me desviar dele e pular do sofá.

— Sinto muito, senhor Belinni. Já estou satisfeita e tenho trabalho a

fazer.

Em segundos, ele se levanta, mas ao invés de se impor sobre mim, ele apenas estreita os olhos para me analisar.

— Eu não tenho paciência para jogos, Milena.

Você não tem paciência para nada. Tenho vontade de dizer, mas me contenho.

— Eu não perco tempo com isso, senhor Belinni, mas como eu sei que você valoriza uma boa empregada, peço licença para fazer minhas tarefas. Tenha um bom dia.

Viro as costas e começo a caminhar em direção à cozinha, mas ele me chama uma última vez.

— Se eu pegar um dos meus homens tocando você de novo, vou cortar a mão dele na sua frente.

Ignoro sua ameaça e volto a andar, satisfeita por estar conseguindo me impor sobre o mafioso letal.

E por mais que eu goste de provocá-lo e saiba que ele desperta em mim os desejos mais proibidos, não vai demorar muito para que ele encontre outra mulher para brincar e se esqueça de mim.

É melhor colocar um ponto final nessa história antes que o meu final não seja feliz.

Porque eu já passei por coisas demais para ter que lidar de novo com um coração partido.



Encaro meu reflexo e sorrio, satisfeita. Comprei esse vestido há algumas semanas e nunca encontrei ocasião perfeita para usá-lo, mas hoje parece o dia certo para isso.

Decidida a distrair a minha mente do mafioso, acabei respondendo à mensagem do filho de Evelyn para sairmos juntos. Ele marcou hoje e aceitei.

Respirar ar puro vai me ajudar a esquecer do cheiro, do toque e do olhar do mafioso. Sei que preciso deixá-lo de lado, mas é difícil quando tudo ao meu redor me faz lembrar dele.

Depois do acontecimento na sala há alguns dias, não o encontrei mais e me ocupei em limpar a casa. Foi melhor assim, mas lembrar do jeito como ele me olhou enquanto eu gozava rebolando no pau dele me fez me tocar no chuveiro mais vezes do que eu gostaria de admitir.

Meu celular vibra e respiro fundo ao ler a mensagem do filho de Evelyn me avisando que já me espera na portaria do prédio. Vamos ao cinema e ele parece ansioso.

Ao contrário de mim.

Mas esse desânimo vai passar. Vi uma foto dele e ele até que é bonito.

Não tanto quanto Dan Belinni, mas, ainda assim, bonito.

Espirro meu perfume e passo a mão pelo vestido preto, que é justo e tem uma fenda que vai até o alto da minha coxa. A roupa é sensual e bonita, mas hoje eu queria me sentir linda e fiquei satisfeita com o resultado.

Pego minha bolsa e saio do quarto, mas assim que chego na sala, encontro Dan em pé, de costas, com um copo de *whisky* na mão. Ele está encarando a vista da cidade e parece não ter me ouvido entrar no cômodo.

Tento sair de fininho, mas paro no lugar quando ouço sua voz áspera.

— Aonde vai? — pergunta, sem sequer olhar em minha direção, demonstrando que sabe que estou aqui.

Já passa das cinco, o que significa que meu expediente já acabou, mas sua mãe me pediu para estar à disposição dele caso ele precisasse de algo.

E como eu preciso do emprego…

— O apartamento está limpo e há comida pronta na geladeira. O senhor precisa de mim para mais alguma coisa? — Ignoro sua pergunta.

Dan não me responde. Em vez disso, ele se vira e prende o olhar em meu corpo. Sua postura enrijece quando encara a fenda no meu vestido.

— Que porra é essa que está vestindo?

— Um vestido novo. Vou a um encontro.

Me arrependo assim que as últimas palavras saem da minha boca. Não devo satisfação a ele sobre a minha vida pessoal. Nossa relação é apenas profissional.

— Um encontro?

— Sim. Já passa das cinco e meu horário de trabalho já acabou —

ressalto. — Posso fazer o que eu quiser no meu tempo livre.

O mafioso sorri com deboche.

— E posso saber o nome do filho da puta que acha que vai te levar para sair?

— Ele não acha, ele vai — digo de nariz em pé e Dan bufa uma risada, dando um gole em seu *whisky*.

Ele caminha lentamente em minha direção e segura meu queixo entre seus dedos. O simples toque faz meu corpo arrepiar.

Me odeio por ter sentido tanta falta disso.

— Oh, querida, você é tão ingênua.

Seu olhar escorrega para a minha boca. Estou prestes a fazer o mesmo quando meu celular vibra e me tira do transe.

Eu tenho um encontro.

Dou um passo para trás e me afasto do mafioso.

— Bom, já que terminei meu trabalho, vou sair. Boa noite — respondo e não dou brechas para que ele retruque. Eu me viro e dou passos apressados até o elevador, percebendo, mais uma vez, que ele está vazio.

Desde o dia em que pedi ajuda ao seu segurança, ninguém mais está ocupando o lugar. Espero que Dan não o tenha matado, mas não quero pensar nisso agora.

Esse é apenas mais um sinal de que devo me afastar do mafioso.

Encaro Dan Belinni quando aperto o botão do térreo. Ele ostenta uma postura relaxada enquanto dá outro gole em seu *whisky* caro. Não importa o poder que ele acredita ter sobre mim. Ele não é meu dono e não vai me dizer com quem eu posso ou não sair.

Entretanto, enquanto as portas do elevador se fecham, seu sorriso cínico é a última coisa que vejo antes de descer.

E meu corpo se arrepia por isso.



— Você tem medo de filme de terror? Porque eu posso abraçar você — George, o filho de Evelyn, diz enquanto dirige até o cinema e me esforço para sorrir para ele.

Ele é bonito, fofo e gentil. Trabalha em uma loja de informática e tem uma vida simples, totalmente diferente do mundo da máfia.

Exatamente o que eu quero. E preciso. *Certo?*

Então por que não consigo me sentir atraída por ele?

— Um pouco — minto, pois não tenho medo nenhum. — Você pode segurar a minha mão.

Seu sorriso se alarga e ele volta a fixar a atenção na estrada, mas antes seleciona uma *playlist* de músicas brasileiras e logo o idioma do meu país preenche o carro.

— Espero que goste.

Ok, George está realmente se esforçando.

— Que gentileza. Obrigada.

Uma música da Vanessa da Mata começa a tocar e sorrio, pois adoro a canção. Mas ao invés de relaxar ao som da cantora, encaro o retrovisor e meu cenho se franze ao notar um carro preto atrás de nós.

— Estamos sendo seguidos?

— Não reparei — responde, mas tenho quase certeza de que esse carro está atrás de nós desde que saímos do prédio. — Não fique tensa. Só relaxe. Eu te protejo.

Em situações normais, eu poderia rir com sua fala, mas a preocupação me preenche ao me dar conta de que pode ser meu pai.

E se ele me encontrou?

— É sério. Relaxa. Eu sou daqui e SUVs pretos são comuns em Chicago. Acredite em mim.

Reluto, mas respiro fundo e aceno, tentando seguir seu conselho.

— Ei! Também aprendi duas palavras em português para falar com você — tenta chamar minha atenção e me sinto uma idiota por não estar atraída por ele.

— Quero ouvir — falo, me esforçando para acreditar que a perseguição é apenas impressão minha.

— *Báum dhía.*

A preocupação fica de lado e uma risada sincera ecoa do meu peito.

— Repita, por favor!

— *Báum dhía.*

Lágrimas saem dos meus olhos e George repete o “bom dia” mais fofo que já ouvi, e estou tão entretida que não percebo quando ele passa por um atalho para fugir do congestionamento e acaba entrando em uma rua escura.

Assim que me dou conta do que ele fez, já é tarde demais.

— Meu Deus! — George grita e freia imediatamente. O cinto de segurança nos impede de chocar contra o vidro, mas quando levanto o rosto, vejo que estamos cercados por vários carros pretos, inclusive pelo que estava atrás de nós.

Meu coração bate acelerado. O pânico começa a me atingir quando dezenas de homens armados descem e caminham em nossa direção.

— Meu Deus! Eles vão nos matar! — George grita e tenho vontade de socar a cara dele por isso. Por que diabos ele tinha que se enfiar nessa rua escura?

Tento respirar fundo para pensar em uma saída, mas tudo muda quando meus olhos se firmam em um carro esportivo a alguns metros de nós. Meu sangue ferve ao ver o homem de terno encostado nele.

Dan.

Antes que eu me mova, um homem de preto surge ao meu lado e abre a minha porta.

— Senhorita, temos ordens para tirá-la do veículo — avisa.

— O quê?!

— Caso não obedeça, seremos obrigados a matar seu amigo.

— Você só pode estar brincando! — berro, mas não há o menor sinal de brincadeira no rosto dele.

— Saia! — Ouço um grito e me viro, vendo George me encarando. — Saia do meu carro!

— Calma, ele não vai te machucar!

— Sim, nós vamos. — O soldado se intromete e estou prestes a mandá-lo à merda, mas George praticamente me empurra do seu carro e me manda sair.

— Eu não quero morrer! Saia! Pelo amor de Deus!

Solto o ar, incrédula.

Vê-lo agindo com covardia queima qualquer gota de interesse que eu pudesse nutrir por ele algum dia. Entendo que o senso de sobrevivência fala mais alto nessas horas, mas não era ele que iria me proteger?

Dan não agiria desse jeito. Tenho certeza disso.

O pensamento chega na minha cabeça e o mando embora imediatamente.

O soldado não precisa me dizer uma segunda vez, pois juntando toda a minha indignação, saio do carro de George e caminho a passos duros em direção ao mafioso que pensa que pode mandar em mim.

— O que pensa que está fazendo? — grito, fuzilando Dan com o

olhar.

O canto do seu lábio se arqueia em um sorriso e ele estende a mão para mim.

— Buscando o que é meu. Vamos para casa, Feiticeira.

Dou uma risada amarga e cruzo os braços, impedindo a mim mesma de dar a mão para ele. Não confio totalmente em mim quando estou perto do mafioso.

— Eu vou ao cinema.

— Com ele? — pergunta, apontando para o carro atrás de mim e arqueando uma sobrancelha.

Segundos depois, escuto o barulho de pneus e George vai embora, me deixando para trás.

Covarde.

— Eu não preciso dele para ir ao cinema — rebato, de queixo em pé.

— Se é isso o que quer, me diga o que gostaria de ver e vou levar você.

— Eu vou arranjar outra companhia. Tenho o contato de alguns homens que adorariam sair comigo — provoco de propósito, vendo o maxilar do mafioso ficar travado. — Acho que vou chamar um deles.

— Não, querida. Você não vai.

— Eu não vou deixar de sair com um cara só porque você quer.

— Você se sentiu segura com o cara que estava com você? Porque ele foi embora como um covarde de merda, sem se importar se você seria machucada. — fala com a voz firme e engulo em seco. — Você precisa rever melhor os homens com quem conversa, Milena. Nenhum foi capaz de se defender sozinho. Como podem proteger você?

— Você é tão… tóxico!

— Você não imagina o quanto — fala, desencostando do carro e vindo em minha direção. — Mas não sou covarde. Se você estivesse no meu

carro, precisariam me matar antes de te arrancarem de mim.

Meu corpo estremece, sentindo o peso das suas palavras.

— O que você quer de mim?

— Entre no carro.

— Eu não vou entrar no seu carro!

— Estou ficando sem paciência, querida. Entre na porra do carro ou vou mandar buscarem seu amiguinho para ensiná-lo a nunca mais deixar uma garota sozinha e desprotegida — manda e, lutando contra o último resquício de orgulho, dou alguns passos e paro diante do carro do mafioso.

— Não o machuque! — falo, pois apesar de saber que Dan está certo, Evelyn me ajudou e não quero que o filho dela saia prejudicado por causa do ciúme de Dan.

— Você voltará a vê-lo?

— Isso não é problema seu!

— Está segura disso?

Sacudo a cabeça, cansada. Porque a verdade é que estou exausta de interceder pelas pessoas. De pensar em todos menos em mim mesma.

— Só… deixe-o em paz. Por favor.

Minha voz morre e Dan encara seus soldados, fazendo outro movimento com a cabeça. O mafioso abre a porta do carro para mim e em seguida ocupa o banco do motorista.

— Coloque o cinto, Milena — ordena e bufo.

— Você gabarita o código penal e está preocupado com uma infração de trânsito?

Dan suspira, impaciente, e avança sobre meu corpo, colocando ele mesmo o cinto de segurança em mim.

— Estou me fodendo para leis ou regras de trânsito. Mas eu não dirijo devagar e preciso que esteja segura.

Meu coração estúpido erra uma batida, mas me esforço para não demonstrar o quanto suas palavras me afetam.

— E então? Para onde quer ir? — pergunta. — Está com fome ou quer ver algum filme? Eu te levo. Me diga o que quer. Estou com tempo para você.

Sacudo a cabeça, incapaz de acreditar que ele está agindo como se nada tivesse acontecido depois de ter cercado o carro do meu encontro e ainda mandado seus homens o ameaçarem.

— Só me leve para casa — digo, cansada demais para discutir.

Dan acena e pisa no acelerador, e logo o *heavy metal* ecoa pelo seu carro de luxo. Ele está longe de ser gentil como George e, sem dúvidas, é o típico cara tóxico de quem eu deveria manter distância.

Mas enquanto ele acelera pelas ruas de Chicago, alívio é o que toma conta de mim.

Porque, se meu pai me encontrasse, Dan Belinni me protegeria.

Ao contrário de George.

Ainda bem que não fui no cinema com ele.



MILENA LIMA

Dias depois

Uma camada de suor cobre a minha pele quando abro meus olhos e vejo que ainda está escuro.

Isso está ficando insuportável.

Me levanto da cama e vou até meu banheiro, lavando o rosto com água fria em uma tentativa falha de acalmar meu corpo.

Mas não adianta.

Os sonhos eróticos com Dan Belinni estão cada vez mais frequentes e a batalha que travo dentro de mim está cada dia pior.

Desde o dia do meu *quase* encontro com George, me esforcei para dar um gelo nele, evitando ao máximo estar perto do mafioso. Só fazia meu

trabalho e me trancava no quarto.

Eu o odeio e detesto tudo o que ele representa. Seu controle, sua possessividade, sua mania de querer me dizer o que devo ou não fazer…

Mas meu corpo pensa diferente. A cada vez que ele está por perto, algo dentro de mim se aquece. Eu fico quente e o meio das minhas pernas lateja por alívio.

Um alívio que sei que só ele pode dar.

— Preciso tomar água gelada. Isso vai passar — murmuro e saio do quarto, concentrando-me em não tropeçar em nada durante o caminho.

Está escuro e não quero acender a luz ou correr risco de que o mafioso me veja.

Entro na cozinha e uma parte do sonho volta com tudo à minha mente. Eu, deitada de costas na bancada com as pernas abertas, e Dan Belinni chupando meu clitóris como se eu fosse sua refeição.

Um gemidinho baixo escapa dos meus lábios e aperto uma coxa na outra. Talvez ter ficado tanto tempo virgem esteja me deixando louca.

Ainda no escuro, encho um copo de água e levo até a boca, mal me aguentando de tesão. Viro o líquido de uma vez, mas nada é capaz de refrescar meu corpo. Desisto da ideia e caminho lentamente até a sala, sendo guiada pela luz da noite que entra pelas paredes de vidro.

— Perdeu o sono? — A voz grave e rouca surge nas sombras.

Fecho os olhos e suspiro. *Eu estou alucinando.*

— Você parece quente.

A frase me faz abrir os olhos, mas nada me prepara para o que vejo diante de mim.

Dan está sentado no sofá, a cabeça inclinada para trás e a luz que entra na sala ilumina exatamente o que faz meu coração disparar. Meu estômago revira ao ver seu pau grosso e duro de fora da calça, sendo acariciado pelo mafioso. Ele ainda está todo de terno e isso deixa a cena ainda mais indecente.

Ele sorri para mim e o gesto é tão obsceno que faz meu ventre latejar.

Merda.

Estou assustada, mas não consigo parar de olhar para ele. Sem desviar os olhos de mim, o mafioso lambe a mão e volta a se esfregar, lentamente, uma e outra vez.

Eu deveria fugir. Correr para o mais longe possível dele, mas eu não quero sair daqui. Quero ver Dan Belinni esfregar seu pau duro e gemer de prazer com os olhos travados em mim.

— Senhor Belinni, você…

As palavras começam a sair da minha boca, mas paro de falar. Não tenho ideia do que dizer. Ele é tão grande e grosso…

Engulo em seco, mas o mafioso continua a punheta, fingindo que não há nada acontecendo.

A cabeça inchada do seu pau está brilhando e passo a língua pelos lábios em um movimento automático. Ele solta um gemido rouco em resposta e o som faz meu coração bater mais rápido e com mais força.

— O que você quer, Milena? — Dan sussurra com a voz tão rouca que mal consigo ouvir.

— O senhor… — engasgo, meus olhos ainda fixos no pau duro dele.

— Diga — ordena com autoridade.

— Está com fome? — pergunto, uma mistura de tesão e medo.

Dan inclina mais a cabeça para trás e sorri de novo, levantando o quadril para bombear com mais força.

— Na verdade, estou morrendo de fome, querida.

Há momentos na vida em que tudo à nossa volta grita perigo e te incita a correr.

Este é um desses momentos. E garotas obedientes fugiriam sem hesitar.

Mas eu não sou obediente. E talvez esse seja o meu pior defeito,

porque enquanto Dan Belinni está se desmanchando de tesão na minha frente, eu não quero parar de olhar para ele.

Meu corpo está mais quente. Minha boca seca. O latejar no meio das minhas pernas fica cada vez mais doloroso a cada investida dos quadris do mafioso.

Eu começo a hiperventilar. Mas não vou sair daqui. Porque talvez eu também tenha uma parte suja e escura dentro de mim. E essa parte quer ver Dan Belinni gozar.

E se eu for muito honesta comigo mesma, eu quero gozar com ele.

— Você está com desejo — afirma com a voz grave e baixa, sem parar de bombear. — Eu não vou tocar em você sem sua permissão, mas você pode abrir as pernas e imaginar tudo o que eu poderia fazer com você enquanto eu te olho.

Não. Não. Não.

A voz da minha consciência grita.

E eu a ignoro sem pensar duas vezes. Porque talvez se eu fizer exatamente isso que ele está me dizendo, meu corpo se satisfaça e essa maldita obsessão vá embora.

Então, como uma garota má, caminho até o sofá diante dele e me sento.

— Você vai me dizer o que fazer? — pergunto e ele grunhe.

— É isso o que quer, Feiticeira?

— Quero que você comande o meu corpo.

— Porra! Você não pode falar esse tipo de coisa para um homem como eu.

A satisfação me preenche e quero sorrir, mas me contenho. Estou excitada demais e não quero que nada quebre este momento.

Inclino a cabeça no encosto do sofá e observo seu rosto, esperando seu primeiro comando. Ele para de se tocar, apenas para me ver obedecê-lo.

— Levante a blusa do seu pijama — ordena e eu obedeço. — Só um pouco. Deixe um mamilo de fora e o outro coberto pelo tecido. Ele vai estimular seu bico sensível.

Ofego, sentindo o tecido fino do pijama roçando gostoso em um mamilo enquanto o outro está de fora, durinho e necessitado. O olhar de Dan escurece quando ele encara meus peitos e lambe os lábios. Tenho certeza de que o mafioso está se contendo para não avançar em mim.

— Abaixe seu short e a calcinha.

— Não estou usando calcinha.

Ele xinga um palavrão e aperta os olhos, respirando fundo.

— Abaixe o short, gostosa. Quero ver essa boceta molhada enquanto você usar seu dedo pra se foder.

Sem me importar com qualquer coisa que não seja o meu desejo, aceno devagar e me permito me entregar ao seu comando.

Quando desço o short, Dan xinga outro palavrão e solta um suspiro pesado.

— Sua boceta é tão pequena… consigo cobrir seu clítoris usando só a ponta da minha língua — sussurra, voltando a se tocar devagar. Deslizando a mão de cima até embaixo, acariciando a glande inchada antes de começar tudo de novo. — Pegue um pouco da umidade da sua entrada e leve até seu clitóris. Boa garota. Agora esfregue gostoso, olhando para mim.

Começo a me masturbar do jeito que ele pede e meu botão está tão durinho que quase choro de alívio quando ele recebe atrito.

Meus dedos giram em círculos e mantenho meus olhos presos no mafioso, que me observa como um predador prestes a atacar.

Mergulho a ponta de dois dedos no meu canal estreito, não o suficiente para tirar minha virgindade, mas de um jeito que eles saem bem melados antes de voltar ao clitóris.

O olhar de Dan está mais escuro e isso me excita.

Esfrego mais rápido.

Eu quero imaginar sua boca na minha boceta, me chupando como nos meus sonhos até me fazer gozar.

Esfrego mais duro.

Deslizo mais um pouco dos dedos para dentro e rebolo os quadris, tremendo com o prazer que começa a se instalar no meu ventre. O tecido do pijama roça no meu mamilo durinho e isso me excita mais. Quero a boca de Dan em todo lugar.

— Olhos em mim, vadia. Seu corpo me deve obediência agora.

— Sim, senhor Belinni — sussurro, adorando a forma como ele me chamou de vadia.

Abro os olhos e vejo que Dan parou de se masturbar. Uma onda de vergonha me atinge, pois estou com os peitos de fora e com as pernas arreganhadas me tocando para o mafioso ver.

Ele percebe minha intenção e, segundos depois, está com o braço apoiado no encosto do meu sofá, se inclinando sobre mim.

— Eu não mandei parar — sussurra, a voz tão rouca que me faz estremecer.

Dan agarra minha mão e chupa meus dedos melados antes de colocá-los em cima da minha boceta. Quando ele faz isso, seu dedo grosso roça de leve nas minhas dobras macias e nós dois gememos juntos.

— Continue esfregando a sua boceta. Você vai gozar pra mim.

O ar fica preso em meus pulmões quando abaixo o olhar e vejo seu pau duro, ainda de fora da calça. Ele está a alguns centímetros do meu rosto… e se ele se abaixasse apenas um pouquinho, a glande inchada poderia encostar na minha boceta.

— Você quer que eu guarde?

Nego com a cabeça.

— Gosto de ver você — sussurro, sem me importar de parecer vulnerável.

Ele está no comando e sinto como se ele estivesse cuidando de mim

também. Do meu prazer.

Dan segura meu queixo e roça o nariz no meu, nossos lábios a centímetros um do outro.

— Esfregue seu clitóris, Feiticeira. Quero ver você gozar como naquele dia.

O cuidado das suas palavras aquece meu coração de um jeito estúpido e irracional. Mas eu vou obedecer.

Dan se afasta de novo e volta a olhar minha boceta. Então volto a brincar com meu botão inchado em círculos duros e firmes.

— Isso, querida. Você é uma boa garota.

Dan se ajoelha na minha frente e seus dedos vão para o meu short de pijama. Com os olhos em mim, o mafioso começa a deslizar o tecido pelas minhas pernas.

— Dan. — Seu nome sai com um gemido.

— Confie em mim, Feiticeira. Eu vou cuidar de você.

Seu tom carinhoso me faz ceder e logo meu short está todo no chão. Fico completamente nua da cintura para baixo.

Volto a me tocar e os lábios do mafioso mergulham no meu estômago, descendo em lambidas macias e quentes. Minha mão vai para o seu cabelo enquanto a outra continua dedilhando meu clitóris carente.

Dan vai descendo a boca até estar pertinho da minha virilha. Minha boceta pulsa de ansiedade e meu clitóris lateja, querendo seus lábios quentes ao redor dele.

Eu não vou demorar a gozar. Sei que não. Mas quero…

— Coloque na boca — imploro baixinho e Dan levanta a cabeça, me observando com seus olhos intensos. — Chupe meu clitóris e me faça gozar. Por favor.

O mafioso sorri e pousa a mão aberta em cima da minha barriga, puxando a pele para cima e deixando meu clitóris ereto e durinho. Dan volta a mergulhar os lábios na minha pele, começando abaixo do umbigo e

descendo…

Devagar.

Céus, seus lábios são tão quentes e macios… imagina quando ele chegar lá.

— Por favor.

— Shh, quietinha. Eu estou cuidando de você — diz e lambe ao redor do clitóris, sem abocanhá-lo como necessito.

Ofego.

— Milena, eu quero foder você — sussurra, soprando seu hálito quente em cima do meu botão carente. Meu Deus. — Eu quero foder você a noite inteira.

— Eu… tenho medo. — Sou sincera.

— Eu vou ser cuidadoso até você se acostumar.

O problema é que não estou falando da dor física.

Estou falando do meu coração partido, mas agora não é a hora e nem o lugar para isso.

Porque apesar de tudo, eu quero. Meu desejo por Dan supera qualquer resquício de razão dentro de mim agora.

— Dan…

— Vamos para o meu quarto, Feiticeira. Eu vou foder gostoso. Você vai pedir por mais.

Ele sopra meu clitóris mais uma vez e estremeço. Sei que ele está certo. Eu vou pedir por mais.

Porém, antes que eu responda, a porta se abre e uma voz grossa preenche a sala:

— Dan, você vem, caralho? Há muitas bocetas te esperando.

O sofá em que estou fica de costas para a porta, então o dono da voz não me vê, mas sei que é Liam Belinni.

— Dê o fora, Liam — Dan se levanta, irritado. Faço um movimento para pegar meu short, mas ele me segura na poltrona. — Não estou no clima hoje.

— Seu clima vai voltar assim que você ver o vestido da Blake. Os peitos da sua namorada estão fazendo todos os filhos da puta na festa babarem.

Algo dentro de mim se parte com sua fala e não aguento mais esperar. Uso toda a minha força e habilidade para abaixar minha blusa e subir meu short antes de sair correndo da sala.

Ouço os dois irmãos discutindo, mas não tenho tempo para isso agora. Meu coração arde e minha boca fica seca a cada vez que a palavra "namorada" ecoa na minha mente.

E é nessa hora que me lembro das palavras de María. Homens como Dan Belinni só querem dançarinas ou empregadas para foder. Mas eles jamais nos escolhem para amar.

— Milena, abra a porta! — O mafioso esmurra a madeira e me esforço para enxugar as lágrimas, falhando miseravelmente.

Me sentindo estúpida por ter cedido tão fácil.

É claro que caí na lábia dele. Dan Belinni é um predador experiente… enquanto eu, sou só uma virgem idiota que não sabe se conter.

Da próxima vez que eu tiver um sonho erótico, vou preferir morrer de sede a sair em busca de um copo d'água.

— Milena, porra, vou arrombar essa merda se você não abrir!

— Vá embora! — grito.

— Não até você falar comigo.

Caminho até a porta e coloco a mão na madeira, mas me recuso a abri-la. Ao invés disso, colo meu corpo nela e sussurro para que ele ouça.

— Pode arrombar. Você vai me machucar.

— Milena, se afaste. Eu não estou brincando, caralho!

— Vá embora ou me machuque. Você só tem duas opções.

Ouço quando ele xinga uma série de palavrões e ainda leva alguns minutos para que ele se afaste. Engulo o choro e tento parecer forte, enquanto digo a mim mesma que essa foi a última vez que chorei por Dan Belinni.

E que na próxima oportunidade, eu o farei se arrepender por ter jogado comigo.



— Quantos foram capturados? — Elijah pergunta enquanto se senta no sofá.

— Doze — respondo, enchendo meu copo com *whisky* e virando de uma só vez.

— Já estão mortos?

— Estão sendo torturados para arrancarmos informações. Otto está no comando.

A última frase faz a postura do meu amigo relaxar e me sirvo de mais *whisky*, querendo entupir minhas veias de álcool.

A Cosa Nostra conseguiu se infiltrar e comprou alguns dos nossos homens. Perdemos mercadoria e dois contratos importantes foram boicotados. No entanto, descobrimos a merda antes que a situação piorasse e

os culpados estão pagando agora.

Queremos saber cada fodido que está por trás da traição. Vamos contra atacar os Morello sem misericórdia ou piedade, mas antes precisamos limpar nosso território dos inimigos.

— Porra, estou exausto! — Liam diz e se joga ao meu lado, bebendo uma cerveja. — Os caras chegam que horas?

Antes que eu responda, o porteiro liga e autorizo a entrada dos nossos amigos. Desde que me mudei de casa, eles estão enchendo meu saco para virem aqui e preciso mesmo de uma distração das merdas da minha cabeça.

Porque há mais de uma semana Milena está fugindo de mim.

Depois que se fechou no quarto, foi como se ela também tivesse se fechado em tudo com relação a nós dois e duvido que o quase-sexo que rolou na sala naquela madrugada vá se repetir.

Tentei falar com ela, tentei me justificar, mesmo nunca tendo feito nada nem perto desse caralho antes. Parecia que eu tinha fodido tudo quando, na verdade, não sei que erro cometi.

Foda-se. Nunca corri atrás de ninguém e isso não vai mudar agora. Milena está trancada no quarto agora e espero que continue assim, longe da minha vista e da minha mente.

Mentira do caralho.

As portas do elevador se abrem e, pouco a pouco, meus amigos passam por elas. São mais de vinte homens, todos filhos de capos ou envolvidos de alguma forma com os negócios da máfia. Crescemos juntos.

Eles entram com pizza e cerveja e me levanto, cumprimentando cada um deles. Uma hora depois, já estamos divididos entre a mesa de jantar, onde acontece uma partida de Poker, e o sofá da sala.

Liam coloca *heavy metal* e começamos as apostas, pois sempre jogamos com grana. O celular de Jack vibra e ele me encara assim que lê algo na tela.

Prendo meus olhos nele, meu semblante sério exigindo uma resposta.

— É a Blake — Liam comenta em meu ouvido. — Eles estão trepando desde que você a rejeitou na boate. Acho que ela quer te atingir.

Tombo a cabeça para o lado e estreito os olhos para observar Jack. Ele engole em seco.

— Você está com medo de que eu te machuque? — pergunto.

Jack fica sem graça e bufo uma risada, fitando seu rosto. Ele é um bom garoto, mas é bonzinho demais para os padrões da máfia. No entanto, seu pai é um dos políticos associados à Outfit e ele está sempre por perto.

Com sorte, vai seguir os passos do pai e não vai ter que sujar suas mãos de sangue.

Não diretamente.

— Se ficar com a Blake for um problema, eu me afasto. Não quero confusão com você e… — começa e, embora ostente uma postura fechada, vejo o medo em seus olhos.

— Eu não ligo — interrompo, bebendo meu *whisky* em seguida. — Fique tranquilo, não vou te machucar.

— Aquela puta adora dar o cu — Liam se intromete, adorável como sempre. — Aproveite.

O cenho de Jack se franze imediatamente.

— Ela não quis. Disse que era virgem atrás.

Liam ri descaradamente da resposta do cara.

— Cara, ainda bem que ela faz um ótimo boquete, porque esse é o único motivo que faz aquela língua mentirosa ser poupada.

Uma nova partida de Poker começa e os caras se empenham. Bebemos, jogamos e apostamos enquanto a música preenche o ambiente e nos faz relaxar.

Ultimamente meus dias de folga têm sido cada vez mais raros e quero aproveitar.

— Vamos para a boate depois? Quero trepar — Liam comenta na

mesa e nossos amigos concordam, mas eu continuo em silêncio.

Estou prestes a fazer minha próxima jogada quando meu irmão vê algo que o faz engasgar com a bebida. Ele esbarra o braço no celular e o aparelho cai no chão, silenciando a música.

O silêncio na sala é absoluto e, quando me dou conta, todos os homens relacionados à máfia estão com uma postura predatória, encarando algo no canto da sala.

Minha atenção é desviada para o local, mas quando meus olhos se prendem na mulher seminua encostada na parede, meu sangue ferve imediatamente.

Milena.

Vestindo uma camisola tão curta que dá pra ver sua calcinha, o decote acentuado da sua roupa só é disfarçado porque o cabelo dela está solto. Suas bochechas estão coradas, seus lábios entreabertos… tudo nela grita tesão.

— Quem é ela? — Um dos caras pergunta e algo estala dentro de mim.

Eu me levanto em um rompante, colocando-me diante dela e servindo de muralha para que os caras não vejam seu corpo. Apoio as mãos na parede, acima da sua cabeça, e ficamos a centímetros de distância.

— Que merda você pensa que está fazendo?! — rosno, a fúria destilando em minhas palavras. — Dá pra ver sua bunda, porra!

— Estou com sede. Vim buscar água — responde com um sorriso provocante.

— Volte para a porra do seu quarto e não saia de lá. — Minha voz sai baixa e perigosa.

— Sou sua empregada ou sua prisioneira, senhor Belinni? Você não é meu dono.

A sala permanece em silêncio. Estou prestes a explodir de raiva, mas me controlo e seguro seu queixo, inclinando-a para me olhar nos olhos.

— Está vendo esses caras atrás de mim? São assassinos e traficantes

no meu mundo, Milena. E se você continuar aqui, eles vão querer caçar você.

— Você também é assassino e traficante, não é? — Ri com escárnio. — E está no topo da máfia. Você é como eles, senhor Belinni.

— Ah, querida… eu sou muito pior. E é por isso que se você não se comportar, vou matar cada filho da puta que está cobiçando você.

— Você não vai machucar seus amigos.

— Quando a ira me domina, eu não ajo com a razão, Feiticeira. Eu só mato — respondo com a voz perigosa e vejo quando ela estremece. — E sei que vou adorar fazer sangrar todos os homens que ousaram desejar você.

Sua respiração fica pesada.

— Ninguém está me desejando — tenta argumentar, mas arqueio uma sobrancelha.

— Eu sou homem e penso como um, Milena. Eu sei o que cada filho da puta está imaginando fazer com você agora.

— E você? Imaginou alguma coisa comigo agora? — provoca e é a primeira vez que ela me toca.

Milena apoia sua mão em meu peito e vai deslizando até o cós da minha calça, bem devagar.

— Não me provoque — aviso.

— E por que estou te provocando, senhor Belinni? — sussurra bem baixinho, arranhando minha barriga por cima do tecido fino da camisa.

Minhas mãos formigam pelo desejo de reivindicá-la como minha.

— Me chame de senhor Belinni mais uma vez e vou te levar pro meu quarto e fazer com você todas as coisas sujas que estão na minha mente.

Ela engole em seco. Nos encaramos por alguns segundos e logo ouço uma movimentação atrás de mim.

— Estamos indo para a boate — Liam diz em minhas costas, mas eu não me movo. — Você vem?

Dessa vez, meu irmão não provoca e nem faz gracinhas. Eu nunca agi

assim com ninguém e ele sabe a hora de parar.

— Não.

Minha resposta é seca e ele logo sai com os caras, que vão embora sem se despedir.

— Você deveria ir com eles — Milena provoca, me arranhando devagarinho por cima da roupa.

— É isso o que quer, Feiticeira?

— O que você quer? — devolve a pergunta.

Eu me abaixo para sussurrar em seu ouvido.

— Quero te levar pra cama e te dar umas palmadas para aprender a nunca mais se exibir desse jeito para outros homens.

— Se você não se lembra, eu ainda sou dançarina em uma boate e meu trabalho é justamente me exibir desse jeito para outros homens — responde e tenho vontade de tomar sua boca para calar sua língua atrevida.

— Eu vou aumentar seu salário e você vai parar com essa merda. Uma boa garota se guarda para o seu homem.

— Meu homem?! — Bufa, irritada. — E só eu preciso *me guardar*, não é? Porque tenho certeza de que logo vou encontrar alguma mulher no seu quarto quando eu entrar para limpar.

— Eu não vou trazer mulheres para a minha casa, Milena.

— Não minta para mim.

Eu sinto o fio de esperança em sua voz. Ela quer que isso signifique alguma coisa, mas a verdade é que nem eu sei o significado por trás do que estou dizendo.

Essa garota está fodendo minha cabeça.

— Eu não minto.

— E eu não vou parar de trabalhar.

— Milena…

— Você não manda em mim, *senhor Belinni* — ressalta a última parte e empurra meu peito.

Ela não consegue me mover do lugar, mas minha paciência tem limite e me afasto, colocando as mãos no bolso para evitar tocá-la.

— Quando eu te pegar, vou te trancar no meu quarto e você só vai ter permissão de sair da cama depois que sua boceta estiver cheia com minha porra. Você vai me pertencer e eu juro pelo meu sangue que você vai adorar isso — falo com a voz baixa e autoritária, sentenciando-a com cada palavra. — Você vai me esperar em casa como uma boa garota e ansiar pelo momento em que seu homem entrará no quarto para te foder, Milena. Você vai gemer meu nome e implorar por cada coisa que eu fizer com você. Então continue com sua arrogância, Feiticeira, brinque enquanto você pode, mas quando você manchar meu pau com o sangue da sua virgindade, não há mais volta. Você vai ser minha e eu nunca vou permitir que você se afaste de mim.

O peito dela sobe e desce, acelerado. Ouço sua respiração pesada e vejo o medo misturado ao desejo em seus olhos. Ela sabe que sou capaz de cumprir cada linha da minha promessa.

Ela só não sabia que gostaria de ouvir cada uma delas.

Mas eu já devia saber que com Milena as coisas nunca são fáceis. Minha Feiticeira é como um animal selvagem que terei todo o prazer de dominar e deixar dócil.

Ela empina o queixo e dá um passo em minha direção. Tira o cabelo de cima do peito e vejo, por baixo do tecido fino, os mamilos durinhos que estou louco para colocar na boca. Milena é nova e virgem, mas exala sensualidade.

Ela continua andando até parar a centímetros do meu corpo. Minhas mãos formigam, mas eu as mantenho no bolso. Seu cheiro me invade e meu pau lateja na calça pela vontade de comê-la duro, até esvaziar minhas bolas.

Então, ela fica na ponta dos pés e sussurra contra a minha boca:

— Eu quero ver você tentar.





DAN BELINNI

— Obrigado, Dan. — Os capos dizem quase em uníssono quando saem do escritório em uma das nossas boates. Otto estava ocupado e eles precisavam vir prestar contas, então assumi o lugar do meu irmão esta noite.

— Se divirtam — falo e eles se afastam, percorrendo a área VIP em busca de bebida cara e de dançarinas de luxo.

Uma delas vem em minha direção e me oferece *whisky*. Seu olhar me diz que ela quer me dar muito mais do que isso, mas só pego a bebida e agradeço.

Porque minha mente só consegue focar em uma mulher agora.

Minha Feiticeira.

Depois de ontem à noite, quando ela apareceu na sala de camisola, Liam encheu meu saco e disse que eu estava procurando problemas com

minhas próprias mãos. Milena é atrevida, petulante, desaforada e todas as coisas que a mulher de um mafioso não deve ser.

E embora eu esteja totalmente obcecado por ela, no fundo, eu sei que meu irmão está certo.

Eu preciso tirá-la da cabeça. E vou fazer isso.

Mas assim que começo a caminhar pela área VIP, o som familiar de uma música latina ecoa e meus pés me levam até o guarda-corpo.

E então eu a vejo. *Milena*.

Usando uma roupa colada e sensual, a brasileira rebola no palco e cala a multidão, que se concentra em apenas observá-la.

Tento não olhar quando ela dança.

Tento convencer meu maldito cérebro de que essa garota é problema e só sabe tirar o caralho da minha paciência.

Tento não me importar com a porrada de homens que a idolatra enquanto ela se movimenta com sensualidade em cima do palco.

Tento todas essas merdas.

Falho miseravelmente.

Porque quando ela rebola... porra!

Meus olhos se prendem no seu corpo e tenho vontade de explodir o caralho da boate ao me dar conta de que quero que ela faça isso apenas para mim.

Só para mim.

Uma nova música começa e ela gira o corpo no pole dance, rebolando junto com as batidas sensuais. Os homens se aglomeram ao redor do palco e jogam notas para ela. Meu sangue ferve, mas é quando ela encara um dos clientes da boate e sorri que meu autocontrole estala.

Puta que pariu.

Fico cego de raiva enquanto desço as escadas e invado a pista. Alguns soldados me acompanham, provavelmente pensando que há algo errado, mas

estou me fodendo para isso agora.

Corto espaço na multidão e as pessoas se afastam quando me notam. Não paro de andar até chegar ao palco. Me custa o inferno não pegar minha arma e atirar na testa de cada fodido que está babando por ela.

O problema é que eu teria que matar mais da metade dos homens da boate por isso.

Caralho!

Apesar do meu autocontrole, há um deles que não vai escapar da minha atenção. Puxo o cara de terno e percebo que ele é o mesmo para quem Milena dançou na área VIP há algum tempo. O que a chamou para se casarem em Vegas.

Fodido do caralho.

Por que ela sorriu para ele?

— Que merda você disse que a fez sorrir? — rosno, para que só ele me escute.

A música continua tocando, embora a multidão esteja paralisada, com medo de mim.

— E-eu… — gagueja.

— Fale direito ou eu vou cortar sua garganta pra nunca mais dizer porra nenhuma.

E pra nunca mais fazer minha garota sorrir.

— Eu disse a ela que já reservei um hotel em Vegas — murmura.

O medo desliza por sua voz e um sorriso cínico aparece em minha boca. Pelo terror em seus olhos, tenho certeza de que estou parecendo um psicopata agora.

— Passe o endereço para meus homens.

— S-senhor Belinni. Eu estava só brincando. Eu não reservei nada.

— Ah, que coincidência! Eu também adoro brincar — falo, acenando para um soldado. — Mas como estou sem tempo, meus *funcionários* vão te

levar embora.

— E-eu tenho c-carro — argumenta, mas meu soldado já está ao lado dele.

— Leve-o para um passeio. Ensine a ele o que acontece quando se cobiça a mulher do próximo.

— Senhor…

— Não se preocupe. É apenas uma lição bíblica. Nós temos nosso próprio jeito de disciplinar erros — comento com sarcasmo e, em segundos, ele é afastado de mim.

Encaro o palco e vejo minha Feiticeira olhando para o meu rosto, boquiaberta. Dou um sorriso sombrio para ela antes de subir no palco com habilidade e caminhar lentamente em sua direção.

A música para. As pessoas ficam em silêncio enquanto me aproximo de Milena e meus soldados rodeiam o palco, incertos sobre o que está acontecendo.

Minha Feiticeira inclina a cabeça para trás, sua respiração está descompassada e sei que seu coração está acelerado.

— O que você está fazendo? — pergunta, irritada.

— Te levando para casa. A partir de hoje, você só dança para mim.

Sem lhe dar tempo para retrucar, coloco Milena sobre meus ombros e a tiro do palco, mas em vez de sair da boate, sigo com ela para a área dos quartos. Preciso verificar se há pendências antes de ir embora.

Ela grita, esmurra minhas costas e esperneia, mas não paro. Ordeno que a música volte a tocar e uma nova dançarina sobe no palco, desfocando a atenção de nós dois.

Quando entro em uma suíte, coloco Milena no chão e vejo seu rosto vermelho de raiva.

— Você é um psicopata louco! — grita, empurrando meu peito. Sorrio com sua tentativa de me agredir, pois ela não consegue me mover. — Eu vou voltar pra lá!

— Não — aviso, segurando seu braço assim que ela tenta passar por mim. — Se você sorrir para outro homem de novo, eu juro pelo meu sangue que vou explodir a cabeça dele.

— Isso tudo é por que eu sorri pra um cliente? — fala, indignada. — Que tipo de ciúme doentio é o seu? Eu não sou nada sua!

— Você é minha. E assim que você entender isso, vou te marcar de tantas formas que nenhum outro vai ousar se aproximar de você.

— Pode sonhar, querido!

Milena tenta passar por mim outra vez e eu seguro seu pulso, levando-a até a parede e encurralando seu corpo pequeno com o meu.

— Querido? — O canto do meu lábio se arqueia em um sorriso pequeno. — Estamos avançando.

Ela tenta me dar uma joelhada, mas sou mais rápido e a imobilizo com minha perna. Agora nossos corpos estão colados.

Ela geme.

— Por que você luta tanto contra nós dois? Você me quer, Feiticeira. Me quer tanto quanto eu te quero.

Milena começa a se remexer, mas seu movimento faz nossos corpos se esfregarem. Ela geme de novo.

— Pare — sussurra, porém, seu corpo diz o contrário. Ela arqueia o quadril em minha direção, buscando mais contato.

— Eu não estou fazendo nada — falo baixinho em seu ouvido. — Estou esperando você me pedir o que quer.

Beijo o lóbulo da sua orelha bem devagar, lambendo com carinho, e a garota se retorce contra meu corpo. Milena tenta segurar o gemido, mas quando desço a boca para seu pescoço, ela murmura meu nome.

— Me diga o que quer, Feiticeira. Só eu posso te aliviar como você precisa. Você sabe disso.

Somos como bombas-relógio. Prontos para explodir a qualquer instante, consumidos pelo desejo e pelo tesão.

O problema é que ela é orgulhosa demais para admitir.

Ela geme mais alto quando endureço a língua e faço movimentos circulares enquanto a beijo, simulando como eu faria em cima do seu clitóris.

— Oh, Deus… — murmura e revira os olhos.

— Não, Feiticeira. Sou eu quem estou aqui com você agora. Seu homem.

Ela esfrega mais o quadril em meu corpo e fico tão duro que tenho certeza de que ela consegue sentir meu pau. Isso só se confirma quando ela levanta a perna para aumentar o contato. Solto seu queixo e agarro sua coxa, posicionando sua boceta bem alinhada com meu pau.

— Você precisa assim? — pergunto, esfregando meu eixo duro na sua boceta. Eu sinto o calor e a umidade da sua calcinha.

Milena choraminga e assente. *Porra.*

— Está gostoso ou quer mais forte?

— Mais forte — implora e sua necessidade é a minha ruína.

Sem soltar seus pulsos e com a mão agarrando sua coxa, eu me impulsiono contra ela, fodendo-a a seco contra a parede e ouvindo seus gemidos.

Seus lábios estão afastados e seus olhos estreitos, em uma mistura de entrega e prazer.

Estou prestes a tomar sua boca quando ouço uma batida na porta e meu corpo enrijece. Milena reclama e continua se esfregando, me pedindo para não parar. Xingo um palavrão e volto a foder minha garota, adorando seus gemidos de prazer.

— Quando estivermos pelados, vai ser muito gostoso, Feiticeira… só pele com pele… quero te sentir pulsando.

Ela geme mais uma vez e novamente o fodido bate na porta, tirando a minha paciência.

— O quarto está ocupado, caralho!

— Senhor Belinni, temos um problema.

A voz do meu soldado me tira do transe e xingo uma série de palavrões antes de conseguir me afastar de Milena. Solto seu pulso e seguro seu queixo de novo, inclinando seu rosto para me encarar.

— Eu vou sair e vou mandar um dos meus homens te levar para casa — falo com a voz baixa e autoritária.

— O quê?! Não!

— Não é um pedido. Eu não sei que merda rolou ali fora e não sei quanto tempo vou demorar, mas pode ser perigoso e preciso que esteja segura.

Me afasto da garota e começo a caminhar até a porta, ouvindo seus protestos. No entanto, ela não se move, me obedecendo mesmo sem querer.

— A propósito, você está demitida da boate — falo. — Dessa e de qualquer outra de Chicago. No meu território, você não vai dançar para outro homem.

— Você não pode fazer isso!

— Eu já fiz. Vou dobrar seu salário de empregada e você vai ficar só na minha casa, esperando por mim.

— Senhor Belinni. — Outra batida na porta.

— Estou indo, porra! — rosno para o maldito, encarando minha Feiticeira uma última vez. — Nós vamos continuar de onde paramos. Te vejo em casa.



Destravo minha arma e o homem engole em seco, fitando-me com horror.

— De quem você comprou? — pergunto.

— Dan, eu… — gagueja, mas sua voz morre quando aponto para sua cabeça.

— Eu não vou perguntar de novo. Quanto mais você colaborar, melhor será para você.

O homem tenta vir pra cima de mim, mas sou mais rápido e o imobilizo, prendendo seus braços nas costas. Dois soldados se aproximam e o seguram no lugar, então guardo minha arma e pego uma faca.

— Você não quis do jeito simples, hein? — falo com a voz sombria, o sorriso dominando meu rosto. — Que bom. Eu gosto de me divertir quando estou com raiva e, bem… você me deixou meio irritado.

Encaro meus soldados e ordeno que estendam a mão dele em cima da mesa. O idiota grita e se contorce, mas meus homens são fortes e ele não consegue se soltar.

— Não adianta gritar, princesa. Ninguém consegue nos ouvir — digo, aproximando minha faca da sua mão. Ele implora por misericórdia e isso apenas faz meu sangue ferver.

Porque meus soldados o pegaram na boate com droga no bolso. Algo semelhante ao “Boa noite Cinderela”, mas muito mais potente e que não foi comercializado por nós. Ele comprou drogas da mão de outra pessoa e entrou em uma das nossas boates disposto a usá-la.

Minha faca começa a perfurar a pele da sua mão e ele grita. E a cada vez que ele faz isso, mais satisfeito fico.

— Por favor! Eu imploro! Eu não vou fazer isso mais, eu juro!

— Ah, com certeza você não vai — afirmo, afundando minha faca com força e ouvindo o som dos ossos se partindo.

Ele berra e o sangue respinga, mas não paro. Corto um dedo seu e estou prestes a fazer isso com a sua mão inteira.

— De quem você comprou? — insisto, seguindo para o próximo dedo.

— Da Outfit! — mente.

— Você quer mesmo tornar as coisas divertidas para mim, não é? — Sorrio.

Levo apenas quinze minutos para extrair a informação que preciso e meu sangue ferve ao descobrir que os russos estão se metendo em nossos negócios.

Encaro o homem ensanguentado diante de mim e ordeno aos meus soldados que divulguem as fotos do morto como aviso a todos em nosso território que tentarem nos trair.

Os homens se preparam para me obedecer e meu celular vibra, mostrando o nome de Otto.

— *Venha para o escritório* — fala com seriedade.

— Russos? — pergunto.

— *Italianos* — responde e suspiro, prevendo a merda.

Estar em guerra com duas máfias está longe de ser o ideal.

— Porra. Estou indo.

Desligo o telefone e saio da boate, prometendo a mim mesmo que os faremos pagar.

Eles vão se arrepender de terem se metido em nossos negócios.

Eles vão se arrepender da porra do dia em que nasceram.

E, caralho, eles vão se arrepender amargamente por terem interrompido meu momento com minha garota.

Sim, eu os farei pagar.



MILENA LIMA

Ando de um lado para o outro, roendo as unhas. Já faz mais de uma semana que fui demitida da boate e, como Dan prometeu, nenhuma outra me ofereceu emprego.

Por outro lado, ele aumentou meu salário de empregada, o que me deixou aliviada, mas eu não queria deixar que ele controlasse a minha vida.

E o que mais me irrita em tudo isso é perceber o poder que ele tem sobre mim.

Como meu corpo reage a cada vez que ele está por perto. Como meus sonhos insistem em trazê-lo para mim, jogando na minha cara os meus desejos mais impuros.

Dora: “E aí, você vai?”

Dora, uma das amigas que fiz na boate, me envia mais uma mensagem e respiro fundo, encarando a tela do celular. Ela está me convidando para ir assistir a um racha e cada célula do meu corpo grita para que eu não vá.

Sei que corridas ilegais em Chicago estão sob o domínio de Dan e que o lugar é cheio de sexo, drogas e violência.

No entanto, desde que eu o vi na boate, ele sumiu. O mafioso deixou apenas um bilhete me dizendo que faria uma viagem e não voltou para casa.

E é por isso que sou movida pelo impulso e respondo à minha amiga dizendo que estarei pronta em uma hora.

Porque, no fundo, quero me agarrar à menor chance de me encontrar com ele. Quero sentir o seu toque, o calor do seu corpo e ouvir de novo cada coisa suja que ele sussurrou em meu ouvido.

— Não quero nada disso — resmungo para mim mesma, indo até o guarda-roupa para escolher um vestido. — Só estou ficando louca por não sair de casa.

María sempre me diz para tomar cuidado com os Belinni, pois eles são galinhas e não se apegam a ninguém. Mas é óbvio que os pobres corações de garotas emocionadas não têm chance contra o poder de sedução de mafiosos poderosos e tatuados.

— Eu não sou uma dessas garotas. Não estou nem aí pros Belinni — continuo mentindo, entrando no chuveiro para tomar banho.

Apesar das minhas mentiras em voz alta, me arrumo com sensualidade e coloco um vestido preto e justo de mangas, bota e um sobretudo. Faço uma maquiagem pesada e deixo meu cabelo solto em ondas. Me sinto linda.

Dora me pega na hora marcada e, um tempo depois, estaciona em um lugar afastado da cidade, mas que está cheio de outros carros também.

Embora esteja frio em Chicago, ela está com uma roupa minúscula e sai do carro sem se afetar pelo tempo gelado. Enquanto isso, abraço meu sobretudo e continuo conversando com ela. Dora é animada e é uma ótima companhia.

“Gasolina - Daddy Yankee” ecoa pelo estacionamento abandonado e o som alto se mistura aos roncos de motores de carros potentes. Meu coração acelera e meus olhos procuram um rosto no meio de todas as pessoas aqui, mas Dora segura meu braço com carinho e sussurra em meu ouvido.

— Ele não está aqui. Os Belinni viajaram e deixaram seus capangas no lugar.

Meu rosto cora, porque parece que todos na boate descobriram que há algo acontecendo entre nós dois, mas engulo em seco e me esforço para disfarçar o nervosismo.

— Eu não estava procurando por ninguém — minto descaradamente e ela me dá um sorriso gentil.

— Tudo bem. Vamos? Quero te apresentar aos meus amigos — fala e aceno, sorrindo de volta.

Há uma multidão a alguns metros e minha amiga nos leva até lá, se encontrando com um grupo de amigos que me encara com desconfiança.

Talvez seja pelo fato de que minhas roupas destoam de absolutamente todas as pessoas daqui. Afinal, ninguém parece sentir frio. Mas Dora me apresenta e me esforço para sorrir, tentando ser simpática.

— Beba. Vai diminuir seu frio. — Um cara estende um copo para mim e nego com a cabeça.

— Estou bem, obrigada — respondo e ele ri, antes de levar a bebida até sua boca.

Não vou aceitar bebida de um estranho.

Dora conversa com os amigos e tenta me inserir na conversa, mas não tenho muito em comum com eles e acabo me afastando, dando privacidade a eles. Começo a andar pelo lugar, observando tudo, e fico impressionada ao ver no meio da multidão três carros rodando em círculos, deslizando com a

traseira enquanto mulheres ficam penduradas nas janelas dos veículos e gritam animadas.

Eu pensei que rachas fossem corridas de carros, mas isso é…

— Drift. — Uma voz masculina soa atrás de mim e me viro, vendo um homem com o rosto tatuado me encarando. *Ele leu meus pensamentos?* — Os rachas vão ser daqui a pouco.

Volto a encarar os carros e finjo que esse estranho não falou comigo, mas ele não parece que vai desistir, pois se posiciona ao meu lado e olha para a pista.

— É sua primeira vez, não é?

Eu poderia deixá-lo no vácuo, mas não é como se ele estivesse sendo mal-educado ou me desagradando. Ele só está puxando conversa e estou sozinha.

Conversar com alguém pode não ser tão ruim assim.

— Está tão óbvio assim? — pergunto, dando um sorriso fraco.

— Você é diferente. Eu me lembraria se já tivesse visto você.

— Por causa das roupas? — brinco, apontando para o meu sobretudo.

— Por causa da sua beleza. Você é muito linda.

Ok…

Meu rosto cora e volto a olhar para a pista. Neste momento, noto alguns homens me encarando fixamente com o cenho franzido. Eles conversam entre si e um deles leva o celular ao ouvido como se estivesse em uma ligação, mas não tenho ideia de quem eles sejam e tenho certeza de que o assunto não é sobre mim.

— Eu vou correr daqui a pouco. Você quer vir comigo?

— Hãn? — pergunto, olhando de novo para o homem com o rosto tatuado.

— Sou piloto. Quer se sentar ao meu lado?

— Isso é permitido? — indago, curiosa.

— Sim. É quase obrigatório levar uma garota. Todos os pilotos levam.

Engulo em seco só de pensar que, se Dan participa e comanda essas corridas, provavelmente há sempre uma garota no carro dele… e meu estômago embrulha ao imaginar todas as coisas que ele faz com elas.

— E aí? — insiste e suspiro fundo.

— Não sei…

— Certo. Você tem até a hora da corrida para pensar.

— Mas se eu recusar, você vai ficar sem companhia.

— Acredite, é só estalar os dedos e alguma garota estará em meu carro — diz com um sorriso safado e nem consigo julgá-lo. O cara é bonito e, pelo que vi até agora, realmente as mulheres gostam de estar nos carros dos pilotos.

— Talvez você deva apenas estalar os dedos, então. É mais fácil do que tentar me convencer — brinco.

— Eu gosto de um desafio — fala e pisca para mim, me deixando ansiosa.

Porque parece que estou fazendo algo muito errado. Mesmo que, na verdade, eu só esteja conversando com um homem educado. Mesmo que eu não deva satisfação a ninguém.

O rosto de Dan invade meus pensamentos e respiro fundo, amaldiçoando a mim mesma por estar tão obcecada. Cansada disso, decido puxar assunto com o desconhecido.

— Quando você começou a correr?

Passamos os próximos minutos conversando e descubro que o nome dele é Joshua e que ele não é de Chicago. Ele tem vinte e cinco anos e parece realmente empenhado em me dar cantadas. Ele está sozinho e tem uma postura perigosa, mas como estamos no meio de uma multidão e Dora está a alguns metros, não me sinto ameaçada.

A música fica mais alta e ouço novos gritos quando um carro

diferente aparece lá na frente e ronca o motor. As mulheres ficam desesperadas e Joshua estala a língua em desaprovação.

— Que caralho! Ele não ia vir hoje — resmunga com o cenho franzido.

— O que está acontecendo? — pergunto, sem conseguir ver direito a movimentação.

— Dan Belinni chegou.

Uma simples frase quase faz meu coração parar.

A adrenalina percorre meu sangue e, um segundo depois, minha respiração está ofegante. Não quero que ele me veja aqui.

Mesmo que eu esteja com saudade. Mesmo que eu esteja me remoendo de vontade de ficar perto dele.

— Sua corrida é agora? — pergunto a Joshua e ele encara a tela do celular.

— Daqui a pouco. Vamos?

Ele estende a mão para mim e olho na direção do carro de Dan uma última vez, vendo-o descer, alto e imponente, enquanto várias mulheres o rodeiam.

Meu peito aperta e quero correr até ele. Estapeá-lo e abraçá-lo. Empurrá-lo para longe e beijar sua boca. Porque o ódio e o desejo andam colados quando o assunto é nós dois.

Mas o mafioso é galinha, me demitiu do meu emprego e está fazendo de tudo para dominar a minha vida. E isso eu não vou permitir.

Então, indo contra o que meu coração estúpido pede, seguro a mão de Joshua e deixo que ele me leve até seu carro.



Minhas pernas tremem pela ansiedade e apoio minhas mãos nelas em uma tentativa de parar de me movimentar.

— Relaxa. Nós não vamos morrer — Joshua brinca e posiciona seu carro em uma fileira com mais cinco outros, que também contam com pilotos e mulheres dentro deles.

— Eu estou relaxada.

Forço um sorriso e ele sacode a cabeça para rir, mas seu humor muda quando vê algo em sua frente. Sigo o seu olhar e encontro vários homens mascarados olhando em nossa direção.

Meu coração acelera assim que me dou conta de que eles seguram porretes e tacos de beisebol nas mãos, alguns até com arames farpados.

— Mas que porra?! — Joshua grita, mas consigo ver seu corpo tremendo. Ele está com medo.

Os pilotos ao nosso lado recuam e ficamos sozinhos na pista. Mais homens cercam o carro e há dezenas de mascarados nos encurralando com suas armas.

Joshua gira a chave e pisa fundo no acelerador, mas o carro nem sequer se move. O motor ronca alto, mas as rodas não reagem. Ele força a marcha, tenta engatar a ré, mas nada acontece.

— Merda! — grita, batendo as mãos no volante.

Minha respiração fica pesada enquanto observo os homens mascarados se aproximando lentamente, como predadores se divertindo antes de atacar.

— O que foi?! — pergunto, com a voz trêmula.

Joshua olha pela janela e xinga um palavrão.

— Eles travaram as rodas! — rosna, batendo a cabeça contra o encosto do banco. — Merda! Colocaram grampos, a gente não vai sair daqui!

Meu estômago se revira. Olho para os lados, esperando que alguém nos ajude, mas os outros pilotos já sumiram. A multidão está longe, observando tudo, mas ninguém ousa se meter no caminho desses mascarados.

Estamos sozinhos.

— Porra! — Joshua continua tentando acelerar, mas é inútil. O carro não se move nem um centímetro.

Os mascarados cercam o veículo por completo. Um deles bate um taco de beisebol contra o capô, o som ecoa como um trovão dentro do carro. Meu corpo inteiro se enrijece.

Mas quando ele arranca a máscara, o ar foge dos meus pulmões e a escuridão em seus olhos me engole.

Dan.

— Pensou que poderia se esconder? — pergunta diretamente para mim, seu tom sombrio faz cada pelo do meu corpo se arrepiar. — Você tem dez segundos para sair do carro antes que eu comece a brincar com seu amiguinho.

A música “Gasolina” volta a tocar. Os mascarados se movimentam em círculos ao redor do carro, levantando suas armas no ritmo da música, em uma espécie de dança antes de atacar.

Dan segue olhando para mim, inclinando o rosto com um sorriso de desafio.

— O tempo está acabando, querida.

— Você não vai me machucar.

— Você, nunca. Mas ele… — aponta com o queixo para Joshua. — Estou caçando esse filho da puta há algum tempo.

O piloto ao meu lado está tremendo, mas vejo quando Joshua tira uma arma de baixo do banco e aponta para frente.

Tudo acontece muito rápido, mas um braço me puxa para fora do carro e o barulho de um tiro ecoa pelo lugar.

O inferno começa.

Os gritos de Joshua se misturam ao som do vidro estilhaçando e do metal sendo amassado sob a fúria dos mascarados. Eles atacam como lobos famintos, arrancando-o do banco do motorista enquanto os faróis piscam intermitentes, iluminando rostos ocultos por máscaras pretas.

— Não! — O grito dele é sufocado quando o primeiro golpe acerta seu rosto. Sua mão está sangrando e a arma já não está lá.

O barulho de um taco atingindo sua costela ecoa pelo estacionamento, e ele se curva em um espasmo de dor. Outro golpe, dessa vez na perna, o faz cair de lado.

Meu coração está descontrolado, mas não por ele.

Meus olhos varrem a multidão, procurando desesperadamente por Dan.

Joshua o acertou?

— Dan?! — Minha voz sai trêmula, mas ninguém me responde.

Joshua se contorce no chão, cuspindo sangue, tentando se proteger com os braços enquanto os golpes continuam. Os mascarados riem, se revezando para acertá-lo. Um deles pisa em sua mão, esmagando seus dedos contra o chão. Joshua grita, o som seco de ossos cedendo me faz engolir em seco.

Eu deveria fazer algo? Eu deveria tentar impedir?

Talvez, mas minha mente só tem espaço para um pensamento: Dan está bem?

Meu olhar finalmente o encontra, parado a alguns metros de mim, observando tudo com aquele maldito sorriso de canto. Meu peito se alivia por um segundo ao perceber que o tiro não o atingiu.

Eu deveria correr dele e tentar fugir enquanto os mascarados estão ocupados destruindo Joshua e seu carro diante da multidão. Afinal, eles respondem ao comando de Dan Belinni…

Mas eu não faço isso.

Porque Joshua tentou atirar em Dan. Tentou matá-lo. E talvez isso me torne tão ruim quanto o mafioso, mas a verdade é que eu não poderia me importar menos com o piloto espancado.

Ignorando qualquer instinto de sobrevivência, meus pés me levam até o caçula dos Belinni, que mantém os olhos fixos em mim.

— Você… está bem? — minha voz sai mais baixa do que eu esperava. — O tiro te acertou?

— Ele não teve tempo de disparar, Feiticeira. Liam atirou na mão dele antes.

— Mas ele o acertou dentro do carro?

— Meu irmão é um psicopata, mas ele não erra o alvo. Liam é o melhor.

Eu deveria me envergonhar por isso, mas a verdade é que sinto alívio ao saber que Joshua levou um tiro no lugar de Dan.

E talvez seja por causa desse alívio que, *involuntariamente*, minhas mãos tocam o rosto do mafioso, acariciando sua pele. Ele suspira e fecha os olhos.

— O que você veio fazer aqui, Feiticeira? — pergunta, colocando sua mão por cima da minha e enlaçando nossos dedos.

Tudo ao nosso redor é caos.

Mas agora…

Nada mais existe.

— Eu precisava sair de casa. Eu estava enlouquecendo. — Sou sincera. — Você sumiu.

Dan abre os olhos e leva minha mão até sua boca, beijando-a.

— Eu cheguei hoje. Não te achei em casa. Dirigi para cá assim que meus homens me disseram que você estava aqui — fala e seus olhos ficam mais escuros. — Você não deveria estar aqui, Milena. Não sem mim.

— Eu vim com Dora.

— Mas estava com um traidor.

— C-como? — pergunto, tentando virar o rosto para olhar para Joshua de novo, mas Dan agarra meu queixo e se aproxima.

— Não olhe. Não está bonito — fala, sua voz calma contrastando com a catástrofe ao nosso redor. — Não vou te dizer muito, mas ele é um filho da puta que estava falando mais do que devia para quem quer nos foder.

— Ele só estava sendo gentil comigo.

Dan aperta a mandíbula assim que termino a frase.

— Não entre no carro de outro homem. A não ser que eu te autorize a fazer isso — avisa com a voz baixa, ainda segurando meu queixo. — E não estou fazendo isso só porque sou um fodido controlador, mas porque quero te proteger, entendeu? Nunca me importei com nenhuma mulher de fora da minha família, mas sinto uma necessidade insana de cuidar de você.

— Eu não sabia que estava correndo riscos.

Ele suspira, cansado, e por mais que esteja tão lindo e imponente como sempre, vejo a exaustão em seus olhos.

— Nós estamos em guerra com outras máfias. Há muita gente querendo me matar agora. — Mais uma vez meu coração acelera. Ele percebe. — Ei, eu estou bem.

Dan acaricia minha pele e é a minha vez de fechar os olhos, apreciando o toque. Por que isso parece tão certo?

— E você vai ter que viajar de novo? — sussurro, ainda de olhos fechados. Não quero que ele se afaste outra vez.

— Eu não sei o dia de amanhã. Mas agora eu estou aqui. — Abro meus olhos e sua mão desliza pelo meu cabelo. — Você está tão bonita.

Mordo os lábios para não sorrir.

— Eu senti sua falta, Feiticeira.

— Então me leve para casa.

Dan Belinni sorri e estende a mão para mim, e eu, sem pensar duas vezes, enlaço nossos dedos e o sigo para longe do caos.

Porque estou cansada de lutar contra o que sinto. Estou cansada de fingir que não o quero e de tentar me afastar dele.

Porque sempre que olho para outro homem, eu o comparo com Dan e eles sempre parecem inferiores. Porque eu sei que nenhum será igual. Nenhum vai ter o beijo dele, o toque dele, o cheiro dele… e nem fazer meu coração palpitar pela adrenalina que só meu mafioso é capaz de descarregar em mim.

Porque depois que pensei que ele tivesse levado um tiro, todos os obstáculos e motivos que me impediam de ficar com ele ficaram pequenos demais.

Afinal, não foi por isso que fugi: para ter liberdade?

E mesmo que minha liberdade me aprisione a um mafioso cruel e letal, ainda assim, seria a minha escolha.

Um passarinho escolhendo ficar na gaiola.

Assim que paramos diante do seu carro esportivo e luxuoso, ele abre a porta para mim e aponta com o queixo para o lugar em que estávamos.

— Você não está mesmo preocupada com ele? — pergunta. — Já que disse que ele foi gentil com você.

— Não. Ele tentou matar você.

Minha resposta crua faz o canto do seu lábio levantar em um sorriso de satisfação, como se ele entendesse exatamente o que estou sentindo.

— Vamos para casa, Feiticeira — diz e me coloca em seu carro, passando o cinto por cima de mim.

Como ele sempre faz. Como eu sempre reclamei que ele fizesse.

Mas não hoje.

Enquanto Dan assume o banco do motorista e acelera pelas ruas de Chicago, tudo o que consigo sentir é felicidade.

Porque eu estou indo embora com ele.

E ele está bem.



DAN BELINNI

Nunca pensei que eu fosse capaz de sentir tanta falta de uma garota.

Passei a última semana em reuniões com aliados e traçando estratégias para combater os italianos e os russos, mas a cada maldito segundo de descanso, minha mente voltava para ela.

Milena.

Quando as coisas foram definidas e finalmente pude voltar para casa, dirigi feito um louco, e fiquei decepcionado pra caralho quando não a encontrei em casa.

O sentimento, no entanto, logo foi substituído por fúria. Meus homens me ligaram para avisar que ela estava em uma das pistas das nossas corridas e fiquei cego de raiva enquanto pilotava até lá.

Porque eu sei o que rola nos rachas.

E eu sabia que algum fodido de fora tentaria se aproximar dela. Milena é linda, é impossível não olhar para ela.

Apesar de não termos nenhum compromisso, deixei claro dentro da Outfit que ninguém tem permissão para tocá-la. E quem ousasse fazer isso, pagaria caro com sangue. Mas nossos eventos são frequentados por pessoas do Estado inteiro e nem todos têm consciência de como nossos negócios operam.

Mas Joshua sabia.

E quando a vi entrar no carro do filho da puta, não pensei duas vezes antes de ordenar que os caras do racha cercassem o traidor. Ele é filho de um soldado que foi executado no ano passado e, desde então, está vazando informações que descobriu através do pai para nossos inimigos.

Joshua sabia que estava sendo investigado e por isso fugiu. Mas hoje ele não escaparia.

Ainda mais quando ousou cobiçar a garota errada.

Ordenei que tirassem Milena do carro e Liam, que foi comigo para a pista, atirou no filho da puta antes que ele tentasse apertar o gatilho. Confesso que senti pânico ao perceber que Joshua poderia fazer algum mal a ela, mas ele teve o fim que mereceu.

E quando minha garota finalmente se aproximou de mim, seu cheiro me acertou e eu tive a fodida certeza de que ela era minha.

Minha Feiticeira.

Depois que entramos no carro, deixei que ela escolhesse uma música e acelerei até meu apartamento.

Percorremos o caminho em silêncio, mas ambos totalmente cientes do corpo e da respiração do outro. Meu pau pulsando na calça e minhas mãos ardendo pela vontade de tocá-la. Porra, como ela podia estar ainda mais linda?

O clima entre nós estava pesado, o desejo e a tensão sexual agindo como um fósforo perto de um barril de gasolina, esperando apenas uma fagulha para explodir.

E agora, no elevador, as coisas não parecem muito diferentes.

As portas se abrem e Milena sai na frente, rebolando de um jeito que me faz inalar o ar profundamente. Ela vai para o corredor e eu a sigo, mas para no meio do caminho e eu faço o mesmo.

— Você quer conversar? — sussurra, ainda de costas para mim. Ela usa um vestido preto e justo que marca seu corpo de um jeito que faz minha boca salivar.

Eu me coloco atrás dela. Meu peito cobre suas costas e minha pele quente toca a dela, mas eu não ouso recuar. Não se ela não pedir.

E ela não pede.

Milena empina sua bunda para roçar em meu corpo. A respiração dela fica mais pesada. A minha muda também. Minhas mãos ainda estão no bolso do jeans, mas estou prestes a mandar tudo pro inferno e cruzar a linha que nos separa.

— Eu quero muitas coisas, Feiticeira — falo bem baixinho em seu ouvido.

— E por onde você quer começar? — rebate, me surpreendendo.

— Posso começar com um beijo de boa-noite — falo, tirando as mãos do bolso e segurando sua cintura para prendê-la mais contra mim. Meu pau duro cutuca sua bunda e ela geme. — Algum homem te tocou enquanto estive fora?

Lentamente, ela nega com a cabeça.

— E antes? — reforço. Os boatos são que ela é virgem, mas quero confirmar.

— Só… beijei.

Odeio a ideia de outro fodido a beijando, mas me controlo.

— Já te beijaram em algum lugar além da boca? — questiono com a voz áspera, sem disfarçar a raiva pela possibilidade.

Ela nega mais uma vez.

Minhas mãos ainda estão presas na sua cintura. Devagar, deixo que uma escorregue até sua barriga, descendo devagar.

— Milena, você sabe para onde estamos indo. Se não quiser levar isso comigo, agora é a hora de fugir — aviso baixinho, usando o indicador para fazer círculos suaves na região abaixo do seu umbigo.

O vestido fino ainda é uma barreira entre meus dedos e sua pele, mas eu a sinto estremecer com meus movimentos.

— Eu estou cansada de fugir. De você e do que sinto — responde, colocando a mão sobre a minha e entrelaçando nossos dedos.

Ela se inclina para trás, aumentando nosso calor e nosso contato. Seus olhos encontram os meus e uso a mão livre para segurar seu pescoço, mantendo-a sob meu domínio.

— Você está fodendo a minha mente, Feiticeira. Eu só consigo pensar em você — falo, empurrando meu quadril contra ela e deixando que a ponta dura do meu pau cutuque sua bunda gostosa de novo.

Se eu levantasse seu vestidinho e abrisse meu zíper, eu poderia fodê-la bem gostoso.

— Eu também só consigo pensar em você — sussurra e guia minha mão até o meio das suas pernas, afastando as coxas para me dar acesso à calcinha molhada.

Porra.

Rosno um palavrão e esfrego meu pau de novo nela, sentindo um pouco de pré-gozo vazar da ponta de tanto tesão.

— Vai me deixar tocar sua boceta? — sussurro, usando meu indicador para cutucar o clitóris durinho através da calcinha de renda. Ela assente. — E lamber, Milena? Quero chupar seu clitóris até você gozar. Vai deixar?

— Dan… — murmura, fechando os olhos.

— Olhos abertos — ordeno, apertando seu pescoço com pressão, mas com cuidado. Ela me obedece. — Quero lamber sua boceta hoje. Você vai deixar?

Acaricio o botão inchado através da renda e ela rebola devagar, buscando o atrito do meu dedo.

— Vai deixar? — insisto, empurrando a calcinha para o lado e deixando-a exposta para mim.

Milena não me impede. Ela geme e afasta mais as coxas, se remexendo, inquieta.

— Vou, senhor Belinni.

Ela geme, manhosa e submissa.

Meu autocontrole vai pro inferno e só tenho um momento para inspirar antes de cobrir sua boca com a minha, tomando-a em um beijo quente e profundo. Minha língua a invade com posse, girando e explorando sua boca enquanto meus dedos mergulham nas dobras macias e meladas de sua boceta.

Puta merda! Ela está tão quente.

Seu gosto me invade, o cheiro da sua excitação domina o espaço e seus gemidos ecoam quando ela leva uma mão até minha nuca, impedindo-me de me afastar.

Mas eu não vou sair.

Aprofundo nosso beijo, com tanta fome que mal consigo respirar.

Uso o dedo médio para cutucar sua entrada virgem e meu polegar vai para o clitóris carente. Ela choraminga com o toque e rebola.

Esfrego mais rápido, massageando o botãozinho duro e melado enquanto fodo sua boceta só com a ponta do meu dedo, entrando e saindo bem devagarinho, sem romper a barreira da sua virgindade.

— Mais — murmura e sorrio contra a sua boca. — Por favor, eu preciso de mais.

— Você quer pau, Milena.

Ela não responde, mas seu gemido de prazer me diz que estou certo.

Volto a devorar sua boca, lambendo e mordiscando seu lábio inferior

antes de chupá-lo gostoso.

— Eu vou mamar assim lá embaixo — digo, chupando e sugando sua língua com carinho e com pressão.

Milena murmura e coloca uma mão por cima da minha, desesperada por atrito. Ela quer que eu vá mais fundo.

— Não, linda, não vou tirar sua virgindade assim. Quero seu sangue no meu pau — falo, deixando sua boca e escorregando a língua pelo seu queixo e pescoço.

Acaricio seu cabelo como se ela fosse uma cachorrinha obediente e uso dois dedos para torcer seu clitóris, o atrito fazendo-a gritar.

— Dan… por favor…

Ela está quase chorando de tesão.

Tão gostosa…

Lambo, mordisco e chupo seu pescoço, fodendo devagarinho sua boceta com a ponta do meu dedo.

— Dan — implora de novo, tentando montar minha mão para ser fodida mais fundo.

Paro imediatamente, saindo dela e afastando minha mão.

— Eu quero… por favor… eu preciso de tudo — resmunga e vejo lágrimas em seus olhos, mas meu semblante é duro e autoritário.

— Não, Feiticeira. Não vou enfiar o dedo até o fundo — digo com a voz rouca, sendo compreensivo com minha garota. Ela está com tesão e é inexperiente, mas vou ser bom para ela. — Primeiro vou meter meu pau. Se comporte e seja boazinha.

Ela assente e a submissão em seus olhos é a minha ruína. E neste momento me dou conta de que talvez ela esteja agindo assim pela adrenalina do momento, por ter pensado que eu estaria morto.

E eu não quero que ela se entregue a mim no impulso. Quero que ela esteja totalmente consciente do que estiver fazendo. Além do mais, Milena merece muito mais do que uma primeira vez assim, no meio de um corredor.

E é por isso que, mesmo me custando o inferno me afastar dela, guardo minhas mãos no bolso e dou um passo para trás.

Ela se vira, frustrada, seu cabelo levemente bagunçado, sua boca inchada e vermelha, seu cheiro de tesão…

Porra, porra, porra.

Dou outro passo para trás, com medo de atacá-la. Porque se ela não fosse virgem, eu a colocaria agora contra a parede e meteria meu pau até o fundo, fodendo-a com força até ver minha porra escorrendo pelas suas coxas.

— Eu fiz algo errado? — pergunta, a voz carregada de constrangimento.

Milena ajeita o vestido e se abraça em seguida.

— Não! — digo, desistindo de me afastar. Caminho até ela e seguro seu rosto, querendo socar minha cara por ter deixado a garota envergonhada. — Não, porra! Você é perfeita.

Seus olhos castanhos estão brilhando pelas lágrimas e me abaixo para beijar sua boca de novo. Dessa vez em um beijo lento e carinhoso.

— Então por que você parou? — pergunta, confusa. — Nenhum homem me tocou. Eu quero me entregar a você.

Caralho!

Fecho os olhos, mal acreditando que estou recusando comer a garota por quem sou totalmente obcecado.

— Milena, eu estou tentando manter meu último fio de autocontrole. Não teste meus limites.

— Dan — sussurra, envolvendo os braços ao redor do meu pescoço. — Me ensine a fazer sexo. Eu quero agradar você.

Inalo o ar profundamente, a sensação dolorosa tomando conta do meu pau, que neste segundo me acha o maior filho da puta do universo.

Mas ela é diferente. Ela merece mais.

Então, abro meus olhos e acaricio seu rosto.

— Amanhã nós vamos sair. Vou te levar para jantar.

— Um encontro? — pergunta, mordendo os lábios.

— Sim. Quero fazer as coisas direito com você.

Ela me dá um sorriso largo e isso faz toda essa merda de autocontrole valer a pena.

— Você já teve um encontro antes? — indaga, o sorriso feliz ainda em seu rosto.

— Não. Você será minha primeira — falo e seu sorriso se alarga.

Bufo uma risada ao ver sua alegria e, sem pedir permissão, eu a pego no colo e a levo para o seu quarto.

— Ei! O que está fazendo?

— Te levando para dormir.

— Mas pensei que… sei lá… a gente pudesse dormir abraçados hoje? — pergunta com inocência e beijo sua boca de novo.

— Se eu passar uma noite inteira com seu corpo colado ao meu, eu não vou aguentar, Milena. Vou querer te foder.

— Tem certeza? — insiste, fazendo cara de cachorro-pidão. — Eu não vou estar pelada. Vou usar pijama.

A lembrança dos pijamas minúsculos da brasileira me invade e xingo um palavrão baixinho quando meu pau aperta na calça.

— Oh, querida, eu te imaginei muitas vezes com seu pijaminha enquanto estava tocando punheta.

Seu rosto cora e mordo seu lábio com tesão, chupando-o uma última vez antes de tentar me afastar. Mas ela me segura e coloca sua língua doce na minha boca, me beijando e se esfregando em mim.

Diaba provocadora.

— Amanhã, Feiticeira — falo, amaldiçoando a garota por gostar tanto de me provocar.

— Amanhã — sussurra e pula no meu colo. Ela enlaça minha cintura com as pernas e agarro seu corpo, aprofundando o nosso beijo.

Agarro sua bunda e me impulsiono contra ela, ainda sentindo seu cheiro e a umidade da calcinha melada.

— Amanhã, caralho! Estou tentando ser um maldito cavalheiro! — rosno e ela ri, finalmente saltando do meu colo e se afastando.

— Amanhã — diz e, dessa vez, saio do seu quarto sem me despedir, caminhando até o meu como um maldito viciado no ápice da sua abstinência.

Entro no banheiro e tranco a porta, baixando meu zíper apenas o suficiente para deixar meu pau saltar duro. Bombeio o membro grosso e fecho os olhos, imaginando a boceta quente e apertada de Milena ao redor dele.

— Amanhã — murmuro para mim mesmo, apertando a glande inchada com mais pressão, deslizando a mão por todo o comprimento com cada vez mais força.

Imaginando ela. A boca dela. A bunda dela. A boceta dela… amanhã.

Amanhã.



MILENA LIMA

Enquanto Dan me guia pelo restaurante simples, todo o meu corpo queima pelo seu toque. Sua mão pousa na base das minhas costas em um gesto carinhoso e possessivo. Preciso lutar contra cada célula do meu rosto para não sorrir.

Porque estou estranhamente feliz.

Depois de meses fugindo, lutando para sobreviver, agora me vejo, por vontade própria, deixando que o mafioso mais temido de Chicago me leve para sair.

A noite passada mudou tudo. Encarei a possibilidade real de vê-lo morto e, naquele instante, entendi o quanto ele significa para mim. Foi quando decidi parar de lutar. Deixar acontecer.

Dan Belinni me atrai de um jeito que ninguém jamais conseguiu. Seu

toque desperta reações violentas em meu corpo, e tudo o que quero é que ele faça de novo.

Talvez eu saia disso de coração partido, talvez me arrependa depois. Mas ser uma boa garota a vida toda não me poupou da decepção. Então, por que não arriscar?

O garçom nos conduz até a mesa, e Dan responde com um simples aceno antes de puxar a cadeira para mim.

Quando ele se senta na minha frente, me permito admirar sua beleza. Ele está vestido como um homem comum: jeans, camiseta e uma jaqueta de couro. Tudo bem que sua aparência avassaladora fez vários pescoços girarem em nossa direção enquanto andávamos até nossa mesa, mas nesta noite ele só está parecendo um homem absurdamente lindo, e não um mafioso cruel e assassino.

— Em que está pensando? — pergunta, cruzando os braços e estreitando os olhos.

— Que eu não imaginava que você me traria para uma hamburgueria — respondo, embora não seja mentira.

Quando ele estacionou diante do restaurante simples em uma ruazinha discreta de Chicago, essa foi a primeira coisa que me passou pela cabeça.

Dan sorri com minha resposta e tira a jaqueta, ficando mais descontraído. Meu olhar desliza pelos seus músculos e tatuagens e percebo que gosto mais delas do que deveria.

Muito mais.

— Não gosta de hambúrguer?

— Eu gosto. Só não imaginava que um homem como você gostasse.

— Um homem como eu? — interroga, se divertindo em me ver encurralada pelas palavras.

— Milionário. Gente rica sai para comer lagosta ou coisas chiques.

O mafioso dá uma risada sincera que joga sua cabeça para trás e sacode seu peito.

Adoro o som.

— Odeio frutos do mar. E este é o melhor hambúrguer do estado. Não dá nem pra comparar com as merdas industrializadas que vendem por aí.

— Não imaginei que você comesse hambúrguer também.

— Por quê?

— Por causa do seu corpo.

Sarado, gostoso e sem uma gordura fora do lugar — penso, mas novamente prefiro partir minha língua com os dentes do que confessar isso em voz alta.

Dan levanta uma sobrancelha e cruza os braços, exibindo ainda mais os músculos e as tatuagens.

— Isso é um elogio?

É?

— Não. Só uma suposição.

O canto do seu lábio se arqueia em um sorriso provocante.

— Pelo visto, você fez muitas suposições sobre mim — fala com sarcasmo. — Talvez você não saiba tanto assim sobre *homens como eu*.

Dou de ombros.

— Talvez.

— Mas como estamos em um encontro, é sua oportunidade de mudar isso.

— Vai me contar tudo o que eu quiser?

— Apenas o que não me obrigar a te matar depois. — Seu sorriso se alarga e meu estômago revira de excitação. Eu não deveria me sentir tão atraída por um homem perigoso. — Como já deixei claro, tenho outros planos para você.

Meu rosto cora, mas antes que eu consiga pensar em uma resposta, o garçom chega e pergunta se já sabemos o que vamos pedir. Nem encostei no

cardápio, mas Dan diz que vai querer “o de sempre” e peço o mesmo, torcendo para que ele tenha bom gosto para comida.

— Fico feliz em ver que já está confiando em mim — brinca.

— Na verdade, é só uma desculpa para te responsabilizar caso o lanche seja ruim e o encontro seja um fracasso. Se você escolher tudo, nada será minha culpa.

— E vou ter o mérito se tudo for gostoso? — questiona, seus olhos me queimando com intensidade.

— Não, porque se tudo for gostoso, eu vou fazer minha parte também — respondo na mesma intensidade e Dan inala o ar profundamente, entendendo o duplo sentido da minha resposta.

Ele me deixou queimando de desejo ontem à noite. E a verdade é que estou ansiosa para finalizarmos o que começamos.

Sua decisão de se afastar e de me chamar para jantar me frustrou na mesma medida em que me fez admirá-lo. Ele agiu como um homem honrado e mal consegui dormir de tanto pensar no que tudo isso significava.

— Ok, me conte algo sobre você — digo, puxando assunto. Ele arqueia uma sobrancelha, confuso. — É um encontro. Para eu te conhecer, você precisa me contar coisas.

Explico o óbvio e ele dá outro sorriso pequeno, tombando a cabeça para me observar.

— O que quer saber?

— Quantas tatuagens você tem? — pergunto.

— Quarenta e cinco.

— Sua vez.

— Quantos caras você beijou?

— Três.

— Com quantas mulheres você dormiu? — solto e me arrependo imediatamente. Não tenho certeza se quero saber a resposta.

— Não faço ideia.

Mal tenho tempo de processar a informação quando ele já faz a próxima pergunta.

— O que te fez sair do Brasil?

Engulo em seco.

Talvez esse jogo tenha sido uma péssima ideia, afinal.

Desvio os olhos e me lembro da garota no aeroporto, recordando das suas palavras com a amiga no telefone. Preciso dar uma resposta coerente com o que ela diria.

— Diversão. Queria conhecer os Estados Unidos.

— Então por que permaneceu em Chicago desde que chegou?

Bingo.

— É a minha vez de perguntar — falo, tentando conseguir algum tempo extra para pensar.

— Siga em frente.

— Você já se apaixonou?

— Não. Não tenho tempo pra essas coisas — diz e meu estômago revira. Isso não deveria me incomodar tanto.

— Mas e quando você se casar?

— É a minha vez de perguntar — me devolve a resposta e aceno, odiando que ele use minhas armas contra mim. — Se veio conhecer os Estados Unidos, por que permaneceu em Chicago desde que chegou aqui, Milena?

Respiro fundo, tentando manter a calma.

— Por falta de dinheiro — rebato. — Você pesquisou sobre meu passado?

— O que você acha?

— Honestamente, eu espero que não.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Está escondendo algo grave? — Sua voz fica baixa e perigosa.

— Não — minto. — Mas há certas coisas que eu não gosto de compartilhar. É uma questão de privacidade.

— Você trabalha em minha casa. Preciso saber sobre você.

— Então você pesquisou.

— Meus homens me informaram o básico.

Me esforço para manter a expressão neutra, mas o medo toma conta de mim ao perceber que a qualquer momento Dan pode descobrir a verdade.

— E imagino que o básico não seja suficiente para você. Você vai continuar pesquisando sobre a minha vida…

— O que você quer, Milena? — pergunta, franzindo o cenho.

— Quero que seja justo. Você sabe coisas sobre mim que eu ainda não estou pronta para contar, enquanto eu só sei de você o que você decide me dizer.

— Você nunca vai saber tudo sobre mim. É assim que tem que ser — rebate e já nem sei de quem é a vez de fazer a pergunta.

— Então faça o mesmo. Saiba apenas o que eu quiser te contar.

— Você tem quatro meses.

— O quê? — pergunto, confusa.

— Vou te dar quatro meses para me contar apenas o que quer que eu saiba sobre você. Depois disso, vou investigar cada segundo do seu passado, você gostando ou não.

Meu coração dispara e minha boca fica seca, mas aceno, esforçando-me para parecer indiferente. Ele mantém os olhos presos em mim e sinto como se ele pudesse enxergar cada uma das minhas mentiras.

Quatro meses.

Até lá, pensarei no que fazer.

Provavelmente vou precisar me mudar de Chicago antes que Dan descubra a verdade e me entregue ao meu pai.

— Chega de perguntas sérias. Quero algo inusitado. Me conte qualquer coisa sobre você.

Ele suspira e fica em silêncio por alguns segundos, ponderando se deve ou não levar sua promessa adiante. *Será que ele viu a mentira nos meus olhos?*

Contudo, o alívio toma conta de mim quando ele aponta com o queixo para o alto-falante do restaurante.

— Eu odeio música clássica, mas escutava quase todos os dias.

— Por quê? Gostava de se torturar? — brinco, agradecida pela mudança de assunto.

— Não, porque deixava minha prima feliz. E não havia muitas pessoas que se importavam com a felicidade dela.

— Amber? — pergunto, me lembrando da garota loira e inocente que ensinei a dançar na boate meses atrás. Ele acena. — Ela foi embora, não é?

Dan acena mais uma vez e seu olhar muda. Há tristeza nele.

— Você a ama? — indago, tentando parecer desinteressada, mas há uma pontada de algo em minha voz.

Talvez seja ciúme.

Dan me encara por um momento antes de responder:

— Não desse jeito. Eu só cuidava dela como um irmão.

— Isso é legal da sua parte. Até que você não é tão ruim assim — comento, tentando disfarçar meu alívio.

— Sou incrível em muitas coisas.

Reviro os olhos.

— Principalmente na humildade.

Ele ri, e, antes que eu possa retrucar, nosso pedido chega. Dou a

primeira mordida no hambúrguer e preciso admitir: é absurdamente bom.

Tão bom que não consigo conter um gemido.

— Meu Deus! Isso é tão gostoso — murmuro, já indo para a próxima mordida.

Dan me observa com diversão.

— Se eu soubesse que um hambúrguer faria você gemer assim, teria te trazido antes.

Quase engasgo com sua fala e isso apenas aumenta sua diversão.

Dou outra mordida e um novo gemido escapa dos meus lábios. Passo o polegar pelo canto da boca, limpando um pouco de molho, e, sem pensar, levo o dedo à boca, chupando-o lentamente.

Quando ergo os olhos, vejo Dan completamente imóvel. Seu olhar está ainda mais escuro, fixo em mim como o de um predador letal.

— Assim que terminar de comer, nós vamos embora — avisa com a voz rouca e seu tom pesado me faz estremecer. — Entendeu?

— Você…

— Estou por um fio. Quero foder você.

Meu rosto esquenta, meu ventre se aperta e meu clitóris lateja contra a calcinha de renda. Por que ele precisa ser tão direto?

— Dan…

— Coma — ordena com a voz áspera. — Você vai precisar de energia para o que vamos fazer mais tarde.

Seu tom deveria me assustar. A máscara de cavalheiro não durou muito, e agora, tudo nele escancara o mafioso perigoso e possessivo que ele é.

Talvez, depois que ele me levar para a cama, seu interesse acabe. Talvez isso seja o melhor para mim. Facilitaria as coisas quando eu precisar fugir.

Talvez o sexo nem seja tão bom, e eu mesma desista dessa obsessão

quando perder minha virgindade.

Mas a verdade é que, quando ele me levar para casa, eu não quero pensar em nenhum desses "talvez".

Porque apesar de todos os defeitos de Dan Belinni, ele é a única pessoa capaz de me fazer esquecer de todas as angústias que existem dentro de mim.

E, por enquanto, isso basta.



MILENA LIMA

A água quente do chuveiro toca a minha pele e suspiro, fechando os olhos. Desde que saímos do restaurante, tentei lutar contra o nervosismo, mas falhei miseravelmente.

Sonhei e desejei tantas vezes ser tocada por Dan Belinni… mas agora que isso está prestes a se tornar real, meu coração parece que vai sair pela boca.

Ouço o som do box sendo aberto e minha respiração fica mais pesada. Ele se coloca atrás de mim e eu o sinto a centímetros do meu corpo, mesmo sem me tocar, seu calor me alcança e um arrepio percorre minha pele.

Abro os olhos.

Sua mão pousa na parede diante de mim e os músculos e tatuagens do seu braço contrastam com minha pele clara.

— Posso me juntar a você, Feiticeira? — fala bem baixinho em meu ouvido. Seu lábio roça na minha orelha e seu dedo faz uma trilha suave por minha coluna.

Lentamente.

Subindo e descendo.

— Você não precisa sair? — pergunto, tentando deixar minha respiração mais tranquila. Falho de novo.

A boca de Dan desce para o meu pescoço e ele beija a minha pulsação, notando que está acelerada.

— Otto sabe se virar — responde.

Quando estávamos no carro vindo para o apartamento, seu irmão mais velho ligou e eu soube que algo estava acontecendo. Dan encerrou a chamada e me pediu alguns minutos quando chegamos aqui, então aproveitei para vir ao chuveiro em uma tentativa de me acalmar.

O mafioso pediu para que eu usasse o seu banheiro e que logo viria me encontrar, e a ideia de estar nua no banheiro de um homem perigoso e de quase dois metros era assustadoramente excitante.

Dan segura minha cintura com posse e me puxa para trás, sem deixar de beijar e chupar meu pescoço. Ele está deixando marcas pela minha pele e não tenho tempo de reclamar, pois seu pau duro cutuca minha bunda e meu corpo tensiona.

— Relaxa — sussurra ainda mais baixinho, mas é impossível não pensar que…

— Não vai caber. É muito grande — falo, odiando ver a inocência e o desespero em minha voz.

Dan bufa uma risada baixa e escorrega uma mão para a parte interna das minhas coxas.

— Você vai aguentar, Feiticeira. Eu te prometo. Agora afaste as pernas.

Com seu pau duro me cutucando, eu o obedeço, e logo o dedo grosso

de Dan alcança minhas dobras. Ele xinga um palavrão assim que sente o quanto estou molhada e inclino a cabeça para trás, me apoiando em seu peito.

— Eu estou com medo. Vai doer e sangrar — confesso e volto a fechar os olhos, mas ele leva uma mão até meu queixo e me força a olhar para ele.

— Não sou filho da puta de mentir para você e dizer que não vai doer. Sei que vai. Eu sou grande e sua boceta é virgem e pequena — fala com seriedade, acariciando meu queixo devagar. — Mas depois vai ser gostoso, Feiticeira. Sua boceta está melada, vai escorregar. Eu vou te dar prazer.

Para que eu fique mais relaxada, o mafioso pega um pouco de sabonete líquido e começa a ensaboar meu corpo. Descanso a cabeça em seu peito e meu movimento faz seu pau cutucar mais a minha bunda. Ele é tão macio…

Solto um gemido.

— Porra — grunhe, levando uma mão até meu pescoço e apertando. Ele espalha o sabonete e ensaboa com carinho, sem deixar de me segurar com posse.

Seus dedos escorregam para baixo e encontram meus seios, que estão carentes de atenção. Solto um suspiro pesado quando ele segura um mamilo durinho entre os dedos e torce o botão. Dan alterna os movimentos entre massagear e apertar. Minha respiração fica mais ofegante.

— Está gostoso? — pergunta, atento ao meu rosto, e tudo o que consigo fazer é acenar e empinar mais os peitos para ele. Quero que ele continue. — Em breve vou colocar eles na minha boca. Vou te chupar inteira.

Seu braço desliza pela minha cintura nua e ele se encosta totalmente em minhas costas. Seu pau duro procura insistentemente minha bunda e seus músculos ficam tensos. Ele está se controlando.

— Você sabe o que vai significar depois que você se entregar a mim, certo? — pergunta com a voz grave e perigosa. — Não vai ter volta. E eu não vou deixar nenhum homem se aproximar de você.

— Eu não deveria me entregar a você — sussurro, tentando manter um último fio de racionalidade.

— Não, você não deveria — diz, empurrando seu pau duro em mim e me fazendo sentir todo o seu comprimento.

Isso deveria me afastar. Ele é enorme e quer enfiar tudo em mim, mas tudo o que faço é gemer.

Dan entende meu gemido como um sinal verde para continuar, esfregando a glande inchada na minha bunda em uma súplica por passagem. Abro as pernas, dando o que ele quer, e logo o mafioso se abaixa, alinhando seu pau com minha boceta e deslizando em minhas dobras, sem meter.

— Mas por mais que você nunca vá admitir em voz alta, eu sei que te excita estar comigo — sussurra, escorregando seu pau entre os pequenos lábios da minha boceta melada uma e outra vez. Deslizando gostoso. Nossas peles quentes e macias se tocando sem nada. Só pele com pele. — Você gosta da adrenalina, do perigo. Você pode até lutar contra, mas quer estar com um homem que vai torturar e matar para te proteger. Eu posso ser tóxico ou qualquer uma dessas merdas, Feiticeira, mas eu não quebro promessas, e estou te dizendo que se você for minha, não vai ser de mais ninguém.

Tentando retomar um pouco do controle da situação, levo a mão para trás e seguro seu pau duro.

— E você vai me pertencer? — pergunto, fechando minha mão ao redor do seu membro e acariciando a glande inchada bem devagarinho.

— Milena — alerta, mas esfrego a fenda na cabeça do seu pau e pego uma gota de pré-gozo, levando-a até a boca e chupando.

Ele xinga um palavrão.

— Você sabe que eu quero você — digo no meu tom mais sexy e seu aperto em minha cintura fica mais forte. — Nenhum outro homem me tocou e pretendo entregar minha virgindade a você. Mas isso só vai acontecer com uma condição.

— Qual?

— Se só você vai me tocar, não quero que outra mulher te toque.

— Você quer fidelidade.

Não é uma pergunta.

— Quero igualdade — falo. — Não vou me guardar apenas para você enquanto você se deita com outras mulheres. Se for assim, posso ficar com outros homens também.

— Eu matarei qualquer um que ousar se aproximar de você.

— Bom, então também vou poder matar as mulheres que tocarem em você — digo de nariz em pé e ele dá um sorriso de canto.

— Você não tem coragem de machucar ninguém — provoca.

— Não desafie uma brasileira — rebato, mesmo sabendo que ele está totalmente certo. Eu jamais machucaria outra mulher de propósito.

— Por que estou tão obcecado por você? — sussurra, se inclinando para beijar meu pescoço.

Eu começo a masturbá-lo e ele geme, marcando minha pele em mais pontos. Sei que amanhã vou detestar ter que esconder esses chupões com maquiagem, mas agora… gosto de estar sob o domínio do mafioso.

— Isso quer dizer que você concorda com meus termos? — insisto, usando as últimas gotas do meu autocontrole.

— Isso significa que eu só quero você. Não vou colocar os olhos e nem as mãos em outra.

Meu coração estúpido acelera com sua fala.

— Promete? — pergunto e ele me gira para olhar em seus olhos.

— Eu não quebro promessas — fala, enlaçando nossos dedos. — Vamos para a cama, Feiticeira. Preciso de você.

Deixando minha última barreira cair, deixo que Dan Belinni enrole um roupão em meu corpo e me guie até o seu quarto luxuoso. Como se cuidasse de mim, ele enxuga o meu cabelo antes de me deitar na cama, venerando meu corpo como se eu fosse a mulher mais bonita do mundo.

E é exatamente assim que me sinto agora.

Enquanto ele me analisa, meus olhos varrem seu corpo e prendo o ar ao vê-lo em toda a sua glória.

Seu pau ereto, apontando para cima, grosso e cheio de veias… a glande avermelhada e inchada, brilhando pelo pré-gozo que espalhei…

— Porra, você é perfeita — fala e se ajoelha diante de mim, separando minhas coxas. — Vou te chupar primeiro. Quero você relaxada.

Dan coloca uma das minhas pernas em seus ombros e cheira minha boceta como se fosse um animal farejando sua fêmea. Meu rosto cora e tento fechar os olhos, mas ele dá um tapa no meu clitóris e quase pulo da cama.

— Olhos em mim. Você vai ver tudo o que eu fizer com você, entendeu?

Aceno em resposta. De uma forma estranha, tenho vontade de me submeter a ele.

— Boa garota — elogia e, sem aviso prévio, endurece a língua, rodando-a em cima do meu clitóris… bem devagarinho.

Tento conter meus gemidos, mas ele me tortura quando fecha os lábios ao redor do nervo carente e começa a mamar, puxando e sugando sem parar.

— Puta que pariu! — falo em português e ele afasta a boca, dando outro tapa em meu clitóris.

— Em inglês ou eu paro — ordena e concordo imediatamente com a cabeça, me desculpando e arqueando o quadril de novo para ele.

— Por favor — sussurro.

Ele me dá seu sorriso arrogante, sabendo que estou em chamas, louca para ter sua boca no meu clitóris de novo. Em um ato de desespero, tento segurar sua cabeça para levá-lo para onde preciso, mas Dan agarra meu pulso e me prende na cama.

— Eu comando.

— Sim, senhor Belinni.

Ele geme com minha submissão e volta a chupar minha boceta carente, lambendo minhas dobras de cima até embaixo com a boca aberta. Dan enfia a língua no buraco estreito e pressiona um pouquinho, mas logo sai

e volta a lamber, de novo e de novo, sem atingir o clitóris.

— Por favor — choramingo, o tesão acumulado no meu ponto latejante. Estou tão necessitada que lágrimas se formam nos meus olhos.

— Você quer assim, Feiticeira? — pergunta, enfiando a ponta do dedo na minha entrada e dando um beijo gostoso no meu clitóris.

Em seguida, ele começa a rodar a ponta do dedo grosso dentro de mim, saindo e entrando… lambendo meu botão inchado, mamando gostoso.

— Ai, que delícia!

Minhas mãos agarram os lençóis e rebolo na sua boca, mas ele prende minha cintura com a mão livre e me imobiliza na cama, em um lembrete claro de que ele está no comando.

Dan mama com mais força, metendo a ponta de dois dedos agora. Ele estoca gostoso, mas não como preciso.

Meu ventre se aperta porque eu quero mais. Preciso de mais. Mais fundo, mais duro, mais grosso, mais dele.

— Mais — engasgo, sentindo as lágrimas escorrerem dos meus olhos. Minha boceta também escorre, melando a cama com minha lubrificação. — Por favor. Mais.

— Vai levar pau só depois que gozar na boca do seu homem — avisa antes de mergulhar na minha boceta com tudo, mordiscando meu clitóris antes de lamber e mamar.

Minha cabeça vira uma névoa. O calor se apossa do meio das minhas pernas e faz meu clitóris latejar.

— Isso, isso! Aii! — grito, sentindo o orgasmo se aproximar. Ele mama mais forte, puxando e puxando sem parar. — Eu vou gozar! Ahh!

Meu corpo convulsiona e a sensação explosiva me toma, fazendo meu coração acelerar e minha cabeça girar de prazer. Grito por ele e seguro sua cabeça, sem saber se quero afastá-lo ou mantê-lo com a boca em mim.

Mas ele não se afasta.

O orgasmo passa e Dan continua mamando meu grelo, que está

melado e sensível.

— Dan — choramingo, mas ele me prende na cama e me direciona um olhar que deixa claro que eu devo ficar quieta.

Eu obedeço, confiando nele.

E não me arrependo disso, pois enquanto Dan chupa meu clitóris, um orgasmo ainda mais poderoso que o primeiro me atinge e eu gozo tão forte que minhas costas saem da cama.

O mafioso finalmente se afasta e suspiro, relaxada no colchão.

Eu poderia dormir agora…

— Não vai dormir sem dar a boceta pra mim — avisa e se ajoelha no meio das minhas pernas, ainda sem me penetrar. Ele encara minha boceta inchada e geme baixinho. — Você vai ser minha ruína, Feiticeira.

Penso que ele vai me penetrar, mas em vez disso, ele se inclina sobre mim e toma minha boca em um beijo lento e profundo. Provo meu gosto nele e isso me excita.

Dan sabe o que está fazendo, e logo começa a foder minha boca com sua língua, fazendo-me desejar que ele faça o mesmo lá embaixo.

Meu quadril se eleva de forma espontânea, querendo mais. Enrosco minhas pernas ao redor dele, prendendo-o contra mim. A ponta dura do seu pau se encaixa na minha entrada e prendo o ar, mas ele não para de me beijar.

Isso me deixa mais relaxada. E corajosa. Rebolo, nossas peles se roçando fazendo um barulho molhado no quarto.

— Milena, quero ir devagar com você, mas, porra, você precisa me ajudar.

Ele está por um fio. Sei que está.

Mas eu quero mais. Quero ele. *Inteiro.*

— Enfia… por favor — suplico e ele geme, empurrando um pouco o pau na minha boceta e forçando a entrada.

Abro a boca por causa da dor e ele volta a me beijar, parando de se

mover. Só a ponta do seu pau está enfiada e seus músculos estão rígidos. Ele está se controlando.

Seu beijo me deixa relaxada e, quando percebe isso, Dan empurra mais um pouquinho. Choramingo e ele para de me beijar, fechando os olhos na mais pura agonia.

— Porra, como é possível uma boceta tão apertada?

Ele mete mais um centímetro. A sensação de ser esticada arde e quase me faz chorar. Eu me remexo e ele rosna, retesando seus músculos ainda mais.

— Querida, eu preciso me mover.

— Está doendo, amor.

Amor.

É a primeira vez que eu o chamo assim.

Seus olhos encontram os meus e meu coração erra uma batida.

— Você confia em mim? — pergunta e hesito antes de acenar. — Chupe dois dedos e os leve até seu clitóris. Esfregue bem gostoso.

Faço o que ele pede e logo estou massageando meu botão inchado. Ele ainda está um pouco sensível, mas a sensação é gostosa e alivia a dor do seu pau duro enfiado em mim.

— Não pare de esfregar. Deixe sua boceta molhadinha — avisa.

Meu corpo relaxa e, em um movimento duro, Dan arremete o quadril em um tranco firme, metendo até o talo de uma só vez.

Sinto a barreira da minha virgindade se romper e meu corpo tensiona. Um grito escapa da minha garganta, minhas costas arqueiam no colchão e lágrimas saem dos meus olhos. Estou totalmente preenchida por ele e está ardendo muito.

O mafioso se inclina sobre mim e volta a me beijar, colocando a mão sobre a minha para que eu não pare de esfregar meu clitóris.

— Shhhh, amor. Passou. Já foi. Estou dentro — sussurra baixinho, me

consolando enquanto beija minha boca e as minhas lágrimas. Ele movimenta minha mão como quer e logo substitui meus dedos pelos seus, massageando meu clitóris com seu dedo grosso e experiente. — Agora a dor vai passar. Vai ficar gostoso.

Respiro fundo, sentindo seus dedos trabalhando em mim e me deixando mais relaxada. Seguro sua nuca e trago sua boca para mim mais uma vez, querendo carinho.

E ele me dá.

Dan mergulha na minha boca e me beija com tanta intensidade que logo estou abrindo as pernas, querendo que ele continue.

— Eu preciso me mover. Posso continuar?

— S-sim — falo baixinho, querendo ser dominada por ele.

— Me fale se doer muito — sussurra.

Dan começa a beijar meu pescoço, passando sua língua habilidosa e quente pelo vale entre meus seios. Ele bombeia devagar e resmungo, minhas paredes apertadas tentando expulsar seu pau grande e duro.

— Eu não vou sair, amor. Vou tomar o que é meu. Relaxa pra levar seu homem — avisa, abocanhando meu peito com fome.

Ele mordisca o mamilo antes de lambê-lo, revezando a boca entre os dois peitos carentes. Ele suga e puxa como se eu tivesse leite, a sensação é tão prazerosa que meu ventre lateja, querendo mais. Esfrego meu clitóris em círculos duros e firmes, sentindo o prazer prevalecer sobre a dor.

Ele passa um bom tempo me fodendo devagar e só aumenta a velocidade quando meus resmungos de dor se transformam em gemidos de prazer. E quando isso acontece, ele começa a foder com força.

Dan martela duro dentro de mim, rosnando e gemendo com sua voz rouca, como um selvagem prestes a perder o controle. Ele inverte nossas posições e me monta no seu pau, beijando minha boca com tanta intensidade que começo a quicar.

O mafioso agarra minha cintura, mas me deixa ditar o ritmo, aprendendo como gosto. Ele é um homem experiente, mas tudo é novo para

mim e ele está me deixando explorar.

Ele toma minha boca com fome e suga minha língua no mesmo instante em que pega um pouquinho de líquido no meu clitóris e o leva para o meu cu, pressionando o buraco.

Arfo, assustada, mas ele me prende, impedindo-me de fugir.

— Shh, confie em mim.

Ele circula o buraco estreito e meu corpo reage, rebolando mais. Dan sorri contra a minha boca e começa a enfiar a ponta do dedo no meu cu, deixando minha boceta mais molhada. Porque eu gosto disso.

— Rebola pra mim. — Obedeço seu comando e seguro seus ombros para quicar nele, rebolando como faço nos meus passos de dança. — Isso, a partir de agora só eu vou ver você dançar desse jeito.

A satisfação do mafioso me faz sorrir e me incentiva a continuar, e logo estou montada em Dan Belinni como uma cadela no cio, sentindo meu clitóris melado esfregando em sua pelve, os pelos baixos do seu corpo me dando mais atrito e fazendo minha cabeça girar.

Ele enfia metade do dedo no meu cu e grito seu nome, mas ele me cala com sua boca e começa a foder minha bunda, enquanto rebolo e fricciono meu botão inchado contra a pele dele.

Mais rápido. Mais duro.

Oh, isso é tão, tão bom…

Com a mão livre, ele usa os dedos para torcer meus mamilos intumescidos, e seu pau acerta um ponto que me faz arfar de prazer.

Está tudo tão gostoso… Ainda arde, mas a explosão de sensações me faz implorar por mais.

— Sua boceta está me esmagando, caralho!

Ele envolve um braço ao redor da minha cintura e me levanta um pouquinho, empurrando com força na minha boceta, o som do choque dos nossos corpos reverberando pelo quarto.

Tudo cheira a sexo. Estamos suados e vejo a mancha rosada do meu

sangue no nosso contato, mas algo dentro de mim adora isso.

Saber que eu sou dele. E que ele prometeu que seria meu também.

Dan parece ensandecido de prazer e ver o homem grande e poderoso me tomando como sua me faz gemer seu nome e implorar por mais.

Dan sai de mim e resmungo como protesto.

— A safada já está gostando de levar pau?

Ele sorri e me gira de bruços na cama, separando as minhas coxas. Ele levanta meu quadril apenas um pouquinho e se posiciona atrás de mim, empurrando de uma só vez. Ofego com a estocada, mas estou tão melada que ele desliza gostoso até o fundo.

— Porra, preciso me controlar com você — fala, entrando e saindo, deslizando. — Ver seu sangue no meu pau está roubando a minha sanidade.

Empino a bunda e tento ficar de joelhos, querendo que ele vá mais fundo. Sei que amanhã vou estar toda dolorida, mas meu corpo precisa disso agora.

Ele me obriga a ficar de quatro para ele e leva seu dedo até meu clitóris melado e o massageia com habilidade. Afundo o rosto no colchão, mas ele não me deixa escapar do seu dedo.

— Vou estimular você porque vou meter com mais força. Relaxa essa boceta doce pra mim. Quero que goze com meu pau enterrado no seu canal apertado.

Ele mete duro e bombeia com força, sem deixar de dar atenção para o meu botão sensível e molhado. Suas bolas se chocam com meu clitóris a cada estocada e isso me faz gritar.

Dan rebola o pau dentro de mim e me acerta lá no fundinho, fazendo-me gemer.

— Isso… bem aí — murmuro, sentindo seus dedos trabalhando em mim. — Isso, isso.

Ele vai mais rápido. Meu clitóris melado começa a latejar. Dan continua esfregando. Metendo. Mas quando acerta de novo o ponto que me

faz revirar os olhos e trabalha em cima dele, é a minha ruína.

— Amor, e-eu v-vou gozar — gaguejo e ele acelera os dedos, martelando tão duro lá no fundinho da minha boceta que começo a soluçar.

O prazer me toma, meu clitóris pulsa e as paredes da minha boceta se contraem com tanta força que Dan quase sai. É nessa hora que ele se entrega também.

Sinto ele pulsando dentro de mim e a sensação é uma delícia. Seu pau enche meu canal com sua porra e nem assim ele para de meter.

Dan torce meu clitóris entre os dedos e logo estou gritando de novo, lágrimas escorrendo dos meus olhos em um choro intenso de prazer.

Só depois que termino de gozar é que ele para, saindo de mim e se deitando na cama, puxando-me para seu peito.

Nossa respiração está ofegante. Desço meu olhar e vejo o líquido rosado manchar minhas pernas e seu pau.

— Eu deveria tirar uma foto disso. — Meu rosto cora e ele segura meu queixo com carinho, fazendo-me encará-lo. — Você está com vergonha?

— Não… é só que não sei se foi bom para você — decido ser sincera.

Ele me dá um sorriso pequeno.

— Eu não sou babaca de tentar te foder de novo agora, mas caralho, eu poderia me enterrar em você a noite inteira e não ia me cansar.

— Ainda está doendo — falo, feliz com sua resposta. — Se a gente transar de novo, amanhã não vou andar.

— Você pode ficar na cama. Gosto dessa ideia — fala, se levantando da cama para pegar alguma coisa na gaveta. — Quero você pelada todo dia me esperando voltar do trabalho.

Gargalho.

— Eu também tenho um emprego. Trabalho para você. Sou sua empregada.

— Você não precisa mais disso. Agora é minha mulher. Seu trabalho

vai ser aquecer minha cama e gastar meu dinheiro.

Cruzo os braços.

— Ah, é? E vai colocar quem pra limpar sua casa? Outra mulher?

— Está com ciúmes, Feiticeira?

Pressiono os lábios em uma linha fina.

— Não — minto e o canto do lábio de Dan se arqueia em um sorriso convencido.

— Eu te disse que não quebro promessas. Não vou colocar as mãos em outra mulher enquanto isso estiver funcionando para nós.

— Mesmo se eu não conseguir transar por alguns dias? Porque eu realmente estou dolorida — murmuro e seu semblante fica sério.

— Hoje foi só sua primeira vez, Milena. Vou ser paciente e esperar a hora certa de comer e marcar cada parte do seu corpo. Você pode confiar em mim. Não quero outra. Meu pau só vai foder sua boceta.

— Que romântico.

— Eu tenho muitas qualidades — brinca e pega uma garrafa de água no frigobar do seu quarto, estendendo-a para mim junto com alguns comprimidos. — Beba. É para dor.

Faço o que ele manda e logo ele se deita de novo, me puxando para seu peito. Eu me aninho em seu corpo e sua mão possessiva me acaricia enquanto sinto meu corpo ficar mole.

— Durma, Feiticeira. Estou aqui cuidando de você — sussurra e respiro fundo, sabendo que a partir de agora tudo vai mudar entre nós.

Mas eu não estou arrependida. Me entrego ao cansaço e os batimentos do seu coração são a última coisa que escuto antes de dormir.



DAN BELINNI

— Tivemos um embate com a máfia de Nova York ontem. Eles não gostaram da nossa nova rota em Ohio — Otto informa, direto ao ponto.

Deixei Milena dormindo na minha cama e, se meu irmão não tivesse convocado essa porra de reunião urgente, eu ainda estaria lá com ela.

— Quantas perdas? — pergunto, sem paciência para rodeios.

— Nenhuma. Não atiraram, mas mandaram um aviso para recuarmos.

Minha mandíbula trava.

— Ohio não é território deles. Não abaixamos a cabeça para Nova York.

— Sei disso, mas talvez seja melhor recuar por enquanto. Estamos ocupados demais para colecionar mais inimigos.

Aceno, entendendo a lógica. A Cosa Nostra americana nunca foi nossa aliada, mas também não é inimiga. Mantemos um equilíbrio, e essa diplomacia evita um banho de sangue desnecessário.

— Precisamos de mais homens — Liam resmunga, os olhos presos no mapa. — Cada vez menos soldados voltam vivos do treinamento na Amazônia.

— Os que voltam, voltam mais fortes — retruco. — Nosso método funciona.

— Funciona, mas estamos no meio de duas guerras. Precisamos de números, não só de força — Otto rebate. — Até agora, os conflitos estão à margem, mas não vai demorar para os infiltrados atacarem.

— Como aconteceu ontem — afirmo, e os dois assentem.

Um dos nossos soldados foi capturado tentando adulterar nossas drogas em uma das refinarias e foi torturado até a morte. Descobrimos que os Morello estavam por trás da merda e que ameaçaram a família do cara para forçá-lo a se voltar contra nós.

Mas traição é traição. O preço é sempre o mesmo: uma morte cruel.

— Precisamos aumentar a segurança das famílias dos nossos funcionários — Otto decide. — Não vamos dar brecha para merda nenhuma se repetir.

— Eu cuido disso — respondo, já digitando uma mensagem para o chefe de segurança da Outfit.

Finalizamos os detalhes sobre as rotas e as estratégias de contenção, mas, quando estou prestes a sair, Otto me chama.

— O lance com ela é sério?

Nem preciso perguntar de quem ele está falando.

— Não vou discutir minha vida pessoal com vocês.

— Porra, Dan, você é nosso irmão. Passamos a noite trabalhando enquanto você provavelmente ficou fodendo sua empregada. Merecemos alguma informação, não? — Liam debocha, jogando-se no sofá com um

sorriso de merda.

— Não a envolvam nessa conversa.

Otto solta uma risada curta.

— Caralho, você quer guardar a garota só para você. Então é sério.

— Vai assumi-la diante da máfia? Pelo menos você não é o Otto. Pode se casar com quem quiser — Liam provoca, cutucando nosso irmão mais velho. Otto só endurece o olhar, sem responder.

Na Outfit, não temos regras rígidas como a Cosa Nostra. Se eu quisesse fazer de Milena minha mulher, ninguém me impediria. Otto, por outro lado, está preso às tradições. Ele é o futuro Don e precisa se casar com uma princesa da máfia, pura e virgem.

Respiro fundo, sabendo que essa merda não vai acabar tão cedo.

— Eu dormi com ela uma noite. Não estou me casando. Vocês são um bando de emocionados do caralho.

— Você largou uma missão para ficar com ela. Você nunca fez isso — Otto observa.

— E olha que já te vi largando tetas e bundas gostosas por causa do trabalho! — Liam debocha, rindo.

Minha paciência está se esgotando, mas sei que eles têm razão. A máfia sempre veio primeiro. Nunca coloquei nada acima do dever.

— Vocês podiam ter lidado com o traidor sem mim — argumento.

— Podíamos, mas você sempre gostou do trabalho sujo — Otto rebate.

Jogo-me no sofá com um suspiro impaciente.

— Não sei se é sério, mas ela pediu exclusividade.

— O quê?! — Liam gargalha. — Porra, espero que ela também tenha te pedido para comprar uma coleira e dar a pata!

— Vá se foder, Liam.

— E o que você disse? — Otto ignora a provocação de Liam e me encara.

— Que sim.

O silêncio pesa por um segundo antes de Liam soltar uma gargalhada incrédula.

— Não acredito! Não dou uma semana pra te ver latindo e abanando o rabo para a sua dona!

— Cale a porra da boca! — rosno, irritado. — Foi a condição para me deixar fodê-la. Se eu tocar outra mulher, ela faz o mesmo com outro homem.

— Você esfolaria o desgraçado vivo antes mesmo de ele encostar um dedo nela — Liam constata.

— Mas Dan não quer pagar para ver — Otto conclui. — Sua garota é esperta. Usou a sua obsessão a favor dela.

Não respondo, mas sei que ele está certo. Milena é cabeça-dura e sangue quente. Se eu não desse o que ela queria, ela jamais teria se entregado para mim.

Mas não foi sacrifício nenhum abrir mão de outras mulheres. Minha mente fodida só pensa nela.

— Pelo menos a foda valeu a pena? A boceta dela é gostosa? — Liam provoca. — Porque, porra, nunca vi uma dançarina tão disputada quanto ela.

Avanço na direção de Liam e ele se levanta, me encarando. Meus punhos formigam e enxergo vermelho, ansioso para socá-lo.

— Mantenha sua boca suja longe do nome da minha garota, entendeu? Você é meu irmão e eu daria a vida por você, mas não vou pensar duas vezes antes de arrebentar a sua cara se você ousar falar da boceta dela de novo.

Liam ri e encara Otto.

— Ele está ainda mais territorialista com a garota. Isso responde à minha pergunta — comenta e volta a olhar para mim. — Não se preocupe, Dan. Se a brasileira é importante para você, eu jamais vou tocá-la. Prefiro

arrancar meus olhos do que olhar para ela de agora em diante. Minha cabeça é fodida em muitas coisas, mas acima de tudo eu sou leal a vocês.

Dou um aceno curto. Ele está falando sério.

— Espero que esteja encapando o pau. Porque, do jeito que você está obcecado, logo ela vai estar grávida — Otto comenta, divertido.

Não respondo. O que faço no sexo não é da conta deles.

E não vou usar camisinha com Milena. Se ela engravidar, ela vai estar sob meu domínio.

— Nossa mãe ficaria feliz com um neto — Liam provoca. — Quem sabe para de encher o saco do Otto para se casar.

— Duvido — Otto resmunga. — Nosso pai quer se aposentar, mas só vai fazer isso depois que eu me casar.

Casamento, para nós, não é escolha. É obrigação. E, sendo honesto, as mulheres não deveriam sonhar em se unir a homens como nós. Carregamos alvos invisíveis nas costas. Há momentos em que desaparecemos sem deixar rastro e não podemos sequer dar notícias.

Elas precisam nos entregar tudo: sua lealdade cega, seu coração, seu corpo, sua submissão. Em troca, prometemos proteção, mas nunca a verdade.

Vivemos sob a Omertà, o código de silêncio absoluto. Jamais delatar, jamais cooperar com as autoridades, mesmo sob tortura ou ameaça de morte. É mais que uma regra; é um juramento sagrado. E nossas mulheres não estão acima desse pacto.

Nada está.

— Já tem alguém em mente? — pergunto, já sabendo que Amber pertence agora a Vittorio Morello.

Fodido dos infernos.

— Não, mas Rebecca Belinni está empenhada em encontrar uma princesa para mim.

— Isso não vai demorar. Nosso pai ainda não se aposentou porque estamos em guerra, mas você já comanda quase tudo.

Otto balança a cabeça em concordância.

— Lidarei com isso quando chegar a hora.

Saio do escritório de Otto e passo o dia resolvendo pendências da Outfit, mas a cada segundo livre minha mente dispara para a mulher gostosa que está me esperando em casa.

E não vejo a hora de voltar para ela.



As portas do elevador se abrem e a escuridão me recebe. Meu apartamento está silencioso demais e logo a preocupação me invade. Agarro uma arma do coldre e fico em posição de ataque, olhando para os lados.

Não há ninguém na sala e nem na cozinha, então silenciosamente sigo para o corredor. Paro no lugar quando ouço a voz de Milena e me aproximo do seu quarto para descobrir com quem ela está conversando.

— Não me olhe com essa cara, não vou dançar para você. Eu estou cansada e talvez eu não durma com você de novo — resmunga e meu coração dispara.

Há outro homem em seu quarto?

Sem lhe dar brechas para fugir, giro a maçaneta de uma vez, encontrando-a destrancada. Invado seu quarto com a arma apontada para frente e Milena grita de susto assim que me vê entrar.

Não há ninguém no quarto com ela, então disparo para o banheiro e chuto a porta. Nada também.

— Onde ele está? — rosno, meu peito subindo e descendo de raiva enquanto meus olhos varrem o cômodo.

Abro o guarda-roupa e também não há ninguém dentro.

— O que você pensa que está fazendo?!

— Onde ele está, caralho?! — falo com mais autoridade, me abaixando para ver embaixo da cama. Nada.

— Quem?!

Volto a olhar para Milena e a confusão está estampada em seu rosto. Me inclino sobre ela e agarro seu queixo, abaixando a arma.

— O homem que quer te ver dançar. O maldito com quem você estava conversando antes de eu arrombar a porta.

Ela pisca, confusa, mas logo começa a rir.

— Meu Deus! — gargalha e me deixa mais irritado.

Respiro fundo e guardo a arma, dou um passo para trás e estendo a mão para ela.

— Seu celular. Agora — ordeno.

— Eu não vou te dar o meu celular! — responde e continua rindo, enxugando as lágrimas dos olhos.

— Milena, eu não estou brincando. Vou encontrar e torturar o filho da puta mais cedo ou mais tarde, então seja uma boa garota e facilite as coisas para nós.

A dançarina se recompõe e respira fundo, sacudindo a cabeça.

— Você não pode matar minha companhia de todas as noites.

— Todas as noites? — Cerro os punhos. — Você o trouxe para a minha casa?

— Uhum. Desde o primeiro dia — diz, mordendo os lábios para

prender uma risada. — E sabe de uma coisa? Eu já dancei pelada para ele tantas vezes que até perdi a conta.

Volto a sacar a arma e destravo o revólver, rondando o quarto dela de novo. Será que o filho da puta tentou sair pela janela?

Seria suicídio. Moro no último andar.

Reviro cada canto do quarto e não encontro ninguém. Minha paciência está se esgotando e minha sede por sangue só aumentando.

— O nome, Milena. Me dê a porra do nome dele — rosno, prestes a explodir.

Penso que ela vai negar, no entanto, ela cruza os braços e sorri.

— Edward Cullen.

Filho da puta fodido. Vai se arrepender por ter nascido.

— Eu vou rastreá-lo, Milena — digo, enviando uma mensagem ao serviço de inteligência da Outfit e solicitando informações sobre o cara. — Vou cortar o pau dele na sua frente e você nunca mais vai se aproximar de outro homem. Você é minha, porra!

— Não tenho tanta certeza disso.

Levanto meu olhar para ela.

— Está duvidando?

Me aproximo com a postura perigosa e ela nem vacila. Milena coloca as mãos em meu peito e sorri.

— Você não pode cortar o pau do Edward.

— Ah, querida, eu vou desmembrar o filho da puta e dar pros cachorros da máfia comerem.

Ela nega com a cabeça.

— Peixes não têm pau, Dan.

Sua frase faz meu cenho franzir.

— O que disse?

— O Edward — repete, apontando para um aquário minúsculo ao lado da sua cama. Há um peixe azul dentro. — Acho que ele não tem pau.

— Você estava falando com um peixe?! — pergunto, incrédulo.

— Não o chame assim. Ele prefere ser chamado pelo nome.

A garota volta a gargalhar e xingo um palavrão, guardando a arma de novo. Apesar de puto pela brincadeira, respiro aliviado por saber que não havia outro cara na cama da minha garota.

Para minha confirmação, meu celular vibra e o número do serviço de inteligência aparece na tela.

Atendo com um suspiro.

— *Senhor, parece que Edward Cullen é um vampiro de um romance para garotas. Tem certeza de que é esse o nome?*

— Esqueça — rosno, constrangido e irritado. — Foi um mal-entendido.

Desligo e encaro Milena, que sorri para mim. Deslizo o celular de volta para o bolso e ela se aproxima, enlaçando os braços ao redor do meu pescoço.

— Que bonitinho te ver com ciúmes — provoca, sorrindo.

— Não brinque com isso, Milena. Eu não vou aceitar que outro coloque as mãos em você.

— Só você me tocou… só você me fodeu — fala baixinho, beijando meu pescoço.

Porra!

Meu pau lateja na calça e o estresse é substituído pelo tesão.

Agarro a cintura da minha mulher com uma mão e uso a outra para segurar sua nuca, prendendo-a com firmeza, mas com carinho.

— Você está bem? Está doendo?

— Estou dolorida. Não aguento hoje de novo, se é essa sua dúvida — diz com um sorriso, levando a mão até meu pau duro.

— Eu jamais te forçaria a trepar. Muito menos machucada — falo com sinceridade e ela acena, acariciando meu volume grosso por cima da calça. — Milena.

Se ela não quer trepar, precisa parar de jogar comigo.

— Não aguento seu pau dentro de mim, mas isso não significa que a gente não possa se divertir de outras formas — sussurra, abrindo meu zíper e enfiando a mão por dentro da minha calça.

Ousada.

Ela começa a me masturbar com os olhos fixos em mim e um gemido rouco escapa da minha boca. Caralho!

— Talvez se eu beijar sua boceta, ela melhore mais rápido — digo baixinho, aproximando minha boca da dela. Ela ofega.

— Não…

— Eu vou lamber gostoso. Me deixa beijar e chupar seu clitóris. Vai te relaxar.

Milena nega mais uma vez.

— Você sabe que a gente não vai conseguir parar depois — sussurra. — Eu vou implorar pelo seu pau… — Acelera o movimento da sua mão, apertando a cabeça do meu pau com mais força. — E você vai enfiar. Eu sei que vai.

Porra, eu vou.

— Se você me pedir pra não fazer isso, eu vou te respeitar. — Ela esfrega a fenda na cabeça do meu pau e ofego. Seus olhos ainda estão em mim e vejo que ela quer me agradar. — Mais duro, amor — comando e ela obedece.

Sua mão fica mais rápida. Ela aperta com mais pressão.

— Será que se você colocar só a ponta vai doer muito?

— Você está dolorida. Vai doer, amor — murmuro, me esforçando para não ser um babaca que só pensa com a cabeça de baixo.

— Mas é que quando você está perto de mim, eu fico molhada…

Santo inferno!

— Você está com vontade de me dar? — pergunto, empurrando meu pau contra a mão dela. — Eu vou ser cuidadoso com você. Prometo.

Empurro de novo. Ela aperta mais forte. Ai, caralho. Ela é boa nisso.

— Se doer, você para?

— Se doer, eu paro.

— E eu posso chupar você antes?

Aumento o agarre em sua cintura, trazendo-a para mim.

— Porra, Feiticeira, você vai ser a minha morte.

Tomo sua boca com fome, tirando sua mão do meu pau e a carregando para o meu quarto. Passei o dia todo me lembrando do seu corpo e da sua boceta quente, e vou aceitar tudo o que ela quiser me dar.

Porque eu estou viciado.

Arrancamos nossas roupas como dois loucos desesperados, nos afastando por poucos segundos antes de nos beijarmos de novo.

— Você está segura do que quer? — pergunto uma última vez, confirmando se ela sabe onde ela está pisando.

— Eu quero você.

Com uma frase, a garota me leva ao limite.

— Foi você quem pediu pau, Milena. Então se ajoelhe que agora vai engasgar com minha porra e não vai poder reclamar.



MILENA LIMA

Meu corpo queima com o comando sujo do mafioso. Meu clitóris está dolorido de tanto tesão e já nem me lembro de dor ou incômodo pelo sexo de ontem. Eu quero de novo.

E ver Dan pelado, com o pau duro e cheio de veias, apenas aumenta o meu desejo.

Me ajoelho diante dele e meu mafioso sorri, acariciando meu cabelo. Tento ignorar a timidez e colocar em prática o que estudei sobre o assunto. Seguro seu pau com uma das mãos e passo a língua pela cabeça avermelhada, fechando os lábios ao redor dela e sugando devagar.

Ele tensiona o corpo e solta um gemido rouco.

— Fiz errado? — pergunto, a insegurança deslizando em minha voz. *E se eu for péssima nisso?*

Com certeza Dan já foi chupado por mulheres experientes.

— Você está indo bem, querida. Continue. — grunhe, guiando novamente minha boca até onde ele precisa da minha atenção. — Eu sou seu homem, Milena, pode me tocar e explorar como quiser. Só não use os dentes.

Antes que ele termine de falar, sugo a cabeça do seu pau com fome e ele geme, xingando um palavrão. Meus olhos estão presos em seu rosto e adoro ver as reações que provoco em seu corpo.

É prazer.

— Continue me olhando com essa cara de puta que vou foder sua boca com força até gozar — alerta, mas não consigo parar.

Usando uma mão para masturbá-lo e a outra para acariciar suas bolas, deslizo a língua pelo seu comprimento antes de voltar para a cabeça e sugar. Dan ofega de tesão e agradeço mentalmente aos tutoriais na internet sobre como fazer boquete para iniciantes.

— Abra as pernas e esfregue sua boceta — ordena, sem deixar de foder minha boca, agarrando minha nuca para se movimentar como necessita.

Não espero um segundo comando. Levo dois dedos até meu clitóris melado, que está inchado de desejo. Eu o esfrego bem gostoso, sentindo minha boceta pulsar nos meus dedos, sem deixar de chupar meu mafioso.

Ele geme e tenho vontade de fazer o mesmo, mas estou com a boca cheia, então só murmuro baixinho.

Dan bombeia com força na minha boca, empurrando até minha garganta, quase me fazendo engasgar.

— Milena, eu vou gozar. Se não quiser engolir, você precisa sair agora — grunhe, mas não me afasto. Continuo com a boca no seu pau, porque quero sentir seu gosto na minha língua. — Inferno, vou encher sua garganta de porra!

Os músculos de Dan se contraem e logo sinto o gosto salgado na minha boca. O mafioso murmura meu nome e bombeia em movimentos descontrolados, sem soltar minha nuca, me obrigando a ficar aqui quietinha e engolir sua porra.

E eu vou engolindo tudo, sem deixar de encarar seu rosto que está inclinado para trás enquanto ele geme de prazer.

Assim que termina, Dan suspira e sorri, olhando para mim. Ele tira seu pau e limpa o canto do meu lábio, forçando a entrada do polegar na minha boca para me obrigar a chupar a última gota do seu esperma. Sugo seu dedo com fome e ele ofega. Seu pau fica duro de novo.

Com uma habilidade fora do comum, Dan me levanta e me coloca deitada na cama, se posicionando entre minhas pernas e esfregando a glande no meu clitóris. Estou latejando… preciso gozar.

— Dan — imploro.

— Vou te dar seu orgasmo, mas você está sensível e não vou enfiar. Não quero você machucada.

— Eu quero mais. Por favor — choramingo, mas ele não parece que vai me comer. Só vai esfregar. — Você não quer?

A pele macia da cabeça do seu pau pressiona meu botão meladinho com mais força, circulando em cima dele de um jeito tão gostoso que me faz revirar os olhos.

— Você é minha, Milena. Terei todo tempo do mundo para te foder — fala, o barulho molhado das nossas peles macias se tocando preenchendo o quarto. *Que delícia.*… — Mas quero trepar duro com você e para isso preciso da sua boceta recuperada.

Desisto de discutir e rebolo para aumentar nosso atrito. Seu toque é firme e certeiro, atingindo o nervinho certo.

O movimento é lento e constante. Sem parar. Apertando e girando, esfregando cada terminação nervosa do meu clitóris carente.

O calor irradia pela minha virilha. Minha boceta pulsa e um nó se forma no meu ventre, percorrendo minha virilha e se acumulando no meu clitóris.

Dan continua girando, esfregando, provocando… até que a pressão vence e meu corpo explode em um orgasmo intenso, que me faz arquear as costas e gritar o nome dele.

Ele sorri com satisfação assim que me vê desabar na cama. Eu poderia — e gostaria — de transar com ele, mas Dan está certo e sei que se transarmos hoje, amanhã não vou conseguir andar.

E eu tenho trabalho a fazer.

— Não, você não tem — fala, me carregando até o banheiro. — Já disse que não é minha empregada mais. Você é minha mulher.

Pelo jeito, falei em voz alta.

Entretanto, estou cansada demais para entrar em uma discussão com ele sobre meus direitos de trabalhar. Então, deixo que o mafioso encha a banheira e cuide de mim. Eu me deito em seu peito e me permito relaxar.

Talvez ser a mulher dele não seja tão ruim, afinal.



— Podemos ver um filme? — pergunto, me aconchegando a ele na cama.

Estou totalmente nua, mas Dan vestiu uma boxer preta antes de se juntar a mim. Não sei se é para me preservar ou para impedir a si mesmo de me atacar. Independentemente dos seus motivos, me aninho em seu corpo e ele não tenta me afastar.

— Que filme?

— Crepúsculo. É o romance sobre o vampiro que tem o nome do meu peixe — falo, como se isso fosse convencê-lo.

Ele me encara, incrédulo.

— Nem fodendo — fala e seu tom é tão duro que fico sem graça.

— Deixa pra lá, então. Boa noite.

Tento me virar para sair da cama, mas Dan me segura e me impede de sair do lugar.

— Você não vai se afastar de mim, Milena.

— Eu vou para o meu quarto de empregada.

— Eu já disse que você não é mais minha empregada. É a minha mulher — avisa, prendendo-me na cama com o peso do seu corpo. — E como minha mulher, uma das suas obrigações é esquentar a minha cama.

— Nem fodendo — repito sua frase e tento empurrá-lo de novo. Falho miseravelmente.

Dan me prende embaixo do seu corpo de um jeito que quase fica difícil respirar. Não que eu esteja reclamando, já que o homem de quase dois metros é musculoso e quente e seu perfume é uma delícia, mas o fio de amor-próprio que ainda mantenho me impede de admitir isso em voz alta.

— Coloque o filme — ordena.

— Não.

— Pare de ser teimosa e orgulhosa.

Dou uma risada sarcástica.

— Olha quem fala.

Em vez de me responder, Dan usa um joelho para afastar minhas pernas e fica no meio delas, beijando meu pescoço em seguida. Ele chupa e lambe minha pele de um jeito tão obsceno que começo a ofegar.

— Você está jogando sujo — murmuro, engolindo um gemido.

— Não colocamos regras no jogo — fala, sem parar de me provocar

com sua boca macia e quente.

Meu clitóris estúpido lateja de novo, querendo atrito, e sou mais estúpida ainda por roçar no corpo do mafioso e buscar contato. Ele sorri.

Sua presunção me irrita. Dan acha que pode me tratar como um cachorrinho que abana o rabo por causa de um pau. Não que isso seja totalmente mentira, desde que o pau seja o dele, mas não lhe darei a satisfação de perceber o poder que tem sobre mim.

— Eu só vou dormir na sua cama com uma condição. — Tento voltar ao controle.

Ele se afasta um pouco para encarar meu rosto.

— Qual?

— Se você maratonar comigo todos os filmes da série.

— Quantos são?

— Quatro.

Dan bufa, incrédulo, e sacode a cabeça. Tenho certeza de que está pensando em um jeito de ganhar essa disputa.

— Se não quiser ver comigo, eu volto para o meu quarto e vejo sozinha. Simples — digo com naturalidade e o mafioso xinga um palavrão.

Ele se levanta da cama e pega o controle remoto da TV, entregando-o em minha mão.

— Não quero ouvir uma palavra sobre isso — avisa e mordo os lábios para não sorrir. *Ponto para mim.*

— Ai, você vai amar os filmes!

— Duvido muito — murmura e ignoro, colocando Crepúsculo em uma plataforma de *streaming*.

Quando a voz da Bella surge, meus lábios sussurram as palavras que já sei de cor.

"Nunca pensei muito em como eu morreria, mas morrer no lugar de alguém que amo parece ser uma boa forma de partir."

Tento engolir o caroço que se forma na minha garganta, pois o filme me lembra do meu passado, da minha mãe… e de tudo o que deixei para trás.

Dan parece perceber meu desconforto e me puxa para o seu peito, beijando minha cabeça com carinho.

— Está tudo bem?

— Sim — minto.

— Você quer, sei lá, um chocolate? — pergunta e levanto a cabeça para fitar seu rosto. — Garotas gostam disso, certo? Ou você faz dieta?

Dan não consegue disfarçar sua repulsa quando diz a última palavra e isso me faz sorrir.

— A vida já é difícil demais para seguir dieta — brinco e ele dá um sorriso pequeno também.

— Vou buscar algo para você.

Ele volta segundos depois com um pote de sorvete e uma única colher na mão.

— Você não vai tomar?

— Não. Talvez no final, depois de querer cortar meus pulsos por ter perdido tempo assistindo a um filme tão bobo.

Levanto o dedo do meio para o mafioso e ele gargalha, fazendo-me rir também.

— Bem melhor assim, Feiticeira. Prefiro te ver feliz.

Sua fala aperta meu peito, pois enquanto Dan parece se esforçar para me agradar e estar comigo, o filme me lembra exatamente de quem eu sou e da mentira que se tornou a minha vida.

Em breve ele vai descobrir, meu subconsciente alerta e ignoro o

pensamento. Não vou pensar nisso agora. Vou viver um dia de cada vez.

Nos sentamos na cama e volto a focar no filme, tomando o sorvete de chocolate. O sabor é tão bom que começo a me questionar se seria tão ruim assim ser a mulher de um mafioso.

É fácil se adaptar ao luxo e ao conforto. Ainda mais depois de um longo período passando dificuldade.

Enquanto minha mente trabalha, percebo pela minha visão periférica que o tempo todo o olhar de Dan se volta para mim. Resisto ao impulso de fazer o mesmo, temendo que ele veja a verdade em meus olhos.

O tempo passa e Dan relaxa, parecendo verdadeiramente interessado no filme. Quando a Bella sai escondida para se encontrar com um vampiro que quer matá-la, ele bufa, indignado.

— Que garota idiota! É uma armadilha, caralho!

Prendo uma risada.

— Ei! É um filme baseado em um livro. Eles fizeram sucesso no mundo inteiro.

— Isso não torna a garota menos idiota. Essa emboscada era óbvia.

Cruzo os braços e o encaro com um olhar desafiador.

— Essas cenas precisam existir para que o Edward assuma o papel de herói e vá salvá-la. É para isso que servem os príncipes e os homens fictícios, você não acha? Eles têm que ser perfeitos.

— Se ele fosse perfeito, não tiraria os olhos dela e nem permitiria que o inimigo tocasse na sua garota — argumenta e fico em silêncio, então ele continua: — Estou longe de ser um príncipe, mas eu morreria antes de deixar algum fodido machucar minha mulher. E quando eu colocasse as mãos nele, faria questão de lhe dar uma morte lenta e dolorosa. Honrar e proteger a família é a regra básica da máfia.

— Está me dizendo que mafiosos são melhores do que os príncipes?

— Para o resto do mundo? Não. Somos violentos e cruéis. Mas quando o assunto é a nossa família, viramos psicopatas sedentos por sangue e

quem ousar tocar no nosso bem mais precioso pagará caro por isso. Somos leais ao nosso sangue e às alianças que selamos.

— Talvez os livros de história devessem criar romances com vilões, então… talvez fosse mais interessante — brinco.

— Talvez. Os vilões, pelo menos, são bem menos entediantes que os príncipes, você não acha? — provoca e sorrio.

Ele está certo.

Voltamos a nos concentrar no filme e, segundos depois, Dan estala a língua em desaprovação.

— Sério, por que você gosta disso?

Respiro fundo, pausando a TV e me preparando para defender minha história favorita da vida.

— Porque o amor deles é bonito. Eles tinham tudo para dar errado, era um romance impossível. Ele, um vampiro poderoso, lindo e imortal. Ela, uma garota simples, tímida e frágil. Ela não tinha nada de mais, mas mesmo assim ele escolheu olhar para ela. Enquanto ela dormia, enquanto ela estudava… ele a vigiava, a protegia. O Edward cuidava da Bella, mesmo quando ela não sabia. Talvez seja isso que eu e todas as garotas fãs da saga estejamos buscando.

— Proteção?

Uso todas as minhas habilidades filosóficas para lhe dar uma resposta:

— Um homem que te ame tanto a ponto de você se tornar a razão da existência dele.

— Você viu tudo isso nesse filme de vampiro? — zomba, levantando uma sobrancelha.

Idiota.

Dou um tapinha em seu braço e ele ri, mas não deixo de argumentar:

— Crepúsculo é especial. A Bella e o Edward eram predestinados. Eles nasceram para se encontrar.

— Predestinados? Você acredita nessas merdas?

— Acredito. Quando duas almas precisam se encontrar, elas sempre vão achar o caminho que leva até a outra.

Ele nega com a cabeça.

— Garotas sonham demais.

— Se é para sonhar, exagerar não tem problema — respondo.

O filme acaba e Dan não reclama quando coloco o segundo da saga, mas logo meus olhos pesam e começo a cochilar. Vejo a mão do mafioso agarrando o controle para desligar a TV e acordo no mesmo instante.

— Ei! Eu estou vendo!

Não, não estou.

E Dan sabe disso. Mas escolhe não discutir. Ele me puxa para o seu peito e me aconchega contra o calor do seu corpo até o final do filme.

Quando “Lua Nova” acaba, o mafioso murmura “Graças a Deus” e lhe dou outro tapinha no braço. Ele ri mais uma vez.

— Quer ver o próximo?

— Não está cansado? — questiono.

— Eu te prometi que veria.

E ele não quebra promessas.

— Talvez outro dia? — pergunto, pois estou realmente cansada.

— Talvez — fala e beija meu cabelo.

Antes de me levantar da cama para colocar uma roupa de dormir, encaro o pote de sorvete na mesa de cabeceira e percebo que comi quase meio pote da embalagem pequena.

— Meu Deus, você vai pensar que sou egoísta agora. Comi quase tudo.

Dan leva um braço para trás da cabeça e me dá um olhar preguiçoso.

— Está tudo bem, Feiticeira. Não foi isso que me fez pensar mal de você — responde e me endireito na cama no mesmo instante. — O que foi?

— O que te fez pensar mal de mim? Eu nem sabia que você estava pensando mal de mim! — exclamo com a voz ligeiramente alterada. Isso o faz sorrir.

— Você fica linda quando está irritada, sabia? — provoca, tocando meu queixo com carinho. — Mas seu gosto para filmes é uma merda.

Tento retrucar, mas Dan se levanta e vai para o banheiro. Eu o sigo, batendo o pé.

— Você não pode criticar o meu filme favorito e sair em seguida!

— Bom, seu filme favorito tem um vampiro que não dá conta de proteger a mulher dele e deixa ela nas mãos de um cachorro — rebate.

— Estou falando sério, Dan!

— É nossa primeira DR, Feiticeira? — pergunta com um olhar de diversão.

— Não somos um casal para termos uma DR.

— O que preciso fazer para que você entenda que já é minha? Colocar um anel no seu dedo? Ou encher seu ventre com meus filhos? — Aponta com o queixo para meu abdômen nu e meu rosto cora. Suas palavras me deixam tão chocada que fico sem reação. — Está tarde, Feiticeira. Vamos dormir. Você precisa descansar.

Ele me estende uma escova de dentes nova e eu aceito, exausta demais para caminhar até meu quarto e buscar a minha. Escovamos os dentes juntos, e, por mais simples que pareça, essa é uma das coisas mais íntimas que já fiz com um homem.

De um jeito estranho, isso é reconfortante. E bom.

Começo a me questionar como é possível, depois de tanto tempo fugindo de casa, que o lugar onde eu mais deveria ter medo é justamente onde quero ficar.

Com ele.



MILENA LIMA

A irritação me domina enquanto coloco minhas roupas dentro da mala. O barulho da equipe de limpeza ecoa pelo apartamento e isso só aumenta minha raiva, pois deixei bem claro para o Dan que eu não seria sua amante e muito menos sua puta. Se ele for me dar dinheiro, quero que seja pelo resultado do meu trabalho e não porque fui para a cama com ele.

Entretanto, o mafioso não pareceu entender. Assim que acordei e não o encontrei na cama, fui procurá-lo e dei de cara com os seus novos funcionários fazendo as tarefas que eu fui paga para fazer.

Eu quase explodi.

E só não o fiz porque Dan não estava em casa e as pessoas da limpeza não tinham nada a ver com os meus problemas.

Sem pensar duas vezes, reservei um hotel com o dinheiro que guardei

e decidi ficar lá até arrumar alguma coisa, embora, por causa do meu visto e da minha identidade falsa, eu não tenha tantas opções assim.

Dane-se. Qualquer coisa é melhor do que aceitar ser a prostituta de luxo do mafioso.

Estou fechando a mala quando o cheiro dele me invade e deixa minha pele arrepiada. Eu sei que ele está aqui, encostado na porta, observando cada movimento.

Raiva e desejo são uma combinação perigosa. Eu já deveria saber disso.

— Eu te disse que não seria sua amante e nem sua puta! — solto de uma vez, virando-me para encará-lo.

Engulo em seco ao vê-lo tão bonito e imponente em seu terno caro. Dan não diz nada, apenas continua me encarando.

— Nós vamos mesmo jogar esse jogo? — pergunto.

— Estou jogando?

— Dan…

— Eu quero você, Feiticeira. Venha para o meu quarto.

Solto o ar, incrédula.

— Eu já falei…

— Que não é minha amante e nem minha puta — Ele me interrompe. —, mas quero saber em que momento eu disse isso sobre você.

— Você contratou uma empresa para limpar sua casa. Isso significa que estou fora, não é mesmo?

— Eu não te demiti. Só não quero que você faça o trabalho pesado.

Meu olhar vacila, mas logo recupero meu orgulho.

— Você vai gastar mais dinheiro mantendo mais funcionários.

— Dinheiro nunca foi problema para mim.

Fico sem reação e não sei o que dizer. Lentamente, Dan se aproxima e

coloca uma mecha do meu cabelo atrás da orelha, acariciando meu rosto no processo.

Quero fechar os olhos para apreciar o toque. Resisto.

— Eu já te disse ontem e vou repetir mais uma vez, Milena — fala bem baixinho. — O que preciso fazer para que você entenda que já é minha? Colocar um anel no seu dedo? Ou encher seu ventre com meus filhos?

— Nós ficamos apenas duas vezes. Logo você vai se cansar.

— Eu não vou me cansar de você — responde com a voz pesada, levando os lábios para o meu ouvido. — Você ainda não consegue ver o quanto estou obcecado? Fodidamente obcecado. Isso nunca aconteceu, mas agora nada é capaz de me fazer parar de pensar em você… no seu corpo… na sua boca gostosa e nessa boceta apertada que engole meu pau como uma boa garota.

— Você é possessivo e controlador — argumento e já não sei se digo isso para ele ou para mim mesma.

— E ainda assim você me quer — diz com um sorriso cruel. — Você me enfeitiçou, Feiticeira. Agora lide com isso e banque as consequências de ser a obsessão de um mafioso.

Ele puxa minha cabeça para trás e escorrega a língua pelo meu pescoço, até chegar perto dos meus peitos. Penso que ele vai abaixar minha roupa para abocanhá-los, mas choramingo de frustração quando ele se afasta.

— Você está dolorida? — diz, levando a mão até a região abaixo do meu umbigo, acariciando de leve.

— Estou bem melhor. — Sou sincera e Dan acena devagar.

— Então vamos fazer uma aposta — sugere.

— Que aposta? — pergunto com desconfiança.

— Vou te levar para o meu quarto e te foder até você perder o controle. Se gemer alto ou gritar, meus funcionários vão ouvir, e você perde a aposta. Mas se conseguir gozar caladinha, você ganha.

— E o que está em jogo? — Cruzo os braços, tentando ignorar o calor

que se espalha pelo meu corpo.

— Se você ganhar, mando todos embora e você assume o trabalho deles, assim como quer.

Minha testa se franze.

— Não quero que ninguém seja demitido por minha causa. Prefiro que você os realoque.

Ele me encara por alguns segundos antes de assentir.

— E se eu perder? — questiono.

O canto de sua boca se ergue em um sorriso perverso.

— Você se muda para o meu quarto e aceita cada centavo que eu gastar com você. Sem discussão.

— Mesmo sem trabalhar? — Minha voz sai incrédula.

— Você pode administrar tarefas, escolher decoração... essas merdas que mulheres gostam de fazer.

Quase rio da resposta. Isso nem chega a ser um trabalho de verdade, mas não me dou ao trabalho de contestar. Afinal, eu vou ganhar essa aposta. Só preciso manter a boca fechada.

Endireito os ombros e o encaro com determinação.

— Feito.

O mafioso enlaça nossos dedos e me guia até seu quarto, e enquanto sua mão possessiva e quente segura a minha, eu me forço a acreditar que isso vai ser fácil.

É só não gemer, certo?

É só não gemer.



— Se você sorrir mais um pouquinho, eu juro que seu maxilar vai cair — María zomba e reviro os olhos, com o sorriso idiota em meu rosto.

— Como você é exagerada! Só estou feliz por te ver de novo. Não nos encontramos desde o seu casamento. Pelo visto, a vida de casada está te mantendo ocupada — brinco e minha amiga ri.

Ela se casou há algumas semanas em uma cerimônia simples para poucas pessoas na igreja. Robert e ela estão morando na kitnet que compartilhávamos e ela me disse que já estão tentando engravidar. María veio de uma família grande e quer ter a sua numerosa também.

— Não que você esteja muito disponível — argumenta. — Desde que começou a trabalhar no apartamento do Dan Belinni, você tem mil coisas para fazer.

— Mas eu estou aqui agora, não estou?

— Está. O que é muito estranho, já que estamos no meio da tarde de um dia de semana.

— Eu estou tendo ajuda agora — respondo, sem querer entrar em detalhes sobre a aposta que perdi.

Nunca gritei tanto na vida.

Gemi feito uma condenada e nem assim Dan parou de me fazer gozar. Ele me levou até o *closet*, se sentou em uma cadeira e me colocou no colo dele, de frente para um espelho. O mafioso levantou meu vestido e tirou minha calcinha, deixando minha boceta exposta para ele.

Seus dedos deslizaram para dentro de mim, encontrando um ponto

que me fez arquear o corpo contra seu peito. Ele me imobilizou com facilidade, segurando-me firme enquanto bombeava duro na minha boceta.

Meu corpo tremeu. O choque do prazer me fez prender a respiração, até que um jorro quente me escapou, arrancando-me um arquejo entrecortado de surpresa e constrangimento. Mas Dan apenas sorriu contra minha pele, murmurando em meu ouvido:

— Relaxe. Você está tendo um *squirting*.

Eu queria fechar as pernas, proteger minha intimidade, fugir da sensação insuportavelmente deliciosa. Mas ele não me deixou. Ele continuou me fodendo com seu dedo grosso, deslizando fundo, provocando aquele ponto até que eu me perdesse de novo.

E eu me perdi.

Choraminguei, gemi, gritei. Esqueci completamente da aposta. Supliquei que ele parasse, que me deixasse ir, mas ele apenas ordenou, com voz grave e rouca:

— Fique quieta e seja uma boa garota.

E eu obedeci.

Até que a exaustão me dominou e aceitei minha derrota.

Dan beijou minha boca, me levou para a cama dele — que, por sinal, tinha acabado de se tornar a minha também — e me deixou dormir. Ele foi trabalhar e eu fiquei descansando, sem qualquer energia para pedir uma revanche.

No entanto, quando acordei, o constrangimento me dominou e percebi que seria impossível olhar para o rosto de algum funcionário. Foi por isso que enviei uma mensagem à María e pedi para nos encontrarmos.

— Por falar em ajuda, agora que estão juntos, você vai conseguir regularizar seu visto. Os Belinni são poderosos no país. Tenho certeza de que o Dan cuidaria disso se você pedisse.

E descobriria no processo que sou uma farsa.

— Vou falar com ele — minto, porque, na verdade, não faço ideia do

que fazer.

O tempo está contra mim. Tenho menos de quatro meses para encontrar uma solução ou fugir antes que Dan investigue meu passado e descubra meu segredo.

Ele é letal, impiedoso, um homem que não perdoa traições. O que vai fazer comigo quando perceber que eu o enganei esse tempo todo?

— E como está o casamento? — Mudo o assunto, em uma tentativa desesperada de distrair meus pensamentos. — Robert é tão incrível como você imaginava?

— É muito mais! — María exclama, empolgada, e começa a falar sobre seu marido.

Faço o possível para me concentrar em suas palavras, mas sinto um incômodo no ventre e vou até o banheiro, percebendo que minha menstruação acabou de descer. Agradeço mentalmente à minha mãe por ter me ensinado a ser prevenida e a sempre carregar absorventes na bolsa, então coloco um na calcinha e volto para falar com María.

As lembranças da minha mãe me atingem como uma lâmina afiada. Sempre que isso acontece, machuca. Engulo o aperto no peito e empurro o pensamento para o fundo da mente, onde já enterrei tantas outras dores.

Minha amiga precisa de mim. Está radiante, desabafando sobre sua fase feliz, sem ter ideia de quem eu sou de verdade.

Uma mentirosa.

O medo começa a me invadir e meu coração acelera, mas não deixo transparecer. Sorrio enquanto María fala sobre como sua vida está incrível. Ela merece. *Muito.*

Eu, por outro lado, não consigo afastar a sensação de que, em breve, talvez eu precise fugir de um mafioso.

De novo.

A diferença é que, dessa vez, tudo em mim quer ficar.



— Você está bem?

A voz grossa e rouca soa pela sala e abro os olhos, encontrando Dan de pé diante do sofá. Estou encolhida, morrendo de cólica, e nenhum remédio que tomei fez efeito.

Será que o fato de ter perdido a virgindade está aumentando as minhas dores menstruais?

Talvez.

Não que isso faça eu me arrepender, mas outra pontada de dor me atinge e murmuro.

Ele se coloca diante de mim com o cenho franzido. Está escuro, mas a luz da lua entra pelas paredes de vidro e me faz ter um vislumbre do quanto Dan Belinni está bonito.

— Você está arrumado. Vai sair? — pergunto, vendo-o com um terno caro.

— Acabei de chegar, mas preciso verificar alguns negócios na rua. Só passei aqui para te ver. Você está bem? — insiste.

— É só cólica. Vai passar — digo, forçando um sorriso, mas não estou certa de que o convenci de alguma coisa, pois ele se levanta e agarra seu celular.

Dan chama um médico e tento impedi-lo, dizendo que é um exagero, mas assim que tento me movimentar, meu útero dói mais e gemo de dor.

Seu olhar me encontra e ele encerra a ligação, pedindo pressa. Ele se ajoelha e coloca a mão sobre meu ventre. Como estou de pijama, ele abaixa

meu short um pouquinho para tocar minha pele. É gostoso, pois a sensação da sua mão quente por cima do lugar da dor ameniza um pouco o desconforto.

O ato não é sexual e a expressão em seu rosto é da mais pura angústia.

— Porra, eu sou um fodido do caralho! Tenho certeza de que te machuquei. — O desespero em sua voz é quase palpável.

— Dan… — sussurro, colocando uma mão em seu rosto, mas ele nega com a cabeça.

— Qual a porra do meu problema? Eu deveria ter pegado leve.

— Não é culpa sua. Cólicas são normais.

— Milena, você está pálida e encolhida de dor. Isso não é normal.

— Mas vai passar — sussurro, colocando a mão por cima da dele. — Seu toque ajuda. Sua mão é grande e quentinha.

Em uma atitude inesperada, ele se inclina sobre meu ventre e começa a beijá-lo, e isso faz meu coração disparar. Quem visse de fora, pensaria que estou grávida agora, mas tudo o que faço é envolver meus dedos em seus cabelos.

Prendo o ar para observar a cena, vendo Dan cuidar de mim e idolatrar meu corpo como se eu fosse digna disso.

Eu sou uma mentirosa. Ele logo vai descobrir.

Os pensamentos intrusivos me acertam de novo, mas antes que eles me deixem ansiosa, a campainha toca e Dan se levanta.

— É o médico. Ele vai te examinar, mas quero que vista uma camiseta minha por cima da sua blusa de pijama. Dá pra ver tudo e não o quero vendo além do necessário do seu corpo.

Aceno e ele some pelo corredor, voltando segundos depois com uma camiseta preta na mão. Eu me sento no sofá e ele cobre meu corpo, beijando minha boca com carinho em seguida. Ele se afasta para liberar o acesso para o médico e meu corpo resmunga pela ausência do seu toque.

Um homem de cabelos brancos para diante de mim e, pela sua postura, é nítido que está com medo de Dan. O mafioso é conhecido por ser

impulsivo e letal, então o médico sabe que qualquer movimento errado pode lhe custar a vida.

Ele me cumprimenta e me examina com cautela, sem olhar além do necessário. Depois, me faz uma série de perguntas sobre meu histórico menstrual e anota as informações.

— Ela acabou de perder a virgindade e eu não fui muito gentil. Isso pode estar causando a dor dela? — pergunta, sem rodeios, e meu rosto cora.

No entanto, sei que ele não está fazendo isso para me expor. Ele está se sentindo culpado.

— Dan…

O médico levanta os olhos rapidamente para Dan antes de voltar às anotações. A tensão no ar é palpável, mas ele mantém a postura profissional.

— A primeira vez pode causar desconforto, principalmente se o ato for intenso. Pequenas lacerações podem gerar dor nos dias seguintes — explica, medindo as palavras. — Mas se persistir ou piorar, pode haver outros fatores.

Ele ajusta os óculos e me encara com neutralidade.

— Sente dor ao urinar ou outro sintoma incomum?

— Não.

Ele assente e anota algo.

— Parece ser apenas uma cólica comum, mas vou pedir alguns exames para descartar qualquer problema. Um ultrassom e alguns testes hormonais serão suficientes. Enquanto isso, repouso e analgésicos devem ajudar.

O médico me entrega alguns analgésicos junto com os pedidos dos exames e Dan garante que eu farei todos. Depois que ele vai embora, o mafioso pega água para que eu tome os comprimidos e me pega no colo em seguida. Abraço seu pescoço, amando seu cheiro, e ele me leva para a cama, se deitando comigo.

— Você não tem que sair para trabalhar? — pergunto, adorando tê-lo

aqui. Quente e protetor.

— Vou ficar.

— Eu não quero te atrapalhar.

Dan segura meu queixo com carinho e me faz olhar para ele.

— Posso colocar homens para fazer meu trabalho lá fora, mas aqui dentro, não. Eu me sinto um merda pela possibilidade de ter te machucado pelo meu descontrole na cama, mas sou tão fodido que não permitirei que outra pessoa esteja aqui para cuidar de você.

— Eu não quero mais ninguém.

O canto do seu lábio se arqueia em um sorriso e ele beija minha boca de novo, gentil e lentamente. Sem deixar de me abraçar, ele pega o controle remoto ao lado da cama e me entrega.

— Quer acabar de ver os filmes?

— Está tão ansioso assim para rever o Edward? — zombo e ele sorri de novo.

Amo quando ele faz isso.

— Preciso descobrir o que esse cara tem que fez minha garota ficar tão obcecada por ele.

Rio com sua resposta e coloco o filme. Dan me abraça com carinho e percebo que ser a obsessão de um mafioso é muito melhor do que a de um vampiro.

Porque Dan Belinni é real.

Ele é meu. Meu mafioso letal.



DAN BELINNI

2 semanas depois

Eu ainda sinto o sangue deles em meu corpo.

Afundo o pé no acelerador e agarro o volante com mais força, em uma tentativa inútil de me acalmar e arrancar as lembranças da minha mente.

Hoje de madrugada fui atacado em uma das nossas boates enquanto me reunia com um capo para prestação de contas. O escritório foi invadido de repente e cinco homens voaram em minha direção. Consegui matar dois, mas os outros três chegaram até mim antes que eu conseguisse mirar na cabeça deles.

Dois deles me seguraram. O terceiro socou meu rosto e sorriu, murmurando palavras em russo que não consegui entender. O capo fugiu, o que me deu a resposta que eu precisava. Foi ele quem ajudou a preparar a

emboscada.

O homem continuou me socando enquanto dois me mantinham imóvel, e precisei de muito esforço para conseguir me soltar do agarre de um e enfiar minha faca na sua garganta. O outro se assustou pela minha atitude e não lhe dei tempo para raciocinar, pegando outra faca escondida em minha roupa e a afundando no meio do seu rosto.

Ele gritou e caiu no chão, assim como os outros. Só sobrou o que me socava, mas seu sorriso tinha desaparecido quando me virei para ele. Ele tentou agarrar sua arma, mas usei o peso do meu corpo para jogá-lo no chão e soquei sua cara com força, ouvindo o som de ossos se partindo. Eu o imobilizei e mirei a arma em sua cabeça, mesmo sem a intenção de matá-lo.

Precisávamos ter uma conversinha antes.

Otto e Liam entraram correndo no lugar, encarando o caos de sangue e morte que se espalhava pelo escritório. Imediatamente, suas armas foram apontadas para os inimigos, mas eu já não precisava da ajuda deles. Os homens já estavam caídos e os que poupei com vida serviriam para a extração de informações.

Liam perguntou como eles tinham conseguido passar pelos nossos homens e entrar, mas eu não sabia a resposta. No entanto, sempre tivemos nossos meios de descobrir. E teríamos todo o prazer do mundo em torturar os filhos da puta que sobreviveram até encontrar todas as respostas que quiséssemos.

Nossos soldados invadiram a sala e ordenei que esperassem do lado de fora. Se esses russos passaram por nossas barreiras, havia grandes chances de existir algum traidor ali na boate.

Desacordei o inimigo abaixo de mim com um golpe e Otto convocou alguns homens de confiança, que nos ajudaram a levar os sobreviventes para o porão da boate pela passagem secreta do escritório.

Meu irmão mais velho ficou lá em cima e ouvi quando ligou para o nosso pai e disse que tentaram me matar. Foi nessa hora que as lembranças me tomaram e o ocorrido de quando eu tinha onze anos de idade invadiu a minha mente.

Um segurança tentou me matar na casa dos meus pais. Eles tinham saído e eu estava sozinho com Liam, já que Otto já tinha idade para trabalhar com os assuntos da máfia. Eu estava tomando um copo de água quando ele socou meu rosto e caí no chão. O homem enorme me imobilizou e continuou batendo na minha cara, e só não conseguiu me machucar mais porque Liam apareceu na cozinha e atirou na cabeça dele.

Liam só tinha doze anos, mas sempre foi obcecado por armas e roubava algumas do arsenal do nosso pai. Minha mãe dizia que ele era violento demais para um garoto de doze anos, mas meu pai se orgulhava dele por isso.

Ao contrário de mim, que seria morto se meu irmão não tivesse salvado a minha vida.

Minha mãe sempre tentou me proteger, mesmo que eu não tivesse consciência disso na época, mas foi depois desse acontecimento que meu pai me ensinou a lutar. Não menti para Milena quando disse que foi a maior surra que levei na vida e a verdade é que não sei se o Don fez isso apenas para me ensinar ou para descontar um pouco da sua frustração também.

Ele me achava fraco.

Entretanto, depois daquele dia, algo dentro de mim mudou. E me dediquei dia e noite para me tornar o melhor na luta e para não permitir que nunca mais alguém conseguisse ter poder sobre mim.

Quando fui iniciado na máfia, matei um homem com minhas próprias mãos. Assassinei em massa e fiquei habilidoso com facas, armas e meus punhos. Meu nome passou a ser temido em todos os Estados Unidos e minha fama era de ser letal.

Meu pai nunca mais duvidou do meu potencial. Antes dos quinze, ele me colocou no comando das lutas e, meses depois, me entregou as corridas clandestinas. Eu não tinha idade para dirigir, mas isso nunca foi um problema. Aprendi cedo a me virar como homem, mas as marcas daquele dia de merda em que quase fui morto nunca saíram da minha cabeça.

Então, quando fui imobilizado pelos dois homens no escritório e o terceiro se preparava para me matar, minha consciência me levou de volta para aquele dia… para aquele menino indefeso que não conseguia se soltar.

Eu enxerguei vermelho e a adrenalina pulsou no meu sangue.

Ninguém voltaria a me tocar.

E foi usando essa raiva contida que consegui fazer o que fiz.

No entanto, minha raiva não passou nem depois que torturei os sobreviventes até o amanhecer. Arranquei suas unhas, dentes e desmembrei seus corpos com eles ainda vivos, mas nada parecia suficiente.

Saí do porão banhado de sangue e tomei dois banhos para arrancar os vestígios dos desgraçados de mim, mas eu ainda os sentia.

O sorriso do filho da puta enquanto me socava, o sorriso do segurança que me atacou quando eu tinha onze anos… essa merda a água não ia lavar.

Isso nunca ia embora.

— Porra! — grito, socando o volante uma e outra vez.

Estou transtornado e preciso descarregar minha adrenalina, mas ao invés de ir lutar ou correr como eu costumava fazer, tudo o que penso é que preciso voltar para casa.

Para ela.

Para a garota que tem sido a melhor parte da minha vida nas últimas semanas.

O dia já está totalmente claro quando chego em casa. Assim que as portas do elevador se abrem, Milena vem correndo em minha direção e me abraça.

Seu cheiro… seu perfume…

Mas o sangue deles ainda está em meu corpo. Eu os sinto. E quando isso acontece, é a parte escura da minha alma que prevalece.

— Dan, você sumiu — sussurra, tocando meu rosto com carinho.

Não consigo olhar para ela. Meu coração está acelerado e meus pensamentos estão distantes, voltando àquilo que me controlo para evitar.

— Dan, fale comigo.

Seguro seu pulso com firmeza e a afasto de mim, fitando seus olhos pela primeira vez. A pureza neles me desestabiliza. Eu sou o completo oposto.

A escuridão. A maldade.

— Eu preciso que você se mantenha longe de mim agora — aviso com a voz mais baixa e rouca do que o habitual e caminho em direção ao quarto, mas ela vem atrás de mim e abraça minhas costas.

— Eu não quero me afastar. Eu gosto de você.

— Você não deveria gostar — falo com sinceridade, ciente também que eu mataria outro homem se ela me dissesse que gostava de outro.

Eu tento afastá-la de novo, mas Milena me abraça mais forte. O toque dela, o cheiro dela, o corpo gostoso dela… tudo faz meu sangue ferver e meu pau pulsar.

— Milena, você precisa se afastar agora. Não posso machucar você.

Não outra vez.

E eu sei que, se eu pegá-la agora, minha mente vai escurecer e eu só vou parar quando essa névoa passar.

— Você não vai — afirma, confiando em mim de uma forma que tenho certeza de que não sou digno.

Respiro fundo e ela se coloca diante de mim. As lembranças ainda me atingem, ainda tenho sede de sangue, mas todas essas merdas começam a escurecer quando minha garota tira a roupa na minha frente.

Porra! Ela é tão perfeita.

Os seios grandes com os bicos claros, a boceta lisinha e depilada, a barriga plana e o quadril largo… minha boca saliva para tomá-la.

Enfio as mãos no bolso para me impedir de agarrá-la, meu pau está doendo de excitação. Eu não posso pegá-la no meu estado. Tenho tentado me controlar desde que a machuquei há duas semanas, mas hoje não vou conseguir parar.

— Você deveria ir para outro quarto. É um último aviso. Eu não sou

um homem bom e hoje, definitivamente, é o meu lado demoníaco que está prevalecendo em mim.

— Eu escolho ficar — diz, caminhando lentamente até parar na minha frente e tocar meu peito. — Eu fiquei a noite toda preocupada com você, então tudo o que preciso agora é que você não me afaste. Eu vou continuar aqui. Faça comigo o que quiser. Eu não quero que se controle, como tem feito nos últimos dias. Eu posso lidar com seu lado sombrio… quero tudo com você.

Mando o fio de autocontrole para o inferno e agarro seu pescoço, aproximando meu rosto dela em uma postura ameaçadora e cruel.

— Eu vou te foder tão duro que você não vai estar andando amanhã. E você só sai desse quarto quando eu deixar — aviso com a voz rouca e perigosa.

— Faça comigo o que quiser... eu sou sua — sussurra e desisto de me conter. Se ela quer meu lado sombrio, é isso o que vai encontrar agora.

Em um segundo, acabo com nossa distância. Colo minha boca na dela e minha língua entra em seus lábios. Ela chupa e eu ofego, apalpando e apertando sua bunda com força. Milena arfa e afundo mais minha língua na sua boca, sem espaço para reclamações.

— Você pediu por isso — aviso, puxando seu cabelo pela base do pescoço e mordiscando seu lábio antes de beijá-la de novo.

Meu toque é firme, selvagem e esfomeado.

Milena se inclina e leva as mãos até meu pescoço, me abraçando e se entregando a mim, como a garota submissa que é. Quando ela desliza as mãos pelo meu peito e alcança o cós da minha calça, desisto de esperar.

Eu a empurro na cama e afasto suas coxas, apreciando a visão da boceta brilhando. Milena está excitada e seu cheiro faz meu pau doer na cueca.

— Ficou aqui a noite inteira esperando seu homem voltar e agora está abrindo as pernas pra ele, vadia?

— Sim. Fiquei quietinha te esperando voltar para me comer.

Caralho! Essa mulher vai roubar minha sanidade.

Dou um tapa na sua bunda com força e ela geme.

Eu me inclino sobre ela, ainda totalmente vestido, e chupo seu pescoço, lambendo e mordiscando a pele macia. Deslizo a língua pelo vale dos seus seios e desço até seu umbigo, vendo seu corpo tensionar. Subo e desço a língua por esse caminho, sem abocanhar seus mamilos duros de tesão e sem escorregar a boca até a boceta melada, que está fodendo meu autocontrole. Rodopio minha língua ao redor do seu umbigo e Milena geme, levando uma mão até meu cabelo, empurrando-me para baixo.

Eu me afasto no mesmo instante, fuzilando-a com meu olhar.

— Mãos pra cima e pernas arreganhadas. Só se mova quando eu mandar, entendeu?

— Sim, senhor — diz e abre mais as coxas, e vê-la tão exposta e acessível na minha cama me dá uma possessividade dos infernos.

Porque enquanto o homem dela estava lá fora, ela estava aqui me esperando. Quieta, obediente… safada. Exatamente como a besta dentro de mim gosta e necessita.

Antes de me afundar nela como preciso, vou até a porta e rodo a chave, trancando-a. Ela ofega, mas permanece como mandei, e enquanto a observo, tiro minha roupa e deixo minhas armas em cima da escrivaninha, vendo seus olhos brilharem de excitação.

— Fica excitada de ver minhas armas, vadia? Você gosta de ser fodida por um homem perigoso, não é? — falo baixinho, caminhando lentamente até ela. Ela está encarando meu pau e isso me deixa ainda mais duro. — Quer ele dentro de você?

— Eu estou com muito tesão — sussurra, seus olhos presos no meu pau. — É que… eu estou no meu período fértil. Eu penso em sexo o tempo todo.

Sua fala explode algo dentro de mim. Meu lado mais primitivo me faz sorrir, tão sombrio que vejo seu corpo estremecer.

— Ah, querida, você não vai sair desse quarto enquanto eu não

terminar tudo com você.

Enquanto eu não encher a boceta dela com porra o suficiente para engravidá-la, eu não vou destrancar a porta.

Porque eu quero vê-la grávida do meu filho. As marcas de chupão em seu pescoço não são mais suficientes. Quero vê-la com a barriga redonda, me esperando em casa e gerando meu herdeiro enquanto eu cuido de todo o resto. Quero ver seu corpo mudando, seus peitos se enchendo de leite e seu quadril se alargando para abrigar o bebê que vai levar meu sobrenome e meu DNA.

Eu quis essa garota desde o momento em que pus os olhos nela. Quero cada maldita gota de adrenalina que ela me faz sentir, todos os dias. E se a única forma de tê-la para sempre for colocando um filho dentro dela, então que seja. Porque, porra, eu não vou hesitar.

Encaro sua boceta apetitosa e caio de joelhos, segurando suas coxas abertas e puxando-a para a minha boca. Lambo de cima até embaixo, endurecendo a língua e enfiando em sua entrada melada.

Milena ofega e geme, jogando a cabeça para trás assim que giro a língua no seu canal apertado. Rodo uma e outra vez, levando o polegar até seu clitóris inchado e girando-o em círculos duros e firmes.

Inverto as posições de língua e dedo e abocanho seu clitóris, chupando-o duro e gostoso enquanto meto dois dedos dentro dela.

Minha Feiticeira grita e continuo estimulando, e assim que ela treme pelo orgasmo, me levanto de uma vez e me coloco de joelhos na cama, encaixando meu pau duro na sua boceta apertada.

Meto até o talo em uma estocada.

Ela grita. Meu pau pulsa.

Suas paredes me macetam tanto que preciso fechar os olhos e prender a respiração. Meu pau vaza um pouco de sêmen e estou me controlando para não gozar como um maldito idiota.

— Que boceta apertada! Porra! — falo com um grunhido e ela geme, contraindo mais.

Ela está quase me expulsando de dentro, mas eu não vou sair. Seguro suas pernas pela parte de trás dos joelhos e saio um pouquinho apenas para me afundar de novo.

Gememos juntos.

— Oh…

— Relaxa pra não doer — comando, me inclinando sobre ela. — Você está melada, mas precisa me deixar foder.

Encaro os bicos duros dos seus peitos e minha boca saliva. Quero os dois na minha língua. Começo a intercalar a língua entre os dois, lambendo e chupando, ouvindo a respiração da minha garota ficar descontrolada. A boceta doce contrai mais uma vez, ela geme e meu pau pulsa.

— Eu não vou sair da sua boceta, Milena — falo com o tom firme, me afastando dos peitos dela. — Ela passou a me pertencer no segundo em que você manchou meu pau de sangue. Eu sou seu homem e ela é minha por direito.

Milena acena e sorri, um sorriso tão inocente que me faz sentir o filho da puta mais sortudo do mundo por tê-la só para mim. Se ela não estivesse comigo, eu torturaria e mataria quem quer que fosse para fazê-la minha.

Seguro seu pescoço e saio quase todo do seu canal, só para voltar com força e meter até o fundo. Ela abre a boca e ofega, mas continuo estocando… rebolando dentro dela… acertando seu ponto certeiro e vendo-a gritar de prazer. Trabalho nesse ponto que ela gosta muito e martelo sem parar, bombeando enquanto aperto seu pescoço, tremendo de tesão.

— Dan… Nós não estamos usando camisinha… — murmura e rebola embaixo de mim, querendo mais.

— Eu gosto de sentir você. Pele com pele.

— Eu também — sussurra e isso é minha ruína.

Eu a fodo com raiva e força, beijando sua boca, lambendo seu queixo, pescoço e deixando rastros de chupões por toda a sua pele. *Ela é minha.*

Sua garganta vibra com um gemido e isso faz meu pau vazar.

Bombeio mais duro.

Com uma mão, ela segura seu seio e me oferece, colocando-o na minha boca. Chupo com fome e força, e ela joga a cabeça para trás. Ela leva a mão livre até sua boceta e tenta dedilhar seu clitóris, mas paro de me mover.

— Não — rosno. — Mãos pra cima ou não vai gozar.

— Por favor, meu clitóris está inchado e dolorido. Eu quero esfregá-lo.

Encaro o botão rosado e ele está inchado e durinho. Minha boca saliva para colocá-lo na língua, mas me controlo. Terei tempo para fazer tudo o que quero.

— Obedeça sem resmungar, Milena.

Ela volta os dois braços para o alto da cabeça e continuo mamando em seus peitos, sugando os mamilos durinhos e brincando com a minha língua neles.

Capturo seu clitóris melado com meu dedo e o aperto, ouvindo Milena ofegar. Esfrego o botão e continuo bombeando, mas quando ela chega ao clímax e maceta meu pau com força, eu perco o controle, enfiando fundo e me derramando nela.

— Caralho!

O sêmen jorra do meu pau e eu continuo metendo alucinado, mas estou tão cheio de adrenalina que, quando saio dela, ainda estou duro.

Encaro seu rosto e ela está sorrindo. Suas bochechas estão coradas e ela cheira a sexo e tesão.

Porra, eu vou foder essa mulher a semana inteira.

— De quatro — comando e ela obedece.

Vejo meu esperma escorrendo pelas suas coxas e isso me dá uma satisfação do caralho. Me sinto um maldito homem das cavernas por vê-la marcada desse jeito, abrindo as pernas de novo para me levar.

Arremeto nela em um tranco firme e ela grita meu nome. Bato sua bunda na minha pelve, comendo-a tão duro que ela geme a cada estocada.

Levo minha mão aberta até sua barriga e escorrego até sua boceta, pressionando minha palma em seu clitóris. Ela estremece e continuo esfregando seu grelo com a palma da minha mão, duro e firme enquanto estoco na sua boceta apertada.

Ela me xinga quando torço seu botão entre meus dedos e empina a bunda, gozando e melando meu pau. Agarro seu quadril, fodendo com mais força, enfiando até no fundo para despejar minha porra que chega segundos depois.

O orgasmo me toma e inclino a cabeça para trás, bombeando e gemendo enquanto sinto meu pau pulsar e enchê-la com meu sêmen.

Saio de dentro dela, mas ainda não estou satisfeito. A adrenalina corre em minhas veias, e como um viciado provando sua droga favorita, não vou me afastar tão cedo dessa boceta quente e deliciosa.

— Sentada no pau agora, vadia.

Eu a monto em cima de mim e agarro sua cintura, obrigando-a a me montar. Milena está relaxada, mas cavalga gostoso e eu a ajudo, levantando-a um pouquinho para pegar impulso com meu quadril.

— Rebole.

Ela geme e faz o que mando. Meto mais duro, o som da minha pelve se chocando contra a pele dela preenchendo o quarto.

Seus olhos estão presos em mim e suas pupilas estão dilatadas. Capturo seus lábios em um beijo profundo quando acelero as estocadas e meto sem parar.

Entrando e saindo. Fodendo gostoso. Rebolo devagar e logo fodo duro e rápido de novo… comendo minha mulher gostosa, que está muito molhada para mim.

Milena é safada e leva dois dedos até a boceta para separar as dobras e abrir mais a entrada para mim. E eu fodo.

— Boa menina. — Beijo sua boca e ela contrai a boceta, mas não deixo de bombear. Ela esfrega seu clitóris melado e começa a choramingar.

Lágrimas escorrem dos seus olhos e seu rebolado fica sem ritmo.

Encontro seu clitóris inchado e esfrego o ponto, fazendo-a gozar.

O calor preenche minha virilha e eu gozo dentro, enchendo minha mulher até não haver mais espaço e minha porra vazar.

— Isso, querida. Leve meu esperma — falo com a voz rouca, até meter nela a última gota do meu sêmen.

— Você está gozando dentro de novo… você vai me engravidar — sussurra, desabando em meu peito.

Inverto nossas posições e a deito na cama, subindo nela sem alinhar nossos sexos. Ela está sensível.

— Eu sei — falo, beijando sua boca com carinho, sentindo seu cheiro e sua respiração ofegante. — Só de imaginar você grávida e debaixo de mim, já quero gozar.

Ela ri e o som da sua risada me faz esquecer de qualquer merda que poluía a minha cabeça. Pego Milena no colo e a levo para o banheiro, enchendo a banheira com água morna e entrando com ela dentro.

Acaricio seu corpo e seu cabelo. Ela se deita em meu peito e fecha os olhos, suspirando enquanto eu cuido dela.

Milena enlaça nossos dedos e continua deitada em meu peito, um gesto tão pacífico e íntimo que tira a raiva de dentro de mim de um jeito que nunca fui capaz de experimentar.

Nem nas lutas. Nem nas corridas. Nem no sexo com outras garotas.

Minha Feiticeira está entregue, mas neste momento me dou conta de que ela ganhou a batalha contra mim.

Estou completamente obcecado. Totalmente rendido.

— Eu nunca vou deixar você ir, entendeu? — Seguro seu pescoço e beijo sua boca. Seu corpo está mole, ela está relaxada.

— Eu não quero ir.

Meu peito fica leve quando ouço sua resposta. Eu não penso em máfia, nem em inimigos e em nada além dela quando estamos juntos. Porra. O que essa mulher fez comigo?

Se for um feitiço, foda-se. Só sei que não menti quando disse que nunca a deixarei partir.



O cheiro das panquecas preenche a cozinha e sorrio. Por mais que a comida esteja realmente apetitosa, não é esse o motivo da minha alegria.

É o Dan.

Seu lado sombrio deveria me assustar e me afastar, mas de um jeito estranho, sinto-me cada vez mais conectada com ele. Ele me protege e cuida de mim, e isso até me faz questionar se eu não deveria confiar nele.

Será que se eu lhe contasse a verdade, ele entenderia?

Meus pensamentos são interrompidos quando uma mão quente e possessiva segura minha cintura e me puxa para trás. Eu me choco com a parede de músculos que é seu corpo e ele beija a curva do meu pescoço.

— Mexendo nas minhas coisas sem permissão, Feiticeira? — sussurra, se referindo à sua camiseta em meu corpo.

— Devo tirá-la, Senhor Belinni?

— Talvez… gosto de te ver com minha roupa, mas te ver pelada é mil vezes melhor — brinca e rio, sem parar de trabalhar nas panquecas. — Você deveria deixar a nova equipe vir mais vezes por semana. Quero que descanse, não que fique trabalhando.

— Não. Eles já vêm uma vez para faxinar e isso é suficiente. Gosto de cuidar do resto.

— Minha mulher gosta de cuidar da nossa casa?

Mordo o interior das bochechas para não sorrir.

Falho miseravelmente.

— Gosto.

Ele se afasta, apoiando-se na bancada da pia, mas seu olhar continua cravado em mim. Para disfarçar o efeito sufocante de sua atenção, pego um copo d'água e me concentro nas panquecas, fingindo que seu magnetismo não me afeta.

— O que acha de conhecer minha família? — solta de uma vez e a pergunta me atinge como um golpe.

Engasgo com a água e começo a tossir, tentando recuperar o ar. Antes que eu perceba, ele já está atrás de mim, uma mão firme em minhas costas, atento a cada movimento meu.

Respiro fundo, tentando me recompor.

— Eu já conheço sua família — murmuro, ainda sentindo a garganta irritada.

— Você sabe do que estou falando.

— Eu… não sei se é uma boa ideia.

Evito seu olhar.

— Por quê?

— Você é um mafioso milionário. Eu sou só uma empregada — digo o óbvio.

E porque eu pertenço a outra máfia.

E se, de alguma forma, meu pai acabasse descobrindo?

— Você é a minha mulher. Eu já te disse.

— Sua família não espera que você fique com uma princesa da Outfit?

— Essa obrigação é de Otto. Ele vai ser o Don, então ele que lide com as cobranças. Eu escolho quem eu quiser, e ninguém tem o direito de questionar. Nossa máfia não segue regras ultrapassadas.

Sua fala revira meu estômago, mas antes que eu responda, seu celular toca e o mafioso fita o aparelho com o cenho franzido. Como ele está ao meu lado, consigo ver o número.

— Esse código…

Ele solta um suspiro tenso, sem desviar os olhos do aparelho.

— É da Itália — responde.

Penso que ele vai desistir de atender e confesso que minha língua coça pela curiosidade de perguntar se ele sabe quem é, mas mantenho minha boca fechada. Se ele quisesse me contar, ele diria.

— Preciso resolver uma coisa — fala e se afasta, suspirando mais uma vez. Ele atende o telefone sem dizer nada e, instantes depois, eu o ouço sussurrar: — Eu sei.

Ele volta para o quarto e me deixa na cozinha com o coração na mão. *Será que é alguma mulher?*

Repreendo a mim mesma pela insegurança. Afinal, isso não é da minha conta e eu também tenho meus próprios segredos.

Certo?

Errado. Porque o ciúme me consome enquanto penso que ele está falando com outra com a porta fechada para que eu não escute.

Dan volta minutos depois e se aproxima de mim. Me esforço para parecer indiferente, mas é quase impossível. Quando ele tenta abraçar minha

cintura, fujo do seu agarre e vou para o outro lado da pia.

— Milena — repreende.

— Você estava falando com outra mulher?

Ele hesita por um segundo. *Um segundo a mais do que deveria.*

— Eu sabia.

— É complicado.

Solto uma risada seca.

— Ótimo. Então vamos descomplicar. Esqueça tudo sobre nós e siga sua vida. Eu farei o mesmo.

Levanto o queixo, tentando manter a pose, mesmo com o peito apertado pela dor.

— Ah! E só pra deixar claro: vou tomar a pílula do dia seguinte. Não quero correr o risco de engravidar.

Seus olhos se escurecem em um instante.

— O caralho que vai!

Abro a boca para rebater, mas Dan me silencia do jeito mais avassalador possível: sua boca toma a minha em um beijo tão profundo que preciso me segurar na bancada para não fraquejar. Meu corpo quer resistir. Minha mente exige que eu lute. Mas como lutar contra o homem que tem o poder de desmoronar todas as minhas defesas?

Dan agarra minha cintura, me ergue com facilidade e me senta sobre a ilha da cozinha, encaixando-se entre minhas pernas. Seu beijo é faminto, dominador, feroz.

— Não tire conclusões precipitadas — sua voz sai rouca contra meus lábios.

— Não vou engravidar de um homem que tem outra — retruco, mas ele apenas me beija mais forte, com raiva, como se quisesse me punir por sequer pensar nisso.

— Eu não tenho outra, inferno! — rosna, os olhos queimando sobre

os meus. — Mas será que vou ter que te encher de porra de novo pra você entender que jamais vai escapar de mim?

Minha respiração trava.

— Você vai gerar meu filho, Milena. Eu já te avisei sobre isso — continua. — E se eu sonhar que está tomando algum método contraceptivo, vou te amarrar na cama e fiscalizar eu mesmo tudo o que entra no seu organismo.

O mafioso volta a me beijar. Sua mão escorrega por baixo da camiseta que estou usando e ele pousa a palma aberta em cima da minha barriga, em um gesto protetor e possessivo.

— Você vai engravidar de todos os meus filhos. E vai amar isso — sussurra baixinho, levando os lábios até minha orelha para mordiscar. — Eu vou cuidar tão bem de você que você vai desejar viver grávida do seu homem. Vai querer me agradar e exibir que me pertence por aí. Vai querer que todos vejam que fui eu que te enchi com meu esperma e vai ter orgulho de ter seu corpo redondo para que nosso bebê cresça.

Céus! Eu deveria odiá-lo pelas suas palavras. Pelo seu controle e seu jeito tóxico de querer mandar em tudo da minha vida.

Mas eu não consigo, pois, no fundo, eu quero todas essas coisas. E eu sei que vou amá-las, exatamente como ele me disse que eu vou fazer.

Perto dele, eu não consigo raciocinar direito. Eu não consigo levantar minhas barreiras e usar minha máscara. Perto dele eu só quero sentir.

E ele me faz sentir tudo.

Ódio. Desejo. Tesão. Raiva. Medo. Adrenalina.

Amor.

Um amor doentio, possessivo, insano, errado e ciumento… mas, ainda assim, amor.

E enquanto ele abaixa a calça de moletom e deixa seu pau saltar duro e cheio de veias, eu ofereço meu quadril com ansiedade para que ele me penetre *porque eu o amo.*

Ele me dá um sorriso sombrio e confere se estou molhada antes de enfiar o pau dentro de mim em uma estocada funda. Me agarro nos seus ombros quando gememos juntos, sem quebrar nosso contato visual. Dan agarra minhas coxas e me abre mais para ele, fodendo-me tão duro que faz meus olhos revirarem de prazer.

Porque eu o amo.

Eu não sabia que era possível amar tão rápido. Mas estou cansada de pensar demais, de pesar cada passo como se a vida fosse uma equação exata. Quero sentir, me perder, me permitir ser jovem, imprudente, inconsequente. Quero mergulhar de cabeça em um amor errado, sem medo do estrago que ele vai deixar para trás.

Porque talvez seja melhor saltar de um precipício e sentir a adrenalina da queda do que passar a vida inteira presa a regras, tentando ser apenas mais uma garota comum.

Eu não quero ser comum.

Eu quero o precipício. Quero o perigo. Quero o desejo ardendo na pele, o frio na barriga, o caos. Eu quero viver.

Eu fugi por isso. Para ter a liberdade de escolha, mesmo que eu quebre a cara depois.

E eu escolho Dan Belinni. Ele vale a pena.

— Tire a roupa — ordena e me ajuda a arrancá-la.

Seus olhos ficam mais escuros quando ele vê os mamilos duros dos meus peitos. O mafioso abocanha um, usando uma mão para apertar e massagear o bico do outro. Ele continua fodendo, rápido e duro, enquanto chupa meus peitos como se estivesse faminto.

— Seu corpo não é mais seu. Meus filhos vão mamar aqui e eu também. Eu sou dono de cada pedaço da minha mulher — fala, acertando o ponto gostoso no meu interior e metendo em cima dele sem parar.

— Dan…

— Me diga para parar — provoca, totalmente ciente de que não vou fazer isso. — Se não quer tudo isso que estou te falando, se não sabe lidar

com meu lado sombrio e possessivo… me diga para me afastar de você agora e eu vou.

Não, ele não vai.

E apesar de errado, saber disso me conforta.

Ele rebola o pau lá no fundo, minha boca está entreaberta, minha respiração descompassada, o prazer me tomando gostoso.

— N-não pare. Por favor. Não pare — imploro e ele segura meu rosto entre as mãos, dando-me um beijo de língua lento e profundo, enquanto passa a entrar e sair de mim devagar. — Dan.

— Você está condenada para sempre, Milena. Nada vai te tirar do meu domínio — avisa, voltando a se movimentar com raiva e com força.

Eu grito, me agarrando em seus ombros, e ele me beija de novo para calar a minha boca.

Mas eu não preciso dizer nada. Eu quero tudo com ele.

Só com ele.

Sempre com ele.

Meus gemidos ficam mais altos e Dan acelera as estocadas, metendo lá no fundo.

— Aii, eu vou gozar! — aviso e jogo a cabeça para trás, deixando a sensação poderosa do redemoinho de prazer me dominar.

Dan mete mais rápido e mais fundo, agarrando meu pescoço e fazendo-me olhar para ele enquanto me enforca e me faz gozar. Quase fico asfixiada, mas isso eleva o prazer a um nível absurdo e imploro com o olhar para que ele não pare.

Ao ver minha entrega, ele xinga um palavrão e começa a gozar. Sinto seu pau pulsando, sua porra me enchendo enquanto ele se movimenta e geme com a voz rouca e sexy. Nossos olhares estão travados, estamos submersos em prazer e mesmo quando a euforia passa, continuamos olhando um para o outro.

Ele afrouxa o aperto em meu pescoço e acaricia minha bochecha, e só

então eu noto que há lágrimas nelas. O contato é tão íntimo que sinto como se fosse muito além do físico. Estou totalmente entregue e vejo que ele também está.

Eu amo você.

Tenho vontade de dizer, mas engulo as palavras. Talvez não seja o momento certo. Talvez esse momento nunca chegue.

Dan se inclina sobre mim e beija o local onde seus dedos me apertavam. Provavelmente eles me deixaram marcas, mas eu não ligo.

— Eu nunca consigo pegar leve com você — murmura, mas eu o abraço.

— Eu não quero que pegue leve. Gosto de tudo o que faz comigo. — *Porque eu amo você.*

Ele sorri e tira o pau de mim, guardando-o na calça. Dan veste sua camiseta de novo em meu corpo e me pega no colo outra vez. Envolvo as pernas em sua cintura e ele beija minha boca com carinho.

— Você é perfeita, Feiticeira.

Toco seu rosto e encaro seus olhos quando faço a próxima pergunta:

— Não há outra além de mim? — insisto, me referindo à ligação.

— Não. Só estou com você.

Solto o ar dos pulmões sem nem perceber que o estava prendendo. Meu peito alivia por um segundo, apenas para se apertar de novo com as próximas palavras dele.

— Eu preciso viajar — diz, me colocando no chão com cuidado. Meu estômago se revira. — Quero que fique aqui. Se algo te assustar, mande uma mensagem para um dos meus irmãos. De preferência para Otto primeiro. Às vezes, Liam é um filho da puta.

Franzo a testa.

— Eles não vão com você?

— Eles nem sabem que eu vou.

Meu corpo fica tenso.

— Dan, o que está acontecendo?

Ele suspira, ponderando se deve ou não me contar. Por fim, passa a mão pelo rosto e decide falar.

— Amber está grávida. Ela quer me ver.

— Mas ela não está morando em outro país agora?

Ele bufa uma risada seca.

— Quem me dera se esse fosse o único problema — murmura para si mesmo. — Só preciso garantir que ela esteja bem. Coloquei informantes para vigiá-la, mas não confio nos italianos. Se ela estiver machucada, eu a trarei de volta para casa.

— Isso não é perigoso?

— Sim. Vou estar no território inimigo, mas preciso vê-la, Feiticeira. Ainda estou puto com ela pelo que fez, por ter ferrado muita coisa aqui… mas, apesar de tudo, mesmo querendo odiá-la, eu amo aquela pirralha.

A emoção na voz dele me atinge de imediato. Dan não se abre muito com as pessoas e meu peito se aquece ao perceber que ele está confiando em mim para falar sobre seus sentimentos.

— Amber sempre foi carente e, além da minha mãe, eu era o único que se preocupava com ela. Ela não tinha ninguém, e fui eu quem assumi esse papel a vida inteira. — Ele passa a mão no rosto, como se estivesse lutando contra as próprias emoções. — Quando ela chorava, o que acontecia muitas vezes, eu a abraçava. Quando se sentia sozinha, eu assistia filmes com ela para que não ficasse assim. Só queria que ela não fosse infeliz, que sorrisse mais… porque ela era uma menina boa de verdade.

Cada palavra me faz lembrar da garota loira e inocente que ajudei naquela noite na boate. Ela realmente parecia alguém de bom coração. E Dan realmente parecia se importar com ela, mesmo com seu jeito tóxico e controlador.

Talvez essa seja a linguagem do amor dos mafiosos.

— A irmã dela era uma verdadeira vaca e, mesmo assim, vi Amber lutar por anos para que fossem amigas. Ela sofreu muito, amou quem nunca ligou para ela, e eu tinha vontade de matar seus pais toda vez que via isso acontecendo.

— Eu sinto muito por isso — digo com sinceridade, sentindo meu coração doer por ela.

Depois da minha fuga, minha vida não tem sido um mar de rosas, mas sempre tive certeza do amor da minha mãe por mim. Amber, pelo jeito, nunca teve isso.

— Ela é tão boa que, depois que Anna morreu, Amber cuidou do sobrinho como se fosse filho dela, mesmo depois de ter sido humilhada e rejeitada pela própria irmã. — Ele suspira. — Amber consegue enxergar o lado bom de tudo, mesmo quando a vida está uma grande poça de merda. Nós não temos os mesmos pais, mas sempre a considerei como minha irmã mais nova. Ela era a única pessoa que realmente perguntava como eu estava. E que queria saber como estava o *meu coração.*

Dan revira os olhos, como se achar isso importante fosse a maior idiotice do mundo, mas há um sorriso discreto em seus lábios.

E isso me faz sorrir também.

É bom saber que ele teve alguém que se preocupava com ele.

— Por conta de toda essa merda, meu senso de proteção era muito forte com ela, e isso me ajudava a distrair — continua. — Enquanto eu me preocupava com ela, conseguia pensar menos nas merdas na minha cabeça. Ela era romântica, sonhadora, vivia pensando em histórias de amor… mas, ainda assim, era minha melhor amiga.

Ele respira fundo antes de completar:

— Agora, ela está vivendo o maior sonho da vida dela. Ela está grávida e eu vi aquela pirralha fantasiando com isso o tempo inteiro. Eu sinto que preciso estar com ela neste momento, entende? Pelo menos uma última vez… — Sua voz diminui para quase um sussurro.

Engulo em seco, tocada pelo peso das suas palavras.

— Você precisa ir — incentivo, emocionada com seu relato. — Eu só tenho medo de que algo aconteça a você…

Ele se aproxima, segurando meu queixo.

— Você confia em mim?

— Sim.

— Então em breve eu voltarei para você — diz, tocando meu pescoço mais uma vez. — Antes que minhas marcas desapareçam, estarei aqui para te foder e marcar de novo.

Mordo os lábios para não sorrir e ele me beija, olhando para as panquecas em seguida.

— Agora vamos comer. Você precisa se alimentar bem para ter os nutrientes para gerar o bebê que logo vai estar na sua barriga.

— Dan! — repreendo e rio, mas ele não me acompanha. O mafioso está falando sério.

E o pior de tudo é que sua fala não me incomoda.

Porque talvez eu queira isso também.

Porque eu o amo de verdade.

Então, me esquecendo de todos os empecilhos e motivos para me preocupar, eu decido confiar nele.

Ele voltará para mim.



DAN BELINNI

Dias depois

Abro os olhos e reconheço a mobília familiar do meu antigo quarto. Tento me mover, mas meu corpo inteiro dói. Há machucados e cortes por toda a parte, e um acesso venoso me dá soro nas veias.

— Filho! Você está bem? — Ouço a voz da minha mãe e, segundos depois, ela está chorando em meu peito. — Meu Deus! Eu pensei que você fosse morrer!

Ainda estou processando tudo quando meu pai surge à porta. Sua expressão é severa, mas há certo alívio em seu olhar. Talvez seja porque ainda estou vivo.

Engulo em seco e faço a pergunta que me corrói por dentro.

— Onde está Amber?

Meu estômago se revira quando o silêncio se prolonga por um segundo a mais do que deveria. Me odeio nesse momento.

Eu sabia que era arriscado.

Minha prima me ligou pedindo ajuda, e, sem pensar duas vezes, entrei em contato com homens infiltrados no porto da Itália. Peguei um dos nossos jatos, alegando que verificaria uma mercadoria no Brasil, e fui para a Itália sem avisar ninguém. Pousei em uma ilha e, ignorando completamente o bom senso, me infiltrei na cidade de Amber e a levei até o porto.

Quando a vi, meu coração bateu mais forte. Minha menina. A garota doce que passei a vida protegendo agora era uma mulher… e estava grávida.

Por um instante, tudo pareceu valer a pena. Ela estava feliz. Vittorio Morello, pelo menos, a fazia feliz.

Amber me perguntou se eu contaria a ela caso me apaixonasse um dia. Respondi que isso nunca aconteceria, embora a imagem da minha Feiticeira não saísse da minha mente.

Mas então veio o tiro.

O estrondo ecoou antes que eu pudesse reagir. A bala atravessou meu ombro, e tudo virou um borrão. Homens surgiram de todos os lados, levaram Amber e caíram sobre mim como lobos famintos. Só não me mataram porque temiam que os Morello chegassem logo.

E eles chegaram.

Pensaram que eu era o culpado. Depois, mencionaram os japoneses, e deduzi que os russos também poderiam estar envolvidos. Afinal, estávamos em guerra justamente por causa da mulher de Vittorio.

No fim, sobrevivi. Mas não porque quiseram. Só estou respirando agora porque Vittorio Morello ordenou que me levassem para uma clínica.

Relutei. O orgulho me fez querer cuspir na ajuda deles. Mas segundos depois, fui sedado, e a escuridão me engoliu.

Agora estou aqui. E o gosto amargo da culpa impregna minha boca. Toda essa merda aconteceu porque eu fui descuidado. Porque fui fraco.

Apesar da preocupação com Amber, uma ansiedade inesperada se instala em meu peito. Quero voltar para casa. Quero ver minha Feiticeira.

— Amber foi levada para um cativeiro destinado a tráfico humano. Liam viajou para ajudar os Morello a derrubarem o local — meu pai diz, quebrando o silêncio. — Alguém da Cosa Nostra estava por trás disso, e Dante Morello convocou aliados para ajudar.

Minha sobrancelha se arqueia.

— Somos aliados dos italianos agora?

— Não. Mas não somos mais inimigos. A guerra cessou.

Aceno, soltando um suspiro.

— Quero falar com Amber assim que ela estiver segura.

— Concentre-se em se recuperar. Depois, teremos uma conversa.

Ele sai do quarto com o tom de voz que me faz sentir como um moleque de onze anos outra vez. Mas ele tem razão. Coloquei minha prima em perigo e quase morri no processo.

Fodido impulsivo.

Minha mãe enxuga os olhos, um alívio visível em sua expressão.

— Pelo menos a guerra com os Morello acabou. Vamos ter Amber de volta.

Vejo a sinceridade em seu olhar. Ela ama minha prima como uma filha e sofreu por ter que se separar dela.

— Você sempre consegue ver o lado positivo de tudo — brinco, deixando que ela me abrace de novo. Me movo para dar espaço a ela na cama, ignorando a dor que sinto ao me mexer.

— Eu morreria se você morresse, Dan.

— Eu estou vivo. Ainda vou te dar seus netos.

E, mais uma vez, Milena invade meus pensamentos.

Minha mãe me encara com um sorriso no rosto.

— Você está apaixonado por ela?

A pergunta me pega desprevenido.

— O que disse?

Ela ri e se afasta o suficiente para me observar melhor. Minha mãe sempre está impecável: cabelos no lugar, maquiagem perfeita, elegância inabalável. Mas agora… agora ela parece cansada. Sua roupa está amassada, os olhos vermelhos. Provavelmente passou horas chorando enquanto me esperava acordar. Isso me machuca mais do que qualquer ferida.

— Você é meu filho, Dan. Eu conheço você.

Engulo em seco. Subestimei minha mãe. Rebecca Belinni é a esposa do Don, a mulher mais poderosa da Outfit. Ela tem mais influência do que muito homem dentro da máfia.

— Não estou apaixonado.

Seu sorriso se alarga como se soubesse de algo que eu não sei.

— A propósito… ela é linda. Vocês vão formar um belo casal.

Sem me dar tempo de responder, ela caminha até a porta.

— Vou deixar você descansar um pouco. Logo vai dormir de novo — diz, apontando para o acesso venoso no meu braço. — Não tire. Você está muito machucado.

— Eu vou para casa.

— Em breve — fala e me encara uma última vez antes de sair.

A luta contra o cansaço dura apenas alguns segundos. Meus olhos pesam, e a escuridão me toma de novo.



MILENA LIMA

Parece que estou vivendo um pesadelo.

Dan viajou e sumiu, me deixando apreensiva e sem mais informações. Senti um mau pressentimento assim que ele saiu de casa, mas não tenho o poder de interferir em suas decisões e sei que nada que eu lhe dissesse o faria mudar de ideia.

Eu, em seu lugar, provavelmente faria o mesmo.

Foram dias de angústia. Tentei ligar para Otto e até mesmo para Liam, mas nenhum deles me atendeu.

No entanto, quando Otto aparece no apartamento de Dan e me diz que o irmão está na casa dos seus pais, meu coração dispara.

— Ele está bem? — pergunto, preocupada.

— Ele quase foi morto — responde, seu olhar caindo diretamente nas marcas dos dedos de Dan em meu pescoço. Elas ainda estão aqui. — Vamos. Não tenho tempo a perder. Ele pediu para te buscar.

Otto Belinni não é um homem de muitas palavras, então tudo o que faço é pegar minha bolsa e segui-lo para fora, tentando manter a calma quando entro em seu carro.

O mafioso dirige em silêncio e permaneço quieta enquanto ele acelera seu carro de luxo pelas ruas de Chicago. Está anoitecendo e ele não demora a entrar em uma propriedade enorme em uma região cara da cidade, estacionando diante de uma mansão que parece de um filme.

Otto desce do veículo e eu o acompanho, sentindo meu coração martelar pela ansiedade de ver Dan de novo. Neste momento, o fato de estar na propriedade do Don da máfia de Chicago parece apenas um detalhe.

Ele entra na mansão e para na sala, meu corpo retesa no lugar assim que encaro os pais de Dan sentados no sofá, olhando diretamente para mim.

Não era assim que eu queria conhecer sua família, Dan.

Fico sem palavras, mas não preciso dizer nada. Os olhos da sua mãe estão inchados, como se tivesse chorado muito, e seu pai está sério e impassível. A mulher elegante sorri assim que olha para mim.

Uma parte do meu peito fica aliviada por isso.

— Oi, Milena. O Dan está lá em cima — diz e aponta para as escadas.

Talvez eu devesse cumprimentá-los direito, me aproximar ou, sei lá, fazer uma reverência ao Don?

Não faço a menor ideia. No entanto, saber que Dan está a alguns metros de mim me faz jogar qualquer regra de etiqueta para o buraco e apenas agradeço com um aceno antes de subir as escadas com pressa para ver meu mafioso.

O corredor é imenso, mas uma porta está entreaberta e espio pela fresta, vendo Dan sentado em uma cama, com um braço enfaixado.

Meu coração dispara e eu entro sem pedir licença, correndo até ele, que se levanta e saca uma arma.

— Porra, Feiticeira! — grunhe e me abraça com força, jogando sua arma na cama para me beijar com intensidade e saudade.

Há um acesso venoso em seu braço, mas isso não o impede de me agarrar e me fazer enlaçar as pernas em sua cintura. Seus músculos ficam rígidos e entendo que ele está sentindo dor, então tento descer.

— Não — repreende, beijando-me mais uma vez. Ele lambe e beija minha boca, meu pescoço e tudo o que vê pela frente. — Caralho, como senti sua falta!

— Você quase morreu! — falo pela primeira vez e ele para de me beijar para olhar em meus olhos. Com o cenho franzido, Dan enxuga minhas lágrimas e me beija com carinho dessa vez.

— Eu prometi que voltaria, não prometi? — pergunta e não lhe dou resposta. Meu peito dói e continuo chorando. Ele acaricia meu cabelo e aprecio seu toque. Senti tanta saudade… — Eu não quebro promessas. Você deveria saber.

Ele finalmente me coloca no chão e toco sua pele, vendo roxos e hematomas por toda parte. Um de seus ombros está enfaixado e o acesso venoso pinga soro em sua veia. Há um corte em sua boca e outro em sua sobrancelha. Seu rosto está inchado e isso faz meu peito doer.

Dan podia ter morrido.

— Ei, linda — sussurra, segurando meu rosto entre as mãos. — Estou aqui agora. Não via a hora de te ver.

— Eu pensei que fosse morrer de saudade — confesso, sem me importar de parecer emocionada demais.

O mafioso toca meu pescoço e sorri ao ver que ainda há marcas dos seus dedos nele.

— Vou te marcar inteira de novo. Quero foder você — diz baixinho, lambendo e beijando minha pele, fazendo movimentos eróticos com sua língua. Seu pau duro bate em minha barriga e eu recuo.

— Dan!

Olho para os lados, procurando por mais alguém.

— Seus pais podem entrar aqui! Estamos na casa deles!

— Eles sabem que a gente transa, amor.

— O quê?!

Tenho um mini-infarto com sua resposta e o mafioso ri.

Me odeio por gostar tanto do som. Eu deveria ficar brava.

— Venha aqui, linda. Deite-se comigo.

— E seus pais? — insisto, morrendo de vergonha.

— Bem, você teria que conhecê-los em algum momento — zomba e dou um tapa em seu peito, esquecendo-me do seu estado.

— Meu Deus! Me perdoe! — falo e, se aproveitando da situação, ele faz uma cara excessivamente dramática de dor. — Pare com isso. Não doeu tanto assim.

— Eu levei um tiro no local em que você bateu — diz e arregalo os olhos, levando a mão até a boca.

— Meu Deus do céu! Me perdoe mesmo! — repito e, dessa vez, ele gargalha alto. — Pare de brincar comigo!

Ele me puxa para outro beijo e me derreto em seus braços. Uma empregada bate na porta e dou um pulo de susto. Ela pergunta se Dan já quer jantar e ele pede para que ela traga comida para nós dois.

Meu rosto cora de vergonha e a mulher sai, deixando-nos a sós mais uma vez. Ele segura meu queixo e me faz olhar para ele.

— Não precisa se assustar e nem ficar com medo de sermos pegos. Eu sou um homem adulto e ninguém vai implicar de te ver no meu quarto. Todos sabem que você é minha.

— Então você sempre traz garotas ao seu quarto?

— Você é a primeira que vai dormir aqui — fala com seriedade.

— Vamos dormir aqui?

Ele acena.

— Tenho que passar a noite com essa merda no braço e minha mãe está me enchendo o saco para ficar aqui — fala, apontando para o acesso.

— Eu não trouxe roupa para dormir.

— Eu não quero que você use roupas.

Dou uma gargalhada sarcástica.

— Nem morta que vou ficar pelada na casa dos seus pais! Eu tenho decência.

— Você pode usar uma das minhas camisetas, Feiticeira. Mas se quiser tirar a calcinha… eu prefiro seu lado malvada. Vou trancar a porta e você fica bem quietinha enquanto mato a saudade da boceta da minha mulher.

— Você está machucado. — Eu o lembro.

— Oh, querida, nada me impediria de te foder. Se me disser que quer, eu vou te comer gostoso a noite inteira.

Nosso momento é interrompido quando a empregada passa pela porta trazendo um carrinho com nosso jantar. Ela é jovem e bonita, e o olhar que ela direciona ao meu mafioso me dá uma pontada de ciúmes.

— Precisa de mais alguma coisa, Senhor Belinni?

Seu tom me irrita. Ou o mafioso está me contaminando com sua possessividade ou essa mulher realmente está se insinuando para ele na minha frente.

— Diga à minha mãe que vou dormir e não quero ser interrompido — responde, sem lhe direcionar o olhar. A atenção dele está toda em mim.

Ela sai do quarto e espero apenas alguns segundos antes de disparar:

— Você transou com ela. — Dan trava o maxilar, mas não diz nada. Solto o ar, incrédula. — Então seu fetiche é dormir com empregadas? Eu vou embora.

Ele me puxa e me prende contra seu corpo. Há mágoa em meu olhar e ele nota.

— Foi só sexo. Eu e o Liam a dividimos para nos divertir algumas vezes, mas isso nunca significou nada.

Bufo o ar.

— Para você. Para mim, sexo significa muita coisa e, pelo visto, para aquela mulher também — falo e o empurro, me soltando do seu agarre. Só saio porque ele deixa.

— O que você quer que eu faça, Milena?

— O que você faria se eu ficasse perto de um homem com quem transei?

— Eu o mataria.

— Eu jamais vou machucar outra mulher.

— Quer que ela seja demitida?

— Não! — falo rapidamente. — Ela deve precisar do emprego.

— Então o que quer de mim, amor? Eu só tenho olhos para você — sussurra, me encarando com tanto carinho que faz meu ciúme desmoronar.

Volto a me aproximar dele devagar e apoio as mãos em seu peito.

— Odeio me sentir insegura e odeio ainda mais a possibilidade de perder você.

— Você não vai me perder, Feiticeira. Você jogou seu feitiço em mim e me hipnotizou. Meu coração de mafioso é só seu.

Nos beijamos mais uma vez e eu puxo o carrinho com a comida para perto dele. Pego uma cadeira e coloco ao seu lado para jantarmos, mas antes de tocar no jantar, ele segura meu queixo.

— Eu pedirei que ela seja transferida para outra família, ok? — fala e, mesmo não querendo admitir, isso me deixa feliz. Sorrio. — Agora vamos comer. Quero saber tudo o que fez nesses dias sem mim.

Passamos a próxima hora conversando e comendo, e neste momento sinto como se Dan Belinni fosse meu melhor amigo. Falo sobre filmes de romance e ele me ouve atentamente, até pergunta sobre meu peixe, embora eu

saiba que ele não dá a mínima para ele.

Depois do jantar, ele segura o suporte do soro e vai até o banheiro comigo para escovarmos os dentes. Ele diz que já tomou banho antes de eu chegar, mas decido entrar no chuveiro. Dan fica encostado na bancada o tempo todo olhando para mim, varrendo meu corpo com seu olhar de luxúria e desejo.

— Feiticeira…

— Não. Aqui, não — afirmo, sendo dominada pela vergonha, pois apesar de desejar muito estar com ele, passar a noite em seu quarto já vai me deixar constrangida o suficiente amanhã de manhã.

E tenho consciência de que quando transo com Dan não sou a pessoa mais silenciosa do mundo.

Saio do chuveiro e ele me ajuda a secar. Ele volta para a cama enquanto vou até seu closet e escolho uma de suas camisetas. Está tudo limpo e impecável, como se ele ainda vivesse aqui. Acho que sua mãe sente sua falta.

Volto para a cama decidindo não usar calcinha. Quando me aninho a ele, sua mão vai direto para a minha bunda e vejo seu pau ficar duro.

— Nada de sexo, entendeu? Só na nossa casa — resmungo, já sabendo sua intenção. Eu o abraço com cuidado e ele beija minha cabeça.

— Amanhã vamos embora antes de todos acordarem. Combinei com minha mãe de passar a noite, mas não vejo a hora de te ter só pra mim. Quero te foder gostoso.

Suas palavras sujas não deveriam encharcar minha boceta. Ele está machucado.

Mas fico excitada.

— Safado.

— Gostosa.

Ele apaga a luz e levanta minha camiseta devagar, expondo minha boceta. A cortina está semiaberta, então há uma fresta de luz entrando no

quarto.

— Dan…

— Só quero te sentir. Por favor.

Seu tom rouco e sexy me desestabiliza, porque estou morrendo de saudade.

— Pode passar o dedo, se quiser — sussurro, quase tremendo de ansiedade.

Ele leva a mão até minha boceta e seu dedo grosso desliza nas minhas dobras. Gememos juntos, bem baixinho.

— Você está pronta para mim. Sua boceta quer pau.

— Só pode passar o dedo — repito baixinho em seu ouvido, abrindo mais as pernas e desejando tudo dele.

Dan captura meu clitóris, rodando o botão devagar. Ele escorrega o dedo para baixo e pega mais lubrificação para melar meu clitóris e esfregá-lo. Em seguida, volta o dedo para a minha entrada, provocando-a devagar.

— E enfiar, amor? — pergunta, subindo para o meu clitóris e massageando… descendo o dedo e circulando meu canal apertado, pressionando só um pouquinho. — Posso enfiar meu dedo na sua boceta?

Eu não deveria deixar, mas abro mais as pernas em resposta.

Ele enfia a ponta do dedo bem no meio da minha entrada e meu quadril levanta do colchão, inebriada pelo toque. Ele me empurra para baixo mais uma vez e enfia seu dedo de novo, espalhando a umidade no clitóris antes de voltar para a boceta e foder mais fundo. Abro a boca para gemer, mas seu olhar duro me encontra.

— Calada — sussurra, sem deixar de meter.

Dan me fode com um dedo e logo coloca mais um, com os olhos presos no meu rosto. Mordo minha mão para não gemer e ele continua seus movimentos, entrando e saindo bem gostoso.

— Que boceta quente e apertada — murmura, suas veias evidentes deixando claro que ele está por um fio. — Monta no meu colo e senta no meu

pau — sussurra, mordiscando minha orelha.

— Não — murmuro, manhosa.

Seus lábios encontram os meus e ele me beija, metendo os dedos devagar. Está uma delícia, mas quero mais fundo. Quero seu pau, mesmo que meu lado racional me chame de louca por isso.

— Senta no meu pau, amor — rosna, baixinho. — Eu quero comer você. Vai ser gostoso.

Nego com a cabeça, mas meu estômago revira com a ideia. Ele acertando lá no fundo com seu pau grande e duro…

— Milena — alerta, sabendo que estou prestes a ceder. — Abra mais as pernas.

Obedeço e ele fode devagar, indo mais fundo. Preciso morder minha mão com mais força, sua respiração pesada bate contra mim e faz todo o meu corpo queimar.

— Seu clitóris está molhado. Se você montar, ele vai esfregar na minha pele e você vai gozar enquanto cavalga.

— Dan, não. — Minha voz sai fraca.

Eu quero isso. Eu quero tudo isso.

Mas eu não posso. Dan me faria perder o controle e eu ia gritar alto na casa dos seus pais.

— Eles não vão descobrir — sussurra, como se lesse meus pensamentos. — Senta no seu homem. Eu sei que você quer fundo.

Sim.

— Não.

— Sim — fala baixinho, puxando meu corpo para me sentar em cima dele.

— Não…

— Sim, amor.

Então, mandando qualquer gota de decência para o inferno, eu desisto de lutar contra o desejo e o ajudo a abaixar seu moletom, vendo seu pau duro pingar sêmen na ponta.

Monto nele e encaixo a ponta grossa do seu pau na minha entrada melada, escorregando gostoso no pau do mafioso e sentindo um prazer tão intenso que me faz ofegar. Ele xinga um palavrão baixinho e nossos olhares se encontram.

Estou empalada e a gente sorri, como se fôssemos dois adolescentes fazendo algo muito errado e escondido.

— Rebole — comanda e eu obedeço, e ele estava certo quando disse que meu clitóris melado ia roçar gostoso na sua pelve.

Ele empurra o quadril e vai de encontro comigo, encontrando nosso ritmo, dessa vez lento e profundo, pois não podemos fazer barulho.

Eu me inclino sobre ele e ele me beija, calando nossos gemidos com sua língua quente e macia. Continuamos transando, sorrindo em cumplicidade e metendo tão gostoso que preciso fechar os olhos de tanto prazer.

Esse sexo é diferente de tudo o que já fizemos antes. É recheado de saudade, carinho, mas ainda mantém todo o tesão.

Talvez seja amor.

Dan me obriga a continuar rebolando para esfregar meu clitóris em sua pelve, e não demoro a gozar em cima dele, que mais uma vez cala minha boca com um beijo faminto.

Ele me acompanha no orgasmo e eu o sinto pulsar e derramar seu esperma em meu canal, enquanto se contém para não gemer.

Ficamos parados por alguns instantes e me levanto, vendo em seu rosto um sorriso de satisfação.

— Feiticeira?

— Hum?

— Eu acho que estou apaixonado por você — fala e preciso me

controlar para não surtar.

— O que disse? — pergunto, confirmando se suas palavras não foram fruto da minha imaginação.

Seu sorriso se alarga com minha desconfiança e ele toca meu rosto, fazendo carinho na minha pele.

— Que eu gosto pra caralho de você. E que penso em você sempre que não estou matando ou batendo em alguém. Acho que isso é paixão.

— Adoro seu lado romântico. — Rio, mas mordo o interior das bochechas para evitar dar o sorriso largo que tanto quero.

Porque eu amo que ele esteja apaixonado por mim.

E eu amo cada parte de Dan Belinni. Da mais sombria até a que me faz suspirar.

Eu só não estou pronta para dizer isso a ele. Não ainda.

— Eu… — gaguejo e ele passa a mão pelo meu cabelo.

— É óbvio que eu quero ouvir o mesmo, mas você não precisa fazer isso. Talvez você não goste de mim do mesmo jeito e não te culpo. É fácil se apaixonar por você. E não é tão simples gostar de um cara como eu — fala com tanto carinho que tenho vontade de abrir meu peito e entregar meu coração a ele.

Porque apesar de tudo, foi fácil me apaixonar por ele. Eu o quis desde a primeira vez que o vi. E isso me incomodou.

Mas antes que eu decida me abrir para ele, Dan escorrega a mão para a minha boceta e faz carinho no meu clitóris. Ofego em resposta.

— Vamos de novo? — pergunta baixinho, girando o dedo em círculos firmes e duros. — Foi tão gostoso.

Ele só pode ser louco. Mas eu sou mais ainda, porque assim que seu pau endurece de novo dentro de mim, eu volto a rebolar.

Nos beijamos mais uma vez, esfregando e tomando tudo um do outro. E a cada vez que ele me fode em silêncio na casa dos seus pais, sinto em cada célula do meu corpo que não quero estar em nenhum outro lugar que não seja

ao lado dele.

Porque eu sou dele. E ele é meu.

E essa bagunça… somos nós.



MILENA LIMA

2 meses depois

Minha menstruação está atrasada.

Encaro meu reflexo no espelho e acaricio minha barriga, pensando se Dan realmente conseguiu o que queria. Passamos o início da manhã transando e as carícias se estenderam no chuveiro, mas ele teve uma reunião urgente e eu continuei aqui, perdida nos meus pensamentos.

A imagem de um bebezinho crescendo dentro de mim e depois vindo para os meus braços enche o meu coração de amor. Sempre tive medo de engravidar cedo, mas agora a ideia não me assusta. Eu quero isso também.

No entanto, o prazo que Dan me deu para revelar meu passado está prestes a se esgotar e isso me dá medo. Mas, ao mesmo tempo, uma estranha sensação de segurança começa a me envolver.

Por mais que Dan seja letal, começo a acreditar que, mesmo se ele descobrisse a verdade sobre mim, não me machucaria.

Quero acreditar nisso. Preciso acreditar.

Vou até o closet e pego uma sacola no fundo da gaveta. Volto para o banheiro e encaro a embalagem, respirando fundo.

Um teste de gravidez.

Passei na farmácia ontem enquanto Dan estava no trabalho e esperei ficar sozinha para fazê-lo, afinal, não tenho ideia de qual será o resultado e não quero gerar falsas esperanças no mafioso.

Leio as instruções na embalagem e, com as mãos trêmulas, faço o teste.

O tempo parece uma eternidade enquanto a resposta não aparece. Até que eu vejo.

Grávida.

Uma explosão de sentimentos surge dentro de mim. Uma mistura de euforia com medo, ansiedade e alegria… tudo ao mesmo tempo.

Lágrimas brotam em meus olhos e um sorriso largo surge no meu rosto. Levo a mão até minha barriga e acaricio o local, chorando e rindo com a ideia de ter um bebezinho dentro de mim.

Mas e se for mentira?

Já ouvi vários relatos de que os resultados não foram verídicos. Talvez eu deva conferir.

Deixo o teste na gaveta do closet, para evitar que Dan veja caso chegue do trabalho antes de mim, e saio de casa, à procura de outra farmácia para comprar outros testes e tirar a dúvida.

Compro mais cinco, todos de marcas diferentes, mas antes de ir embora, um cheiro delicioso me atrai e me viro, percebendo que ele vem de uma cafeteria.

Ok, nós podemos tomar um chocolate quente antes — falo em pensamento, chocada com como já estou me referindo a mim como *nós*. E

isso é apenas mais um sinal de que também quero muito este bebê.

Me sento sozinha em uma mesa e aproveito o aquecedor da cafeteria enquanto espero meu pedido chegar. A garçonete traz meu chocolate quente e minha boca saliva só de sentir o cheiro delicioso da bebida. Ela sorri quando me vê dar o primeiro gole e gemer de prazer.

— É desejo de gravidez?

Sua fala quase me faz engasgar e arregalo os olhos, olhando para os lados.

— Como você sabe?

Ela aponta para a minha mão e percebo que eu a coloquei em cima da minha barriga, em um gesto protetor, comum a mulheres grávidas. Removo a mão imediatamente. *Como ela veio parar aqui?*

— Eu… não sei se é desejo de gravidez.

A garota, que parece ter uns dezesseis anos, me dá um sorriso compreensivo.

— Minha irmã também está grávida. Ela ama o chocolate quente daqui e sempre tem desejos sobre ele — fala em tom divertido. — Ou talvez ela só esteja se aproveitando do meu desconto de funcionária.

A garota ri e eu a acompanho, e mesmo quando ela sai, ainda estou com um sorriso no rosto.

Dan me disse tantas vezes que queria me engravidar… tenho certeza de que ele vai me mimar muito quando descobrir que vamos ter um bebê.

Mas e se eu não estiver grávida?

É uma hipótese, considerando que meu ciclo menstrual nunca foi a coisa mais regular do mundo. Preciso voltar para casa e fazer os outros testes.

Antes que eu termine minha bebida, sou surpreendida quando uma garota linda e loira se senta diante de mim. Ela me analisa de cima até embaixo antes de olhar em meus olhos.

— Posso ajudar? — pergunto, claramente desconfortável com a presença da desconhecida.

Ela nem hesita.

— Sou Blake, namorada do Dan.

O ar parece sair dos meus pulmões de uma só vez. Meu peito aperta. Isso não pode ser verdade. Moro com Dan, e ele só se afastou de mim para ir ao trabalho.

— Não precisa se apresentar. Eu já sei quem você é, Milena. A amante dele. Só estava esperando o momento certo para te encontrar.

Solto um riso incrédulo, pegando minha bolsa para me levantar, mas ela segura minha mão com firmeza.

— Espere! Quero conversar com você.

— Não tenho nada para falar com você — rebato, puxando meu braço. — Se eu tiver dúvidas sobre Dan, pergunto diretamente a ele.

Ela franze a testa, irritada, mas me solta. No instante seguinte, meu celular vibra. Um número desconhecido. Talvez seja Dan ligando de outro telefone... Preciso esclarecer essa história.

Atendo e levo o aparelho ao ouvido, mas, assim que ouço a voz grossa do outro lado, meu corpo inteiro congela.

— Olá, Isabella. Pensou que poderia se esconder para sempre do seu pai?

O chão parece sumir sob meus pés. Meu estômago revira. Minha visão escurece por um segundo.

Com esforço, me mantenho firme e me sento novamente, ciente de que a loira à minha frente me observa com suspeita. Respiro fundo, lutando contra o tremor na minha voz.

— Posso ajudar? — pergunto, fingindo indiferença.

Se essa garota descobrir quem eu realmente sou, estarei completamente ferrada. Não que já não esteja, considerando quem está na linha.

A voz fria e impaciente do outro lado ressoa mais uma vez:

— Como já perdemos muito tempo, minha paciência acabou. Você tem dez minutos para sair dessa cafeteria e entrar no carro que vou indicar. Meus homens vão te trazer para mim.

Meu olhar percorre o ambiente. Agora percebo: várias mesas ocupadas, homens discretamente posicionados, todos olhando para mim.

A armadilha estava montada. E eu caí direitinho.

— Estou ocupada agora — digo, tentando soar indiferente, mas minha voz sai levemente trêmula.

A risada dele ressoa pelo telefone, fria e carregada de desprezo.

— Que coincidência. Eu também estava ocupado há alguns minutos... lidando com sua mãe.

O mundo ao meu redor gira. Meu corpo congela.

— O quê?!

Minha voz sai mais alta do que deveria. A loira à minha frente levanta a cabeça, curiosa, e começa a digitar algo no celular. Meu cérebro grita que preciso me recompor, mas é quase impossível. Tudo dentro de mim quer levantar dessa cadeira e correr, mas os olhos fixos em mim, os homens espalhados pelo lugar... Eles não vão deixar.

— Desde que descobri sua gracinha, mandei buscar sua mãe no Brasil para resolver isso pessoalmente. Só pode ser fruto de uma educação de merda. E no meu mundo, Isabella, erros não são tolerados.

Raiva e pavor me consomem ao mesmo tempo. Quero gritar. Quero xingá-lo. Mas não posso. Não agora. Minha mãe está com ele. E a loira ainda está aqui, observando cada detalhe, esperando qualquer deslize para me expor.

Engulo em seco e me forço a perguntar:

— Como ela está?

A risada dele volta, carregada de escárnio.

— Pelo menos, você sabe esconder suas emoções. Não quer que a namorada do Belinni descubra que você é uma mentirosa, filha?

Meu estômago revira. Se até meu pai se referiu a ela dessa forma… será que sou mesmo a amante de Dan?

— Não ouvi direito. Pode repetir como ela está? — pergunto, me esforçando para manter a voz firme.

Ele solta uma risada fria.

— *Viva* — responde, como se estivesse se divertindo. — *Por enquanto.*

Um nó se forma na minha garganta.

— Não…

— *Cale a boca e me obedeça se quiser que ela continue respirando. Você vai se levantar e entrar no carro que preparei para você. Para facilitar, um dos meus homens está indo até você agora. Vai segui-lo sem questionar. Vai sorrir para ele e se comportar como uma boa garota.*

Minha respiração vacila. Cada fibra do meu corpo grita para fugir, mas sei que não posso.

Levanto os olhos e o vejo.

Um homem enorme e tatuado caminha em minha direção com passos firmes e controlados. Seu rosto é cruel, mas suaviza ligeiramente quando para ao meu lado, como se tentasse parecer menos ameaçador.

A loira arregala os olhos, claramente surpresa com o tamanho dele. Mas eu noto algo que ela não percebe. Sob a camisa justa, a curva inconfundível de uma arma. E pelo tom de Charles Ricciardi ao telefone, não tenho dúvidas de que ele recebeu ordens para usá-la se eu tentar escapar de novo.

Se fosse antes… talvez eu preferisse morrer a passar o resto da vida obedecendo às ordens de um mafioso.

Mas agora…

Agora estou grávida.

E não posso arriscar que algo aconteça ao meu bebê.

— Eu não posso… — minha voz sai em súplica, um sussurro carregado de desespero. Engulo em seco para conter as lágrimas. — Por favor… pai.

Meu pai ignora meu tom, mas o cenho de Blake se franze assim que eu chamo meu genitor pelo telefone.

— Você pode. E se quiser que Dan Belinni continue vivo, dê um jeito de mantê-lo longe disso. Porque se ele tentar me desafiar… eu juro que vou cortar a garganta dele na sua frente.

A linha cai. O silêncio que se segue é ensurdecedor.

Aperto o celular com força, como se pudesse encontrar uma saída ali.

— Quem é você? — A loira pergunta ao homem ao meu lado, seus olhos brilhando de curiosidade.

Ele nem sequer a olha.

— Vamos. Temos um compromisso. — Sua voz sai neutra, mas sua postura diz tudo: essa não é uma escolha.

— Dan sabe disso? — Blake me encara, um sorriso malicioso brincando em seus lábios.

— Ele não sabe muita coisa sobre mim — digo à loira, sentindo cada palavra me perfurar como uma lâmina. Mas eu preciso afastá-lo. E sei que tudo o que eu disser a ela chegará até ele. — Mas agora estou indo embora. Fique à vontade para estar com ele, pois já peguei tudo o que eu queria.

— O quê?! — Ela arregala os olhos, eufórica. — Você vai deixá-lo?

O homem ao meu lado estende a mão, um lembrete silencioso de que meu tempo está acabando. Meu coração grita em protesto, mas minha mão se move sozinha, encontrando a dele. Um arrepio percorre minha pele com o toque desconhecido e indesejado.

Eu não queria ir. Mas não tenho escolha.

Levanto-me, lançando um último olhar à loira.

— Ele ainda não sabe, mas eu me cansei. Faça bom proveito dele.

Quero chorar com minha mentira, mas não posso voltar atrás. Se Dan vier atrás de mim, meu pai vai matá-lo. Ou matar minha mãe.

O homem coloca uma nota na mesa para pagar pelo meu chocolate quente e começa a me guiar para fora da cafeteria. Cada passo pesa como se estivesse caminhando para a forca.

Deixo Blake para trás e um gosto amargo sobe na minha garganta quando penso que, em breve, ela estará nos braços dele, no *nosso* apartamento, na *nossa* cama, no lugar onde ele me tornou sua.

Não. Não.

Meu corpo inteiro grita para impedir que ela pise naquele lugar. Que ela esteja com ele. Que o toque, que ocupe o espaço que era meu.

Mas antes que eu possa reagir e voltar, o soldado aperta minha mão com força, uma advertência silenciosa. Meu tempo acabou.

E tudo o que eu preciso é que Dan acredite que o deixei por vontade própria. Talvez isso o mantenha longe. Talvez ele nunca venha atrás de mim.

E se ele não vier… ele estará seguro. Meu pai não terá motivo para matá-lo.

Essa é a única forma de protegê-lo.

Engulo o nó na garganta, mas minhas pernas fraquejam. O choro que segurei com tanta força escapa em um soluço sufocado.

— Fique quieta. — O homem ao meu lado rosna, me envolvendo em um abraço possessivo. Quem estiver nos vendo, provavelmente estará pensando que somos um casal de namorados, e não que estou sendo sequestrada a mando do meu próprio pai. — Se tentar qualquer coisa, tenho permissão para acabar com você.

Ele me empurra para dentro do carro, jogando-me no banco do meio e prendendo o cinto com um puxão seco, sem nenhum cuidado.

Segundos depois, mais dois homens entram e se sentam ao meu lado, fechando qualquer possibilidade de fuga. Eles deixam suas armas à mostra, um lembrete cruel de que não há saída.

O carro acelera e fecho os olhos, engolindo a dor que se espalha pelo meu peito. Minhas mãos tremem no colo, mas me esforço para não levá-las ao ventre.

Enquanto eu me afasto de Chicago, sinto meu coração virar pó. A dor de abandonar alguém que amo só não é maior do que o medo que sinto pela incerteza do futuro.

O mais irônico? Estou fugindo para salvar minha mãe… exatamente como Bella fez no meu filme favorito da saga Crepúsculo.

Quando assistimos juntos, Dan riu e disse que era uma emboscada óbvia. Que Bella foi ingênua.

Mas agora que estou vivendo isso na pele, entendo mais do que nunca a dor daquela personagem que, ironicamente, inspirou meu nome.

Talvez meu pai me mate como punição.

Talvez eu seja mantida prisioneira pelo resto da vida.

Talvez Dan me odeie pelas palavras que eu disse à Blake. Talvez me despreze por fugir sem lutar por nós.

Mas se for preciso sacrificar nosso amor para impedir uma guerra entre máfias… Se for preciso voltar para os braços do homem de quem quase morri fugindo para garantir que minha mãe continue respirando…

Então eu o farei. Sem hesitar.

Porque *“morrer no lugar de alguém que amo parece ser uma boa forma de partir"*.



Otto vai ter que se casar.

Depois de tudo o que passamos com as guerras entre máfias, meu pai decidiu propor um acordo com a máfia russa e as negociações levaram ao casamento do meu irmão mais velho com a filha do Pakhan da Bratva.

Ele não se opôs, já que sempre soube que seu casamento seria por conveniência e foi treinado desde cedo para colocar os interesses da Outfit acima dos seus. No entanto, é nítido que está com receio da relação com a garota.

Afinal, ele não a conhece e ela vem de um território que, horas atrás, era inimigo. Mas levando em conta que nossos informantes nos disseram que os russos estavam planejando nosso assassinato e o fato de que estão fodendo nossos negócios, nosso Don acabou concordando.

Ninguém em sã consciência deseja estar em guerra com a Bratva.

— Já pensou no que vai fazer se sua noiva for feia, Otto? — Liam zomba dentro do elevador e meu irmão mais velho suspira, impaciente.

Passamos a manhã toda lidando com as negociações e, depois do acordo selado, minha mãe foi informada sobre o noivado do Otto e decidiu fazer um jantar íntimo para celebrar a notícia.

Não que meu irmão mais velho estivesse no clima para comemorações, mas nosso Don não nega um pedido da esposa e faria até uma festa de gala se assim ela pedisse.

Liam e eu decidimos passar em nossos apartamentos e tomar um banho antes de seguir para a mansão Belinni, mas Otto e meu pai acabaram nos acompanhando por causa de uns documentos que esqueci em meu escritório.

Como fiquei fodendo minha garota antes de ir para o prédio da Outfit, acabei me esquecendo da papelada e meu pai pediu para dar uma olhada antes do jantar.

— Se ela aquecer minha cama e carregar meus filhos, eu não ligo para essas merdas — Otto responde.

— Mentiroso do caralho — Liam continua provocando, mas, dessa vez, eu sei que ele está certo.

Aparência é um tema importante em nosso meio e, considerando que Otto tem mulheres lindas à sua disposição, vai ser uma bosta se sua própria esposa não for do seu agrado.

— De todo modo, você pode apagar a luz enquanto for fabricar seus herdeiros.

Liam ri com sarcasmo e os músculos de Otto ficam tensos. Reviro os olhos, pensando que talvez meu irmão mais velho seja tão controlado desse jeito porque aprendeu diariamente a tolerar as provocações de Liam sem poder quebrar a sua cara.

Uma pena eu não ter aprendido a mesma coisa.

— O Pakhan me garantiu que a filha é bonita. — Meu pai interfere e

Liam estala a língua.

— Óbvio. Nenhum pai ou mãe acha o filho feio.

— Será? — Meu pai questiona, encarando fixamente meu irmão do meio, até ele ficar sem graça.

Todas as garotas são enlouquecidas por Liam, independentemente da sua personalidade caótica, e isso é apenas mais um motivo para massagear o ego do meu irmão. Mas com apenas uma palavra, meu pai conseguiu tocar em sua ferida e provocar o homem que adora irritar todo mundo.

Bufo uma risada ao vê-lo ficar desconcertado e Otto faz o mesmo, sorrindo pela primeira vez.

— Vamos — quebro o assunto assim que as portas do elevador se abrem e mostram o *hall* de entrada do meu apartamento.

Entro em minha casa e sou seguido por eles, mas meu corpo fica tenso quando vejo todas as luzes apagadas. Meu celular vibra e pego o aparelho rapidamente, me deparando com mais uma mensagem de Blake.

Ela passou o dia enchendo meu celular de áudios e mensagens falando que precisa falar comigo com urgência, mas ignorei cada uma delas. Cansado dessa merda, bloqueio seu número e volto o celular para o bolso. Estou me fodendo para essa garota.

Volto a caminhar e acendo as luzes da sala e do corredor, indo até o meu escritório para pegar a papelada. Talvez Milena esteja tomando banho ou dormindo em nosso quarto. Eu não tenho dado trégua a ela nos últimos dias e sei que ela está exausta.

Saio do escritório e tudo permanece em silêncio. Sou vencido pela desconfiança e decido ir até o quarto para verificar minha garota.

— Eu já volto — aviso e os três param no lugar, percebendo que há algo errado.

— Você sabe que sua mãe pediu para chamá-la, certo? — Meu pai me lembra do convite para o jantar e aceno, mas não sei se Milena vai se sentir confortável com isso.

Quando a convidei para conhecer minha família, ela recuou. E depois

do acidente na Itália, quando fui para a casa dos meus pais e transamos no quarto, ela quase morreu de constrangimento e nos fez ir embora antes do sol aparecer.

— Vou chamá-la — falo, pois, de toda forma, farei o convite.

Vou até meu quarto e o cômodo está vazio e escuro. Isso é estranho pra caralho, pois ela não costuma sair a essa hora. Eu a procuro por toda a casa, mas não a encontro em lugar nenhum.

Tiro o celular do bolso e tento ligar para ela, mas a ligação cai na caixa postal. Perco a paciência e disco o número de um dos soldados que coloquei para vigiar Milena, sem que ela saiba disso. Se eu contasse a ela, sei que ela relutaria contra a ideia, mas independentemente da nossa relação ainda não ter sido oficializada, eu me preocupo com a segurança dela.

E agora meu alerta grita.

O celular dos dois soldados está desligado e xingo um palavrão, o que faz meu pai e meus irmãos entrarem no quarto.

— O que rolou? — Liam pergunta em estado de alerta, sacando sua arma.

— Algo está errado.

Explico o que aconteceu e logo os três estão com seus celulares em mãos, tentando rastrear os seguranças. Otto leva o próprio telefone no ouvido, dando ordens para que os soldados revisem as câmeras de segurança e procurem por qualquer rastro dela.

— Vou descobrir onde ela está — ele garante, mas isso não faz nada para diminuir minha frustração.

Minutos se passam, e nada.

É como se eles tivessem evaporado do mapa.

— O último ponto em que eles foram localizados foi perto daquela cafeteria que fica a algumas ruas daqui — Otto obtém a primeira informação e isso só me preocupa.

— Mandarei nossos homens varrerem a região. — Meu pai avisa com

seriedade e balanço a cabeça em concordância, prestes a explodir.

Porra! Onde ela está?

O porteiro liga no apartamento e diz que uma garota loira está pedindo para subir. Quando ele fala o nome de Blake, eu aviso que ele pode mandá-la para o inferno, mas ela grita o nome de Milena do outro lado e meu sangue gela.

— Eu tenho informações sobre a Milena! — berra feito uma louca do outro lado, para que eu a ouça por trás do porteiro.

Eu a mando subir.

Destravo minha arma e a espero na porta do elevador, com a pistola apontada para ela. Meus irmãos se posicionam ao meu lado e meu pai apenas fica em silêncio.

Se eu quiser estourar a cabeça dessa garota, eles não vão me impedir. E é exatamente isso que vou fazer se ela tiver algo a ver com o sumiço da minha mulher.

As portas se abrem e Blake arregala os olhos quando se vê sob a minha mira.

— Dan…

— Onde ela está? — Minha voz sai baixa e perigosa.

Blake levanta as mãos em rendição e entra no apartamento, tremendo.

— Ela… ela…

— Abra a porra da boca e comece a falar antes que minha paciência acabe e eu exploda sua cabeça.

— Ela… ela te deixou.

Sua resposta me deixa louco. Agarro seu pescoço e a pressiono na parede, encostando o cano da minha arma na sua cabeça.

— Você perdeu a mente, caralho?!

Os lábios dela tremem e ela puxa o ar, mas não a solto. Se essa filha da puta pensa que pode jogar com o nome da minha mulher, ela pagará caro

por isso.

— Eu a vi na cafeteria — solta de uma vez, sua respiração acelerada e seu rosto ficando vermelho. Ela está hiperventilando. Foda-se. — Ela disse que se cansou de você e saiu com um homem da cafeteria. Eles deram as mãos como se já se conhecessem. Ela foi embora!

— Mentirosa do caralho! Vou ter que arrancar sua língua antes de te matar só pra te ensinar a ficar quieta, porra?! — rosno, prestes a apertar o gatilho.

— Dan… — Otto me chama, mas levanto a mão para que espere.

Ele me chama de novo e viro o rosto, vendo que ainda está com o celular no ouvido. Sua expressão está séria quando ele desliga e diz:

— Dan, sua garota foi vista com outro homem.

Minha mente trava.

— Que porra você disse?

Ele suspira, mas não parece estar brincando.

— A última imagem que temos dela é de uma câmera de segurança. Ela entrou no carro de outro cara e saíram de Chicago.

Me afasto de Blake e encaro o meu irmão, sacudindo a cabeça em incredulidade.

— Não, porra.

— Eles estavam abraçados.

— Não, caralho! Onde estavam os seguranças de merda dela? Eu vou matar cada um! Torturá-los por dias! — explodo, sem acreditar nas palavras do meu irmão.

— Ainda estamos lidando com esse assunto — Liam afirma, sem nenhuma diversão ou sarcasmo na voz.

— Ela fugiu, estou dizendo! — Blake soluça e meu olhar duro encontra o dela.

— Cale a porra da boca. É um aviso.

Incapaz de olhar para qualquer um deles, disparo para o meu quarto e tento buscar algum sinal de que ela tenha se preparado para fugir.

Por que ela iria embora?

Nós estávamos bem. Transamos gostoso hoje de manhã, antes de eu sair para o escritório e passar o dia enfiado no trabalho. Que caralho aconteceu nesse meio-tempo?

Volto a vasculhar suas coisas, buscando qualquer pista, mas nada parece fora do lugar. Ela saiu apenas com a roupa do corpo. Nenhuma mala, nenhuma mudança brusca.

— Você fez alguma merda? — Liam pergunta atrás de mim, mas o olhar que lanço para ele o faz recuar.

Ele suspira, tentando amenizar a situação. Isso é o mais fodido de tudo, pois se a situação não fosse grave, ele estaria zombando de mim agora.

— Talvez ela ainda volte — fala, mas nem ele parece acreditar nessa possibilidade.

A adrenalina bombeia em meu sangue e começo a revirar tudo, em busca de algum sinal dela. Assim que abro uma das suas gavetas, o ar fica preso em meus pulmões e meu sangue gela.

— Isso é um teste de gravidez? — Liam indaga e não consigo lhe dar resposta.

Pego a embalagem e meu peito se aperta quando me dou conta de que há um bastão dentro. O teste está aqui.

— Dan… — Otto aparece atrás no closet, mas levanto a mão para que ele espere.

O sangue zumbe nos meus ouvidos, meu coração dispara, mas nada me prepara para a palavra que vejo escrita no teste de gravidez.

Grávida.

Milena, minha Feiticeira que aqueceu minha cama todos os dias e me deixou gozar dentro, fundo e forte, está esperando um filho meu.

Segundos depois, todos estão na porra do closet comigo, mas estou

vidrado demais no teste de gravidez para me incomodar com a falta de espaço.

— Dan… — Otto insiste e eu o encaro.

— Eu vou ser pai — sussurro e por mais louco que isso seja, o canto da minha boca se ergue em um pequeno sorriso.

Blake começa a chorar e se encolhe no canto do cômodo, mas antes que eu possa processar a notícia, o olhar do meu pai cai em mim e me traz à realidade.

— Ela não pode ter fugido com outro cara! — falo. — Ela está grávida, caralho!

Meu pai permanece em silêncio. Seu olhar me dizendo que ele sabe mais do que eu sobre a merda da minha vida.

A adrenalina já está correndo como veneno nas minhas veias. Não importa para onde ela foi. Não importa com quem.

Ela não vai fugir de mim.

Nunca.

— Fechem os aeroportos, cerquem a porra do estado! Vou caçá-la até no inferno, mas ela não vai fugir com meu filho no ventre!

— A situação é mais complicada do que isso. — Meu pai solta, finalmente.

Solto o ar, incrédulo.

— O que pode ser mais fodido do que ter minha garota grávida fugindo com outro cara? — Minha voz sai amarga, minhas próprias palavras me cortando como lâminas afiadas.

— O homem que estava com ela é um dos soldados do Ricciardi.

— O que a máfia de Nova York fazia em nosso território? — pergunto.

— Será que Milena era uma espiã? — Liam indaga.

— Estamos tentando descobrir. — Meu pai diz, olhando para o seu

celular, e deduzo que ele esteja em contato com nosso Serviço de Inteligência.

Meus olhos disparam até Blake e travo o maxilar, caminhando até ela em uma postura ameaçadora.

— O que você sabe sobre essa merda? Me conte tudo o que viu e falou com minha mulher — ordeno e os lábios dela tremem. — Agora, porra!

Com a voz tremendo, a loira relata cada detalhe do seu encontro com Milena, e o comportamento da minha garota me parece estranho pra caralho. Se o que Blake me disse for verdade, há grandes chances de Milena ser mesmo uma espiã e ter me enganado.

Meu sangue ferve com a possibilidade, mas a bomba explode quando Blake cita que Milena disse a palavra pai no telefone antes de seguir com o soldado da máfia de Nova York.

Meu pai troca olhares com Otto e meu irmão abre a boca.

— Há alguma chance de ela ser da máfia de Nova York?

— Há alguma chance de Milena ser parente de Charles Ricciardi? — Nosso Don devolve a pergunta, olhando para mim dessa vez.

— Por que está dizendo isso? — questiono.

— O Don da Cosa Nostra americana não permitiria que um de seus homens entrasse em nosso território sem nossa autorização, a não ser que fosse por algo extremamente importante.

— Ainda mais para buscar a garota do Dan — Otto comenta.

— Não tinha como ele saber que ela era minha garota — rebato.

— Os paparazzi vazaram fotos de vocês quando você a levou para jantar — Liam argumenta e nego com a cabeça.

— Eu paguei para os fodidos sumirem com tudo.

— Isso não significa que elas tenham sumido totalmente. — Meu pai completa e solto o ar, incrédulo.

— Não. Milena não tem vínculo com a máfia de Nova York.

— Pense, Dan. Por que os homens de Ricciardi entrariam em uma cidade dominada pela Outfit sem a nossa permissão?

— Seria uma afronta à Outfit — Liam diz. — Quase como declarar uma guerra.

— Exato. Eles só fariam isso se Milena fosse importante — Otto insiste e isso faz meu estômago embrulhar.

— Se ela fosse uma simples espiã, ela teria sumido sozinha. — Meu pai fala e encara Blake em seguida. — Tem certeza de que Milena foi embora por vontade própria?

— Tenho — responde, sem qualquer firmeza.

Volto a sacar minha arma e miro bem no meio da testa dela.

— Se mentir na minha cara, vou explodir seus miolos. Então tome cuidado com a informação que está passando, vadia.

Blake engole em seco e encara o chão.

— Eu… eu não sei. Ela realmente me disse tudo o que falei para vocês, mas ela estava estranha enquanto conversava no telefone. — A loira volta a olhar em meus olhos. O medo é evidente neles. — Quando ela falou *pai*, parecia que ela estava implorando… e o homem que a tirou da cafeteria não pareceu tão amigável também.

— Ela foi obrigada a partir. — Meu pai conclui e disca um número em seu telefone, saindo do closet em seguida.

Estou tão cego de raiva que destravo a arma.

— Eu vou te matar, filha da puta! Você tentou jogar minha mulher contra mim!

— Porque eu amo você! E eu estou grávida, preciso de você mais do que tudo! — berra e meu cenho se franze.

— O filho não pode ser meu. Não te fodo há seculos e sempre usei camisinha!

— Não é seu, mas pensei que… que você poderia assumir e a gente construiria nossa família juntos. Eu amo você, Dan. Por favor. Sempre amei.

— Essa filha da puta é louca, só pode — Liam bufa e levo o dedo ao gatilho para atirar, mas Otto nega com a cabeça.

— Ela já está perdida o suficiente. Não tenha o sangue de uma mulher grávida nas mãos — fala com sua voz autoritária e hesito, ponderando sobre suas palavras.

Suspiro, me dando conta de que ele está certo, e abaixo a arma. Meu olhar sobre Blake é de ódio e nojo. Ela se encolhe ao receber minha atenção.

— Dê o fora daqui! Eu nunca mais quero olhar pra sua cara, entendeu? E se você cruzar meu caminho de novo, eu juro que vou matar você!

— Dan… — soluça.

— Saia da cidade — Otto ordena, olhando para ela. — Ele não está brincando. Não subestime a ira do meu irmão.

Ela não precisa de mais que um segundo para sair correndo e disparar para fora do meu apartamento. Nem tenho tempo de pensar nessa garota, pois meu pai volta com o telefone em mãos e olha para mim.

— Pedi ao Serviço de Inteligência para conseguirem uma foto da filha de Charles Ricciardi.

— Está suspeitando que Milena seja filha dele? — Liam indaga.

O mundo parece parar.

— Impossível. — Minha mente rejeita a informação imediatamente. Isso já foi assunto meses atrás. A filha do mafioso sofreu um acidente de avião enquanto vinha do Brasil. — Ela está morta.

— Nunca houve um velório. Nunca acharam o corpo — Otto reforça a teoria do meu pai e nego com a cabeça mais uma vez.

— Se ela fosse filha dele, Charles Ricciardi não precisaria forçá-la a ir embora com seu soldado — argumento, agarrando-me à última linha de lógica que me resta. — E ele jamais permitiria que ela trabalhasse como dançarina em uma boate.

— A não ser que ela estivesse aqui escondida. Uma nova identidade,

talvez? — Liam sugere.

Meu peito aperta. Eu me lembro de como Milena ficou aflita quando eu disse que investigaria seu passado. E eu, fodido, lhe dei um prazo, confiando nela.

— E como o Ricciardi esperou tanto tempo para vir atrás dela? — rebato, desesperado para provar que essa história não passa de um engano.

Precisa ser, porra.

O que vivemos foi real. Ela está grávida, não está?

Isso se o filho em seu ventre for realmente meu.

O pensamento faz meu estômago embrulhar, mas mantenho a compostura.

Milena era virgem. Ela manchou meu pau com o sangue da sua virgindade e, a partir desse dia, meus homens sempre mantiveram os olhos em cima dela. Ela não teve a chance de ficar com outro.

— O avião da filha dele caiu no mar e nunca encontraram o corpo. Na época, não havia muitos motivos para suspeitar de nada. Mas talvez Milena tenha conseguido escapar. — Meu pai fala sem tirar os olhos do celular, esperando uma resposta. — É uma hipótese.

— E se for comprovada, quer dizer que ela mentiu para todos? — *Inclusive para mim.*

Minha mandíbula se trava. Tudo isso parece um pesadelo absurdo.

— Nenhuma mentira se sustenta para sempre. — Otto fala com frieza.

O celular do meu pai vibra. Ele respira fundo ao ver a mensagem e, ao virar a tela para mim, meu sangue gela.

Na foto, Milena está sorrindo.

Não, não é *Milena*.

— Essa é…

— Isabella Ricciardi — meu pai me interrompe. — A filha do Don da máfia de Nova York.

O silêncio que segue no cômodo é ensurdecedor. Nunca me senti tão idiota diante da minha família como agora.

Eu prometi à Milena que lhe daria tempo antes de investigar seu passado. Acreditei que ela precisava se sentir confortável comigo. Eu quis confiar.

Mas eu já deveria saber. No nosso mundo, confiar em alguém é assinar a própria sentença de morte.

Ela mentiu.

Ela me enganou.

E eu caí como um idiota.

Foda-se. Vou lidar com essa mentira depois. Porque agora, com o meu filho crescendo dentro dela, não há a menor chance de deixá-la longe de mim.

— Vou mandar preparar um jato! — aviso, sentindo o sangue ferver. — Nem que eu tenha que explodir Nova York, mas ela vai voltar para o meu domínio.

— Você ainda a quer? Mesmo depois das mentiras? — Liam pergunta. Não há provocação, apenas curiosidade.

Eu rio, sem humor.

— Estou me fodendo para ela. — Minto descaradamente, com os punhos cerrados. — Mas o meu filho? O filho da puta do Ricciardi nunca vai encostar um dedo nele!

Liam apenas assente. Dou um passo em direção à saída, mas a voz de Otto me faz parar.

— Espere.

Viro para ele, minha paciência por um fio.

— O que foi agora?

— Os Ricciardi pertencem à Cosa Nostra.

Minha mandíbula se contrai.

— E daí? — solto, impaciente. — Não tenho medo dos italianos. Nem o diabo vai me impedir de trazê-la de volta.

— E daí que os italianos são tradicionais — explica. — Podemos usar isso a nosso favor.

Forço a mandíbula.

— Em que está pensando?

Otto sorri, frio e calculista.

— Na única forma de trazer sua mulher grávida de volta sem nos colocar em outra guerra.



1 mês depois

Passo a mão em minha barriga e a pequena protuberância é quase imperceptível.

Já faz um mês que estou aqui em Nova York, deslocada, e minha vida tomou um rumo que jamais imaginei que teria.

Meu pai me tirou de Chicago de carro, mas viajei até ele em um jato particular de um empresário. Quando pousei em Nova York, diversos homens armados já estavam me esperando. Um homem alto de terno me analisava diante deles, e logo percebi que se tratava de Charles Ricciardi, o meu pai.

Eu não tive uma recepção calorosa. Muito menos emotiva, de um pai carinhoso que estaria aliviado por descobrir que sua filha estava viva. Ao invés disso, ele me mandou entrar no carro e eu, em silêncio, obedeci.

Sua expressão era dura e severa, e o medo cortou a minha espinha por isso. Mas usando o fio de coragem que ainda me restava, perguntei a ele se minha mãe estava bem. Ele apenas acenou em resposta.

Enquanto seu motorista dirigia por uma estrada deserta, comecei a me questionar qual seria o meu destino ou a minha punição.

De forma instintiva e inconsciente, passei toda a viagem com as mãos em volta da barriga, mas quando o motorista estacionou diante de uma fazenda e me dei conta do meu gesto, recolhi as mãos imediatamente, vendo que o olhar do meu pai estava sobre mim.

Eu não estava pronta para revelar a notícia a ele. Eu nem o conhecia. Para ser sincera, estar ao lado dele era a coisa mais estranha e aterrorizante que eu já tinha vivido.

Seu olhar era duro e frio, ele não se parecia nada com a imagem que passei a infância criando sobre um pai.

Então, para disfarçar a mão na barriga, olhei para ele e disse que estava com fome.

— Há comida lá dentro. Vamos.

Eu o segui para fora do carro e percebi que diversos homens de terno cercavam a propriedade.

— Sua família mora aqui? — perguntei.

— Não. Você não irá conhecê-los tão cedo.

Engoli o caroço que se formou em minha garganta e acenei, porque eu não seria tão estúpida de pensar que um mafioso cruel me receberia de braços abertos depois de eu ter fugido dele e fingido minha morte. *Seria?*

Aqui sou apenas uma prisioneira. Não sua filha.

Entramos no casarão de dois andares e percebi que era uma casa de campo com móveis de luxo. Provavelmente, Charles vinha aqui com sua família legítima para passar férias ou finais de semana.

— Seu quarto fica na última porta à esquerda — disse, apontando para o corredor. — Em breve vão trazer roupas para você. Há comida na

cozinha, coma o que quiser, mas esteja pronta em meia hora.

— Para quê?

Ele me direciona outro olhar frio.

— A equipe do laboratório virá colher seu sangue para fazermos o DNA.

Engoli em seco e acenei, sabendo que ele estava certo ao agir com a razão. Ele precisava garantir que eu era mesmo sua filha. E algo me dizia que, se esse resultado desse negativo, meu destino não seria tão bonito assim.

Comecei a andar na direção em que ele apontou meu quarto, mas sua voz grossa me parou.

— Não saia daqui sem minha autorização. Meus homens estarão vigiando cada respiração sua. — Seu tom era frio e cruel.

Eu me virei lentamente para observá-lo.

— Você vai me manter presa aqui?

Seu maxilar travou com minha pergunta.

— Sua existência vai gerar dúvidas sobre a efetividade do meu comando na máfia. Como vão confiar em mim se não percebi que minha filha estúpida de dezoito anos estava viva e bem debaixo do meu nariz?

Minha garganta secou, mas ele estava certo.

— Algum dia você irá me perdoar?

— Você não deveria ter fugido. Sua rebeldia vai me custar caro.

Apenas abaixei a cabeça e acenei, pois não podia começar uma briga com o homem que tinha minha vida em mãos naquele momento.

Mesmo que eu quisesse dizer a ele todos os motivos que me fizeram fugir.

Mesmo que eu quisesse desabafar e dizer que, pela minha vontade, eu também não estaria aqui… eu continuaria sendo a Milena em Chicago. A garota do Dan.

Mas tudo mudou.

Escutei um suspiro audível partindo dele e esperei antes de voltar a andar.

— Isabella, meus homens estão descobrindo tudo o que você fez em todo esse tempo, mas há algo que, se você me contar, irá facilitar muito as coisas para nós — falou e olhei para ele de novo. — Você se manteve pura ou se deitou com o maldito Belinni?

Pureza.

O homem que se dizia meu pai não me abraçou quando me viu, não me perguntou se eu estava bem e não fez a menor menção de querer me conhecer de verdade ou entender meus motivos para ter feito o que fiz.

No entanto, minha virgindade foi um assunto inadiável em nosso primeiro contato.

Sua pergunta me fez querer avançar em cima dele e socá-lo. Foi esse um dos principais motivos que me fez fugir do seu domínio, saber que *minha pureza* era a coisa mais valiosa na máfia, que seria usada como moeda de troca para favorecer os interesses da máfia.

E por mais que eu devesse recuar e responder com humildade, dessa vez eu não aguentei. Ergui meu queixo e dei um sorriso sarcástico.

— Eu saí do Brasil pura, mas o seu país me corrompeu — falei com diversão. — Talvez, se você tivesse me achado antes, eu ainda estaria pura e poderia ser útil em um de seus acordos na máfia.

Ele cerrou os punhos, mas não me importei com sua raiva. Voltei a caminhar para o meu quarto e fechei a porta assim que entrei no cômodo, me dando conta de que ela não tinha chave. Nem essa liberdade ele me permitiria ter. Eu estava, oficialmente, em uma gaiola.

Respirei fundo e corri para o banheiro do quarto, percebendo que, pelo menos, essa porta tinha chave. Eu a tranquei com toda a minha raiva, desabando no chão e colocando as mãos sobre o rosto.

Por que isso estava acontecendo comigo? O que Charles Ricciardi faria quando descobrisse que eu estava grávida de Dan Belinni?

Minha cabeça girou e meu estômago embrulhou. Engatinhei até o vaso com o corpo tremendo e soltei tudo o que meu estômago quis liberar.

Meu coração doía, o medo estava me paralisando… mas pelo menos a porta estava trancada e eu estava sozinha. E foi só então que me permiti chorar.

Chorei tanto que, depois de um banho rápido, acabei dormindo. Fui acordada pela equipe do laboratório que nem me cumprimentou antes de colher a amostra de sangue.

Eu estava sendo tratada como uma prisioneira e nada faria meu pai mudar isso.

Apesar da náusea e da falta de fome, me forcei a ir até a cozinha e comer algo pelo bebê. A cozinheira me entregou uma bandeja com meu jantar e me lançou um olhar de desprezo antes de voltar para suas tarefas.

Eu me sentia pequena, suja, uma criminosa, mas engoli o orgulho e comi um pouco da comida. Pelo menos, estava gostoso.

Voltei para o quarto e continuei chorando até dormir. Meu mundo parecia desabar, mas acariciei a minha barriga a cada vez que pensei em desistir.

Eu encontraria uma saída. Pelo meu bebê, eu lutaria até ficarmos bem.

Nada melhorou pelas próximas semanas.

Ninguém falou comigo e eu fui tratada apenas como uma prisioneira. Eu não tinha permissão para sair da propriedade e passei meus dias lendo os livros da pequena biblioteca.

Por sorte, encontrei alguns romances e eles me mantiveram ocupada. Eles eram como uma válvula de escape da minha realidade, embora a cada vez que eu lia uma história de amor, minha mente insistia em voltar para Dan Belinni.

Ele não me procurou. Pelo menos, isso significava que ele estava seguro, certo? Então por que doía tanto saber que ele me deixou ir tão fácil? A essa altura, ele já deveria saber de tudo o que havia acontecido.

Talvez ele estivesse com Blake agora.

Meu pai voltou à fazenda algumas vezes, mas seu olhar parecia ter ainda mais raiva de mim a cada vez que me via. No entanto, como eu ainda estava viva e em sua casa, deduzi que o resultado do DNA tinha dado positivo.

Eu me sentia tentada a pedir permissão para ir a um médico, afinal, eu queria muito começar meu pré-natal, mas o medo de ser obrigada a fazer um aborto era ainda maior. O mesmo desejo florescia em mim sobre ver a minha mãe, mas eu também temia que ele pudesse fazer algo contra ela para me atingir como punição pela minha rebeldia.

Se eu estava ali, cumprindo o nosso acordo, como ele ordenou, eu esperava que ele também tivesse poupado a vida dela.

Por fim, depois de um longo período de desprezo, Charles apareceu em meu quarto e me disse que eu sairia. Mal contive a minha empolgação quando ele me entregou um vestido de gala e me disse que uma equipe viria me arrumar às seis.

Pensei em recusar a ajuda, já que eu sempre amei me maquiar e arrumar meu cabelo, mas estava tão grata por pelo menos ver outras pessoas que acenei e sorri.

Agora estou aqui.

Minha roupa, um vestido longo e creme colado ao corpo, modelando minhas curvas de forma impecável; meu cabelo está preso em um rabo de cavalo alto e várias joias enfeitam minha pele. A maquiagem tem tons de dourado e minha sandália é da mesma cor. Estou parecida com uma deusa grega e o pensamento me faz sorrir.

Talvez eu esteja lendo romances demais.

Ouço uma batida na porta e tiro a mão da barriga antes de dizer para que entre. Meu pai entra no quarto e também usa uma roupa de gala. Ele está muito bonito em seu terno formal e me pergunto se foi por sua aparência que minha mãe se apaixonou por ele. Charles é um homem realmente bonito.

Uma sombra de sorriso aparece em seu rosto quando ele me vê e o pensamento de que finalmente ele esteja me aceitando em sua vida me faz

relaxar.

Quem sabe hoje não serei apresentada à sua família e poderei ter uma vida minimamente normal?

Se isso acontecer, é mais fácil manter meu bebê seguro.

— Você está bonita, Isabella.

É a primeira vez que ele me diz algo bom desde que nos conhecemos. Sorrio em resposta, mas lágrimas se acumulam em meus olhos com suas próximas palavras:

— Eu queria que as coisas fossem diferentes — suspira. — Quando mandei te trazer do Brasil, eu tinha planos para você. Queria me aproximar de você, recuperar o tempo perdido e te encher de luxo e de viagens que meu dinheiro pudessem te oferecer. Eu já tinha arranjado seu casamento com um homem da minha confiança e você seria feliz. Mas você estragou tudo — fala, deixando claro seu ressentimento. Ele encara minhas joias e sacode a cabeça, como se quisesse voltar ao foco. — Bom, pelo menos, seu noivo gostará do resultado.

Meu corpo estaca no lugar.

— O quê?

Charles Ricciardi segura meu pulso e não há mais indício do homem quase carinhoso que falou comigo instantes atrás.

— Seu noivo está te esperando lá embaixo. Hoje você irá se casar.

Pânico. Medo.

O instinto de luta e fuga me preenche e tudo o que quero fazer é fugir.

Tento me soltar do seu agarre, mas ele é muito mais forte. Nesse instante, dois homens enormes e armados aparecem na porta, deixando claro que não hesitarão antes de me arrastar até lá embaixo.

— Eu… eu não posso. Por favor, eu não posso — imploro, soluçando.

— Por causa da gravidez? — pergunta e o choque domina meu rosto. — Você pensou que eu não descobriria suas merdas, Isabella? Você ultrapassou todos os limites e eu juro que só não te forcei a abortar porque

isso vai contra nossas próprias regras. Eu não toco no que tem meu sangue.

Envolvo minha barriga com um braço, em um gesto protetor, enquanto as lágrimas rolam pelo meu rosto.

— Eu estou grávida… — sussurro. — Você vai me obrigar a casar mesmo assim?

— Fiz um acordo com um homem que não se importa com o seu estado — fala, fazendo meu estômago embrulhar.

— Esse homem vai querer me tocar grávida!

— Você vai pertencer a ele e isso não será mais problema meu.

— Por favor… pai… — choro, mas ele me segura com mais força enquanto me arrasta pelo corredor.

— Não me chame dessa forma. Você não é digna de ser uma Ricciardi. Você só não trouxe vergonha à família porque fiz questão de não divulgar que você está viva. Para todos, você morreu naquele avião e, para ser sincero, para mim também. Esta é a última vez que nos veremos.

— E a minha mãe? — pergunto, temendo por ela.

— Aquela puta está no Brasil. Ela ainda pensa que você está morta, eu nunca a tirei de lá. Mas sua burrice não te fez nem questionar se eu estava falando a verdade no telefone. É muito fácil manipular você, Isabella. E é por isso que não há lugar na minha máfia para você.

Meu coração dispara com suas palavras. Ele mentiu o tempo todo, mas não é isso o que ele me preocupa.

Se não há lugar para mim em sua máfia, quer dizer que ele me entregou a outra?

Meu Deus! Se nem meu próprio pai teve honra comigo, o que esperar do homem que ele arranjou para mim?

Meu estômago embrulha só de imaginar sua aparência. Sem dúvidas, Charles deve ter escolhido isso para me punir também.

Meu pai e seus seguranças me arrastam pelo corredor comprido, mas antes que eu possa descer e encarar de frente o homem que será meu futuro

marido, Charles me sacode com força e me faz olhar para ele.

— Pare de agir feito uma menina mimada. Seu destino poderia ser muito pior, acredite. Eu só selei este acordo porque recebi uma proposta muito vantajosa e era a forma mais fácil de lidar com o problema que cresce em você — fala, apontando para a minha barriga.

Meu sangue ferve quando ele se refere ao meu bebê desse jeito, mas já estou fodida demais para arriscar descer as escadas com um olho roxo.

As palavras dele não me importam. Esse homem não me importa. E só não estou aliviada de sair do seu domínio porque tenho certeza de que ele me arranjou um castigo ainda pior.

Uma música clássica começa a tocar e estremeço. Os seguranças se afastam e meu pai enrola meu braço no dele, como um pai carinhoso faria para guiar sua filha até o altar.

Hipócrita.

Enxugo as lágrimas e engulo em seco, dando os primeiros passos junto com o homem que me leva até o matadouro.

De onde estamos, não consigo ver nada lá embaixo, mas considerando que ele disse que não divulgou a notícia que estou viva, deduzo que não é uma cerimônia grande.

— Sorria, Isabella — ordena, mas não o obedeço dessa vez. Quando finalmente paramos em cima da escada e consigo avistar as pessoas lá embaixo, meu sangue gela e meu coração parece que vai saltar pela boca.

Porque meus olhos encontram os *dele*.

Ainda maior e mais forte, se isso for possível… mas, sem dúvidas, com a feição ainda mais letal.

Dan Belinni está de terno, na frente do seu pai e dos seus irmãos, olhando diretamente para mim.

É com ele que eu vou me casar.



Minhas mãos ficam trêmulas enquanto meu pai me ajuda a descer os degraus. Ainda estou com raiva e com nojo por tudo o que ele me disse, mas eu não me importo com isso agora. O alívio me toma a cada passo que dou em direção a Dan Belinni.

Seus olhos percorrem meu corpo, mas sua atenção se mantém em meu ventre por tempo demais.

Ele sabe. É óbvio.

E se ele está aqui… isso significa que meu bebê está seguro. Ou, ao menos, é o que espero.

Meu coração se aquece e as borboletas em meu estômago viram cambalhotas enquanto me aproximo do mafioso que preencheu cada um dos meus sonhos e desejos.

Se eu pudesse escolher, eu jamais o deixaria, e meu corpo me lembra disso assim que seu perfume chega até mim.

Estremeço de saudade.

Saudade do seu toque, do seu cheiro, da sua proteção… saudade de como ele, e só ele, conseguia me fazer sentir a pessoa mais especial do mundo, independentemente da minha origem ou classe social.

Mas então, quando finalmente nossos olhares se cruzam, um arrepio percorre meu corpo. O calor que senti um segundo atrás é esmagado pelo desprezo que brilha em seus olhos. Dan me encara com ódio antes de desviar o rosto, assim que sorrio para ele.

Meu sorriso morre ali.

Minha garganta fecha e tenho vontade de chorar, mas engulo as lágrimas e digo a mim mesma que essa sensibilidade exagerada é somente mais um sintoma da gestação.

Há pouquíssimas pessoas na sala. Meu pai, alguns homens de terno representando a Cosa Nostra americana, os homens da família de Dan e o que parecem ser soldados armados das duas máfias.

Ninguém sorri e todos estão em posição de ataque, agindo como se pudessem atirar a qualquer momento.

Um clima maravilhoso para um casamento, eu diria.

Meu pai entrega minha mão ao caçula dos Belinni, mas Dan não se dá ao trabalho de me olhar. A indiferença dele me machuca e, mais uma vez, quero chorar.

De todas as vezes que imaginei meu casamento, jamais pensei que seria tratada dessa forma pelo meu noivo.

Engulo a dor e me esforço para conter as lágrimas quando sua mão quente aperta a minha com firmeza. Um gesto que não carrega afeto, mas posse. Como se ele estivesse garantindo que eu não fugiria.

Mas para onde eu iria?

Se ao menos ele soubesse que nunca quis deixá-lo… que chorei todas

as noites longe dele… talvez, só talvez, me tratasse com menos frieza agora.

— Dan — sussurro, quase como uma súplica.

Ele nem sequer me olha.

Sem hesitar, me guia até o padre, que não faz questão de me encarar. Seus olhos estão fixos apenas em Dan, como se eu fosse invisível.

E essa é só mais uma vez em que sinto na pele o peso de ser uma princesa da máfia.

Um único deslize, um erro que saia dos padrões impostos, e serei punida, rejeitada, ignorada. Mulheres não têm valor além de gerar os herdeiros desses homens. Minha gravidez, muito provavelmente, é o único motivo pelo qual Dan está aqui.

O padre celebra nosso casamento e, por mais irônico que pareça, percebo como os mafiosos se apegam a rituais religiosos.

Hipócritas.

Saber que meu bebê nascerá nesse mundo me dá um arrepio, e, como se sentisse minha hesitação, Dan aperta minha mão com ainda mais firmeza, quase como um aviso.

Um impulso me faz levar a outra mão ao ventre, acariciando-o sem pensar. Quando me dou conta, olho para o lado e vejo Dan observando meu gesto com o maxilar travado.

O ar escapa dos meus pulmões. Solto meu ventre no mesmo instante, assustada. Não reconheço esse homem ao meu lado. Nem quando ele me perseguia com sua obsessão eu me sentia tão vulnerável quanto agora.

A cerimônia é rápida e logo o padre pronuncia os votos. Apesar da insatisfação clara, Dan não hesita ao dizer “aceito” e, quando chega a minha vez, me pergunto o que aconteceria se eu dissesse “não”.

Talvez eu fosse morta. O que não sei se seria algo totalmente ruim, considerando que não tenho ideia do que vai acontecer comigo de agora em diante.

No entanto, não é a minha vida que está em jogo. É a do meu bebê. E

é por isso que engulo todo o meu orgulho e visto a máscara de submissa, dizendo o que todos esperam ouvir e deixando que o mafioso coloque uma aliança em meu dedo.

Assim que o padre nos declara casados e pede para que meu marido me beije, sinto cada célula do meu corpo se contrair com a necessidade. Porque por mais contraditórios que meus sentimentos e pensamentos estejam agora, depois que fugi, eu cheguei a pensar que nunca mais o beijaria de novo.

Dan me encara e vejo a dúvida em seus olhos. Em um gesto automático, fecho os olhos, esperando sua aproximação. Desejando que ele faça isso.

— Não é necessário. Ela está grávida, a aliança já foi selada. — Sua voz corta o silêncio e abro os olhos, me sentindo exposta e humilhada.

Mal tenho tempo de processar a informação quando sua mão vai para a base das minhas costas e ele me guia para fora da mansão na fazenda. Dan não se dá ao trabalho de se despedir do meu pai e nem eu tenho tempo de fazer isso, embora também não tenha a menor vontade de me despedir do homem que me chantageou e me aprisionou.

Ele me coloca em um carro e dirige para longe da propriedade dos Ricciardi, sem me olhar outra vez. Dan fica em silêncio e faço o mesmo, cansada demais para tentar lutar contra meu destino.

O mafioso para em um heliponto e me ajuda a sair do carro, sua mão possessiva agarrando meu quadril com mais firmeza quando o vento provocado pela hélice de um helicóptero levanta um pouco o meu vestido.

Sem a menor dificuldade, Dan me coloca no banco da aeronave e passa o cinto de segurança ao meu redor, mas antes de fechá-lo, encara minha barriga com hesitação.

— O cinto está pressionando seu ventre?

A preocupação em sua voz faz meu coração errar uma batida. Talvez ele não tenha se transformado em um monstro de gelo, afinal.

Nego com a cabeça e ele me dá um aceno curto, colocando *headsets* de aviação em nós dois antes de prender o próprio cinto.

Seu pai e seus irmãos também entram no helicóptero e Dan faz um sinal para que o piloto decole, então, segundos depois, estamos no ar.

O clima é tenso e o silêncio é pesado. Dan e seus irmãos mantêm contato visual como se fossem capazes de se comunicar sem a necessidade de palavras.

Enquanto me distancio de Nova York e do domínio do meu pai, uma parte de mim fica com medo do que vou enfrentar de agora em diante. Entretanto, a outra parte… a outra parte está feliz porque estou voltando para casa.

Para o domínio do mafioso que *escolhi* me entregar.

E por mais que nossa relação pareça uma merda neste momento, Dan Belinni é mais do que o pai do meu bebê agora.

Ele se tornou meu marido.

E eu sei que ele não vai me machucar.



Assim que pousamos em Chicago, uma ambulância com uma equipe médica nos espera juntamente com vários carros blindados.

— O que é isso? — pergunto.

— Quero saber como está o meu bebê — responde secamente, me tirando do helicóptero com um cuidado que sei que não é por minha causa.

Ele só quer o bebê. Já deixou isso claro.

Dan se despede da sua família e entra comigo na ambulância, sem me dar a chance de retrucar. A equipe médica entra em outro carro e apenas um médico e uma enfermeira ficam junto com a gente, ambos evitando cruzar o olhar com o mafioso.

— Isso é um exagero. Eu não estou doente.

— Nada é exagero quando se trata da saúde do meu filho — responde com autoridade e a enfermeira pede licença para medir minha pressão.

O silêncio se estende até a clínica e, quando chegamos, sou guiada até um quarto com vários equipamentos e pessoas paramentadas. O tempo todo a mão de Dan está em mim e sua postura arrogante deixa todos na sala claramente hesitantes.

Um movimento errado e todos sabem que ele é capaz de atirar.

— Senhora Belinni, posso te acompanhar para a troca de roupas? — Uma enfermeira mais velha me pergunta e engulo em seco ao escutar meu novo sobrenome.

Respondo com um aceno e ela vai comigo até um vestiário, sendo carinhosa e cuidadosa enquanto me ajuda a tirar o vestido de gala e substituí-lo por uma camisola de hospital.

Quando estou pronta, a mulher me dá um sorriso carinhoso e isso é suficiente para me fazer chorar.

— Como minha vida se tornou essa bagunça? — Apenas movo os lábios, incapaz de pronunciar qualquer palavra.

A mulher se comove com minha dor e me abraça, e o calor dos seus braços me lembra da minha mãe.

E de como sinto saudades dela.

Nós nos separamos e ela sorri enquanto enxugo as lágrimas, mas assim que saio do vestiário com os olhos inchados, vejo meu marido me esperando no corredor.

Seu maxilar trava quando encara meu rosto e, segundos depois, saca sua arma.

— O que ela fez? — Dan pergunta e pisco, assustada, ao ver sua arma apontada para a enfermeira bondosa. Ele encara a mulher com ódio e ela engole em seco. — O que você disse que a fez chorar, porra?!

— N-nada! Ela não fez nada! — falo com desespero e ele estreita os olhos, sem abaixar o revólver. — Eu só sinto a falta da minha mãe… e quando essa mulher me abraçou, eu não me senti tão sozinha!

Ficamos parados por alguns segundos, mas Dan logo suspira e guarda sua arma, estendendo a mão para mim.

— O médico está te esperando — ele avisa, e, exausta demais para discutir, apenas assinto e o acompanho.

Pelas próximas duas horas, sinto-me como um rato de laboratório. Sou examinada de todas as formas possíveis, e Dan não se afasta de mim nem por um segundo. Sua presença constante deveria me confortar, mas sua frieza é um golpe silencioso que machuca mais do que qualquer palavra. Tento focar no meu bebê, na razão pela qual estou aqui, e isso torna tudo um pouco mais suportável.

Quando o médico liga o ultrassom e o som dos batimentos preenche a sala, meu mundo muda. As lágrimas escorrem antes que eu possa contê-las, e um soluço emocionado escapa dos meus lábios. O coraçãozinho dele bate rápido, forte, cheio de vida.

— É forte — Dan murmura, e, pela primeira vez no dia, vejo um lampejo de felicidade em seu rosto.

— O bebê está muito saudável, o que é um ótimo sinal, considerando que a senhora Belinni ainda não fez nenhuma consulta pré-natal.

Engulo em seco quando Dan cerra os punhos. Sei que ele está furioso, que acredita que fui negligente, mas não me justifico. Tudo o que fiz foi para proteger nosso filho.

— Já consigo ver o sexo. Querem saber?

Dan permanece em silêncio, esperando minha resposta. Isso me surpreende e, no fundo, me deixa grata. É bom ter controle sobre pelo menos uma parte da minha vida.

— Sim, por favor — sussurro.

Dan solta o ar lentamente, como se estivesse aliviado.

O médico desliza o aparelho sobre minha barriga mais uma vez e então sorri.

— É uma menina.

Meu peito se aperta e, em um instante, tudo o que estava represado dentro de mim se desfaz. As lágrimas voltam com força, mas desta vez são de pura felicidade.

Uma menina.

Vou ser mãe de uma menininha.

Viro o rosto para Dan e o vejo sorrindo para a tela. Por um breve momento, seu olhar encontra o meu com ternura, mas logo ele volta à sua postura séria.

A consulta termina e o médico me passa uma série de recomendações. É Dan quem pega toda a papelada e garante que tudo será feito exatamente como precisa ser.

Agradeço à equipe e o mafioso me guia para fora, me colocando em um SUV preto. Penso que ele vai falar comigo sobre o bebê ou comentar sobre nomes de menina, mas eu já deveria saber que a esperança pode ser uma coisa estúpida demais.

Dan volta a ficar em silêncio até pararmos diante da mansão dos seus pais.

Não questiono a parada, pois talvez ele queira me apresentar oficialmente à sua mãe, agora que sou sua esposa. Então, tudo o que faço é deixar que ele me guie para fora em silêncio.

Entramos na mansão e ele vai direto para a cozinha, ordenando que uma empregada leve comida para mim. Meu estômago ronca com o cheiro da cozinha e ele suspira, me guiando até a escada.

— Eu não deveria ter te deixado tanto tempo sem comer.

— Está tudo bem. Eu não comia muito na casa do meu pai — falo

com sinceridade e ele para de andar no mesmo segundo, cerrando os punhos.

— Eu vou matá-lo.

Meu ar fica preso nos pulmões. Nego com a cabeça imediatamente.

— Não quero que ninguém se machuque por minha causa.

— Você é uma Belinni agora. Se alguém te fizer mal, será morto — afirma com a voz autoritária e engulo em seco.

— Ele ainda é o meu pai — sussurro, implorando por ele sem ter ideia do motivo. Charles Ricciardi merece morrer.

Eu só não quero que seja pelas mãos do meu marido.

Dan analisa meu rosto por alguns segundos e volta a me guiar pelas escadas. Não estou segura de que ele não vá tentar matar meu pai em uma próxima oportunidade, mas estou cansada demais para lidar com isso agora.

Ele me leva até um quarto espaçoso e a cama de casal com lençóis limpos e macios é mais do que um convite agora.

— Nós vamos dormir aqui? — pergunto.

— Você vai — ele responde, seco. — Nós não dormiremos juntos.

Meu coração aperta com suas palavras.

— Você vai para o apartamento?

— Sim, mas tenho trabalho a fazer. E aqui é mais fácil garantir que alguém esteja sempre de olho em você.

— Dan… nosso casamento vai ser só no papel? — minha voz sai hesitante, e odeio me sentir tão vulnerável.

— Esse casamento só existe por causa do bebê, Milena. Ou seria Isabella? — Sua voz carrega uma pontada de sarcasmo. — Eu não vou dividir a cama com uma mentirosa. Não confio em você.

Seus olhos me atravessam com tanta mágoa que instintivamente me abraço, como se pudesse me proteger do que ele está fazendo comigo. Dói ver que o machuquei. Dói mais ainda perceber que ele quer me ferir da mesma forma.

Dói saber que ele me odeia.

— Você acha que eu tentaria te machucar enquanto dorme?

Ele me olha com desdém.

— Você não conseguiria nem se tentasse. Mas o sangue Ricciardi corre nas suas veias, e eu não sei se seu pai te ofereceu algo para tentar me matar. Afinal, não é estranho que ele tenha entregado sua única filha de bandeja para um Belinni?

— Ele me detesta.

— Olha só… temos algo em comum, então.

— Por favor…

— Seu nome continuará sendo Milena. Foi uma das muitas condições do seu pai para aceitar esse acordo de merda. Ele não quer que o nome dele esteja ligado a você. A partir de agora, seu passado foi apagado, e a única coisa que existe é essa mentira que você construiu. Espero que esteja satisfeita.

Sua voz é fria, como se estivesse apenas fechando um contrato.

É isso o que sou para ele agora?

Dan se vira para sair, mas seguro seu braço antes que ele vá.

— Sei que está chateado, mas podemos conversar? — minha voz falha, e sinto as lágrimas queimarem meus olhos. — Pode ficar aqui comigo essa noite? Não quero dormir sozinha.

Ele para por um segundo e solta um suspiro pesado, sem me encarar.

— A aliança no seu dedo não muda o ódio que sinto por você. Mas como minha esposa, você terá conforto, luxo e proteção. Vou garantir tudo o que precisar, cuidar da nossa filha até meu último suspiro. Mas é só isso. Não vamos dormir juntos. Não seremos um casal de verdade. E eu nunca mais vou te tocar.

— E você vai tocar outra mulher? — minha mão aperta seu braço com mais força. — Vai me trair?

Dan fecha os olhos por um instante antes de soltar o ar lentamente. Então, se solta do meu toque.

— Durma. Você precisa descansar pelo bebê.

Sua fuga do assunto me faz ferver por dentro. Em um segundo, estou diante dele, empurrando seu peito.

— Antes de me trair, me dê o divórcio! — grito, empurrando-o de novo, sem força suficiente para movê-lo.

Ele ri com sarcasmo.

— Divórcio? Isso não existe na máfia. Você vai ter que me matar se quiser se livrar de mim.

Minhas mãos tremem, mas levanto o queixo e aponto o dedo para o rosto dele.

— Se você ficar com outra mulher enquanto estivermos casados, eu sumo com minha filha. Não escolhi essa vida, não tive escolha nesse casamento… mas eu juro que não vou permitir que minha filha cresça com um exemplo de merda como esse. Me traia, Dan, e eu desapareço da sua vida para sempre.

Ele não responde. Apenas segura meus braços com firmeza, mas sem me machucar, e me afasta para o lado.

Sem mais uma palavra, Dan sai do quarto, me deixando para trás.

Eu deveria correr atrás dele, insistir, exigir uma resposta. Mas assim que a porta se fecha, todo o peso do dia desaba sobre mim.

Deito na cama, enterrando o rosto no travesseiro para abafar os soluços, pensando se ainda há alguma forma de fugir de tudo isso… de tentar ser livre.

E a resposta é não.

Meu destino foi selado.

Estou presa a Dan Belinni para sempre.

O homem que um dia foi meu lar… agora se tornou minha gaiola.



DAN BELINNI

Encaro o homem ensanguentado no ringue enquanto a multidão grita meu nome. Já é o quinto oponente que eu derrubo por nocaute esta noite, mas nada parece suficiente para abafar o caos que se instalou dentro de mim.

Eu acabei de me casar.

Em uma situação normal, eu estaria na cama com a minha esposa agora, trepando e fodendo cada pedaço do corpo dela.

Mas não é uma situação normal.

Milena mentiu e me fez de otário diante da minha máfia e da minha família, e se não fosse pelo bebê que ela carrega no ventre, eu preferiria morrer do que buscá-la de volta.

Mesmo que cada parte de mim sinta falta dela. Mesmo que eu quase tenha perdido a cabeça e mandado meu orgulho pro inferno quando eu a vi

descendo a escada, pronta para se casar comigo.

Ela estava tão linda. Porra, ainda mais linda. Seu cheiro me invadiu e sua pele sedosa me fez ter a certeza de que eu a queria ao meu lado, embora eu nunca mais pudesse admitir essa merda.

Nosso relacionamento estava acabado antes mesmo de começar.

Tivemos um prejuízo fodido para negociar com a máfia de Nova York, pois eles sabiam que eu queria a garota e se aproveitaram da situação. Seu pai não estava nem aí para ela, mas se tratando da Outfit, ele fez questão de dificultar as coisas.

Eu sabia que, se não tivesse recebido a nossa proposta, ele a entregaria a qualquer soldado apenas para humilhá-la por sua desobediência.

Punições assim são comuns em nosso meio.

No entanto, era a vida do meu bebê que estava em jogo. E por ele, eu congelaria o inferno.

Aliás, por *ela*.

Vou ser pai de uma menininha.

Meu coração quase saiu do peito quando recebi a notícia. Me custou o inferno não me ajoelhar diante de Milena e idolatrar seu ventre, que continha apenas uma protuberância pequena. Seus seios já estão maiores e seu quadril, levemente mais largo, tudo para acomodar o meu bebê em seu corpo.

Como era possível isso deixá-la ainda mais linda?

Mas isso não importa. Nem sua beleza e nem sua gravidez vão mudar o passado e apagar a porra da sua mentira. Se ela tivesse me contado a verdade, eu daria um jeito de ficarmos juntos. Ela não precisaria ser ameaçada e nem humilhada pelo pai.

Eu não permitiria.

A raiva volta com tudo e a adrenalina bombeia em meu sangue, fazendo-me pedir por mais. Tudo o que eu queria era descarregar essa energia na minha esposa gostosa agora, mas isso é algo fora de cogitação para nós dois.

E é por isso que olho para a arquibancada e estreito os olhos.

— Próximo, porra!

As pessoas vão ao delírio, gritando e pedindo por sangue, implorando por uma luta sangrenta que sabem que eu sou capaz de dar.

Afinal de contas, aqui eu sou um mafioso letal e não há espaço para fraquezas ou vulnerabilidades.

Então, quando avisto um novo adversário entrando no ringue, sou tomado pela ira e deixo todos os meus problemas para trás.



MILENA BELINNI

Quando acordo, vou direto para o banheiro, me debruçando no vaso e vomitando tudo o que comi no jantar.

Uma das empregadas trouxe minha comida depois que Dan saiu do meu quarto e, apesar da exaustão, forcei o alimento para dentro, pois a saúde da minha filha se tornou minha prioridade.

Passo bons minutos despejando o conteúdo do meu estômago e, infelizmente, os enjoos matinais não são raros na minha gravidez.

Decido ir direto para o chuveiro e tomo um banho demorado, na tentativa de ficar mais apresentável. Estou na casa dos pais de Dan e não me sinto nada confortável de estar aqui, afinal, eu não tenho intimidade com eles.

No entanto, meu marido não confia em mim e não tenho voz o suficiente neste casamento para tomar minhas próprias decisões.

Assim que termino minha higiene pessoal, vou até o closet e encontro uma série de roupas com etiqueta. Não sei se minhas roupas antigas ainda estão no apartamento do Dan, mas escolho uma calça legging e uma blusa comprida de lã, completando o visual com um par de botas que aparenta ser caríssimo.

Encaro meu reflexo no espelho e faço uma maquiagem com os produtos que encontro na penteadeira para disfarçar o rosto cansado. Nenhuma maquiagem é milagrosa, mas pelo menos vou conseguir fingir que não estou destruída enquanto convivo com estranhos que são da família do meu marido.

Antes de sair do quarto, vejo uma caixa em cima da cama e percebo que é um celular. Meu pai destruiu o meu quando cheguei a Nova York e não tive o direito de ter outro, mas pelo jeito, Dan não se opôs ao meu acesso ao aparelho.

Um sorriso de alegria permanece em meus lábios enquanto configuro o iPhone de última geração e, assim que termino, ouço uma batida na porta. A voz da mãe do Dan me chama do outro lado e deixo o aparelho na cama, disposta a voltar para ele mais tarde.

Preciso conseguir o número de María de novo. Quero muito falar com ela.

Abro a porta e a mulher loira me dá um sorriso sincero e caloroso. Sem dizer uma palavra, ela se aproxima e me abraça, e o gesto inesperado me faz desabar.

Eu não deveria ser tão sensível, mas esses hormônios da gravidez estão acabando comigo e choro no ombro de Rebecca Belinni como se nos conhecêssemos há anos.

— Me desculpe. — Enxugo as lágrimas e me afasto, sem graça pela minha atitude repentina.

— Oh, querida, não se desculpe. Você é da minha família agora e eu vou estar aqui para te ajudar com tudo o que precisar.

Pressiono os lábios, contendo outra onda de choro, e agradeço seu carinho. Talvez estar na casa dos pais de Dan não seja uma ideia tão ruim assim.

— Vamos comer? Estou te esperando para tomarmos café da manhã juntas — fala com empolgação e a menor menção de comida faz meu estômago embrulhar de novo.

— Eu não sei se vou conseguir comer alguma coisa — explico, tocando meu ventre em um movimento automático.

O olhar dela segue minha mão e seu rosto fica iluminado. Ela volta a fitar meus olhos e estende a mão para mim.

— Vamos encontrar algo que pare em seu estômago. Eu também tive muitos enjoos na gravidez, então podemos testar o que funcionava comigo.

Dou um sorriso agradecido em resposta e seguro sua mão, e ela me guia até o andar debaixo como se fôssemos amigas de verdade.

É tão fácil gostar de Rebecca Belinni. Ela é tão gentil e amorosa…

O pior de tudo é que seu sorriso me lembra do sorriso *dele*. E seu lado gentil também se parece com ele, em todos os momentos em que ele tentou me agradar.

Lembrar disso me machuca.

Rebecca percebe minha mudança de expressão e para diante de mim.

— Milena… ou Isabella? Como você prefere ser chamada?

O carinho em sua voz deixa meus olhos marejados. É cuidado materno… e eu sinto tanto a falta da minha mãe.

— Milena — falo, pois a verdade é que não me vejo mais como Isabella. Eu não sou a mesma pessoa que eu era quando estava no Brasil.

— Milena, há algo que eu possa fazer por você? Eu não quero ficar fazendo perguntas e nem invadir seu espaço pessoal, mas saiba que pode me falar qualquer coisa que eu vou me esforçar para te ajudar. Confie em mim.

— Obrigada… acho que só estou um pouco cansada. Tudo aconteceu muito rápido — sussurro, encarando minha barriga. Levanto os olhos para olhar para a loira e decido esclarecer as coisas para que ela não pense mal de mim. — Eu não queria que as coisas fossem desse jeito. Eu menti sobre a minha identidade para sobreviver, para tentar viver uma vida livre…

— E agora você está presa a um mafioso — conclui e, pelo seu tom de voz, ela parece acreditar que eu não queria estar com Dan.

— Um mafioso que eu amo — confesso, dando a ela um sorriso triste. — Eu não fugi porque eu quis e, se eu pudesse escolher, jamais teria deixado seu filho. Sei que ele tem defeitos e que eu também tenho aos montes, mas eu aprendi a amá-lo e tudo o que eu mais queria era dar um lar de verdade para a nossa filha.

— Oh, querida…

— Mas o Dan me odeia agora — continuo. — E ele já deixou bem claro que isso nunca vai mudar.

Ela segura minha mão com carinho e olha no fundo dos meus olhos.

— Milena, uma coisa que você talvez não saiba ainda sobre os homens da máfia, é que eles são orgulhosos e preferem levar um tiro do que dar o braço a torcer. — Rebecca sorri e eu reluto, mas acabo sorrindo também. — Meu filho não é diferente, mas eu garanto que ele também ama você.

— Não parece.

— Dan não precisaria ter pedido sua mão por causa da gravidez. Se

ele não se importasse com você, ele poderia ter negociado sua vinda para Chicago sem um casamento envolvido. O bebê nasceria e ele teria poder para tomá-lo de você e criá-lo com uma outra esposa.

— O quê?! Eu jamais permitiria isso.

— Eu lutaria do seu lado — diz com sinceridade. — Mas os homens da máfia têm poder para fazer o que quiserem e te garanto que, se meu filho realmente odiasse você, ele não te pouparia do sofrimento. O Dan sabe ser cruel com seus inimigos, mas ele não te trata assim. Eu vejo como ele cuida de você.

— Isso é pelo bebê.

— Claro que ele se preocupa com a filha de vocês, mas considerando a quantidade de vezes que ele me ligou para saber de você… acho que vai muito além do bebê.

— Ele ligou? E disse o quê? — pergunto com a voz atropelada, odiando parecer tão afetada.

Rebecca sorri com minha reação.

— Sim, desde que foi embora, meu filho me fez verificar você dormindo algumas vezes em seu quarto. Ele queria saber se você tinha comido, se estava passando bem e todas as coisas que só um homem *que se importa* faria com uma mulher.

Sua fala mexe comigo e não consigo evitar a pontada de esperança que surge em meu peito.

E se ela estiver certa?

Rebecca me chama para a mesa de café da manhã e meu estômago ronca ao ver tanta coisa gostosa. Começo a comer como se eu estivesse passando fome há semanas e ela apenas me dá um sorriso satisfeito enquanto deixo minha educação de lado e ataco a comida.

A mãe do Dan puxa assuntos mais leves comigo, mas logo deixo minhas barreiras de lado e começo a me abrir com ela. Falo do meu passado, da minha mãe, da falta que sinto dela e de tudo o que passei até chegar aqui.

O tempo todo ela me direciona um olhar carinhoso e, a cada vez que

ela faz isso, mais à vontade fico para compartilhar meus segredos. Já não tenho mais nada a esconder.

Finalizamos o café falando sobre nome de meninas e ela me confessa que sempre quis ter uma filha. Ela diz que considera Amber como sua filha do coração e que sofreu muito quando ela foi embora.

— Mas agora eu tenho você. — Ela me diz, com um sorriso sincero. — Eu jamais vou substituir o lugar da sua mãe e não tenho a menor intenção de fazer isso, mas agora você é esposa do meu caçula e vou te tratar como se fosse minha filha.

Ela me chama para ir ao shopping fazer compras para a neném e aceito o convite, empolgada. Mas quando subo as escadas, uma onda de náusea me atinge e preciso correr para o banheiro para despejar tudo o que acabei de comer.

Lavo a boca e encaro meu reflexo no espelho, vendo o quanto estou pálida. Quando saio do banheiro, Rebecca está no quarto, olhando-me com preocupação.

— Vou chamar o médico.

— Não precisa, eu só quero me deitar um pouco.

Ela hesita e insisto.

— É sério. Os enjoos são comuns para mim. Só preciso me deitar e logo isso vai passar. Eu não deveria ter comido tanto — brinco, mas ela não sorri.

— Milena, não vou fazer nada sem que você concorde, mas eu preciso falar sobre seus enjoos com meu filho. Ele é seu marido e vai querer saber.

Suspiro e aceno, sabendo que não tenho escolha.

— Tudo bem.

Depois de verificar que estou bem, Rebecca me deixa sozinha e me deito na cama, ainda sentindo náuseas. No entanto, por um instante fico até grata por elas, porque enquanto penso no desconforto físico, minha cabeça fica distraída das dores que machucam o meu coração.



DAN BELINNI

Milena está dormindo profundamente e vê-la tão vulnerável me dá um aperto no peito. Eu deveria me manter longe, pois é difícil pra caralho estar perto e me conter.

Eu sinto falta de dividir a cama com ela. Sinto falta do seu corpo e do seu cheiro misturado ao meu todos os dias de manhã. Mas estou decidido a não ceder.

No entanto, quando minha mãe me enviou uma mensagem dizendo que ela estava vomitando, saí do escritório correndo e vim direto para cá.

Algum tempo se passa e eu continuo a observando dormir. Fico parado, em silêncio, sem fazer qualquer movimento que possa acordá-la. Minha mãe disse que ela estava pálida e que parecia exausta.

Porra. Eu queria que as coisas fossem diferentes.

Minha esposa se movimenta na cama e, quando abre os olhos, seu olhar vem direto para mim. Ela se endireita no colchão e usa o lençol para cobrir o corpo, como se eu já não tivesse visto e tocado cada parte dela.

— O que você está fazendo aqui?

— Vim verificar você.

— Eu estou bem. Pode voltar para os seus compromissos — resmunga e tenta se levantar, mas seu corpo cambaleia e eu vou até ela, pegando-a no colo.

— Você está fraca. Vou mandar que o médico venha te ver — afirmo, ignorando cada maldita sensação de prazer por poder tocá-la.

— Você não precisa fingir que se importa. Eu já entendi que nosso casamento é apenas uma conveniência pela gravidez.

Sua voz sai tão magoada que me sinto um babaca por fazê-la sofrer.

— Eu sou seu marido. Não preciso fingir. Eu já te disse que vou cuidar de você e te proteger até meu último suspiro, e chamar um médico para verificar sua saúde faz parte disso.

Meu tom sai frio e imparcial, indo contra qualquer merda que estou sentindo agora.

Foda-se. Sentimentos são um atraso do caralho.

Eu a coloco deitada na cama e, imediatamente, ela me dá as costas. Resisto ao impulso de me juntar a ela e puxá-la para os meus braços e pego o celular, convocando um dos médicos da Outfit.

Ele não demora a chegar e, depois de examiná-la, diz que é apenas um enjoo comum da gravidez. O homem passa alguns medicamentos que mulheres grávidas podem tomar e administra soro na veia da minha esposa para ajudá-la na hidratação. Ela perdeu muito líquido e realmente está fraca.

Antes de ir embora, o médico me chama em um canto e me diz que Milena está sensível e que precisa de todo o suporte agora, físico e emocional. Segundo ele, algumas mulheres sofrem mais com a gravidez e o apoio do marido é essencial.

— Aproveitem que estão recém-casados e a leve para passear — sugere com um sorriso.

A notícia do meu casamento já foi divulgada na máfia, mas todos pensam que eu me casei com a Milena, dançarina, e não com Isabella, a filha do mafioso de Nova York. Foi espalhado que estávamos apaixonados demais e que, assim que descobrimos a gravidez, fugimos e nos casamos em Las Vegas.

Cada fodido engoliu a notícia, afinal, ninguém ousaria desmentir a informação passada pelo Don, mas para conter a insatisfação coletiva, meu pai afirmou que depois que o bebê nascer, teremos uma cerimônia tradicional de casamento na igreja com a presença dos membros da máfia.

— Verei o que posso fazer — respondo e o homem vai embora.

Olho para dentro do quarto e minha mãe está conversando com Milena. As duas sorriem com cumplicidade e sinto uma satisfação do caralho ao vê-las se dando bem.

No entanto, a cena me faz lembrar da mãe dela e de tudo o que o fodido do Ricciardi nos contou. Ela ainda pensa que a filha está morta e, quando foi para Nova York, Milena não teve permissão de vê-la.

Sem pensar duas vezes, eu pego meu celular, providenciando que um dos nossos jatos vá até o Brasil para buscar a mãe dela.

Sei que nossa relação está fodida demais para ser consertada, mas se ela precisa de um suporte emocional, talvez sua mãe a faça feliz neste momento.

Posso ser um cretino cruel em muitos aspectos, mas ainda me importo com Milena.

É mais forte do que eu.



MILENA BELINNI

— Bella…

Ouço um sussurro baixinho e imediatamente reconheço a voz da minha mãe.

Sorrio. Faz tanto tempo que não a vejo em meus sonhos…

— Isabella, eu estou aqui.

Em um sonho mais real do que os outros, sinto suas carícias em meu cabelo e suspiro. É tão bom sonhar com ela.

— Filha, eu estou aqui, em Chicago. Abra os olhos, meu amor.

Meu coração dispara e abro meus olhos de uma vez. Eu me sento na cama e o ar fica preso em meus pulmões quando vejo a mulher diante de mim.

— Mãe!

Assim que eu a chamo, ela sorri.

— Eu estou aqui, meu amor.

Sem me importar com qualquer outra coisa, eu me jogo em seus braços, segurando-a tão forte como se isso fosse evitar que ela se afastasse. Ela retribui meu abraço e logo estamos soluçando, chorando e nos abraçando depois de muito tempo sem nos ver.

— Eu nem acredito que você está viva… Meu Deus, Bella. Uma parte de mim morreu no dia em que aquele avião caiu. — Ela chora e a culpa me invade.

— Me perdoe, mamãe. Eu menti para tentar ter liberdade, mas não sabia a proporção que tudo isso ia tomar.

— Nada disso importa agora, filha — diz e se afasta, segurando meu rosto entre as mãos. O jeito como ela me olha é como se ainda não acreditasse que estou aqui. — Às vezes, escondemos segredos para sobreviver… e proteger quem amamos.

Suas palavras me acertam como uma bomba, pois, pela primeira vez, eu entendo seus motivos para ter me escondido a verdade.

Ela queria me proteger do meu próprio pai… até que não foi mais capaz de fazê-lo. E pelo pouco que conheci ao estar dentro da máfia, entendi que quando um mafioso poderoso faz um decreto, não há como fugir.

Levo minhas mãos até meu ventre e sorrio para minha mãe.

— Há tanta coisa que quero te contar…

— Sua sogra me disse quando cheguei aqui — fala, com um sorriso no rosto. — Ela ficou com medo de eu não aguentar o baque de descobrir que minha única filha está viva, casada e grávida de um mafioso.

A situação parece trágica, mas começo a rir. Ela me acompanha e ouço uma terceira risada no quarto.

Olho para a porta e vejo que Rebecca Belinni está ali, com os olhos marejados de emoção. Já está escuro, o que indica que dormi o dia todo,

então ela usou esse tempo para trazer minha mãe para mim.

— Me desculpem, eu não quis interromper o momento de vocês. Só vim avisar que o jantar está pronto.

— Você não está interrompendo. Sente-se aqui com a gente — convido e ela nega com a cabeça.

— Podemos conversar no jantar? Você quase não comeu hoje — sugere, sem conseguir disfarçar a preocupação.

— Sua sogra está certa. Você precisa comer. — Minha mãe diz em inglês e percebo que sua pronúncia está bem melhor desde a última vez que praticamos juntas no Brasil.

Talvez ela tenha estudado o idioma para passar o tempo… ou para tentar distrair a mente e não pensar no luto.

Nós duas nos levantamos na cama e Rebecca me dá um olhar carinhoso quando me aproximo.

— Você passou muito tempo longe da sua mãe e sei que têm muitos assuntos para conversar. Ela vai passar alguns dias com a gente, então vocês terão tempo para matar a saudade.

— Obrigada — sussurro, realmente agradecida por seu gesto. — Obrigada por trazer minha mãe aqui. Você não imagina o quanto isso significa para mim.

Ela suspira e sorri.

— Foi ideia do Dan, querida. Ele quem mandou o jato buscá-la — responde e sua confissão me pega desprevenida. Com um olhar cúmplice, ela sussurra: — Eu disse que ele se importa com você.

Tento reprimir um sorriso, mas falho miseravelmente.

Saímos do quarto e vamos para a sala de jantar, que está apenas com três pratos na mesa.

— Expulsei meu marido e meus filhos do jantar hoje. É uma noite de meninas — Rebecca justifica e fico um pouco aliviada por sua atitude.

Eu queria mesmo um pouco de privacidade para estar com minha mãe

depois de tanto tempo.

O jantar é servido e passamos as próximas horas conversando e rindo da vida. Descubro que minha mãe arranjou um namorado e fico aliviada por isso, pois não queria que ela ficasse sozinha. Ela parece muito feliz com ele e me conta que ele a ajudou no processo do luto.

Rebecca conta histórias sobre a infância dos seus filhos e me divirto ao perceber que, desde pequenos, eles são impulsivos e controladores.

Ao lado das duas, parece que meus problemas desaparecem, mas uma parte de mim ainda insiste em querer que as coisas se resolvam entre meu marido e eu.

Antes de subir e me preparar para dormir, me aproximo da minha sogra e pergunto se ela pode me passar o número do Dan, já que meu celular é novo e não há nenhum contato salvo nele.

— Claro!

Segundos depois, o número dele está na tela do meu celular e meus dedos formigam pela vontade de ligar. Mas com certeza ele está ocupado e não quero incomodá-lo ou correr o risco de gerar mais raiva do que ele já sente de mim.

— Você gosta dele. — Minha mãe diz assim que voltamos para o quarto. Pedi para ela dormir comigo esta noite e ela não hesitou. — Eu nunca te vi ficar desse jeito por ninguém.

— É complicado…. mas eu o amo.

— E ele ama você.

Dou um sorriso triste.

— Não, ele me odeia.

— Ele só está chateado. Isso vai passar.

— Como você pode ter tanta certeza?

— Porque apesar de improvável, os caminhos de vocês se cruzaram e vocês se apaixonaram. Você fugiu de um mafioso, mas escolheu estar com Dan Belinni, apesar dos erros e defeitos que os homens desse mundo

carregam. — Ela dá um passo em minha direção e segura minhas mãos. — E mesmo magoados um com o outro, vocês ainda se amam. Eu sei que você sente falta do seu marido e tenho certeza de que ele está morrendo de saudades de você, mas pelo que entendi, vocês dois são orgulhosos demais para ceder.

— Mãe…

— Se esse casamento é importante para você, Bella, lute por ele. Não o deixe morrer. Não há nada de errado em assumir os próprios erros e pedir perdão. Às vezes, é melhor ser feliz do que vencer todas as batalhas. E lutar contra o amor que sente pelo seu marido só vai te fazer perder.

Ela leva as mãos até minha barriga e minha garganta arde. Quero chorar, mas me controlo.

— O amor de vocês deu um fruto, Bella. E isso é algo maior do que qualquer obstáculo — sussurra e libero as lágrimas, incapaz de me conter. — Se você o ama de verdade e quer ser feliz, lute por isso. Você sempre teve um bom coração e merece, mais do que tudo, ter sua família abençoada.

Ela me abraça de novo e entra no banheiro para tomar banho, mas desconfio que seja para me dar privacidade. Pego meu celular de novo e encaro o número do Dan na tela, cogitando se devo ligar.

Apesar do desejo, sinto que ainda não estou pronta para isso, então abro o aplicativo de mensagens e começo a digitar.

Milena: “Obrigada por ter trazido minha mãe. Significou muito para mim”.

Segundos depois, ele começa a digitar. Meu coração dispara em ansiedade.

Dan: “Você está bem?”

Sua pergunta me faz sorrir. Talvez minha sogra esteja certa. Talvez Dan ainda se importe comigo.

Milena: “Sim. Você está?”

Espero por bons minutos, mas ele não me responde dessa vez, como se tudo o que precisasse saber já tivesse sido esclarecido. Eu estou bem e essa era sua única dúvida.

Em vez de ficar magoada pelo seu vácuo, as palavras da minha mãe ecoam ainda mais forte dentro de mim.

É melhor ser feliz do que vencer todas as batalhas.

E talvez eu deva mesmo lutar pelo meu casamento.



MILENA BELINNI

1 mês depois

O último mês foi um mix de emoções.

Matei a saudade da minha mãe e fiquei grata por cada minuto que passamos juntas, mas mesmo depois que ela voltou para o Brasil, Dan não veio mais me ver.

Fui às compras com minha sogra e tentei ocupar minha cabeça com as dezenas de presentes maravilhosos que minha menininha ganhou, mas quando a noite chegava, era o calor do corpo dele que eu queria.

Sua ausência ficou insuportável.

Desde que nos casamos, ele nunca mais me tocou. E depois daquela manhã de enjoo, o único momento em que nos encontramos foi na consulta do pré-natal.

Ele não conversou comigo e tudo o que quis saber foi sobre o bebê, indo embora em seguida e pedindo a um motorista para me levar de volta para a casa dos seus pais.

Pensei em mandar mais mensagens, mas ele se fechou e eu decidi lhe dar espaço. Mas depois de encontrar María em uma tarde, o que ela me disse quase me fez surtar.

Minha amiga me contou que a prima de Robert estava trabalhando na equipe de limpeza do prédio de Dan, e que todos comentavam que ele só chegava em casa de madrugada ou depois que o dia amanhecia. Ele chegava suado ou com o cabelo molhado, como se tivesse tomado banho em outro lugar.

Assim que ouvi isso, a primeira coisa que pensei foi que ele estaria com outra mulher. O pensamento fez meu coração se partir.

Dan nunca me garantiu que seria fiel. E considerando que o mafioso é um homem faminto por sexo, duvido que ele esteja na seca enquanto estamos afastados.

Ele está longe de ser um santo.

Então, cansada demais de fazer papel de idiota, decidi que hoje eu o pegaria no flagra.

Ao invés de fazer tudo em segredo, contei a verdade à minha sogra e disse a ela que eu iria até o prédio dele às duas da manhã para esperá-lo. Eu não queria esconder nada dela e nem que ela pensasse que eu tentaria fugir, mas eu precisava fazer algo sobre a minha situação.

Para minha surpresa, ela me apoiou. Rebecca Belinni ficou ao meu lado e se ofereceu para ir comigo, mas apesar de estar agradecida pela sua ajuda, eu precisava lidar com ele sozinha.

Então, às duas da manhã, um dos soldados dos Belinni já estava me esperando diante da mansão para me levar até o prédio de Dan.

Não consegui pregar o olho, mas a ansiedade me tomava a cada rua que o carro percorria. Meu coração chegava a doer a cada vez que eu pensava no que iria acontecer se eu descobrisse que meu marido estava mesmo passando suas noites com outra mulher.

Eu o deixaria.

Mesmo que isso me matasse por dentro.

O soldado estacionou e saltei do carro, abraçando meu casaco para esconder do frio. O porteiro sorriu para mim ao me reconhecer.

— Senhora Belinni, quanto tempo!

— Estou passando um período na casa dos meus sogros, por causa da minha gravidez delicada — exagero, vendo a comoção no rosto do homem. — Mas hoje acabei saindo com uma amiga e decidi passar aqui para falar com meu marido. — Meu nervosismo me faz dar a mentira mais esfarrapada que eu já vi, mas o homem não parece notar. Talvez seja por causa da minha posição dentro da máfia hoje… ele não vai me desmentir ou me questionar. — Ele não está em casa, não é?

— Não, o senhor Belinni saiu às dez da noite e ainda não voltou. Quer que eu o avise que a senhora está aqui?

— Não, por favor. Quero fazer uma surpresa.

O homem me dirige um olhar de pena e meu coração se aperta, mas consigo manter a feição serena e agradeço, me sentando em um sofá. Pelo menos, é confortável.

Uma hora se passa e nada do meu marido chegar. Começo a ficar angustiada, mas quando vejo Liam Belinni entrando no prédio com três mulheres que se parecem modelos, eu me levanto imediatamente.

— Eu preciso falar com você — falo, me colocando diante dele.

O cenho do meu cunhado se franze assim que me vê sozinha.

— Meu irmão sabe que está sozinha aqui? Está tarde pra caralho e você deveria estar na cama. Você está grávida.

Solto o ar, incrédula.

— Seu irmão ainda não chegou, pelo visto. Até lá, quero falar com você.

Ele ri.

— Estou um pouco ocupado agora, cunhadinha — zomba, e as garotas ao seu lado dão risadinhas idiotas.

— Isso pode esperar. Meu assunto é urgente.

Liam estreita os olhos e sustenta meu olhar, mas logo encara minha barriga e suspira. Pelo jeito, o fato de estar grávida é um ponto a meu favor. Eles sempre cedem por causa do bebê.

— Me esperem lá em cima, bonecas. Em breve vou subir e foder todas vocês.

Ele acena para um segurança e o homem guia as três mulheres para o elevador. Liam aponta com o queixo para um corredor no térreo e eu o sigo até uma sala vazia.

— Podemos ficar aqui? — pergunto, encarando os sofás e a mesa de escritório.

— O prédio é da Outfit — explica. É *lógico que é.* — Se puder ir direto ao ponto. Tenho outros planos para esta noite.

— Dan tem outra mulher? — solto de uma vez. Liam escora o quadril na mesa e me encara por um longo momento. — Ele não dorme comigo na casa dos seus pais e descobri que sempre chega de madrugada aqui, suado ou com o cabelo molhado. Sem falar nas vezes em que voltou para casa depois do dia amanhecer.

— Você tem um informante em nosso território, Isabella?

— Não me chame assim.

— É o seu nome, não? — provoca.

— Prefiro Milena. E se puder parar de enrolar, isso nos pouparia tempo. Você poderia voltar para o seu *compromisso* mais rápido.

Liam suspira, impaciente.

— Você deveria perguntar isso ao Dan. Seu marido é ele, não eu.

— Ele não age como se fosse — rebato, a mágoa evidente em minha voz.

— Você quebrou a porra da confiança dele. O que esperava?

— Eu fugi porque fui obrigada! — minha voz se eleva. — Meu pai me ligou e não me deixou escolha.

— Estou falando das suas mentiras. Você jogou sujo e pediu para que ele respeitasse seu fodido tempo e não investigasse seu passado enquanto dormia na cama dele e fingia ser outra pessoa. — Ele sacode a cabeça e me dá um sorriso amargo. — O pior de tudo é que ele gostava de verdade de você.

Tento manter a postura, mas ouvir a palavra *gostava* no passado faz meu coração doer.

— E agora que ele não gosta de mim… ele me trai? — volto com a pergunta, sentindo cada parte do meu corpo doer com a possibilidade.

— Você nunca vai entender — murmura. Ele puxa um cigarro, mas, ao olhar para minha barriga, suspira e o apaga antes de dar a primeira tragada. — O Dan é uma bomba-relógio, mas ele não te trai. Por mais fodido que seja o casamento de vocês, o juramento ainda é sagrado para ele.

— Então o que ele faz todas as noites?

Ele suspira e me olha com uma seriedade que nunca vi em seus olhos.

— Brinca com a morte. Luta sem parar, até seu corpo ficar exausto e ele quase se machucar. Corre em velocidades absurdas, até o carro estar prestes a perder o controle e colidir. Ele se leva ao limite, até faltar um fio para a morte encontrá-lo de verdade.

— O-o que disse?

— Dan é um suicida em potencial, entendeu? Sempre foi. A cabeça dele é fodida e ele sempre buscou formas absurdas de distrair a dor dentro dele. Normalmente, ele desconta isso nos outros… bate, tortura, mata. Mas, no fundo, acho que ele faz com os outros o que gostaria de fazer consigo mesmo.

Dou um passo para trás, sentindo a garganta fechar.

— P-por quê?

Liam esfrega o rosto, cansado.

— Quando éramos crianças, um dos homens do meu pai tentou matá-lo. Só não conseguiu porque eu atirei primeiro. Mas isso mexeu com ele. Desde então, vejo meu irmão forçar o próprio corpo ao limite. Como se preferisse tirar a própria vida antes que alguém fizesse isso por ele.

— Meu Deus…

— Ao longo dos anos, o que o manteve são foi a nossa prima, Amber. Cuidar dela o impedia de se perder completamente. Ela era o fio que o segurava.

— Mas então ela foi embora.

Liam assente, pegando uma garrafa de *whisky* e bebendo um longo gole.

— Quando Amber ficou na Itália, achei que o Dan finalmente terminaria o que quase aconteceu anos atrás. Pensei que ele morreria. Mas então… você apareceu. — Minha respiração falha. — Ele ficou obcecado. E, de repente, você se tornou o porto seguro dele. Só que, dessa vez, ele gostava de verdade de você. Como homem e mulher. Meu irmão tem a mente insana, mas ele queria uma família com você. O bebê em sua barriga — ele aponta para meu ventre com o queixo — era a concretização desse desejo.

— Mas eu também fui embora — completo, a voz falhando.

Se tudo o que ele está me dizendo for verdade, quer dizer que as duas pessoas que sustentavam Dan Belinni o deixaram. E eu sou uma delas.

Liam pousa a garrafa na mesa e suspira.

— Você foi embora. Você mentiu. E agora… eu não sei o que se passa na cabeça do meu irmão.

Minha pele se arrepia.

— Você acha que ele pode tentar…? — Minha voz morre.

— Espero que não. Espero que esse bebê o mantenha de pé. Porque, por mais fodido que Dan seja, ele é um bom garoto.

Minha garganta arde, meus olhos se enchem de lágrimas.

— Por que as coisas são tão complicadas? — sussurro, levando as mãos ao rosto para conter o choro. Meu corpo treme, mas Liam apenas me observa, me dando espaço para desabar. — Eu só queria ser livre para fazer minhas escolhas. E acabei presa em uma gaiola.

— Eu sei que você não escolheu ser filha do seu pai ou nascer nesse mundo, Milena. Mas escolheu ficar com o meu irmão. Escolheu bancar a mulher de um mafioso. Agora arque com as consequências.

As lágrimas escorrem, meu peito doendo com cada palavra.

— Você acha que ele nunca vai me perdoar? Acha que ele me odeia?

Liam me encara, sério.

— Se odiasse, você não estaria aqui agora. O problema é que ele ainda sente algo por você. Mas amor e ódio andam juntos quando se trata do meu irmão.

Engulo em seco, sentindo meu peito apertar.

— Então há uma chance?

O mafioso suspira impaciente e começa a sair da sala, indicando que meu tempo acabou, mas antes de cruzar a porta, ele diz:

— Se eu fosse você, me prepararia tanto para o perdão quanto para o inferno. Porque com o Dan… nunca dá para saber qual dos dois vem primeiro.

— Liam! — Eu o chamo antes que ele desapareça. O irmão do meu marido para e me olha. — Onde ele está agora?

Ele encara o relógio em seu pulso antes de me fitar de novo.

— Pelo horário, ele ainda deve estar na boate. Alguns capos iam prestar contas. Mas logo ele vai para o Covil lutar.

— Obrigada! — digo, disparando para fora da sala.

Preciso encontrá-lo. Preciso falar com ele.

Mas assim que cruzo a porta, Liam me chama.

— Milena, você tem certeza do que está fazendo?

— Eu quero lutar pelo meu casamento.

Ele suspira e encara minha barriga, provavelmente pensando que o motivo é o bebê.

Mas é muito mais do que a gravidez. Eu amo Dan Belinni de verdade.

— Peça ao meu motorista para te levar até lá. Boa sorte.

Agradeço meu cunhado e volto a correr em direção à saída, fazendo exatamente o que ele me disse.

Enquanto o motorista de Liam Belinni me leva até a boate onde meu marido está, as palavras que ele me disse destroem meu coração.

Dan está brincando com a morte.

Eu preciso salvá-lo.

E se for necessário voltar ao lugar onde tudo começou para fazer isso e reconquistá-lo, eu o farei sem hesitar.



DAN BELINNI

O gosto amargo do *whisky* queima minha garganta e viro o restante do copo, tentando me anestesiar.

A Outfit está em um dos seus melhores momentos. As guerras cessaram, acordos foram feitos e estamos ganhando dinheiro feito água.

Os capos acabaram de prestar contas no escritório e saíram para aproveitar a boate, mas tudo o que eu queria agora era dar o fora daqui.

Tenho buscado diversas formas de esquecer da minha realidade, mas minha mente nunca esteve tão fodida.

Desde que me casei, travei uma batalha interna comigo mesmo, em que uma parte de mim, a racional e fria, me diz para não confiar mais em Milena… mas a outra… a que faz meu sangue ferver e meu instinto dominar… essa parte insiste para que eu a busque imediatamente e

reivindique o que é meu por direito.

Eu estou perdendo a sanidade. Sinto falta da minha mulher e a monitoro todos os dias, e ver seu corpo mudando para gerar minha filha me dá uma satisfação do caralho.

Minha filha.

Eu ainda nem sei o nome dela. Não tenho ideia se Milena já decidiu, mas tenho evitado estar perto da minha esposa. Nos últimos dias, meu lado racional tem perdido muito para o meu instinto.

Eu a quero com cada maldita célula do meu corpo.

Quero beijá-la, cuidar dela, ouvir sua voz e sentir seu cheiro. Quero conversar com ela sobre as coisas mais banais e ver seus filmes idiotas que a fazem feliz.

Porra, eu quero foder minha mulher grávida e me enterrar dentro dela até me perder. Até essa maldita dor sair de mim.

Mas isso não vai acontecer.

Nada faz essa angústia passar.

Às vezes, sinto a morte me chamar. Quando tiro a vida de alguém e encaro seus olhos vazios, me pergunto se morrer é mesmo o pior destino de alguém. Ser torturado diariamente pelos próprios pensamentos não é uma opção tão melhor assim.

Meu celular vibra com uma mensagem de Elijah e ele me diz que as pessoas estão eufóricas esperando por mim.

Sem querer perder mais tempo, me levanto da mesa e pego uma mochila com minha roupa de luta, disposto a ir até o Covil e descarregar minha raiva até quase perder a consciência.

Por enquanto, isso ajuda. Deixar os adversários me acertarem alguns golpes antes de nocauteá-los aumenta minha adrenalina. E eu sou um maldito viciado nessa merda.

Ouço uma batida na porta e destravo a arma, permitindo que entre. Desde que tentaram me matar na boate, não tenho baixado a guarda, mas meu

cenho se franze assim que vejo um dos meus seguranças.

— Senhor Belinni, sua esposa está aqui.

Meu coração dispara. Ele só pode ter enlouquecido.

É madrugada e Milena está na casa dos meus pais, deitada em sua cama com meu bebê em seu ventre, como precisa ser.

— O que disse?

— A Senhora Belinni chegou na boate e pediu para te chamar. Ela está te esperando em um dos quartos para clientes.

Minha paciência se esgota e saio do escritório em um rompante, quase derrubando o soldado. Com a arma em mãos, caminho a passos duros até a área dos quartos, e as pessoas se afastam assustadas do meu caminho.

— Onde minha esposa está, porra?! — pergunto ao aglomerado de seguranças que está no corredor dos quartos, provavelmente para escoltar minha mulher.

— Naquele quarto, senhor. — Um deles responde e aponta para o último quarto do corredor.

— Qualquer ameaça ou movimento suspeito ao redor desse quarto, atirem! Não quero que nada a coloque em risco.

Os homens assentem sob o meu comando e caminho até a porta onde Milena parece estar, sentindo uma ansiedade do caralho quando giro a maçaneta.

O quarto está escuro, com poucas luzes iluminando o ambiente em uma atmosfera sexy. A música sensual está baixa e meus olhos disparam para o palco, onde uma mulher está em frente a um mastro de pole dance, de costas para mim usando um sobretudo.

— Milena, que merda você está fazendo aqui? Não quero você nesse ambiente — rosno e quando ela percebe minha presença, ela se vira.

Seus olhos doces me encontram. Seu cabelo comprido e macio está solto, caído em ondas. Mas nada me prepara para o que ela faz em seguida.

Ela tira o sobretudo e me dou conta de que ela não está usando nada

por baixo.

Minha mulher fica totalmente pelada para mim.

Sua barriga ainda está pequena, mas ver a curvatura delicada em seu ventre aquece meu peito de um jeito insano. Seus peitos estão maiores, os bicos pontudos implorando pela minha língua. A boceta pequena e depilada quase me faz gemer.

Eu conheço a sensação de estar dentro dela. Eu sei o quanto ela é apertada e quente.

Meu pau pulsa com violência dentro da calça e cada músculo do meu corpo se contrai, em uma tentativa desesperada de manter o controle.

— Milena — repreendo, engolindo em seco. — Você não deveria estar aqui — repito.

Minha voz sai como um alerta, mas meu olhar traiçoeiro demonstra o contrário. Não consigo parar de admirar seu corpo, de olhar para cada pedaço dele.

Porra, ela está perfeita.

— Eu vim dançar para você — sussurra e logo vejo um controle em sua mão.

“Veneno - Anitta” começa a tocar e Milena começa a rebolar, com os olhos travados em mim.

O ar ao meu redor se torna denso, carregado pelo cheiro doce dela e pela tensão insuportável que me corrói por dentro.

Milena desliza as mãos pelo próprio corpo com uma provocação deliberada, descendo até as coxas enquanto rebola devagar. Seus olhos nunca deixam os meus, e eu vejo neles um desafio, uma maldita provocação.

Minha mandíbula trava quando ela gira em torno do mastro, arqueando o corpo, exibindo cada curva de um jeito que me destrói. A cena é erótica pra caralho. A porra da música parece ter sido feita para me testar.

— Isso é para me enlouquecer, Milena? — rosno, cerrando os punhos, minhas veias latejando pelo esforço de não cruzar a distância e tomá-la ali

mesmo.

Ela sorri, maliciosa. A ponta da língua umedece os lábios carnudos, e ela se aproxima lentamente, os quadris ainda se movendo em um ritmo sensual.

— Não vim até aqui para te enlouquecer… — Ela arrasta as unhas pelo meu peito coberto pela camisa, os olhos brilhando em pura provocação. — Vim te lembrar do que é seu.

Meu maxilar fica tão rígido que parece que vai rachar. Minha respiração está pesada, e enfio as mãos no bolso, como se isso fosse me ajudar a manter o controle.

— Você acha que eu esqueci, Milena? — Minha voz sai baixa, perigosa. Meus olhos correm por seu corpo nu e tudo dentro de mim se inflama ainda mais.

Ela ri baixinho, e o som ecoa pelo quarto como uma maldita tentação.

— Acho que está tentando se convencer de que sim.

Milena se aproxima ainda mais, e o perfume dela me invade, despertando instintos que eu não posso conter. Sua mão desliza para minha nuca e seus lábios ficam perigosamente próximos dos meus.

— Mas eu sou sua, não sou? — Ela sussurra contra minha boca, roçando nossos lábios levemente, e minha respiração falha. — Só você me tocou. E você me encheu com seu bebê, como queria.

Meus músculos estão tensos, cada célula do meu corpo queimando para possuí-la. Meu pau está duro e latejante dentro da calça, gritando para que eu esqueça qualquer merda de racionalidade.

— Você está brincando com fogo…

A forma como minha voz sai, rouca e falha, a faz sorrir.

Ela sabe que tem poder sobre mim.

No entanto, o olhar que ela me dá em seguida é de pura submissão.

— Somos casados e meu corpo é seu por direito. Mas desde que me trouxe de volta para Chicago, você não me tocou — murmura, deixando a

mágoa evidente em sua voz.

— Já te falei que nosso casamento não é de verdade.

— Você vai me punir para sempre? Nunca vou ter seu corpo de novo? Nada do que eu faça me dá o prazer que você me dá.

— Você deixou outra pessoa te tocar? — rosno com fúria e ela nega com a cabeça imediatamente.

— Apenas eu me toquei — confessa. — Eu faço isso todos os dias para tentar aliviar a pressão que se acumula a cada vez que penso em você.

Engulo em seco.

— Onde você se toca? — Minha voz sai ainda mais rouca e grossa.

Ela está na casa dos meus pais. Não quero que ninguém a escute gemendo.

— Eu me toco no banheiro quando ninguém está por perto… — sussurra e volta a acariciar meu peito. — Eu desejo sua língua no lugar dos meus dedos… sinto saudade do seu pau me fodendo. Eu quero tanto isso de novo.

Meu autocontrole já estava por um fio, mas agora… agora Milena está me implorando. As palavras que saem da sua boca maldita me acertam como um soco no estômago, e a imagem dela se tocando enquanto pensa em mim me destrói por completo.

— Se deite na cama e abra as pernas — falo com a voz autoritária.

Lentamente, ela me obedece e se deita, afastando as coxas e revelando sua boceta rosada e inchada.

Caralho, ela está muito melada.

Meu pau vaza um pouco de sêmen e eu aperto os punhos para não pegá-la por trás e fodê-la até ela não aguentar mais.

— Mostre como se toca quando está sozinha. Quero ver exatamente o que faz quando pensa em mim.

Ela geme baixinho, mordendo o lábio. Sua respiração está pesada, e

eu vejo a excitação nos seus olhos.

— Agora! Obedeça seu marido e esfregue sua boceta.

Os dedos delicados descem entre as coxas e tocam a boceta molhada de tesão. Ela suspira, fechando os olhos por um instante, antes de deslizar os dedos sobre o próprio clitóris, fazendo movimentos lentos e provocantes.

— Assim? — pergunta, abrindo os olhos para me encarar. *Porra.*

Minha mandíbula trava, e eu só consigo assentir, observando cada detalhe da cena.

Milena se toca para mim, e o som dos dedos molhados deslizando pela boceta ecoa no quarto, me deixando ainda mais fodido. Meu corpo inteiro grita para tomar o controle.

— Mais rápido — comando, minha voz mais rouca do que nunca.

Ela obedece.

Seus quadris começam a se mover, buscando mais fricção, e minha sanidade se despedaça de vez.

Mandando o bom senso para o inferno, eu me ajoelho diante dela, minha boca a centímetros da sua boceta melada, pronto para devorá-la até ela esquecer o próprio nome.

Mas então…

Alguém bate na porra da porta.

Paro no lugar e levo minha mão à arma. Os olhos da minha mulher estão carregados de desejo e ela segura minha nuca para me fazer chupar seu clitóris inchado.

— Por favor… — implora, sem conseguir pensar em mais nada além do próprio prazer.

O ponto rosa está melado e minha boca saliva para abocanhá-lo. Quero chupá-lo gostoso, mas não com alguém do outro lado.

Ouço outra batida.

— Senhor Belinni, temos um problema.

Suspiro em frustração e Milena choraminga.

— Dan, por favor… eu estou grávida e carregando o seu bebê… você vai me deixar nesse estado?

Meu corpo tensiona de tesão. Vê-la implorando por mim é a minha ruína, mas preciso verificar a merda que está acontecendo.

Meus soldados sabem que estou aqui com minha mulher. Eles não me interromperiam à toa.

— Eu preciso ir.

— Por favor, fique comigo. Não me deixe desse jeito. Quero gozar na sua língua — implora com a voz desesperada.

Encaro seu rosto e ela está chorando.

— Caralho, Feiticeira. Você está chorando porque quer me dar?

— Esse desejo está insuportável — choraminga. — Os hormônios da gravidez só pioram tudo… eu penso em sexo o tempo inteiro. Eu quero que você me coma com força.

Porra, porra, porra.

Ouço outra batida e tenho vontade de atirar nos meus próprios homens por me afastarem da minha esposa.

Tudo o que eu queria era me afundar nela e dar à Milena todo o prazer que está me pedindo. No entanto, estar dentro da máfia é ter que se submeter ao dever, independentemente da minha vontade.

Quando percebe que não vou ceder, Milena se levanta rapidamente e veste o sobretudo, escondendo seu corpo de mim.

— Eu já entendi. Pode ir.

— Milena…

— Vá.

Suspiro e me levanto, encarando seu rosto ainda molhado pelas lágrimas. Apesar disso, seu queixo está erguido e ela assume de novo a pose de durona.

Meu soldado bate na porra da porta de novo e xingo um palavrão, avisando que ouvi e que estou indo.

— Ordenarei que um dos meus homens te leve de volta para a casa dos meus pais — digo à minha esposa.

— Eu não quero voltar para a casa dos seus pais! — grita, frustrada. — Eu quero ser sua esposa de verdade, Dan. Você vai me ignorar pra sempre por causa de um erro?

— Você mentiu para mim.

— E você já agiu como cretino muitas vezes comigo e nem por isso eu deixei de te amar.

Suas palavras são como um soco na minha cara. Ela percebe tarde demais o que acabou de dizer, dando um passo para trás.

— Você me ama? — pergunto, me aproximando dela. — Repita o que disse.

Sua respiração fica acelerada, mas mantém o queixo erguido para me encarar.

— Amo. Mesmo que eu não aguente mais esse sentimento, não consigo parar de amar você.

Por um segundo, suas palavras me deixam sem reação. Vejo a sinceridade nos seus olhos e saber do seu amor muda tudo para mim.

No entanto, eu não posso lidar com isso agora. Preciso ver o que está acontecendo antes que algo se torne um risco para minha esposa aqui dentro.

Sem lhe dar resposta, me afasto dela e saio do quarto, ordenando aos meus melhores soldados que a levem de volta para casa.

As palavras de Milena ressoam na minha cabeça e percebo o quanto fui um fodido egoísta por mantê-la longe por causa de uma mentira.

Minha lista de crimes é bem maior. E, no fundo, sei que ela fez essa merda para se proteger.

Porra, estou cansado de lutar contra o que sinto.

Meu orgulho vale menos do que a minha família. A partir de agora, nada vai me afastar das minhas garotas.

E nem que eu tenha que rastejar para tê-la de volta, Milena vai dormir na minha cama e cuidar da nossa família como uma esposa de verdade. E eu serei um bom marido para ela.

É uma promessa.



MILENA BELINNI

Nunca imaginei que os hormônios da gravidez pudessem me deixar tão idiota.

Depois que os soldados do meu marido me deixaram na casa dos seus pais, vim direto para o quarto e corri para o banheiro para ficar sozinha.

Tranquei a porta e me enfiei na água fria do chuveiro para tentar acalmar meu corpo. Xinguei a mim mesma de todos os palavrões que me vieram à mente a cada vez que pensava que chorei para ser comida por Dan.

E que ele recusou.

O ódio e a vergonha se tornaram uma mistura poderosa na minha cabeça, e o constrangimento fez meu rosto queimar. No entanto, mesmo odiando tudo o que aconteceu, vê-lo diante de mim prestes a me chupar me deixou muito excitada.

Tão excitada que não consigo me conter.

Assinando meu atestado de estupidez, afasto minhas coxas e levo meus dedos até meu clitóris inchado, massageando-o devagar. Eu não deveria fazer isso, mas fecho os olhos e imagino a boca do meu marido bem ali, lambendo e chupando como ele sabe fazer.

Enfio a ponta do dedo na minha entrada e tiro, voltando para o meu clitóris e esfregando gostoso. Pressiono os lábios para não gemer. Isso é tão bom…

Acelero os movimentos e remexo meu quadril, ansiosa pelo alívio. E ele não demora a vir. Um orgasmo poderoso me toma e mordo a minha mão para não fazer barulho, tremendo de prazer.

A sensação inebriante passa e suspiro em frustração, pois apesar de ser delicioso me tocar, nada nunca vai se comparar ao toque de Dan Belinni.

Saio do chuveiro e vou para o closet, escolhendo um vestido justo de malha. O tecido macio se ajusta à minha pele e destaca minha pequena barriga de grávida.

Acaricio a protuberância e logo seco o cabelo, fazendo uma maquiagem leve em seguida. Depois de pronta, saio do quarto e desço as escadas para tomar café da manhã.

Apesar de não ter dormido nada durante a noite, a adrenalina me deixou desperta e o dia já amanheceu há algum tempo.

Estou quase chegando na sala de jantar quando ouço vozes masculinas e paro no lugar. No entanto, é tarde demais para voltar para o quarto. Todos os Belinni estão reunidos e olham diretamente para mim.

Mais especificamente para a minha barriga marcada.

Minha sogra dá um sorriso largo em minha direção, enquanto Otto, Liam e meu sogro se permitem arquear o canto dos lábios em um sorriso pequeno.

Mas Dan… é ele quem chama minha atenção.

Ele varre meu corpo com os olhos com a mais profunda adoração. Seu olhar está ainda mais escuro e ele parece prender o ar quando encara minha

barriga. Poucas vezes usei uma roupa tão marcada e ele está estranhando isso.

Quando nossos olhos finalmente se encontram, ele sorri de lado. Depois de tanto tempo agindo com frieza comigo, meu marido me dá um sorriso satisfeito pelo que vê.

Mas eu não sou tão estúpida ao ponto de ignorar todo o gelo que ele me deu. Não vou agir como se nada tivesse acontecido.

Mesmo que eu tenha gozado pensando nele instantes atrás.

Eu implorei por ele, chorei pra ele me comer e Dan simplesmente foi embora. Pelo amor de Deus!

Preciso manter ao menos o mínimo de amor-próprio.

E é por isso que desvio meu olhar do dele e olho apenas para os outros.

— Bom dia — falo com um sorriso discreto. Todos me respondem em uníssono e percebo pelo canto do olho que Dan franze o cenho porque eu o ignorei.

— Sente-se, querida. Estamos te esperando para tomar café — Rebecca me indica um lugar e vou até a cadeira, mas meu marido faz questão de puxá-la para mim como um cavalheiro.

Continuo sem olhar na cara dele e me sento, focando nos outros. Esse é o primeiro café da manhã com a família completa desde que me mudei para cá e todos puxam assunto comigo, empolgados para saber sobre o bebê.

— Você já escolheu o nome? — Meu sogro me pergunta e sinto o peso do olhar de Dan sobre mim.

— Ainda não.

Quero decidir isso com seu filho — penso, mas engulo as palavras junto com um gole de suco de laranja.

— E você quer um nome brasileiro ou americano? — Minha sogra fala.

— Algum que fique bonito nos dois países — respondo e ela sorri em resposta.

Dan não fala diretamente comigo e a refeição acontece de forma leve e divertida. Os irmãos se zombam o tempo inteiro como adolescentes e Rebecca parece realizada ao ver todos os filhos em casa.

— Eu sinto tanta falta de tê-los aqui — sussurra para mim. — Por mim, eles jamais se mudariam.

— Querida, todos precisam se casar em algum momento — meu sogro fala com carinho.

— Milena já está morando aqui, seria só o Dan se mudar também. Há quartos e espaço de sobra para as mulheres e os filhos de todos.

Ela dá de ombros e seu marido ri para ela, de um jeito protetor e cuidadoso. É bonito ver a relação deles.

— Teríamos que perguntar o que a noiva de Otto acha disso — Liam fala em tom de provocação. — Mas isso vai demorar um pouco, já que ela ainda é menor de idade e ele só vai conhecê-la no dia do noivado.

— Liam — Otto alerta, seu olhar duro avisando-o para ter cuidado.

No entanto, sei que Liam tem razão. Segundo minha sogra, a futura esposa de Otto completará dezoito anos na mesma época em que minha filha fará um ano. Rebecca também mencionou que a garota foi criada sob regras rígidas da máfia russa e que seu pai só permitirá que Otto a conheça no dia do noivado, que ocorrerá assim que ela se tornar maior de idade. O casamento deve acontecer pouco tempo depois.

— Quando Liam se casar, espero que você torre a paciência dele como ele fode a sua — Dan fala para Otto e mordo os lábios para não sorrir.

— Dan, não fale palavrões na frente da sua esposa! Muito menos agora, que sua filha está na barriga dela! — Minha sogra o repreende. — Bebês escutam coisas desde o útero.

Liam dá uma risada baixa e minha sogra o repreende também, mas meu foco vai todo para o meu marido, que coloca uma mão possessiva em minha coxa.

— Me desculpe, esposa. — Dan se inclina para sussurrar em meu ouvido. Eu o ignoro mais uma vez. — Vai mesmo jogar comigo?

Minha sogra e Liam ainda estão debatendo algo sobre casamentos, e tento parecer interessada, mas Dan começa a fazer carinho na minha coxa e me arrependo amargamente por ter escolhido esse vestido com tecido fino.

Eu sinto os dedos do meu marido como se estivessem diretamente em minha pele.

— Pare de me ignorar, Feiticeira. Ontem eu só saí porque tive uma emergência.

Continuo ignorando-o. Sem a intenção de ser discreto, Dan puxa minha cadeira até que ela fique colada na dele e envolve o braço por trás de mim, levando a boca até meu ouvido de novo.

Todos nos olham quando ele faz isso, mas logo se esforçam para voltar aos seus assuntos e fingir que ele não está fazendo nada.

— Você acha que eu não queria foder você, amor? — fala bem baixinho e meu rosto cora no mesmo instante. Não sei se alguém consegue escutá-lo, mas espero honestamente que não. — Eu não aguento mais ficar longe de você.

Não foi isso que pareceu desde que nos casamos — penso, mas dessa vez engulo as palavras junto com um pedaço de fruta.

— Eu quero você, Feiticeira. Volte para casa comigo hoje — sussurra com a voz rouca e tento me afastar, mas ele segura minha coxa e me mantém no lugar. — Vamos conversar e resolver tudo. Quero esquecer as merdas do passado e focar no futuro da nossa família… da nossa filha.

— Tarde demais — falo sem paciência e me levanto, puxando a minha cadeira e voltando para onde eu estava.

Meus sogros fingem não notar o que fiz, Dan suspira e Otto olha para ele com a sobrancelha arqueada, querendo rir. Liam nem se esforça para esconder o sorriso. Ambos estão adorando ver o irmão correndo atrás de uma mulher.

— Bom — Liam chama a atenção para si, se espreguiçando na cadeira. Eu o agradeço mentalmente por isso. —, eu só sei que eu não vou me casar. Adoro a vida de solteiro.

— Todos temos que nos casar — Otto interrompe, se inclinando para trás na cadeira. — E quando eu for seu Don, vou arranjar uma noiva bem apropriada para você.

— Vá se foder, Otto!

Rebecca repreende o palavreado de Liam e todos na mesa riem, menos Dan. Ele ainda parece irritado com minha atitude.

Problema dele.

Terminamos de comer e Dan me ajuda a levantar da cadeira.

— Eu posso fazer isso sozinha — falo, sem olhar em seus olhos.

— Milena…

Antes que ele termine a frase, peço licença a todos e volto para o quarto, colocando uma distância entre meu marido e eu.

Apesar da raiva, estou morrendo de saudade dele e os hormônios estão deixando meu corpo traiçoeiro. Não confio em mim perto dele.

Me deito na cama e sou dominada pelo cansaço. O sono me embala e meu estado de inconsciência deixa o caos da minha vida temporariamente para trás.



Dan não desistiu de me procurar.

Pelos próximos vinte e um dias, ele veio tomar café da manhã comigo

e me trouxe um buquê de tulipas brancas a cada vez.

Sua mãe achou o ápice do romantismo no início, mas depois da primeira quinzena, ela já não aguentava mais as flores.

Eu amei cada uma delas.

Pesquisei o significado e descobri que tulipas brancas representam perdão, respeito e um novo começo. Elas também simbolizam o amor verdadeiro e saber disso me fez chorar.

No entanto, não demonstrei isso para ele.

Se o mafioso pensou que me dar flores seria suficiente para comprar minhas desculpas, eu mostraria a ele que nunca se deve menosprezar o orgulho de uma brasileira emburrada.

Depois dos vinte e um dias, seus presentes subiram de nível. Se tornaram joias. De todas as cores, tamanhos e modelos. Todas personalizadas.

E mesmo assim, duas semanas depois, eu ainda não havia cedido. Eu estava disposta a fazê-lo rastejar.

Até que um dia ele não apareceu.

Dan não veio tomar café da manhã e meus sogros agiram naturalmente, mas eu fiquei incomodada. Minha língua coçou para perguntar por meu marido, contudo, a curiosidade me faria parecer hipócrita, já que eu fiz questão de ignorá-lo em todas as vezes em que ele esteve aqui.

Voltei para o quarto e meu coração se apertou. *E se ele tivesse desistido de nós? E se tivesse arranjado outra mulher?*

Os pensamentos intrusivos fizeram meu estômago embrulhar. Eu ainda o amava mais do que tudo e não conseguia suportar a ideia de vê-lo com outra.

Sem me aguentar com tantas dúvidas, saio do quarto disposta a perguntar à minha sogra onde meu marido está, mas assim que desço as escadas, paro no lugar.

Dan está aqui. Sozinho, no hall de entrada, olhando para mim.

— Você veio… — As palavras saem da minha boca antes que eu possa impedir.

Ele sorri de lado com minha fala e o gesto faz minha respiração falhar.

— Quero te levar a um lugar especial.

Dan se aproxima e estende a mão para mim, e neste momento vejo um curativo em seu braço. Me esqueço de qualquer orgulho e vou até ele, tocando sua pele e observando seu machucado de perto.

— O que aconteceu?

— Não foi nada — responde, mas percebo que ele levou pontos.

— Você está machucado.

— Eu estou bem, Feiticeira. É sério. Eu só vacilei e levei uma facada, mas matei o cara antes que ele pudesse me dar a segunda.

— Meu Deus! Você foi esfaqueado!

Minha respiração fica desregulada, mas ele toca meu queixo com carinho e me faz olhar para ele.

— Esqueça isso. Só quero ficar com você agora — diz baixinho, acariciando minha pele. — Vem comigo? Tenho uma surpresa para você.

— Sem flores e sem joias hoje? — pergunto, mordendo os lábios para não sorrir. Um sorriso de canto aparece em seu rosto.

— Estão no jato.

— Jato? — Meu cenho se franze.

— O lugar é longe.

— Que lugar? — pergunto com desconfiança e, neste momento, meu sogro passa por nós para sair de casa.

— Confie no seu marido, Milena. Deixe-o mimar você.

Dan agradece ao pai e morde o lábio inferior ao sorrir para mim. Sei que nossa reaproximação é o desejo dos seus pais por causa da bebê, já que

em alguns meses nossa filha vai nascer.

Mas, no fundo, é isso o que quero também. Estou cansada de lutar.

Quero que ela tenha um lar de verdade. Quero meu mafioso de volta.

E o peso disso me atingiu assim que ele não apareceu hoje de manhã.

— Tudo bem, vamos — cedo, segurando sua mão.

Ele me faz colocar uma roupa quente antes de sairmos e me abraça assim que saio da mansão, protegendo-me do frio.

Meu coração erra uma batida a cada gesto fofo que ele faz, porque apesar dos erros do nosso passado, percebo que ele está se esforçando agora.

Dan Belinni também quer lutar pela nossa família. Por nós.



Pegamos um jato e acabo dormindo no trajeto, dominada pela exaustão. Minha barriga está mais pesada e dormir à noite tem sido uma tarefa difícil, já que acordo várias vezes para fazer xixi.

Sinto quanto Dan coloca um cobertor quentinho sobre mim e ele só me acorda quando pousamos.

— Onde estamos? — pergunto, ainda sonolenta, enquanto Dan me ajuda a descer do jato.

Ele coloca um casaco em meus ombros e ajeita a gola do seu sobretudo escuro.

— Pensei que você reconheceria a cidade da sua saga favorita — fala com divertimento. — Estamos em Forks, Feiticeira.

Meu coração erra uma batida.

— Forks? Você me trouxe para Forks? De *Crepúsculo*? — minha voz sai um pouco embargada, e Dan sorri, satisfeito com minha reação.

— É melhor do que as tulipas e as joias, certo?

— Meu Deus! — falo, incapaz de acreditar que estamos aqui de verdade. — Você é…

— Perfeito? — pergunta, arqueando uma sobrancelha. — Eu realmente estou me superando nas minhas qualidades.

— Pare de ser convencido! — digo, dando um tapa no seu braço, e ele estremece assim que faço isso. — Jesus! Acertei o lugar em que você levou a facada!

— Acho que vou precisar de um beijo para me recuperar — dramatiza e reviro os olhos.

Ele para de zoar e enlaça os nossos dedos, sua mão é possessiva e quente.

— Você ama esse lugar, não ama? Achei que seria um bom lugar para o nosso recomeço. — Sorrio para ele com os olhos marejados e apenas aceno, sem conseguir dizer nada. — Vamos fazer um passeio.

O motorista já nos espera, um homem grande e sisudo que dá um aceno curto assim que Dan se aproxima comigo. Outros carros estão ao redor e entendo que são os soldados da máfia para nos escoltar.

Todos parecem respeitar e temer meu marido, afinal, ele está no topo de uma das maiores máfias dos Estados Unidos. Mas comigo, ele é apenas o Dan. O homem que me trouxe tulipas brancas por vinte e um dias seguidos e que agora me trouxe de jato particular na cidade onde acontece o meu filme favorito.

O motorista dirige em silêncio e não consigo dizer nada enquanto encaro a cidade passando por nós como uma cena tirada do filme.

Parece um sonho. As árvores altas, a umidade no ar, é tudo tão incrível que um nó de emoção se forma em minha garganta.

— Quer conhecer a floresta? — pergunta, vendo meu fascínio.

Eu me viro para ele, em choque.

— Nós podemos?

— Nós faremos o que você quiser.

— Mas e os animais da floresta? Você não é um vampiro com superpoderes para nos proteger — provoco.

— Mas eu sou um mafioso com armas e uma dezena de soldados para nos escoltar. Nada tocará em você — responde com diversão e sorrio em resposta.

— Vamos!

O motorista para diante da floresta e os homens armados vão na frente, verificando a área. Quando eles liberam nossa entrada, Dan segura minha mão com firmeza ao caminharmos para dentro da densa vegetação.

— Ainda não acredito que você me trouxe aqui — digo, olhando ao redor. — Foi aqui onde Edward mostrou a Bella o que ele era…

Dan ergue uma sobrancelha.

— Eu não brilho no sol, mas eu também sou um assassino.

Solto uma risada, pois essa é a parte mais engraçada do filme. Edward diz que sua pele é de um assassino, mas na verdade ele brilha como um diamante.

Honestamente, Dan me daria mais medo, com seu corpo coberto por cicatrizes e tatuagens.

Damos uma volta na floresta e uma sensação de paz me preenche. Não consigo tirar o sorriso do rosto. É surreal.

— Se eu fosse um vampiro, você ainda ficaria comigo? — questiona quando estamos voltando para o carro, com um sorriso de canto.

Cruzo os braços e finjo ponderar.

— Você já é meio assustador… acho que não faria diferença.

— *Meio* assustador? Porra! — resmunga e percebo que alguns dos seus soldados relutam para não sorrir.

Depois da floresta, Dan me leva para outros pontos do filme.

O estacionamento da escola de Bella, o pequeno restaurante onde ela jantava com Charlie… meu mafioso presta atenção em cada detalhe, ouvindo com paciência enquanto eu divago sobre as cenas e os livros.

Ele não me interrompe, não tenta apressar nada. Apenas me observa, satisfeito em me ver feliz.

A última parada é a praia de La Push.

Já está quase anoitecendo, mas o céu nublado dá ao mar um tom acinzentado, e as ondas se quebram na areia em um ritmo hipnotizante. Dan se encosta em uma grande pedra e olha para mim com seriedade.

— Feiticeira, precisamos conversar.

Suspiro e aceno, sabendo que ele está certo. Eu me inclino para sentar na areia e, segundos depois, a mão do meu marido está me apoiando para que eu não caia.

Sorrio para ele e o olhar carinhoso que ele me dá me faz sentir em casa. Nós realmente precisamos conversar.

Ele se senta ao meu lado, paciente, aguardando meu tempo. Encaro o mar, reunindo coragem, e finalmente começo a abrir meu coração.

— Eu nunca tive sonhos grandes demais… sempre fui uma menina simples, que viveu uma infância feliz ao lado da mãe. Por dezoito anos, eu pensei que era filha de um desconhecido, já que na minha certidão de nascimento não tinha o nome do meu pai.

— Sua mãe mentiu para você? — pergunta e dou um sorriso triste, sem desviar os olhos do mar.

— Ela mentiu para me proteger — suspiro, conhecendo bem o sentimento. — Ela trabalhou na casa dos Ricciardi e acabou engravidando do meu pai. Meu avô era o Don e, de alguma forma, descobriu a notícia antes de

todos. Ele só esperou o tempo de verificar que eu não era um filho homem, antes de obrigar minha mãe a ir embora para o Brasil. Ele deu a ela uma quantia de dinheiro e a ameaçou caso ela abrisse a boca.

— Então nem seu pai sabia da sua existência?

Nego com a cabeça.

— Ele só descobriu quando meu avô morreu. Assumiu o lugar dele e teve acesso aos documentos sigilosos da família. Então, entrou em contato com minha mãe e não lhe deu escolha: eu teria que ir para os Estados Unidos.

— E ela não fez nada?

— Ela disse que tentou. Mas sinceramente? — Suspiro e encaro Dan. — Uma mulher comum não tem chance contra um mafioso. O máximo que conseguiu foi adiar o inevitável. Ele esperou meu aniversário de dezoito anos para me levar, e permitiu que eu fizesse um voo comercial para que eu não me assustasse tanto.

Continuo relatando os acontecimentos ao meu marido e revelo toda a verdade a ele. Desde meu encontro inesperado com a verdadeira Milena até minha decisão de manter minha mentira e trabalhar na boate.

— Você não tinha medo de ser pega?

— O tempo todo — confesso. — Mas minha liberdade valia o risco. Minha mãe me ensinou que eu poderia ser quem eu quisesse, que tinha o direito de lutar pelos meus próprios desejos. Não queria que meu destino fosse determinado por um homem que nunca vi, só porque ele tinha meu DNA. Eu odiava a ideia de um casamento arranjado. Não me submeteria a ser uma peça no tabuleiro de Charles Ricciardi.

O maxilar de Dan se contrai.

— Ouvi boatos de que você já tinha pretendentes antes de embarcar para Nova York — sua voz sai baixa, mas carregada de possessividade. — Se eu soubesse que era você…

Rio, balançando a cabeça.

— Você nem me conhecia ainda para sentir ciúmes!

— Foda-se. Você nasceu para ser minha.

Suas palavras, de alguma forma, aquecem meu coração e me incentivam a continuar.

— Eu sei que errei; que as mentiras cresceram até se tornarem uma bola de neve. Quando percebi, já estava aprisionada a elas. Não dava para voltar atrás. Mas quando cheguei em Chicago e decidi assumir essa identidade, não esperava que conheceria María e que ela se tornaria minha amiga… — minha voz sai suave, quase um sussurro. — E muito menos que me apaixonaria por você.

Dan me observa com intensidade.

— Um mafioso — fala com a voz rouca, mas firme. — O mundo do qual você fugiu… é o meu mundo.

— Eu sei — sussurro. — Mas eu escolhi você. E tudo o que eu queria era ter a liberdade de escolher, independentemente do caminho que tomasse.

Ele fica em silêncio por um momento. Então, pergunta:

— E você se arrependeu da sua escolha?

— Não — falo com sinceridade. — Apesar de tudo, eu nunca me arrependi de amar você. Sempre pareceu certo.

Ele acena, como se entendesse exatamente o que quero dizer. Eu viro o rosto para ele, meus olhos mergulhando nos seus.

— Me perdoe, Dan. Sei que minha mentira te magoou e te envergonhou diante da sua família. Sei que você confiou em mim e se esforçou para me fazer feliz. Mas eu juro, pela nossa filha, que eu nunca fiz nada para te machucar. Eu só precisava me proteger. Meu nome era uma mentira, mas meus sentimentos nunca foram. Eu te quis de verdade. Amar você foi real. E carregar sua filha é a coisa mais preciosa que já aconteceu comigo — sussurro, sentindo lágrimas preenchendo meus olhos. — Eu estava decidida a te contar a verdade assim que vi o resultado do teste de gravidez, mas meu pai me encontrou antes e me obrigou a fugir. Ele ameaçou a minha mãe e eu não tive escolha, fui embora para que ele não a machucasse. Eu nunca quis me afastar de você.

— Feiticeira…

— Talvez tenha sido você quem lançou um feitiço em mim. Porque, no fim das contas, eu abri mão de muitas coisas que sempre disse que nunca faria. Mas ainda assim… eu escolheria você mil vezes. Porque é você quem faz meu coração bater mais forte.

Ele me dá um sorriso de canto e sinto tanta vontade de beijá-lo que minhas mãos formigam para segurar seu rosto. No entanto, a posição desconfortável me faz remexer no lugar e ele se levanta, me ajudando a ficar de pé.

— Vem comigo, vamos ver o pôr do sol antes de irmos embora.

Dan me guia para uma grande pedra e me puxa com cuidado para que eu fique com as costas em seu peito.

Por alguns minutos, apenas observamos o mar em silêncio. Ouvimos o som da água, dos pássaros… sentimos a brisa, o vento frio… mas seu corpo quente me abraça.

O sol se põe e as cores do céu se transformam diante dos nossos olhos, tingindo o horizonte com tons de laranja, rosa e violeta. É um espetáculo hipnotizante, e por um momento, tudo parece perfeito.

Dan desliza os braços ao redor da minha cintura, puxando-me ainda mais para perto. Sinto sua respiração roçar minha pele quando ele murmura:

— Obrigado por ter se aberto comigo. Obrigado por ter me escolhido, Feiticeira.

Meu coração tropeça dentro do peito. Fecho os olhos e respiro fundo, deixando que o alívio finalmente me envolva depois de tanto tempo. Minhas mãos pousam instintivamente sobre a barriga, e um sorriso suave se forma em meus lábios quando sinto minha filha se mexer.

— Ela está chutando? — Dan pergunta, sem disfarçar a ansiedade em sua voz.

— Sim… quer sentir?

— Porra, eu morreria por isso.

Seguro suas mãos e as guio até onde os pequenos movimentos acontecem. Ele me toca com um cuidado reverente, como se segurasse algo sagrado. E então, como se reconhecesse o pai, nossa filha chuta bem onde sua mão está pousada.

— Caralho!

Ele ri e solto uma risada com sua reação, mas tento manter a firmeza.

— Você não deveria falar palavrões na frente dela. Sua mãe disse que ela já pode escutar.

— Vou controlar minha boca. Prometo.

Mas ele não tira as mãos da minha barriga. Continua ali, acariciando cada centímetro como se tentasse memorizar a sensação. Nossa filha parece gostar da atenção, porque segue chutando enquanto ele sussurra palavras para ela.

— Ei, filha… Mal posso esperar para te conhecer. Ser seu pai é uma honra, e eu vou mover céus e terras para te fazer feliz.

Tombo a cabeça em seu peito e fecho os olhos, sentindo-os marejados. Dan continua falando com minha barriga, prometendo à nossa filha uma série de presentes caros e passeios de luxo.

— Dan! — Eu o repreendo, rindo. — Ela nem nasceu ainda e já vai ser consumista desse jeito.

— Eu vou mimá-la, Feiticeira. Quero que ela tenha tudo o que quiser.

Eu poderia contrariá-lo, mas não quero. É lindo vê-lo amar nossa menininha que ele tanto desejou.

— Você já pensou em um nome? — ele pergunta, hesitante.

Abro meus olhos e me viro, ficando diante dele. Pouso as mãos em seu peito e encaro seu rosto. Ele está tão bonito.

— Queria que escolhêssemos juntos.

Dan sorri com minha resposta.

— Vou gostar do que você escolher. Tenho certeza.

— O que acha de Alice? — pergunto, falando em voz alta o nome que dominou meus pensamentos nas últimas semanas. — Significa nobre… e poderíamos fazer o primeiro aniversário dela de *Alice no País das Maravilhas*.

Ele bufa uma risada.

— Já pensou no tema da festa?

— Digamos que eu não sou exatamente a pessoa mais ocupada do mundo. Tive muito tempo livre para pensar em algumas coisas.

Ele me puxa para mais perto, os braços firmes envolvendo minha cintura.

— Está entediada, amor? Você sabe que podemos resolver isso…

Sua voz fica mais baixa, e seus lábios pairam a centímetros dos meus. Meu coração perde o ritmo.

— Dan…

— Eu não sou bom com palavras bonitas como os personagens dos seus livros, mas quero que saiba que estou realmente disposto a fazer nosso casamento dar certo — sussurra com a voz rouca e sincera.

Minha garganta se aperta. Ele acaricia meu cabelo e segura minha nuca.

— Me perdoe por ter sido um babaca com você. Eu deixei meu orgulho falar mais alto, mas estou cansado de ficar longe — confessa. — Fiquei magoado e permiti que isso me consumisse… mas a verdade é que, se tivesse que escolher de novo, eu ainda escolheria você. Mil vezes. Nenhuma outra chegou nem perto de me trazer a paz que só você me dá. E nenhuma me faz sentir essa adrenalina que só o seu jeito atrevido desperta.

— E Blake? — pergunto. — Ouvi dizer que ela era sua namorada.

Dan bufa, irritado, e nega com a cabeça.

— Eu nunca quis nada com aquela garota. Ela é passado e não vai mais nos incomodar. Eu garanto.

— Mas ela parecia te querer — insisto.

— Ela está grávida de outro e queria que eu assumisse a criança. Mas nem se ela estivesse carregando um filho meu, eu me casaria com ela. Eu daria o suporte à criança, mas não me ligaria a ela — diz com firmeza. — Porque meu coração é seu, Feiticeira. E você foi a única que conseguiu ter essa parte de mim.

— Dan…

— Quero estar presente em cada segundo da sua gravidez — continua. — Quero ser seu marido de verdade, Feiticeira. *Eu amo você.*

O choque me percorre quando ele diz as últimas três palavras.

Ele as disse em português.

— Você…

— Aprendi e pratiquei algumas coisas enquanto estivemos separados. — Sorri, quase me beijando. — *Quero te beijar.*

Dou uma risada baixa.

— *Quero te comer* — continua em português. Gargalho dessa vez, mas ele não para. — *Quero a eternidade com você.*

Eu poderia perguntar a ele quantas vezes ele praticou o português, já que as palavras saem fluídas, quase perfeitas. No entanto, toda a minha curiosidade vai embora quando ele segura meu rosto com as duas mãos e finalmente me beija.

O beijo começa calmo, mas logo fica quente, envolvente… sua língua exigente dança com a minha e aquece cada parte do meu corpo. Ele beija, mordisca, chupa, e eu o acompanho, sedenta de saudade, tomando tudo o que ele tem para me dar, e pegando tudo o que ele tem para me oferecer.

Nosso beijo se aprofunda e ele me abraça, e eu faço o mesmo, ignorando o frio da praia e me satisfazendo com o calor do seu corpo.

Só ele me faz sentir tão segura.

Só ele me faz sentir tão bem.

E é com ele que eu quero estar, independentemente de erros e defeitos. O amor verdadeiro não é perfeito. Nenhum de nós é. Mas eu estou

disposta a viver essa vida insana com ele.

Ele afasta nossos lábios e cola nossas testas, sorrindo. Eu mantenho meus braços ao redor dos ombros dele e fecho os olhos, apreciando o sentimento de estar nos braços do meu mafioso outra vez.

— Feiticeira?

— Hum?

— É hora de voltar para casa.

Eu apenas assinto e deixo que ele me leve. De volta para Chicago, para a nossa vida, para o nosso apartamento.

E neste momento me dou conta de que nenhum lugar do mundo vai ser tão minha casa quanto meu mafioso letal.

Porque eu também quero a eternidade com ele.

Dan Belinni é o meu lar.



— Está preparada? — pergunto, encarando minha mulher vendada.

— Por favor, eu estou morrendo de curiosidade!

Mesmo com os olhos cobertos, ela está com um sorriso enorme no rosto e não consegue disfarçar sua ansiedade.

Porra, ela está tão linda. Sua barriga já está bem mais evidente e redonda, o que me dá um orgulho insano. Eu poderia ver e idolatrar seu corpo para sempre e a verdade é que não vejo a hora de começar a fazer isso.

Mas ontem, depois de voltarmos de Forks, ela estava tão cansada que acabou adormecendo pouco depois que chegamos em meu apartamento. Eu a envolvi em meus braços e beijei seu cabelo, me sentindo o filho da puta mais sortudo do mundo por tê-la comigo.

Eu me posiciono diante dela e, lentamente, tiro a venda dos seus

olhos.

— Bem-vinda à nossa nova casa, Feiticeira.

Saio da sua frente, sem deixar de observar seu rosto. Milena arregala os olhos, observando a mansão diante de nós, e leva uma das mãos à boca, completamente surpresa.

A casa é enorme, elegante e moderna, mas ao mesmo tempo aconchegante. A mansão foi colocada à venda e fui impulsivo na hora de aproveitar a oportunidade. Ela pertencia a um viúvo sem herdeiros que acabou de falecer e sempre foi uma das mansões mais bonitas de Chicago.

O lugar estava impecável e não precisei fazer reformas… apenas pedi para que alguns *elementos* fossem adicionados.

— Sei que não te chamei para escolher a casa, mas queria fazer uma surpresa. Se não gostar, podemos reformar tudo. E se não quiser, eu vendo aqui e compramos outra casa — falo. — Nós podemos construir também, se você quiser, mas pensei que seria melhor comprar uma casa pronta para tudo já estar pronto quando nossa filha nascer.

Milena continua imóvel e começo a me sentir um babaca por ter comprado uma casa *para ela* sem pedir a opinião dela antes.

Fodido impulsivo.

— Porra, você não gostou, não é? Eu deveria ter esperado e…

— Dan — sussurra com a voz embargada pelo choro. — Você comprou essa casa para nossa família?

— Sim, amor. Queria um lugar com espaço para Alice brincar. Tem piscina, parquinho e vários quartos. Vai caber nossa filha e todos os outros filhos que vamos ter.

Ela me encara com a sobrancelha arqueada e cruza os braços, prendendo o riso.

— Eu nem pari e você já está me enchendo de filhos?

Um sorriso sacana surge nos meus lábios.

— Nada nos impede de praticar.

Milena ri e volta a observar nossa casa, girando no próprio eixo para analisar cada detalhe. Ela parece emocionada e me mantenho no lugar, adorando ver cada expressão em seu rosto.

Bufo uma risada quando seu olhar se prende em algo no fundo da sala. Um aquário gigante.

— Você o trouxe? — pergunta, incrédula.

— Eduard Cullen precisava de um aquário maior — zombo e, segundos depois, ela salta em meu pescoço, me beijando e me agradecendo. — Você gostou mais de eu ter trazido seu peixe do que da casa? Se eu soubesse tinha comprado um aquário maior e uma mansão mais barata — brinco e ela ri.

Milena se afasta e seca lágrimas em seus olhos, mas um sorriso lindo está em seu rosto.

— Não é isso… é que eu não pedi para você levar meu peixe para a casa dos seus pais porque tinha medo de que você me abandonasse depois que me devolvesse o Edward — confessa, expondo sua vulnerabilidade. — Eu sentia que se meu peixe estivesse em sua casa, ainda era algo meu ali, então havia esperanças para nós.

Sacudo a cabeça, incrédulo, e tomo seu rosto entre as mãos.

— Eu nunca te deixaria. Minha obsessão sempre foi maior do que o meu orgulho, Feiticeira. Prefiro morrer do que te deixar ir.

— Eu nunca quis ir embora.

— Eu sei — sussurro, colando nossas bocas.

Nosso beijo é lento e as mãos da minha mulher arranham meu pescoço e meu peito devagar, em carícias que despertam cada parte do meu corpo.

Porra, estou morrendo de saudade dela.

— Já podemos dormir aqui hoje? — ela pergunta, sorrindo. — Sinto falta de dividir a cama com você.

Solto uma risada baixa.

— A casa é sua, linda. Você pode fazer o que quiser. Mas preparei algo especialmente para você no andar de cima…

— O quê? — A curiosidade ilumina seus olhos.

— Vamos ver pessoalmente.

Estendo a mão para ela e Milena entrelaça nossos dedos, sorrindo pela expectativa. Subimos as escadas juntos, mas antes de levá-la aonde quero, paro diante de um quarto vazio.

— Pensei que esse poderia ser o quarto da Alice. É grande e arejado.

— Vou poder decorar como eu quiser? — pergunta com um sorriso no rosto. — Porque eu posso me vingar de você e escolher coisas bem caras para a decoração…

— Oh, querida, eu estou no topo da máfia. Ganho dinheiro feito água. Você pode torrar meu dinheiro em tudo o que quiser e eu ainda serei rico — respondo e ela ri.

Dou uma volta para que ela veja os outros quartos até finalmente levá-la à última porta do corredor. Ela parece apreensiva, mas seu sorriso morre quando ela vê apenas um escritório masculino.

— Era isso o que queria me mostrar? — pergunta, tentando disfarçar a decepção.

Rio da sua reação e vou até um quadro, pressionando uma fechadura invisível e abrindo uma porta secreta.

Uma nova sala surge do outro lado. Escura, com luzes de boate iluminando pontos estratégicos… e com um mastro de pole dance no centro. Há uma cama de casal no canto e diversos espelhos pelo local.

É um quarto para sexo.

— O quê...? — Ela leva as mãos à boca e sorri.

— Isso era um quarto secreto do antigo dono. Ele guardava documentos importantes e dinheiro, mas eu prefiro reservar o espaço para algo mais valioso: você.

— Dentro do seu escritório?

— Há uma outra entrada, mas prefiro que entre por essa. Ninguém nos incomodará se eu estiver aqui dentro — falo. — Nossos funcionários irão nos respeitar e mandei instalar isolamento acústico para que ninguém ouça seus gemidos.

— E a empresa que fez tudo isso?

— Pertence à máfia. Precisam honrar o sigilo.

Ela olha para o lugar admirada e aproveito para pegar meu celular e colocar uma música. Milena me olha quando “Gata only - slow version” começa a tocar e morde os lábios de um jeito safado.

— Tire a roupa, Feiticeira. Dance para mim no mastro como você fez na boate.

— Pensei que não tivesse gostado de me ver nua e grávida.

Bufo o ar pelo nariz.

— Desde que te vi sem roupa, o que eu mais quero é te foder grávida, amor. Quero meu pau te enchendo até o fundo.

— Dan — sua voz fica ofegante e eu me sento preguiçosamente em uma poltrona diante do mastro.

Aponto com o queixo para ele e olho para a minha mulher.

— Dance para mim, Feiticeira. Sem roupa, sem nada.

Com o olhar travado no meu, ela me obedece, tirando toda a sua roupa lentamente. Meu maxilar trava e seguro os braços da poltrona com força, me controlando para não agarrá-la e fodê-la duro agora mesmo.

Ela caminha devagar até o mastro e faz cara de safada quando lambe os lábios e sorri para mim.

— Imagino que a partir de agora só tenho permissão para dançar para você.

— Só para mim — ofego assim que ela começa a rebolar.

Sua barriga de grávida é a coisa mais linda que já vi na vida, mas o corpo gostoso e sensual de Milena faz meu pau pulsar dolorosamente na

calça.

— Serei sua dançarina particular, então…

— Você é minha mulher. Vai ser tudo o que seu homem precisar que você seja.

— Eu vou — responde com submissão e vira de costas, rebolando até o chão.

Ela segura o mastro com as duas mãos e gira ao redor dele, abrindo as pernas e deixando que sua boceta esfregue no metal.

Aumento a iluminação da sala, vendo o local brilhando com a lubrificação dela. Ela ofega de tesão e isso me faz gemer. Quero colocar a língua na sua boceta.

De frente para mim, ela usa uma mão para acariciar seu corpo no ritmo da música e rebola contra o mastro, deixando-me com inveja dele.

Seus dedos se demoram nos mamilos durinhos e minha boca seca de vontade de abocanhá-los. Seus peitos estão maiores e mais pesados. Provavelmente é seu corpo a preparando para amamentar nossa filha.

Ver tudo nela modificado pela natureza para gerar minha herdeira me dá uma possessividade insana. E, sem aguentar mais, me levanto da poltrona e vou até ela.

— Minha dança ainda não acabou, amor — sussurra com a voz incerta, seus olhos travados na minha boca. Ela quer ser beijada e vou fazer isso.

Mas não agora.

— Você vai rebolar na minha boca, Feiticeira. Sua dança vai continuar enquanto eu te chupo gostoso.

— Dan — murmura e, ignorando qualquer princípio da máfia sobre não se dobrar diante de ninguém, ajoelho na frente da minha esposa e coloco uma de suas coxas em meus ombros. — Amor.

— Rebole, amor. Rebole na boca do seu homem — ordeno e ela suspira, fazendo exatamente o que mandei.

A música continua e Milena move os quadris, esfregando o clítoris molhado na minha cara. Sorrio contra a sua boceta ansiosa e sopro em cima do botão rosa, fazendo-a choramingar.

Lambo sua virilha bem devagarinho e endureço a língua antes de passá-la em suas dobras, sem enfiar no seu canal e sem tocar seu clitóris intumescido.

— Amor — implora, rebolando mais enquanto leva uma mão até minha nuca para guiar minha boca até seu ponto de necessidade.

— Eu senti tanta falta do seu cheiro — sussurro, pressionando meu nariz em cima do seu ponto sensível. Ela geme e tenta rebolar mais, mas agarro seu quadril com carinho. — Tenha paciência, Feiticeira. Me deixe saborear minha comida favorita.

Levo meu tempo cheirando e lambendo suas dobras, percebendo que minha mulher fica cada vez mais manhosa e ansiosa. Abro meus dedos em formato de tesoura e afasto os lábios da sua boceta, expondo seu clitóris melado para mim.

Dando o que minha esposa grávida quer, abocanho o botão de uma vez, sugando e pressionando minha língua macia em cima dele.

Ao mesmo tempo, levo a ponta de um dedo até sua entrada e começo a enfiar devagarinho, mamando seu clitóris gostoso enquanto eu a fodo.

Seu canal está ainda mais apertado e minhas bolas doem ao notar isso. Quando eu enfiar meu pau na sua boceta, caralho… ela vai me esmagar.

— Ai, amor… — geme e me afasto imediatamente, franzindo o cenho. Ela resmunga quando faço isso.

— Está doendo? Se estiver te machucando, eu paro — falo, genuinamente preocupado.

Minha mulher está grávida e preciso protegê-la, não deixá-la dolorida.

— Você vai me matar de tesão se não terminar o que começou. Volte a boca para a minha boceta agora e me faça gozar!

Seu tom irritado me faz sorrir, e decido dar o que ela quer.

Abro a boca e lambo a sua boceta de cima até embaixo antes de voltar a chupar seu clitóris e enfiar meu dedo no seu canal. Milena geme e rebola na minha boca, suas paredes apertadas se contraem a cada vez que sugo seu botão rosa e isso me dá uma ansiedade do caralho.

Ela está ainda mais apertada.

— Amor — choraminga quando seus movimentos perdem o ritmo, seguro sua coxa com firmeza e mamo seu clitóris com mais força, sabendo que ela vai gozar.

E ela goza.

Lambuzando minha boca, meu rosto e meu terno, Milena esguicha da minha cara e me presenteia com seu orgasmo.

— Porra, você está ainda mais doce — rosno, lambendo seu líquido e sentindo meu pau prestes a explodir.

Quando ela para de tremer, eu me levanto de uma vez e tomo sua boca em um beijo intenso, afundando minha língua nela e forçando minha esposa a provar seu próprio gosto.

Ela murmura de prazer e leva as mãos delicadas até meu pau, que está duro feito aço. Eu quero meter nela, mas sei que se eu fizer isso agora, vou gozar rápido feito um maldito adolescente.

Eu não toquei em ninguém desde que ela foi embora. Isso significa que estou há um bom tempo sem sexo e a punheta jamais vai satisfazer minha necessidade da sua boceta.

Mas, no momento, prefiro fazer isso do que ter uma nova primeira transa de dois minutos.

— Linda, eu preciso me aliviar. Onde você quer que eu goze? — falo, abrindo o zíper e tirando meu pau.

Começo a bombear duro com a boca ainda na minha esposa, sentindo o gosto adocicado da sua língua e misturado ao da sua boceta.

— Nos meus peitos — sussurra. — Goze nos meus peitos e na minha cara.

— De joelhos, então — ordeno e minha mulher prontamente me obedece, colocando a língua para fora e inclinando o rosto para trás, expondo os peitos e o corpo para mim. — Caralho!

Estou totalmente vestido ainda e ela está toda pelada para mim, apenas esperando minha porra.

A cena erótica é minha ruína e logo minhas bolas ficam doloridas, em uma necessidade absurda de gozar.

— Abra mais a boca pra tomar o leite do seu marido — mando e ela assente, linda e obediente.

O esperma percorre meu pau e os jatos de porra saem rápido, lambuzando sua boca, língua, rosto, pescoço e peitos. Ela tenta tomar meu leite e urro de tesão, me agarrando ao mastro enquanto meu quadril se movimenta para liberar a tensão de dentro de mim.

Depois que gozo, um sorriso perverso estampa meu rosto. Sem lhe dar tempo de descanso, eu a pego no colo e abro uma outra porta secreta, que dessa vez dá direto em nosso quarto.

— Eu preciso mesmo conhecer os segredos dessa casa. — Ela ri, envolvendo os braços em meu pescoço.

— Teremos tempo. Quero você por toda a eternidade — falo a última frase em português e o sorriso no rosto de Milena é impagável.

Tenho tentado aprender o idioma e saber que isso a faz feliz me motiva a continuar.

Beijo sua boca rapidamente antes de levá-la ao nosso banheiro, colocando-a com cuidado no chão. Ligo a água morna e olho para minha esposa grávida, vendo-a linda e lambuzada com minha porra.

Meu pau fica duro no mesmo instante. Ela nota.

Tiro a roupa com os olhos nela, me desfazendo da minha arma e deixando tudo no chão. Meu pau está ereto e apontando para cima, as veias evidentes demarcando meu tesão.

— Eu senti sua falta — sussurra, caminhando até mim.

Milena beija minha boca e eu deixo que ela toque meu corpo, explorando e acariciando o que ela estava com saudade. Ela faz carinho no meu pau e preciso engolir meus gemidos, pois o membro ansioso está louco para afastar suas pernas e se enterrar no fundo da sua boceta quente.

Me esforço para ser carinhoso, pois essa será nossa primeira vez depois de algum tempo e ela está com meu bebê na barriga. Não posso machucá-la.

Eu a coloco debaixo da água morna e ensaboo seu corpo com cuidado, tirando meu esperma dela.

— Você sabe que em breve vai me lambuzar de novo — brinca, levando as mãos até meu pau e me fazendo urrar.

— Querida, seu marido está se esforçando para ser cuidadoso. Se continuar me dizendo essas coisas, não vou conseguir ser gentil.

— Eu quero duro, Dan. Quero que me foda.

— Mas você está grávida.

— Você não vai machucar o bebê — sussurra, acariciando meu pau em uma punheta longa e gostosa. — Não tenha medo de me tocar. Eu preciso de você.

Mando meu autocontrole para o inferno e tomo sua boca mais uma vez, esfregando seu clitóris e averiguando se ele está molhado para fodermos de novo.

— Caralho, linda! Você já está melada pra mim.

Ela choraminga ao sentir meu dedo grosso e eu a viro de costas, pois a barriga grande vai dificultar que eu a foda de frente enquanto estivermos de pé.

Seguro sua coxa e verifico seu equilíbrio antes de fazer o que quero. Apesar do meu desejo irracional, preciso ser cuidadoso com ela agora.

Levo meu pau duro até sua entrada e pressiono um pouco, forçando minha entrada. Ela choraminga ansiosa e pede pau, então deixo o desejo me dominar e começo a meter a cabeça, louco de saudade dela.

Gememos juntos e ela rebola, tentando me fazer enfiar mais.

Xingo um palavrão quando eu a sinto ainda mais quente e apertada do que antes. Meu pau pulsa dentro dela e meto mais alguns centímetros.

Vou pouco a pouco, beijando seu pescoço, enfiando meu pau duro e alargando o canal estreito que me pertence. Tudo nela me pertence.

Ela é minha. Só minha.

Me afundo até o talo e ela grita, mas não deixa de rebolar. Milena joga a cabeça para trás e geme enquanto eu a fodo gostoso por trás, nossas peles quentes e macias se tocando em busca de alívio e prazer.

Encontramos nosso ritmo e nossa foda fica dura e suada. Estou atento aos seus gemidos, tomando o cuidado de ouvir o menor sinal de dor vindo dela.

— Meu clitóris está latejando — sussurra. — Esfrega ele pra mim?

Ofego de tesão e lambo seu pescoço, adorando ver minha mulher derretida de prazer nos meus braços, mas em vez de dar a ela o que ela quer, tenho outros planos.

Com uma mão, pego o chuveirinho e jogo o jato de água direto em seu clitóris, sem deixar de meter nela. Ela choraminga de tesão e seguro sua coxa com mais firmeza, mantendo suas pernas arreganhadas enquanto como sua boceta.

— Isso é tão gostoso — murmura e mantenho o jato morno acertando seu botão sensível, estimulando o local.

Milena começa a contrair a boceta e suas paredes esmagam meu pau, arrancando um urro rouco de mim. Seus gemidos ficam cada vez mais altos e entendo que ela vai gozar.

— Goze, amor — ordeno e ela segue meu comando, tremendo enquanto seu corpo é tomado por espasmos.

Ela ordenha meu pau tão gostoso que eu sigo seu orgasmo, me derramando dentro dela também.

Acabamos nosso banho com carícias, mas logo o clima esquenta de

novo. Ficamos tanto tempo separados que é como se tudo do outro ainda não fosse o suficiente para matar a saudade que se instalou.

— Está cansada, amor? Posso te levar para a cama — falo baixinho, minha boca a centímetros da dela.

— Me leve para o nosso quarto, senhor Belinni. Quero ir para a cama, mas para fazer outras coisas além de dormir — diz com um sorriso safado.

— Seu desejo é uma ordem, senhora Belinni.

Sem hesitar, eu a pego no colo e vou para o quarto com ela nos braços. Ela ri e o som da sua felicidade preenche meu peito de uma forma insana.

Porra, eu a amo pra caralho.

Deito minha mulher na cama, idolatrando seu corpo enquanto ela sorri para mim. Mergulho a boca em seu corpo e beijo seu pescoço, peitos, barriga e boceta, provando seu gosto outra vez.

— Você é perfeita, Feiticeira. Eu amo você — sussurro em português e ela me dá um sorriso de satisfação.

— Eu te amo mais — responde no seu idioma e fico feliz por estar entendendo. — Agora me come de novo.

E eu como.

De quatro, de lado, em cima dela e depois montando minha esposa no meu colo. Eu a fodo de tantas maneiras que perdemos a noção do tempo, mas a cada vez que entro nela, um pouco da minha dor sai.

As merdas da minha cabeça vão embora.

Minha Feiticeira é minha cura e meu coração danificado será dela para sempre.



MILENA BELINNI

Meses depois

— Meu Deus! Isso é a coisa mais fofa do mundo! — exclamo enquanto olho para o minivestido que Alice acaba de ganhar.

— Amiga, você disse isso sobre todos os presentes que eu te trouxe — María comenta e ri.

— E eu não menti. É tudo tão lindo! — afirmo, apaixonada pelas roupinhas. — Agora abra os seus!

O sorriso da minha amiga se alarga e ela começa a abrir os presentes que eu lhe comprei. Ela também está grávida, mas descobriu há pouco tempo e está esperando um menininho. Robert e ela estão muito felizes e eu, aliviada, já que eles finalmente se mudaram para um lugar legal.

— Ok, essas roupinhas são *mesmo* a coisa mais fofa do mundo! —

María fala com empolgação e me encara com os olhos marejados. — Nem acredito que estamos vivendo essa fase juntas!

Minha sogra chega na sala e pergunta se pode se juntar a nós.

— Claro! Você não precisa pedir permissão para ficar na sala da sua própria casa — brinco.

Dan foi fazer uma viagem a trabalho com Liam e pediu para que eu ficasse na casa dos seus pais até que ele voltasse, já que minha gravidez está avançada e Alice pode nascer a qualquer momento.

— Mas não quero atrapalhar o momento de vocês — diz, mas quando encara as roupinhas de bebê diante de nós, seu olhar brilha. — Que coisinhas lindas!

Eu e María rimos da reação da minha sogra e logo estamos as três conversando animadamente sobre enxoval e bebês.

Nosso momento é interrompido quando Otto entra com tudo dentro de casa, com o celular no ouvido.

— Onde está o meu pai? — pergunta diretamente à mãe, que se levanta de uma vez.

— No escritório. O que foi?

Otto nem precisa procurá-lo, pois logo Don William aparece na sala com duas armas nas mãos. Mas assim que ele vê o rosto do filho, ele abaixa os revólveres.

— O que aconteceu?

Meu coração dispara quando Otto olha para mim. Alguém fala algo do outro lado da linha e ele suspira.

— Ei, você precisa ficar acordado. Não ceda!

Ele volta a olhar para o pai e afasta o celular do ouvido.

— Eles sofreram um acidente. Um caminhão atravessou a pista e Liam desviou, mas bateu o carro contra uma árvore. Ele está desacordado, mas Dan está na linha.

— O quê?! Ele está bem?

Eu me levanto de uma vez, sentindo um desconforto na barriga, mas ignoro todas as minhas dores para focar no meu marido.

— Dan estava sem cinto e foi arremessado para fora do carro, mas está consciente.

Meu estômago embrulha e Rebecca começa a chorar. O Don da Outfit pega seu celular e fala com alguém sobre rastrear o carro deles, mas minha atenção está toda voltada para Otto agora.

Ele volta o celular ao ouvido.

— Não quero te ouvir dizendo merda. Você vai sobreviver, caralho! — grunhe na linha e o ar se esvai dos meus pulmões.

Ele continua murmurando coisas no telefone, mas dessa vez não consigo discernir muito bem suas palavras.

— Precisamos ir. O helicóptero está vindo nos buscar — Meu sogro diz para o filho mais velho.

— Eles precisam ir para o hospital! — Minha sogra grita, desorientada. É a primeira vez que vejo Rebecca Belinni perder o chão. — Pelo amor de Deus!

Os dois homens tentam manter a calma, mas é visível nos olhos de Otto que a situação é grave. E tudo piora quando ele estende o celular para mim.

— Ele quer falar com você — murmura. — Está com uma conversa de merda, então, pelo amor de Deus, tire essa bosta da cabeça dele.

— O que… — começo a falar, mas o entendimento me atinge e um soluço escapa da minha garganta. — Não…

— Ele *não* vai morrer — afirma com autoridade, mas consigo ver a vulnerabilidade nos seus olhos.

Ele está desesperado. Rebecca começa a ofegar e seu marido tenta socorrê-la. María ajuda e tudo ao nosso redor vira caos.

Estou entrando em transe. Minhas pernas estão fracas.

— Milena — Otto me chama, colocando o celular na minha mão. Ele olha no fundo dos meus olhos. — Mantenha-o acordado… por favor.

Por favor.

Ele quase implora. Nunca vi Otto Belinni implorando por nada e nem por ninguém.

Meus lábios tremem.

— Eu…

— Meu irmão precisa de você.

Meu sogro chama Otto para saírem e vejo funcionários auxiliando minha sogra, mas tudo o que faço é me afastar e levar o celular ao ouvido.

— Dan?

Ouço uma tosse do outro lado.

— Ei, Feiticeira… é bom ouvir sua voz.

Sua voz sai tão fraca que tenho vontade de desabar, mas uso a voz mais calma que consigo para tentar tranquilizá-lo:

— Amor… o que aconteceu?

— Sofremos um acidente. Liam está desacordado. Eu acho que ele pode estar morto.

Meu coração se parte quando penso no meu cunhado. Seu jeito debochado, galinha, despreocupado… mas ele sempre priorizou a família. Sempre cuidou dos seus.

— Ele está bem, amor. Eu tenho certeza — sussurro baixinho, pedindo a Deus para que seja verdade. — E como você está?

— Não consigo me mover direito. Não sei como consegui pegar o celular no bolso e nem como ele não quebrou. Eu fui arremessado do carro.

— Você deveria ter usado o cinto.

— Eu só lembro disso quando o assunto é você.

— Sua segurança é muito importante — murmuro, engolindo as

lágrimas. — A coisa mais importante para mim.

— *Eu já falei que eu amo ouvir sua voz?* — Ele tenta brincar, mas sua voz está fraca, carregada de dor. — *Eu estou cansado pra caralho, amor, quero fechar os olhos… e quando faço isso, é você que vem na minha cabeça. Isso é um bom sinal, certo? É um sinal de que eu me casei bem.*

— Mantenha seus olhos abertos, por favor!

— *Eu estou realmente cansado, Feiticeira.*

Meus joelhos cedem, e eu caio sobre o tapete felpudo da sala, apertando o celular contra o ouvido. Lágrimas rolam pelo meu rosto. Eu ouço sua respiração falha do outro lado da linha, cada vez mais espaçada.

— Fique acordado, Dan! Você precisa se manter acordado, ok? — choro, sentindo um aperto sufocante no peito. — Fale comigo! Pense na Alice!

— *Alice…* — sussurra e sei que ele sorri do outro lado. — *Como será o rostinho da nossa filha? Seria bom se ela se parecesse com você. Você é linda.*

Meu coração dói como se estivesse sendo partido em mil pedaços. Tento respirar, tento manter a calma, mas estou prestes a enlouquecer.

— Você vai vê-la. Você vai segurá-la nos braços. Você vai ser o pai dela, Dan, e eu vou te matar se você desistir! — minha voz sai trêmula, mas repleta de fúria e amor.

Ele ri fraquinho, mas logo a tosse toma conta e o som faz meu estômago se revirar.

— *Eu cheguei tão perto…* — murmura, e a dor na sua voz me rasga ao meio. — *Tão perto de conhecê-la.*

Meu peito se contrai violentamente, e eu me forço a respirar. Não posso permitir que esse pensamento entre na mente dele.

— Você não chegou perto, porque você vai conhecê-la! Você vai estar aqui quando ela der o primeiro choro! Você vai ensiná-la a andar! Você vai dançar com ela no casamento dela, caralho! Então não ouse me deixar! — grito, soluçando de dor.

Não me importo com o palavrão que escapa na frente da minha sogra. Não me importo com mais nada. Eu só quero meu marido de volta.

Silêncio.

— Dan?

Minha respiração se torna um lamento entrecortado. Então, ouço sua voz novamente, ainda mais fraca.

— Diga à Alice que eu a amei o tempo todo… Diga que eu darei um jeito de conhecê-la nos sonhos dela — sussurra. *— Eu a protegerei, amor. Eu cuidarei da nossa menina de onde eu estiver, eu juro.*

— Dan Belinni, eu te proíbo de morrer! — Minha voz sai carregada de desespero. — Você vai voltar para mim, ouviu?! Eu não aceito nada menos que isso!

— Eu amo você, Feiticeira. — Sua voz é quase inaudível. *— Ter partilhado a vida com você foi a maior honra da minha existência.*

— Dan? Dan?! — grito, mas não há resposta dessa vez.

O celular escorrega da minha mão. O chão parece sumir. Um grito de pura agonia escapa dos meus lábios, ecoando pela sala.

Mas o silêncio dele é o que me destrói.

Porque agora… talvez eu o tenha perdido para sempre.



Meus olhos ardem pelo choro e uma dor forte atinge meu ventre, mas me esforço para não demonstrar e preocupar ninguém.

Estamos todos na sala de espera do hospital e o clima é de dor e desespero. Já faz horas que estamos aqui.

Liam está fazendo uma cirurgia na cabeça e Dan está sendo examinado pelos médicos, mas os dois chegaram desacordados no hospital.

Outra pontada de dor me acerta e tenho certeza de que estou tendo uma contração. Respiro fundo e me levanto, dizendo que preciso de água, mas tudo o que preciso é de uma desculpa para me afastar.

Meu parto não pode ser agora. Eu preciso do meu marido comigo.

Acaricio minha barriga com cuidado e peço mentalmente à Alice para esperar um pouco para nascer. Não tenho ideia de como Dan está, mas não posso passar por isso sem ele.

Deus, eu não posso viver sem ele.

O menor pensamento faz meu estômago embrulhar.

Bebo um copo de água e me viro, sentindo uma presença atrás de mim. Otto está com o semblante cansado e a preocupação preenche seu rosto.

— Você deveria ir para casa. Não é bom que uma mulher no seu estado fique tanto tempo na sala de espera de um hospital.

— Eu não vou deixá-lo. Ele é meu marido.

Otto suspira e acena, pegando um copo de água para si.

— Não vou manter você longe do seu marido. Todos estão vendo o seu sofrimento e sei que você se importa de verdade com ele, mas vou pedir para te arranjarem um quarto. Você descansa até o Dan acordar.

— E se..? — Minha voz morre antes que eu complete a frase.

— Ele *vai* acordar — diz com tanta convicção que me agarro às suas palavras.

— Eu não consegui mantê-lo acordado — murmuro e meus lábios tremem pelo choro contido.

— Ele vai sobreviver, Milena. Meu irmão é forte — suspira. — Os dois são.

Outra pontada de dor me acerta e, dessa vez, meu corpo se contrai. Segundos depois, Otto está diante de mim.

— Porra, ela vai nascer agora? — Seu tom é preocupado.

— Não — respondo com firmeza, tentando ajustar minha postura, mas dói demais. — Ela não pode nascer agora. Eu preciso do meu marido.

Respiro fundo até a contração passar, e logo consigo me recompor.

— É melhor você ser examinada.

— Eu estou bem.

— Milena — sua voz é baixa e firme. — Você está esperando a filha do meu irmão. Ele está com os médicos e não tenho ideia do que vai acontecer, mas é minha obrigação zelar por vocês na ausência do Dan. Eu preciso verificar se vocês duas estão bem.

— Eu preciso dele — repito, as lágrimas brotando nos meus olhos.

— E ele vai voltar — afirma. — Mas até lá, eu assumirei a responsabilidade por vocês.

Acaricio minha barriga e nego com a cabeça.

— Ainda não. Me dê um tempo… se a dor piorar, eu deixo que me examinem.

Otto suspira, mas balança a cabeça em concordância.

— Você é teimosa como ele — comenta, erguendo o canto do lábio em um sorriso minúsculo. — O sobrenome Belinni combina mesmo com você.

Mordo os lábios para não sorrir, pois de certa forma é reconfortante ouvir suas palavras.

— Mas — continua, chamando minha atenção. —, se você sentir dor e tentar me esconder, vou mandar as enfermeiras te buscarem e examinarem você, com ou sem seu consentimento.

— Eu não vou colocar a segurança da minha filha em risco — digo com propriedade e ele apenas acena, se virando para voltar para a sala de espera.

No entanto, antes de se afastar, ele me chama uma última vez.

— Obrigado por não deixá-lo sozinho. Obrigado por não deixá-lo quebrar.

E então ele se vai.

Novas lágrimas surgem em meus olhos e eu me permito chorar, acariciando minha barriga enquanto uma onda de medo toma conta de mim.

— Ele vai voltar para nós, filhinha. Só espere um pouco. Ele vai voltar.

Mesmo que dessa vez ele não tenha me prometido.

Eu preciso confiar que ele vai voltar.

Por nós.



MILENA BELINNI

A luz forte do hospital me atinge quando abro os olhos. Uma voz feminina me chama e me levanto da maca, observando uma enfermeira.

Já faz dois dias desde que Dan e Liam foram trazidos para o hospital.

Cedi à insistência de Otto e aceitei esperar meu marido em um dos quartos. Se eu me recusava a ir para casa descansar, pelo menos poderia me acomodar ali, apoiando a barriga enquanto aguardava ansiosamente a chance de vê-lo.

Felizmente, depois da minha conversa com minha barriga, Alice pareceu entender a situação, permanecendo tranquila, sem dar indícios de que queria vir ao mundo enquanto o pai ainda estava no hospital.

Era como se, mesmo antes de nascer, ela já soubesse esperar o momento certo. Minha pequena já demonstrava ser incrível.

Então concentrei toda a minha energia pedindo a Deus pela recuperação de Dan.

Mesmo com os médicos garantindo que ele estava bem e que logo teria alta, a verdade é que eu só encontraria paz quando pudesse tocá-lo de novo.

A preocupação me consumiu até o limite, e a exaustão acabou vencendo, mas lembro-me bem de como adormeci: soluçando baixinho, incapaz de segurar as lágrimas.

Meus sogros e Otto estavam no quarto, mas nada disso importava naquele momento. Não me preocupei em manter a compostura ou fingir ser forte. Apenas me encolhi, deixando que a dor e o medo transbordassem.

— Senhora Belinni, me perdoe por ter te acordado, mas é que seu marido pediu para te ver. — A enfermeira diz com cautela e percebo que estou sozinha com ela no quarto.

— O quê?! — pergunto, ponderando se ainda estou sonhando.

Ela sorri para mim.

— Dan Belinni acordou e está te esperando no quarto 202.

Suas palavras me tiram do estado sonolento e salto da maca de uma vez, correndo para fora do quarto. Tenho plena ciência de que estou andando como uma pata, por causa da barriga gigante, mas isso não é relevante agora.

Eu só quero vê-lo, abraçá-lo, estar com meu mafioso.

Quando chego ao quarto 202, abro a porta sem pedir licença, encontrando Rebecca, William e Otto lá dentro. Fico um pouco chateada por ter sido deixada sozinha, mas isso fica em segundo plano quando não vejo meu marido.

— Onde ele está? — pergunto, afobada.

— Ei, Feiticeira! — A voz familiar faz meu coração errar uma batida e me viro, vendo Dan sair do banheiro. Ele está de terno, impecavelmente vestido todo de preto, mas o cabelo molhado denuncia que ele acabou de tomar banho. — Eu não deixei que te chamassem antes de eu tomar um banho e colocar uma roupa decente. Eu estava uma merda e não queria te

encontrar cheio de curativos.

Sem pensar duas vezes, corro até ele e me jogo em seus braços, soluçando enquanto sinto seu cheiro e o calor do seu corpo me envolver.

— Você está vivo!

Ele se contrai com meu aperto, mas não me solta. Tento afrouxar meu agarre porque não sei a gravidade dos seus machucados, mas ele não me deixa. Dan me abraça forte.

— Não sei por que a surpresa. Já ouviu aquela história que gatos têm sete vidas? — zomba e escuto seu pai bufar uma risada.

— Pelo amor de Deus, Dan! Agora não é hora de fazer suas piadas com ego.

Ele ri e meu peito se aperta, porque pensei que nunca mais ouviria o som da sua risada.

— Senti sua falta — sussurra.

— Você não pode fazer isso nunca mais! — murmuro, dominada pelas lágrimas.

Ouço o som de passos e logo uma porta se fecha, então entendo que a família do meu marido nos deixou a sós. Aproveito nossa privacidade para me afastar um pouco dele e provocá-lo:

— Se você tivesse me deixado, eu ia dar pro primeiro cara que eu visse, só de raiva de você!

O semblante do meu marido fica duro instantaneamente.

— Seria o primeiro milagre dentro da máfia, então — grunhe, irritado. — Porque eu voltaria dos mortos só pra matar o desgraçado que tocasse em você.

Solto uma risada entre as lágrimas, e ele estreita os olhos para mim antes de sorrir também.

— Eu também senti sua falta — confesso e ele me abraça outra vez, beijando minha testa com carinho.

— Eu estou aqui, amor.

Aperto mais os braços ao redor do seu pescoço e enterro o rosto em seu peito, sentindo sua pele quente contra a minha.

— Você me assustou tanto… — minha voz sai embargada, e sinto seus dedos deslizando por meus cabelos.

— Eu sei, Feiticeira…

— O que aconteceu? — pergunto e ele segura meu rosto entre as mãos, me forçando a encará-lo.

— Foi uma combinação de coisas — começa, a voz mais grave. — Fui arremessado para fora do carro e o vidro lacerou minha pele. Consegui proteger minha cabeça e por isso meu rosto foi poupado, mas todo o meu corpo está machucado. Minha roupa ficou coberta de sangue e quebrei duas costelas, mas uma hemorragia fez minha pressão despencar.

— Por isso você desmaiou — falo com os lábios trêmulos e ele assente, acariciando meu cabelo.

— Por sorte, o socorro chegou rápido e conseguiram me estabilizar na ambulância. Recebi tratamentos e eles me mantiveram no hospital para fazer uma série de exames e ver se não havia nada de errado comigo. Eu não tive nenhuma sequela grave, mas meu corpo estava tão exausto que eu simplesmente fiquei desligado a maior parte do tempo.

Eu fecho os olhos por um instante, sentindo um aperto no peito.

— Dan…

— Ei, eu estou bem — murmura, acariciando meu rosto. — Eu poderia ter morrido, mas só estou com duas costelas quebradas e com algumas cicatrizes a mais. Já passei por coisas piores, acredite.

Respiro fundo, aliviada, mas ainda preocupada.

— E Liam?

Seu semblante fica mais duro e ele suspira.

— Acabou de sair da cirurgia. O médico disse que ele não corre risco de vida, mas bateu a cabeça em uma região perigosa. Precisamos esperá-lo

acordar para descobrir como serão as coisas. — Seu tom muda e ele engole em seco. — Eu pensei que ele tinha morrido. Vi meu irmão inconsciente e ensanguentado e me senti fracassado por não ter conseguido salvar a vida dele, como ele já salvou a minha…

— Dan…

A informação sobre meu cunhado me deixa angustiada, mas não tenho muito tempo para processar tudo, pois uma pontada forte de dor atinge meu ventre.

Meu corpo se contrai no mesmo instante, e um gemido baixo escapa dos meus lábios. A sensação é intensa, diferente das contrações que senti antes.

— Milena? — Dan percebe minha expressão e segura meu rosto entre as mãos. — O que foi?

Fecho os olhos por um instante, respirando fundo, tentando conter o desespero. Mas não dá. Outra onda de dor me atinge, ainda mais forte, e minhas mãos instintivamente vão para a barriga.

— Ah, Deus… — sussurro, sentindo meu corpo inteiro tremer.

— O que foi?! — Dan agora está em alerta total.

Abro os olhos e encaro meu marido. Ele ainda parece cansado e a forma como ele se movimenta deixa claro que ainda está sentindo dor, mas agora seus olhos estão cheios de pânico.

Eu solto um riso nervoso em meio à dor e seguro sua mão com força.

— Eu pedi à nossa filha para esperar você acordar para vir ao mundo. Acho que a paciência dela acabou.

— O quê?! Você está sentindo contrações? Há quanto tempo? Por que não me disse nada antes?!

— Porque meu foco era você! — digo, tentando controlar minha respiração.

Ele passa a mão pelos cabelos, completamente desesperado, e então se vira para apertar o botão de chamada ao lado da cama.

— Porra, eu deveria ter percebido! Você sentiu isso antes e não falou nada, não foi?!

— Dan, você estava com os médicos. Como iria perceber? — tento acalmá-lo, mas uma nova contração me faz gemer e agarrar seu braço. Mesmo machucado, ele não demonstra dor, apenas me apoia e me segura firme.

A porta do quarto se abre e uma enfermeira entra, notando meu estado.

— Minha esposa está em trabalho de parto, porra!

Em segundos, o quarto é tomado por enfermeiras e uma médica, que me faz perguntas rápidas.

— As contrações começaram há quanto tempo? — pergunta.

— Desde que eu cheguei aqui… dois dias atrás — admito, com a voz entrecortada. — Mas elas cessaram por um tempo.

— O quê?! — Dan praticamente berra, me encarando incrédulo. — Você ficou sentindo dor esse tempo todo e não falou nada?!

— Eu precisava saber que você estava bem! — respondo, irritada e ofegante.

— Porra, Feiticeira!

A médica não perde tempo e verifica minha barriga, analisando a frequência das contrações.

— Está em trabalho de parto ativo — ela informa. — Precisamos levá-la para a sala de parto imediatamente.

Dan me olha como se tivesse levado um soco no estômago. No entanto, seu olhar muda e ele sorri para mim.

— Nossa filha vai nascer.

Eu sorrio, apesar da dor.

— Sim. Vamos poder conhecê-la.

— Eu estou aqui. — Ele beija minha testa, a voz embargada. — E vou

estar com você o tempo todo, Feiticeira.

— Senhor Belinni, talvez o senhor deva descansar por causa… — Uma enfermeira começa a falar, mas meu marido levanta a cabeça e a encara com um olhar cruel.

— Eu vou fazer queimar no inferno qualquer fodido que tentar me impedir de estar com a minha mulher agora.

Ela engole em seco e acena, incapaz de enfrentar a promessa do mafioso. Duas enfermeiras entram com uma cadeira de rodas, e Dan me ajuda a sentar, segurando minha mão o tempo inteiro.

Quando começamos a sair do quarto, vejo Otto e meus sogros chegando apressados no corredor, e Rebecca coloca as mãos na boca ao perceber o que está acontecendo.

— Alice? — pergunta com os olhos marejados.

Não consigo responder, pois sinto outra contração forte e aperto os olhos. Meu coração está acelerado, minha mente girando em mil direções, mas entre todo o caos, o que mais me conforta é a mão do meu marido segurando a minha.

Alice esperou o pai acordar.

E agora, ela está pronta para vir ao mundo.



DAN BELINNI

Nunca pensei que viveria um momento como este.

Sempre me imaginei no meio do caos, lidando com situações extremas, mas nada… *nada* se compara a isso.

Milena está dentro da banheira, em uma sala de parto humanizado no hospital de luxo, a água morna envolvendo seu corpo enquanto ela respira fundo, tentando se concentrar. Seu rosto está molhado e não sei dizer se é pelo vapor, pelo suor ou pelas lágrimas que escorrem de seus olhos fechados.

— Você está indo bem, amor… — murmuro, segurando sua mão com firmeza.

Ela aperta meus dedos com força, sua respiração acelerada. O quarto está iluminado por uma luz suave, e a equipe médica está ali, mas tudo o que vejo é ela.

Cada célula do meu corpo está se contorcendo pelas dores do acidente, mas tudo o que importa é ela.

— Eu não aguento mais… — Milena choraminga, sua testa franzida de dor.

— Você consegue — sussurro contra sua pele, pressionando meus lábios em sua testa. — Você é a mulher mais forte que conheço.

Ela solta um soluço entrecortado, e então uma nova contração a faz

jogar a cabeça para trás, sua outra mão se agarrando à borda da banheira. A médica se posiciona melhor, atenta a cada movimento.

— Está quase, Milena — ela diz, com a voz calma. — Quando sentir a próxima contração, faça força.

Minha esposa assente, o peito subindo e descendo rapidamente. Meus olhos encontram os dela, e vejo o cansaço, a dor… mas também a força.

— Estou com você — digo, acariciando seu rosto molhado.

A próxima contração vem forte, e Milena solta um grito enquanto empurra, seu corpo inteiro tremendo de esforço.

Eu nunca me senti tão impotente em toda a minha vida. Dar minha vida por ela seria fácil. Mas vê-la passar por isso e não poder tomar sua dor para mim… isso me destrói.

Ela puxa minha mão com força e o movimento faz minhas costelas quebradas se moverem e quase grito de dor, mas engulo qualquer som.

Nada vai me impedir de estar com ela agora.

— Está coroando! — A médica avisa.

Milena joga a cabeça para frente, os dentes cerrados, e grita novamente quando faz mais força. Meu coração está batendo forte, e minha mão não solta a dela.

— Só mais um pouco! — alguém fala, mas tudo que eu ouço é o som da respiração entrecortada da minha mulher.

Minha esposa solta um grito rasgado e, de repente, o tempo para.

E eu vejo.

Nossa filha surge na água, os cabelos escuros flutuando, o corpo pequeno se movendo lentamente antes de ser erguido pela médica com delicadeza. E então…

O choro preenche o ambiente.

Um som frágil, mas forte o suficiente para destruir qualquer barreira dentro de mim.

Alice.

Minha garganta se fecha no momento em que vejo minha filha pela primeira vez.

O pequeno corpo rosado se remexe, e Milena solta um riso misturado ao choro enquanto a médica coloca nossa menina contra seu peito. Eu apenas observo, completamente dominado por uma emoção que nunca senti antes.

— Meu Deus… — sussurro, passando a mão pelos olhos molhados.

Eu não me envergonho de chorar agora. Não me importo de parecer vulnerável ou fraco.

Neste momento, eu não sou o mafioso ou um assassino de Chicago.

Eu sou o marido da Milena. O pai da Alice.

Minha mulher beija a testa da nossa filha e seu rosto se desfaz em lágrimas, soluços misturados ao riso mais bonito que já ouvi.

Eu me aproximo mais, meus dedos tocando a pele quente da nossa menina.

— Seja bem-vinda ao mundo, Alice Belinni — digo, minha voz embargada. — É uma honra finalmente te conhecer.

Milena ergue os olhos para mim, exausta, mas radiante. Eu nunca vi nada tão bonito em toda a minha existência.

A equipe faz os primeiros exames em nossa filha e depois acomoda minha esposa na maca, levando Alice de volta para os seus braços. Minha filha é enrolada em uma manta rosa e fecha os olhinhos, descansando no colo da mãe.

A cena me dá uma paz do caralho.

Elas são minha família. Minha maior riqueza. Eu morreria e mataria por elas.

— Vocês são a melhor coisa da minha vida, Feiticeira — sussurro. — Obrigado por isso. Obrigado pela nossa família.

Dou um beijo carinhoso em sua testa enquanto nossa filha se

aconchega em seu peito e, neste momento, me dou conta de que toda a adrenalina que já senti, todas as vitórias que conquistei, todo o poder que ganhei, nada…

Nada jamais se compararia à grandeza desse momento.

O amor de um mafioso é destruidor. Ele queima, consome, corrói tudo o que toca. Um furacão que leva tudo de si, de uma forma egoísta e desleal.

Mas apesar de tudo... Milena não desistiu de mim. Ela ficou. Ela me amou no pior e no melhor que eu pude ser.

Eu sabia que por ela, meu coração seguiria batendo, mesmo nos dias mais sombrios, quando a escuridão tentasse me dominar. Eu lutaria para ser o homem que elas merecem.

Nada, absolutamente nada, seria capaz de nos separar.

Nem a máfia. Nem os inimigos. Nem os erros que cometi. Nem as dores que carrego. Nem os pensamentos que me assombram. Nem a morte.

Nosso amor é forte, irracional, insano, caótico…

Mas eterno.



EPÍLOGO

Dan Belinni - 1 ano depois

Meu peito se aquece ao atravessar a porta de casa com Alice adormecida em meus braços. Ainda vestida com sua fantasia, minha menininha aproveitou cada segundo do seu aniversário de *Alice no País das Maravilhas* até cair no sono, exausta de tanto brincar.

Milena passa por mim, seu olhar pousando sobre nossa filha, e um sorriso largo ilumina seu rosto.

— Vamos levá-la para o quarto — sussurra e aceno, acompanhando minha esposa.

O último ano foi o mais intenso da minha vida. Caótico, exaustivo, repleto de desafios, mas também o mais feliz.

Viver na máfia significa estar cercado por violência, sangue e morte.

Mas, todas as vezes que eu voltava para casa e as encontrava aqui, tudo fazia sentido.

Milena é uma mãe incrível. Amorosa, paciente, dedicada. Ela passou os últimos meses completamente entregue à nossa filha, recusando babás e assumindo cada detalhe da maternidade com uma determinação impressionante.

Eu via seu cansaço, sentia sua exaustão, mas ela nunca reclamava. Sempre inventando novas brincadeiras, cantando para Alice dormir, segurando nossa pequena nos braços como se fosse a coisa mais preciosa do mundo.

Passamos madrugadas intermináveis tentando entender o choro de um bebê que também estava tentando entender o mundo. A amamentação foi uma batalha difícil para Milena, e a privação de sono quase nos deixou sem sanidade. Não é à toa que é um dos métodos de tortura mais eficientes para extrair informações de inimigos.

Mas Milena nunca cedeu.

Nos dias mais difíceis, depois que Alice finalmente adormecia, minha esposa se aninhava em meu peito e chorava baixinho, liberando tudo o que guardava. E eu a acolhia, a segurava com firmeza, tentando aliviar pelo menos um pouco do peso que ela carregava.

Mas na manhã seguinte, lá estava ela de novo. Sorrindo. Brincando com nossa filha como se suas dores jamais tivessem existido.

E quando eu a via desse jeito, todas as merdas que me assombravam simplesmente deixavam de importar.

Com cuidado, levo minha menininha para o quarto, e juntos trocamos sua fantasia por um pijama confortável. Ela mal se mexe, entregue ao sono pesado.

Inclino-me sobre o berço, deposito um beijo suave em sua cabeça e, baixinho, peço a Deus que a proteja. Eu não sou digno do amor ou do perdão do Criador, mas minha filha é pura e sempre vou me humilhar para interceder por ela.

Milena faz o mesmo, suas mãos delicadas acariciando o cabelinho

escuro de Alice antes de nos afastarmos.

Nesta noite, no entanto, não seremos nós a vigiar nossa pequena. Minha sogra chega em nossa casa com o atual marido e com os braços abarrotados de presentes do aniversário de Alice.

— Vamos precisar da ajuda de todos os seus soldados — comenta com um sorriso no rosto e apenas faço um sinal com a cabeça para um dos meus homens que está perto da porta.

Ele entende o recado e logo os presentes da minha filha estão ocupando todo o chão da sala.

— Tem certeza de que pode ficar com ela? — Milena pergunta à mãe com receio. — Você chegou ontem do Brasil e mal descansou. Talvez vocês queiram sair de casa e…

— Não, meu amor. Eu cuido da nossa Alice. Vá passar a noite com o seu marido — diz com carinho e minha mulher a abraça, agradecida.

Apesar de morar no Brasil, Raquel faz questão de estar presente na nossa vida e liga para ver a neta todos os dias. Fico grato por isso, pois ela é a única família da minha esposa e Milena ama a mãe de verdade.

O sentimento não é o mesmo pelo pai, obviamente, mas o filho da puta morreu pouco tempo depois do meu casamento, assassinado pelo próprio primo.

Luca Ricciardi tomou o poder e teve o apoio de todos os membros da máfia, pois Charles se tornara um sucessor de merda e não soube bancar as atitudes do seu falecido pai.

Quando soube da notícia, Milena não chorou. E eu prefiro cortar minha língua do que confessar que ajudei Luca Ricciardi na morte do meu próprio sogro.

Eu não teria paz enquanto aquele filho da puta não pagasse pelo mal que fez à minha mulher.

Antes de sairmos, passamos em nosso quarto e tomamos um banho rápido, trocando nossas roupas. Coloco um jeans e uma camiseta preta e ela veste um vestido justo vermelho, o que me dá um ciúme do caralho.

— Feiticeira — resmungo, mas ela sorri assim que olha para mim.

— Eu sou só sua. Só você pode me tocar, não precisa ter ciúmes — justifica, como se lesse meus pensamentos.

— Mas eu vou atirar em cada fodido que ousar olhar para você.

Ela ri baixinho e sacode a cabeça.

— Você não percebe? Quando estou com você, todos os homens abaixam a cabeça. Eles têm medo de você, amor. Ninguém me olha.

Suspiro e ela me abraça, colando a boca na minha em um beijo demorado e quente. Porra, ela sabe como me fazer ceder.

Agarro sua cintura com posse e mordo seu lábio inferior antes de soltá-la. E só não deixo um chupão em seu pescoço para marcá-la porque minha sogra está aqui.

— Vamos? — pergunto, estendendo a mão para a minha esposa. Ela assente e saímos do quarto.

Milena se despede da mãe e avisa que ela pode ligar a qualquer momento, mas Raquel responde que tudo vai ficar bem.

Assim espero, pois estou com uma saudade insana de ficar sozinho com minha mulher. Amo minha filha, mas sinto falta da minha esposa também.

Ela dá algumas recomendações para a mãe e enlaça os dedos nos meus, me deixando guiá-la para fora. Mas antes que eu a coloque no carro, um carro de luxo entra em minha propriedade e levo a mão à arma, percebendo que é Vittorio Morello e Amber.

— Pare com isso. Ele não é seu inimigo aqui — Milena murmura ao meu lado.

— Eu nunca vou confiar nos italianos — respondo, mas acabo cedendo.

O mafioso da Cosa Nostra está em meu território e não o contrário. Meus homens estão armados e atentos aos movimentos dele agora. Ele precisaria ser suicida se quisesse me matar.

Vittorio estaciona e logo Amber desce do carro, correndo em nossa direção. Ela está carregando um embrulho enorme e seu rosto assume uma expressão triste quando nos vê.

— Ela já dormiu, não é? — murmura, sacudindo a cabeça. — Eu queria tanto ter ido à festinha, mas…

Ela não podia.

Vittorio Morello também não confia em nós e não se sujeitaria a passar horas em um lugar fechado com mafiosos da Outfit. É questão de segurança.

E Amber, por ser esposa dele, precisa acompanhar o marido. No entanto, vê-la aqui depois da festa me deixa comovido.

Minha prima deu seu jeito e convenceu o Conselheiro da Cosa Nostra a viajar com ela para os Estados Unidos apenas pelo aniversário de Alice.

Por falar nele, um aceno curto é tudo o que trocamos enquanto ele espera a esposa no carro.

— Está tudo bem. Ela já está dormindo, mas você pode entrar para vê-la. — Minha esposa responde e Amber nega com a cabeça.

— De jeito nenhum! O sono de um bebê é a coisa mais sagrada do mundo. Deus sabe a luta que é para fazê-los dormir de novo depois que eles acordam!

Milena dá a Amber um sorriso carinhoso e a puxa para um abraço.

— Oh, querida, obrigada por ter vindo. Isso significa muito.

Amber entrega o presente de Alice à minha mulher e faço um movimento com a cabeça para que um dos meus soldados leve o embrulho para dentro.

— Eu queria estar presente… pelo menos hoje — diz baixinho, fungando. — Eu queria que nossos filhos pudessem conviver mais.

— E onde estão as crianças? — pergunto, desviando o assunto.

Não estamos mais em guerra, mas Outfit e Cosa Nostra nunca mais serão máfias aliadas de verdade. Não depois de tudo.

— Valentino e Vic ficaram com meus sogros na Itália. Viemos de bate e volta e achei que ficaria cansativo para eles — justifica, mas sei que é mentira.

Provavelmente Vittorio não deixou os filhos virem.

Foda-se. Eu faria o mesmo.

— E vão aproveitar o *vale night*? — Milena brinca e Amber morde os lábios, prendendo o riso.

— Aquela aula de rebolado que você me deu fez maravilhas — murmura baixinho para minha esposa e tenho vontade de bater minha cabeça para perder a memória recente.

Porque eu sei como Milena rebola. E me dá nojo imaginar Amber, que é uma irmã para mim, fazendo qualquer intimidade com seu marido.

— Puta merda! Guarde os detalhes para você — reclamo e as duas riem.

Elas conversam por mais alguns minutos, até que Vittorio chama a esposa. Amber se despede de Milena e, quando chega a minha vez, me envolve em um abraço forte e demorado.

— Nunca vou conseguir te agradecer o suficiente por tudo o que fez por mim. Você foi meu mundo, me protegeu de tudo… até das pessoas que deveriam me amar, mas só me machucavam — sua voz falha, e sinto minha garganta arder. — Me perdoe por ter te magoado, por ter te decepcionado. Eu nunca quis te deixar, Dan. Sempre te amei com todo o meu coração… mas eu não conseguiria abandonar Vittorio e meu filho. Eu preciso deles para respirar. Eles e Vic são a minha vida.

Ela se afasta, e eu enxugo suas lágrimas. Vejo a dor em seu olhar e, por muito tempo, alimentei essa mesma dor dentro de mim. Já a culpei, já a julguei, já senti raiva por ela ter virado as costas para nós.

Mas hoje, com Milena e minha filha na minha vida, entendo que eu também abriria mão de tudo por elas.

O amor é a única coisa mais poderosa que a máfia.

— Eu já te perdoei há muito tempo, Amber. Hoje eu consigo entender

você… eu tenho duas pessoas que guiam as batidas do meu coração. E prefiro morrer do que me afastar das minhas meninas — falo, encarando minha esposa. Ela me devolve um sorriso largo e ver sua felicidade faz todas as merdas que já passei valerem a pena. — Elas são a razão da minha existência.

Volto a olhar para minha prima e ela está sorrindo. Há lágrimas em seus olhos.

— Eu sabia que você seria feliz, Dan. Eu tinha certeza de que você se apaixonaria algum dia… seu coração é bonito demais para ficar só — Ela olha para Milena e para a mansão atrás de nós, onde minha filha dorme. — Uma vez, você me disse que minha família tinha sorte por me ter… — Seus olhos voltam para mim, cheios de carinho. — E eu digo o mesmo sobre você. Suas meninas têm sorte por terem você. Estar sob o seu cuidado é poder descansar e saber que você cuidará de tudo.

Sacudo a cabeça, detestando ser o centro das atenções dessa conversa emotiva.

— Seja feliz, pirralha. Eu sempre vou ser seu irmão mais velho, te amar e cuidar de você… mesmo à distância — falo com sinceridade. — Só preciso que seja feliz.

— Eu sou, Dan — sussurra, com os olhos marejados. O sorriso familiar estampa seu rosto e aquece meu peito. Eu sempre quis que ela ficasse bem… que ela fosse feliz. — Eu sou.

Ela vai embora com seu marido e Milena me abraça enquanto vejo o carro do casal partir. Há outros dois do lado de fora esperando para escoltá-los e embora seja de outra máfia, nesses momentos me dou conta de que talvez Amber tenha feito a escolha certa.

Vittorio Morello a ama e ela é muito feliz. Talvez muito mais do que seria aqui.

E isso, de alguma forma, me traz paz. Eu sempre estarei aqui por ela, mas é bom saber que ela encontrou seu próprio caminho e que há alguém do seu lado que mataria e morreria pela sua felicidade.

— Está pronto para nossa aventura? — Minha mulher pergunta,

beijando meu pescoço e conseguindo toda a minha atenção. — Estou com saudade da adrenalina.

Dou um sorriso de canto e encaro minha Feiticeira. Agarro sua nuca e beijo sua boca com profundidade, me afastando apenas para lamber seu pescoço.

Ela geme e inclina a cabeça para trás, gostosa e receptiva, mas antes que nossas carícias evoluam no meio da minha propriedade, eu a coloco no carro e passo o cinto de segurança ao redor dela.

Milena sorri para mim e isso me faz esquecer todas as merdas da minha cabeça.

Porque fora da minha casa, as coisas estão caóticas.

O noivado de Otto acontecerá em poucos dias e, apesar da aliança com a Bratva, nenhum de nós confia nos russos. O casamento virá logo depois, e então meu pai o colocará no posto de Don.

Meu irmão mais velho terá uma desconhecida dentro de casa para proteger e, ao mesmo tempo, a responsabilidade de comandar uma das maiores máfias dos Estados Unidos.

Mas Otto não é o que mais me preocupa.

É Liam.

Depois da pancada na cabeça, ele não é mais o mesmo.

O irmão que fazia piadas o tempo todo e infernizava todo mundo desapareceu. No lugar dele, ficou alguém frio, antissocial, sombrio e, de alguma forma, ainda mais perverso. Ele parou de sair, se afastou da família e mergulhou de cabeça no trabalho.

O médico nos disse que o impacto afetou uma área do cérebro responsável pelas emoções. E, mesmo que continue cumprindo seu papel na máfia com a mesma eficiência, ele já não parece o mesmo homem.

Minha mãe sofre em silêncio. Meu pai quer dedicar mais tempo a ela, e é por isso que decidiu se aposentar.

Mudanças.

Minha família inteira está em constante transformação, sendo arrastada por uma maré que não podemos conter.

Mas Milena e Alice…

Elas são meu porto seguro. O que me ancora em meio ao caos.

Entro no carro e acelero pelas ruas de Chicago, levando minha esposa para um dos meus lugares favoritos da cidade, que usei por muito tempo como refúgio dos meus problemas.

Eu não preciso mais participar de corridas para manter minha sanidade, mas Milena aprendeu a gostar disso tanto quanto eu.

E esse é só mais um motivo para que ela seja a pessoa certa, que me entende, que me aquece, que me leva ao limite e que, às vezes, ainda me enlouquece.

Mas eu estava ciente disso quando decidi me casar com uma brasileira. Ela é teimosa, atrevida, sangue-quente, gostosa e cheia de opinião. A vida com ela nunca fica sem graça.

Milena Belinni se tornou minha dose diária de adrenalina.

Perfeita para mim.



MILENA BELINNI

Quando chegamos ao lugar onde acontecem os rachas, a multidão abre caminho para o carro de Dan passar.

Sem dizer uma palavra, meu marido apenas sorri para mim enquanto se posiciona ao lado dos outros que vão disputar a corrida.

A ansiedade faz meu coração bater mais rápido e vejo quando Dan se concentra, seus músculos contraídos demonstrando o quanto ele está louco para correr.

Meu mafioso pisa no acelerador e o motor ronca. É dada a largada e o carro flutua pela pista. A multidão ao nosso redor grita, eufórica pela velocidade.

Os vidros estão abertos e o vento golpeia nosso rosto. Levanto as mãos e grito de alegria, ouvindo o som da risada do meu marido.

Ele pisa mais fundo. O motor ronca mais alto.

Abro os olhos e fito seu rosto. Nossos olhares se encontram e essa é a sensação da liberdade para mim. Quando estou com ele, nada mais importa.

Olho pelo retrovisor e vejo que o adversário se aproxima; Dan também percebe e sorri em resposta. São esses momentos que deixam tudo mais divertido para ele.

Meu marido desacelera para dar ao adversário um pouco da sensação

de vitória. O oponente sorri quando Dan faz isso, mas o sorriso do meu marido também se alarga.

Ele sabe o que está fazendo.

Quando chegamos na metade do percurso, meu mafioso decide que seu adversário já teve momentos de felicidade demais.

Ele pisa mais fundo no acelerador e leva o motor do carro quase ao limite. Quando os carros estão emparelhados, o oponente se irrita e joga seu carro em nós, tentando nos tirar da pista.

O maxilar do meu marido trava, indicando que a brincadeira acabou.

Então quando Dan gira seu volante, o choque desestabiliza o adversário e ele perde o controle do carro, indo direto para a calçada. Ele atinge uma lixeira e faz uma bagunça, mas não para.

— É por isso que os rachas são de madrugada. — Meu marido brinca, percebendo pelo retrovisor que o cara se recompôs e está voltando para a pista. Ele sorri. — Pelo menos ele é persistente.

Olho para o meu marido e sua postura relaxada me deixa excitada. A cabeça levemente inclinada para trás, o sorriso de canto, as veias e tatuagens evidentes em seus braços, uma mão segurando o volante e a outra em cima do câmbio de marcha… ele age como se não estivéssemos a mais de 200 km/h.

— Eu quero sentar no seu colo — falo e seu olhar cai em mim.

— Agora? — pergunta, seu sorriso se alargando e ficando muito mais safado.

Aceno, tirando a calcinha.

Meu marido acompanha meu movimento e divide sua atenção entre o meu corpo e a pista.

— Porra, Feiticeira, você vai ser minha morte.

— Pelo contrário — falo, levantando meu vestido e deixando que ele veja minha boceta. Afasto as coxas e esfrego um pouco meu clitóris para deixá-lo bem molhado. — Eu quero te fazer sentir vivo.

Dan xinga um palavrão e usa a mão no câmbio para desabotoar o seu

jeans e tirar o pau para fora. O membro salta duro e minha boca saliva assim que vejo a cabeça avermelhada.

— Quero te chupar primeiro — falo, já me inclinando sobre ele e passando a língua sobre a fenda na ponta do seu pau.

— Porra! — grunhe e sorrio, lambendo a cabeça do seu pau e sugando antes de deslizar a língua por todo o comprimento.

Chupo a base do seu pau devagar, mas ele segura minha nuca e me leva de volta até a glande.

— Coloque tudo na boca e chupe forte — ordena. — Deixe meu pau babado pra você sentar.

Suas palavras me excitam, mas é ver Dan pisando mais fundo no acelerador que me deixa louca de tesão. Engulo seu pau de uma vez, sugando e mamando do jeito que eu sei que ele gosta.

Dan geme e acaricia meu cabelo, e eu não paro de chupá-lo. Deslizo a língua pelo comprimento e uso uma mão para acariciá-lo enquanto meus lábios se fecham ao redor dele cada vez mais rápido. Com cada vez mais pressão.

— Milena, se continuar assim, vou encher sua garganta de porra — rosna, contraindo os músculos. Sei que ele está perdendo o controle, pois está empurrando o quadril na minha boca, em busca de prazer.

Sua entrega me faz afastar mais minhas coxas e uso uma mão para me tocar. Esfrego meu clitóris melado em círculos e fecho os olhos, amando a sensação de estar com meu homem na boca e estar com meus dedos na boceta, me dando prazer.

Dan perde a paciência e me puxa pela nuca, beijando minha boca com violência, sem tirar os olhos da estrada.

— A brincadeira acabou. Senta no meu pau — comanda, seu peito subindo e descendo pela adrenalina. Percebo que todos os oponentes ficaram para trás e nem assim ele deixa de pisar fundo no acelerador.

— Não vamos sofrer nenhum acidente? — pergunto, voltando para o meu banco e vendo tudo ao nosso redor passar como um borrão.

Estamos em uma velocidade insana.

— Nada vai acontecer. Eu estou no controle, confie em mim — sussurra, levantando o quadril um pouquinho para abaixar mais a calça e deixar o pau duro totalmente livre para mim. Ele levanta os vidros e liga o ar-condicionado, nos isolando do mundo de fora. — Agora vem, Feiticeira. Quero vencer essa corrida com meu pau enterrado na minha esposa.

— Eu quero dirigir — falo, levantando mais o meu vestido. Estou nua da cintura para baixo e deixo meus peitos cobertos por precaução, mas o vidro do carro do meu marido é escuro e ninguém conseguiria nos ver. — Me deixa vencer?

Ele ofega, afetado pela visão da minha boceta melada e sorri para mim.

— Oh, querida, eu vou atender todos os seus desejos.

Dan me coloca no seu colo, de costas para ele, e me obriga a segurar o volante enquanto encaixa seu pau na minha entrada.

— Olhos na pista e mãos no volante, Feiticeira. Vou comandar o acelerador e as marchas, mas é você quem vai guiar o carro com meu pau enterrado em você.

Meu marido segura meus quadris e me faz sentar nele de uma vez. Gememos juntos e ele fica parado por alguns segundos, seu membro duro pulsando dentro da minha boceta.

— Porra! Você parece ficar cada vez mais quente e apertada — murmura entredentes, beijando minha nuca. — Comande, querida. Senta no seu homem como você quer.

Começo a rebolar e choramingo, totalmente preenchida pelo pau duro dele. Movo minha bunda em círculos, deixando nosso contato bem gostoso, subindo e descendo para quicar no meu homem.

— Caralho, amor — grunhe baixinho em meu ouvido.

Rebolo lentamente, esfregando nossas peles macias, sem nenhuma barreira, e logo seu braço está ao redor da minha cintura, me mantendo imóvel. Dan começa a empurrar na minha boceta bem devagar, deslizando

até o fundo e se prendendo lá.

Arfo porque ele atinge aquele ponto que eu gosto, mas logo ele sai quase inteiro e volta a meter, acertando o fundinho de novo.

Ele entra e sai, devagar. Tento rebolar e ele só deixa um pouquinho, comandando a foda.

Meus olhos reviram e ele dá um tapa no meu clitóris, me mandando prestar atenção.

Continuamos nesse ritmo torturante, sem parar, totalmente desconectados do mundo lá fora, dos gritos e da multidão.

Aqui dentro somos só ele e eu. Nossos gemidos, nossas peles, nosso prazer.

— Você vai virar a próxima esquina — comanda, enfiando o pau lá no fundo, rebolando e escorregando para fora. Está deslizando tão gostoso… — Vou reduzir e desacelerar.

— Não… Eu quero mais rápido — imploro e ele ri, me fodendo devagar enquanto fazemos a curva. — Dan, por favor. Me coma duro.

Imploro, sentindo um nó de agonia se formando no meu estômago e ele decide me agradar, agarrando meu quadril com uma mão e me fodendo duro dessa vez.

Ele me obriga a descer e sentar de uma vez, e me junto a ele, rebolando e quicando em um ritmo alucinado. Dan volta a aumentar a marcha e pisa fundo no acelerador, e me esforço para manter os olhos na pista enquanto seu pau me come com força e acerta lá no fundo.

Duro, do jeito que eu gosto.

— Amor… — murmuro, sentindo meu clitóris dolorido de tesão.

Entendendo minha necessidade, sua mão escorrega para o meu clitóris, e ele massageia meu botão melado enquanto eu sento e rebolo nele.

Estou quase gozando quando avisto a linha de chegada. Falta apenas uma curva e os oponentes estão muito atrás de nós, não há a menor chance de sermos ultrapassados.

No entanto, Dan pisa mais no acelerador e o motor ronca mais alto. Seu dedo grosso me esfrega mais duro enquanto seu pau me fode fundo e com força em alta velocidade.

— Caralho, amor, eu vou gozar! — avisa e sinto o calor se espalhar pela minha virilha. *Vamos gozar juntos.*

Sem precisar combinar, Dan reduz a marcha e giro o volante, fazendo a última curva antes de nos levar até a vitória.

Meu clitóris pulsa e sinto a porra quente do meu marido enchendo o meu canal.

Cruzo a linha de chegada e gozo ao mesmo tempo, e um urro sai da minha garganta em resposta ao êxtase e à adrenalina do momento.

Liberdade e prazer, enlaçados em um mesmo instante.

A multidão grita eufórica quando vê meu marido vencer, mas não paramos. Ele continua acelerando. Minhas mãos continuam presas no volante. Ele ainda está dentro de mim.

Saímos da área dos rachas, sem nos importar com mais nada além de nós dois.

Ele ri na minha nuca e me abraça, beijando minha pele com carinho.

— Você é a mulher mais louca que eu conheço, Feiticeira.

— E você é completamente apaixonado por mim.

— Fodidamente apaixonado. Louco. Viciado em você — fala e finalmente desacelera.

Encostamos o carro em uma rua sem movimento e saio de cima dele, percebendo a bagunça que viramos. Ele me ajuda a ir para o meu banco e sorri quando vê seu esperma escorrendo pelas minhas coxas.

— Nunca vou me cansar disso — diz, olhando para o meu rosto em seguida. — Quero te engravidar de novo.

— Pensei que desistiria da ideia depois do ano intenso que passamos — brinco, pois cuidar de um recém-nascido foi uma verdadeira montanha-russa.

No entanto, Dan nunca me deixou só. Mesmo cansado, depois de chegar tarde do trabalho, ele tomava seu banho e se juntava a mim, cuidando de Alice em noites de cólicas e ficando sem dormir.

Eu chorei em muitos dias. Dan me abraçou e cuidou de mim em cada um deles. Ele sempre me dizia que eu era forte, mas meu mafioso foi quem se tornou nosso porto seguro.

Quando meus sogros ficavam com nossa filha, ele me levava para sair. Me levava em jantares românticos, nas lutas, nas corridas e em todos os lugares que eu pedisse para ir.

E foi assim que passei a adorar as coisas que ele ama.

A velocidade, a adrenalina, a liberdade… ele me fez mergulhar no mundo dele e me viciou em tudo isso.

— Eu quero uma família grande com você. Mas vou respeitar o que você decidir — diz com carinho e toca meu rosto.

— Se você estiver comigo, eu topo uma família grande — comento com sinceridade.

Ele me faz sentir poderosa e capaz.

— Eu estou aqui com você. Nunca vou te deixar.

Sorrio para o meu marido e ele me puxa para outro beijo, que logo fica quente e intenso. Afastamos nossas bocas e tiro o meu vestido, os olhos de Dan ficam mais escuros e ele tira a camiseta, abaixando ainda mais a calça.

— De novo? — pergunta.

— De novo.

Subo em cima dele e seu pau já está duro, me penetrando até o fundo de uma só vez. Dessa vez ficamos de frente um para o outro enquanto meu marido me fode e acelera.

Meu estômago gela e a adrenalina me preenche, mas não há nenhum outro lugar onde eu queira estar agora.

Encaro seu rosto e ele está sorrindo. Vê-lo feliz aquece meu coração,

pois desde o acidente, as coisas têm sido difíceis para os Belinni. Dan está sofrendo pela mudança de Liam, que era seu melhor amigo, e sei que está preocupado com Otto também, mas agora… agora os problemas desaparecem.

Agora somos só nós dois. Presos em nosso mundo.

Em alta velocidade, na madrugada de uma das maiores cidades do país, transamos dentro do carro. Rindo, nos beijando, desfrutando de tudo como se fôssemos apenas dois jovens apaixonados, com muita sede de viver.

Depois do sexo, continuo em seu colo e ele me abraça, sem deixar de dirigir. Envolvo meus braços em seu pescoço e me aconchego ali, sentindo seu cheiro, o calor do seu corpo e as batidas do seu coração.

— Para onde você quer ir agora? — sussurro, sabendo que por muitas vezes Dan dirigia para longe para fugir dos problemas.

Se ele quiser fazer isso por algumas horas, eu estarei com ele.

— Para casa, amor. Nós vamos voltar para a nossa Alice — responde baixinho, beijando meu cabelo e nos guiando para onde nosso maior tesouro está.

Para onde sempre vamos voltar.

Porque apesar de nosso relacionamento ser tóxico, louco, intenso, insano…. de uma forma ainda mais louca, nós nos preenchemos, nos conectamos e nos sustentamos de um jeito só nosso.

Independentemente dos problemas, nós sempre encontraremos o caminho de volta para casa… de volta um para o outro.

Para o nosso caos.

Talvez nós sejamos predestinados, afinal.

Eu sou dele. E ele é meu.

Para sempre.

FIM



RECADO DA AUTORA

Olá!

Espero que tenha gostado de acompanhar o romance intenso entre Dan e Milena.

Eu amei escrever esses personagens e eles mexeram profundamente com meu coração.

Posso te pedir um favor?

Não se esqueça de avaliar o livro! Sua opinião é muito importante para o meu trabalho e pode influenciar outros leitores a escolherem essa história para ler.

E caso queira conversar comigo, me envie um direct no Instagram:

@autorabarbaramaia

Vou adorar saber sua opinião e ficar mais perto das minhas leitoras!

Um grande beijo e até o próximo livro!

AGRADECIMENTOS

Eu sempre me emociono quando finalizo um trabalho. Quando leio a palavra “FIM” e penso em toda a trajetória dos personagens, é como se passasse um filme na minha cabeça e eu pensasse: Meu Deus… eu consegui.

Mas eu jamais conseguiria sozinha. E é por isso que tenho muito a agradecer.

Obrigada, querido Deus, por me amar tanto apesar das minhas falhas… por cuidar de mim todos os dias e realizar os desejos do meu coração. Eu não sou digna do seu amor e o Senhor me dá muito mais do que eu mereço, ainda assim. Obrigada…

Obrigada, marido e filha. Obrigada por estarem comigo todos os dias e por serem tão carinhosos e pacientes enquanto passo horas na frente de um computador. Obrigada por estarem sempre de braços abertos para mim, quando eu volto para vocês.

Obrigada, leitoras amadas. Minhas marias. Vocês não imaginam o

quanto vocês são importantes para mim. Ter vocês na minha vida é a minha dose de adrenalina diária e é o apoio de vocês que me ajuda a continuar. Obrigada por abraçarem o meu trabalho e por confiarem em mim. Eu amo vocês com todo o meu coração.

Obrigada, Amanda. Minha Mandy. Minha melhor amiga. Nunca nos vimos pessoalmente, mas pouquíssimas pessoas conhecem o meu coração como você. Obrigada por estar comigo nos dias bons e ruins. Obrigada por não me abandonar nunca. Obrigada por segurar minha mão nas minhas loucuras e por ser a primeira leitora da minha vida. É surreal a nossa conexão, não é? Você é um presente de Deus. Eu amo você, amiga. Não sei o que seria de mim sem você.

Obrigada, betas amadas: Ayla, Amanda, Carol, Loira e Janne… cada comentário de vocês contribuiu para que eu melhorasse a minha escrita e a minha história. Muitas vezes, foi a opinião de vocês que não me deixou desistir. Obrigada por toparem estar comigo no meu processo louco de escrita. Obrigada por darem uma chance aos meus personagens enquanto eles ainda faziam o caos na minha cabeça.

Obrigada, Raquel Moreno. Minha revisora que também é leitora crítica e que dá os palpites mais sinceros, mas que são sempre certeiros. Você sabe o quanto contribuiu na minha trajetória e quero te agradecer por ter se tornado tão importante para mim. Obrigada por ser tão competente e por passar as madrugadas comigo, mesmo que meus mocinhos tóxicos não façam o seu estilo, haha. É sempre um prazer trabalhar com você.

Obrigada, Gi, minha capista, designer e amiga tão querida que sempre faz as artes mais lindas para o meu trabalho! Obrigada, Van, minha assessora, por ter me mostrado um profissionalismo diferenciado em seu trabalho e por cuidar da minha carreira enquanto eu posso focar na minha escrita.

Obrigada ao meu gestor de tráfego, Cris, por fazer um trabalho tão maravilhoso e fazer com que meus livros alcancem tantas pessoas. Você me ajudou quando eu não tinha ninguém. Passei por momentos difíceis e você me apoiou e segurou a minha mão. Obrigada por ter se tornado meu amigo.

Obrigada às minhas amigas queridas, Ani Marques e Maya Passos, por serem psicólogas nos meus dias de surto e por dividirem comigo as loucuras da vida de escritora.

Obrigada às minhas amigas do meio literário, bookstans e outras autoras que não citei aqui. Sou muito grata a cada um que apoiou e apoia o meu trabalho!

OUTROS TRABALHOS DA AUTORA

SÉRIE MÁFIA MORELLO:

- Grávida de gêmeos do mafioso que me rejeitou: Dante Morello
- Os gêmeos do mafioso: Herança de sangue (conto)
- Grávida rejeitada pelo mafioso devasso: Matteo Morello
- Grávida do mafioso viúvo e possessivo: Vittorio Morello
- Uma família para o mafioso devasso: Matteo Morello (conto)

LIVROS INDEPENDENTES:

- Um encontro inesperado com o viúvo recluso